

Ernest Hemingway
DO OUTRO LADO DO RIO,
ENTRE AS ÁRVORES



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Ernest Hemingway
— DO OUTRO LADO DO RIO,
ENTRE AS ÁRVORES —



B

Do mesmo autor:

Adeus às armas

A quinta-coluna

As ilhas da corrente

Contos (Obra completa)

Contos – Vol. 1

Contos – Vol. 2

Contos – Vol. 3

Do outro lado do rio, entre as árvores

Ernest Hemingway, repórter: tempo de morrer

Ernest Hemingway, repórter: tempo de viver

Morte ao entardecer

O jardim do Éden

O velho e o mar

O verão perigoso

Paris é uma festa

Por quem os sinos doam

Ter e não ter

Verdade ao amanhecer

Ernest Hemingway
— DO OUTRO LADO DO RIO, —
ENTRE AS ÁRVORES

9.^a edição

Tradução
José Geraldo Vieira

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2015

Copyright original © 1950, Ernest Hemingway
Copyright renovado © 1978, Mary Hemingway
Copyright © 1999 by Hemingway Foreign Rights Trust

Título original: *Across the River and into the Trees*

Capa: Angelo Allevato Bottino

Imagem de capa: Andrew Penner/Getty Images

Editoração eletrônica da versão impressa: Imagem Virtual
Editoração Ltda.

Preparação de texto: Veio Libri

Texto segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2015

Produzido no Brasil
Produced in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

H429d

Hemingway, Ernest, 1899-1961

Do outro lado do rio, entre as árvores [recurso
eletrônico] / Ernest Hemingway; tradução José
Geraldo Vieira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand
Brasil, 2015.

recurso digital

Tradução de: *Across the river and into the trees*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

nota, apresentação

ISBN 978-85-286-2006-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I.
Vieira, José Geraldo, 1897-1977. II. Título.

15-19272

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (0xx21) 2585-2070 Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

A MARY Com Amor

Nota



Dada a recente tendência de identificar personagens de ficção com pessoas reais, parece adequado declarar que não há pessoas reais neste livro. Os personagens e os nomes são inventados. Os nomes ou designações de unidades militares são fictícios. Não há pessoa alguma ou unidade militar tirada da vida real presente neste livro.

Apresentação



O Coração das Guerras

Depois de veiculado em capítulos na revista *Cosmopolitan*, sai publicado em livro, em 1950, *Do outro lado do rio, entre as árvores*. Apesar da quase irritada advertência introdutória ao romance, recusando qualquer paralelo com personalidades reais, há, no mínimo, diversas e curiosas *aproximações possíveis* entre o protagonista da história, o Coronel Richard Cantwell, da Infantaria dos Estados Unidos, e Hemingway.

Hemingway, nascido em 1899, em Oak Park, Illinois, EUA, regula em idade com seu personagem, que está completando 50 anos. As paisagens da Itália haviam se tornado familiares a ambos sob circunstâncias similares: Cantwell combatera ali na Primeira e na Segunda Guerra; Hemingway lutou na Itália, na Primeira Guerra. Ambos conheciam a dor de ser ferido em combate e se Cantwell faz um

relato próprio, cheio de ironia, da Tomada de Paris pelas Forças Aliadas, em 44, Hemingway esteve lá, alistado no 22º. Regimento da 4ª. Divisão de Infantaria dos EUA. Finalmente, Cantwell evoca a Guerra Civil Espanhola, na qual Hemingway também lutou, contra Franco, como o coronel.

Mas a comunhão de fundo entre o escritor e o personagem talvez não se prenda a coincidências factuais e sim a um sentimento de exaustão em relação às guerras. Numa Itália ainda por ser reconstruída, depois dos bombardeios da Segunda Guerra, com famílias ainda chorando seus mortos, civis e militares, com fascistas, agora inconfessos, caminhando rancorosos pelas ruas e os mitos da Guerra ainda ecoando na imaginação de todos, os relatos de Cantwell impregnam-se da melancolia de quem viu tudo *como foi*. Generais louvados como senhores das batalhas, seus feitos e sua coragem em combate são demolidos por Cantwell, que relata sem raiva, apenas com a dor dessa *impossibilidade de se encantar*, suas vaidades, sua incompetência e, acima de tudo, o desprendimento em relação à vida dos comandados.

A guerra é uma extensa carnificina nos relatos de Cantwell, não consolida ideais, nem mesmo o patriotismo. Nela não há honra nem exaltação de nenhuma espécie de humanidade. Pelo contrário, vista de dentro, perde todo sentido. É desperdício

de vidas, política, autopromoção e lucros para alguns; mutilação, morte e fantasmas para outros, como é o caso do coronel.

Ocorre que Cantwell está em Veneza, a cidade que ele mais ama no mundo, e está lá, entre outras coisas, para passar mais alguns momentos com seu derradeiro único e verdadeiro amor (talvez tivesse tido outros amores únicos e verdadeiros, mas este é o derradeiro), a condessa Renata, de 19 anos. Seu coração — as coronárias — está falhando, talvez pelo acúmulo de horrores que precisou absorver, e ao mesmo tempo está porejando paixão pela Condessa, o que o faz redescobrir o que vale a pena na vida. Em meio à sensualidade de seus encontros e para permitir a esse amor tomá-lo inteiramente, Cantwell precisa purgar-se dos fantasmas, do terror onipresente nas batalhas, da consciência de quantas mortes poderiam ter sido evitadas.

Chega a ser intrigante que Hemingway, um escritor marcado pelo estigma da fascinação pela violência e pela virilidade, componha esse poema — essa comovente história de amor — contra todas as guerras.

Mas aqui encontramos justamente o Hemingway que, depois do estrondoso sucesso de *Por quem os sinos dobram*, sobre a Guerra Civil Espanhola, fazia já dez anos que não escrevia. E também um Hemingway que, dali a dois anos,

apresentaria ao público *O velho e o mar*, uma ode à humanização da vida, publicado pela primeira vez na *Life Magazine*, e que lhe rendeu o Pulitzer e o Prêmio Nobel. Foram estes, portanto, os seus últimos romances.

A crítica não acolheu bem, de início, *Do outro lado do rio, entre as árvores*. Talvez porque, num mundo ainda convalescente, não fosse o momento em que a maioria das pessoas estaria mais disposta a questionar, não meramente o *inimigo*, mas as próprias razões da guerra, e de uma maneira tão descarnada. Talvez porque o coronel não tenha poupado sequer mitos americanos, expondo pura e simplesmente a vaidade e a estupidez de um General Custer, por exemplo, numa época em que o cinema e os livros de história americanos ainda apresentavam os índios, sempre, como vilões. O próprio título do livro é uma alusão à última frase do famoso general americano, herói da Guerra Civil, *Stonewall* (A muralha), Jackson, morto em consequência de ferimentos sofridos em combate, em 1863. Como citação histórica, traz uma ironia em si, já que, no delírio que precedeu o seu falecimento, o general se viu, ainda, dando ordens aos subordinados, no fragor de uma batalha, exigindo que as *tropas atravessassem o rio e se colocassem em meio às árvores do outro lado*.

Por tudo isso, o relato de Cantwell, avalizado e

potencializado pela contenção estilística de Hemingway, faz pouca gente duvidar de que ali está *a verdade*, que é o que Hemingway, em toda sua obra, e Cantwell, o personagem, neste seu clímax da vida, mais procuram. Assim, pode ser que a crítica tenha tomado o livro como apenas um meio de veicular denúncias que uma sociedade já entrando na Guerra Fria, embalada por ideais de democracia confusamente misturados ao triunfo aliado contra o fascismo, não estava desejosa de examinar.

E talvez o cerne do livro fosse apenas que o coração de Hemingway também estivesse cansado de guerras... Ou buscando novo ânimo...

Na época do lançamento do livro, ele estava casado com Mary Welsh (...“uma deslumbrante jornalista loura de Minnesota”, como a descreveu numa carta), havia quatro anos. Viviam em Havana e em Ketchum, Idaho, EUA. Depois de uma tumultuada vida amorosa, incluindo alguns casamentos e divórcios, a união com Mary (a quem é dedicado este romance) duraria até a sua morte — o escritor suicidou-se com um tiro de espingarda, em 1961, em meio a uma crise depressiva.

Então, quem sabe, a *verdade* deste livro, para mais uma vez usar a palavra tão cara a Hemingway, e que ele tanto prezava como poder inspirador da sua literatura, seja essa belíssima construção de um

amor em seu extremo; aqui, o amor torna-se o que há de *verdadeiro*, o que realmente realça a existência, mesmo de quem tem ou já teve a vida mais intensa.

Mais uma vez o estilo de Hemingway é o esteio de toda a narrativa. A economia de sua linguagem, as frases curtas, desadjetivadas e objetivas, compõe em outras obras tanto a brutalidade da guerra quanto a agonia humana de viver privado de valores (que é o do que se trata a *geração perdida*). De modo que aquilo que os personagens não explicitam, nem aparentemente demonstram, explode e se expande, e até com efeito retardado, no âmago do leitor. Em *Do outro lado do rio, entre as árvores* ocorre o mesmo. Mas o que se amplia em nosso íntimo é a intensidade do amor entre Cantwell e Renata, é a capacidade de amar do ser humano, de acreditar no amor, em condições adversas e insólitas, e ainda, do amor, de redimir, em semanas, dias, horas, frustrações de toda uma vida. Quem é Cantwell neste livro? É o homem que ama Renata e é amado por ela. É o homem que ama Veneza.

Como outros personagens de Hemingway e em muitos sentidos, Cantwell é um mutilado de guerra. Mas, em sua paixão por Renata, as deformidades que as batalhas deixaram em seu corpo e em sua alma lhe são expurgadas do coração em falência

progressiva. Transformar o final no ponto culminante de uma vida é uma operação típica da literatura romântica; mas aqui estamos falando de Hemingway, a quem a crítica mais convencional trata como insuspeito de tais desvios. Entretanto, é um Hemingway que vem a Veneza, e a nenhum outro lugar, contar sua história. Que cita Dante e Shakespeare, este em Otelo e Desdêmona, cuja tragédia também se inicia em Veneza. Veneza, descrita com apuro por Goethe, nos diários de sua viagem à Itália, e que serviu de palco para Thomas Mann (*Morte em Veneza* — 1913) narrar a história de um amor ao mesmo tempo delicado e inelutável. Uma cidade tão antiga, e com tanta densidade na tradição literária, não é escolhida por acaso como cenário desta história de amor. Ao fazê-lo, Hemingway sabe com quem ele e seu romance medem ombros, destemidamente... E sabe que cobrarão dele, como fizeram, algo à altura do prestígio que conquistara, ainda mais depois de dez anos sem escrever. Sabe, enfim, o quanto deve ser significativo, para ele e toda a sua obra, como deve ser *verdadeiro*, o que deixará escrito aqui. Foram, de fato, dez anos angustiantes para quem sempre tanto desejou escrever, e de muitas reflexões, que produziram *Do outro lado do rio, entre as árvores*...

Como legado a sua jovem amada, que se via *romanticamente* embalada pelos relatos que

glorificam a guerra, Cantwell não quer que ela permaneça “iludida”. Não ela, com quem e por meio de quem descobrira que o desencanto (com a carreira militar, com os moldes de pensamento, postura e estilo de vida de um *combatente*) que vinha amargando nos últimos anos poderia lhe conceder justamente a descoberta do que, entre todas as condecorações e experiências (por outros) invejáveis, teria ele agora como a melhor recompensa por ter vivido. É nessa cerimônia celebrada entre os dois amantes, tão tocante e emoldurada por histórias de combates, que vamos nos introduzir quase furtivamente em *Do outro lado do rio, entre as árvores*.

Luiz Antonio Aguiar



Saíram duas horas antes do amanhecer, e no início não foi necessário quebrar a camada de gelo para avançar pelo canal, já que outros botes haviam seguido na frente. Em cada embarcação, invisível devido à escuridão, apenas se ouvia, em pé, na popa, o barqueiro, com seu remo comprido. O caçador estava sentado num banco de tiro, preso em cima numa caixa que continha o almoço e a munição. Suas armas — havia outras duas ou mais — estavam encostadas nos patos de madeira que serviriam de chamariz. Em cada barco, num canto qualquer, havia um saco com uma ou duas patas selvagens vivas, ou uma pata e um pato. E em cada barco havia também um cão que nunca parava quieto, arrepiando-se ao som das asas dos patos que passavam no alto, em plena escuridão.

Quatro barcos prosseguiram pelo canal maior, em direção à grande laguna ao norte. Um quinto barco já havia entrado num canal secundário. E agora o sexto barco virou para o sul, entrando

numa laguna rasa, com a superfície de gelo ainda intacta.

A laguna congelara não havia muito. Fora durante a noite, com aquele frio súbito, sem vento. A camada de gelo mostrava-se flexível e como que cedia ao golpe do remo do barqueiro. Então, estilhaçava-se como se fosse uma vidraça; mas o barco avançava pouca coisa.

— Me dê um remo! — pediu o caçador do sexto barco, levantando-se, com todo cuidado. Ele escutava os patos passando na escuridão e percebia nitidamente os tremores nervosos do cachorro. Do lado norte, chegavam a ele os ruídos que faziam os outros barcos, quebrando o gelo.

— Cuidado! — alertou o barqueiro, da popa. — Não vá fazer o barco virar.

— Também estou acostumado a barcos, sabia? — retrucou o caçador, pegando o remo comprido que o barqueiro lhe passava e virando-o de maneira a agarrá-lo pela pá.

A seguir, moveu-se até a proa e cravou o cabo do remo no gelo. Logo pôde sentir o fundo firme da laguna, que era bastante rasa, e apoiou o peso do corpo na beirada larga da pá. Segurando com ambas as mãos, primeiro forçou para baixo, depois deu impulso, enviesando o cabo do remo e fazendo o bote avançar rompendo o gelo. A superfície de gelo se partiu como se fosse de lâminas de vidro

liso, ao ser atravessada pelo barco. Da popa, o barqueiro conduzia o bote pela passagem que ia se abrindo.

Depois de algum tempo, o caçador, a quem o esforço prolongado fizera começar a suar, por baixo da roupa espessa, perguntou ao barqueiro:

— Onde está o tonel de abrigo?

— Bem para a esquerda. No centro da próxima baía.

— Já posso rumar para lá?

— Sim, se quiser.

— Que quer dizer com isso? Você conhece essas águas. Há água para nos levar até lá?

— A maré está baixa. Como vou saber?

— Se não nos apressarmos, vai amanhecer antes de chegarmos lá.

O barqueiro não respondeu.

“Certo, seu idiota enfezado”, pensou o caçador. “Vamos chegar lá. Já fizemos dois terços do percurso e se você está chateado por ter de dar duro quebrando gelo para caçar alguns patos, azar o seu...”. Então, disse em inglês:

— Vamos em frente, bestalhão!

— Como? — perguntou o barqueiro em italiano.

— Eu só disse... *Vamos em frente!* Logo vai amanhecer.

Já era dia claro antes de eles alcançarem o

tonel de carvalho enfiado no fundo da laguna. Era rodeado por uma fímbria de terra em declive onde haviam plantado relva e carriço. Com toda cautela, o caçador passou para a borda gramada, sentindo o solo congelado romper-se à medida que ia pisando. O barqueiro ergueu o banco de tiro, que também servia de caixa de munição, entregando-o para o caçador, que o recolheu e colocou-o no fundo do tonel.

O caçador calçava suas botas de cano alto e um velho jaquetão de combate, com um *patch* já indecifrável, no ombro esquerdo, além dos pontos desbotados, nas palas, de onde arrancara as estrelas. O barqueiro passou-lhe as duas armas.

O caçador apoiou-as contra a parede do abrigo, pendurando entre elas, em dois ganchos fincados no interior do tonel submerso, a sua cartucheira. Então, encostou as espingardas, uma de cada lado da bolsa com cartuchos. A seguir, perguntou ao barqueiro:

— Você trouxe água?

— Não. Nenhuma.

— Posso beber essa água da laguna?

— Não. É salgada.

Depois de todo o esforço para quebrar o gelo e impelir o barco, o caçador estava com muita sede. Sentiu a irritação crescer, mas conteve-se e perguntou:

— Quer que eu volte para o barco para ajudá-lo a quebrar o gelo enquanto coloca os patos de madeira?

— Não — respondeu o barqueiro, e jogou o barco energicamente para cima da camada fina de gelo que ia se partindo e fragmentando-se à medida que o barco avançava. Então, o barqueiro começou a golpear o gelo com a pá do seu remo e a distribuir os patos de madeira para os lados e para trás.

“Mas que bom humor!”, pensou o caçador. “Sujeito estúpido! Trabalhei que nem um cavalo para chegarmos até aqui. Ele apenas carregou o próprio peso. Mais nada. Que diabo pode estar remoendo, agora? É esse o trabalho dele, não é?”

Ele ajeitou o banco de tiro de maneira a ter o máximo de movimento de giro, para a direita e para a esquerda, abriu a caixa de munições, encheu os bolsos, abriu mais uma e deixou-a dentro da bolsa, de modo que poderia com facilidade enfiar a mão e servir-se dos cartuchos. Bem à sua frente, onde a laguna já refletia os primeiros clarões da alvorada, estava a embarcação negra. O barqueiro, muito alto e corpulento, quebrava o gelo com seu remo e atirava a esmo os chamarizes, como se estivesse se livrando de algo obsceno.

Já começava a clarear e o caçador agora enxergava, atravessando a laguna, a linha baixa do próximo posto. Para além daquele ponto, ele sabia

que havia mais dois postos de tiro. Mais para longe, ficava o mangue e, depois, o mar. Ele municiou ambas as armas e checkou onde estava o barco que espalhava os chamarizes.

Vindo de trás dele, escutou o farfalhar de asas se aproximando. Ele agachou-se, segurou firme a espingarda na mão direita e voltou o olhar para cima, exatamente sobre a borda gramada em torno do barril, a seguir ergueu-se e disparou em dois patos que estavam baixando voo, suas asas estendidas, já diminuindo a velocidade do mergulho, como sombras negras que cortavam o céu, ainda densamente acinzentado, para pousar junto aos patos de madeira.

Cabeça baixa, agora, girou a arma num movimento longo e oblíquo, para baixo, mirando logo à frente do segundo pato. Depois, sem parar para olhar o resultado do tiro, ergueu suavemente a arma, um pouco para a esquerda, e apontou para o outro pato que elevava voo desse lado. Então, puxou o gatilho e imediatamente o viu despencar no vazio e tombar entre os chamarizes sobre o gelo quebrado. A seguir, voltou-se para a sua direita e viu o primeiro pato, uma espécie de mancha negra sobre o gelo. Sabia que atirara com cuidado no primeiro pato, bem à direita de onde se achava o barco; e, no segundo, bem no alto e para a esquerda, de modo a não deixar a embarcação ficar

na linha de fogo. Foram dois esplêndidos tiros, executados com precisão, calculadamente, com pleno cuidado em relação ao ponto onde se achava o barco. Ao tornar a carregar as armas, sentiu-se satisfeito e tranquilo.

— Ei, você! — chamou-o o barqueiro. — Não atire na direção do barco.

“Mas eu teria de ser um filho da puta para fazer uma coisa dessas...”, pensou consigo o caçador. Depois, para o barqueiro:

— Espalhe os chamarizes! Todos eles, depressa! Não vou atirar de novo até você ter colocado todos eles, a não ser que seja direto para o alto!

O barqueiro não retrucou coisa alguma que pudesse ser escutado.

E o atirador tornou a raciocinar: “Não compreendo. Ele conhece muito bem este trabalho. Sabe que fiz tanta força quanto ele, ou mais ainda, para chegar até aqui. Na minha vida nunca atirei num pato tomando tanto cuidado. Foi um tiro absolutamente seguro. Que diabo deu nele? Mas não cheguei até a me oferecer para espalhar os patos com ele? Que vá para o inferno!”

A alguma distância, à direita, o barqueiro continuava a bater no gelo com raiva e a espalhar os patos de madeira com uma irritação que se evidenciava em cada gesto.

“Não vou deixar ele estragar meu dia!”, pensou

consigo o caçador. “Com tanto gelo assim, não haverá muita caça, a não ser que o sol comece logo a derreter a crosta. O mais provável é que haja poucos patos passando por aqui. Assim, não posso deixar que ele estrague meu dia. Você não sabe quantas vezes vai poder voltar aqui para caçar patos; assim, não deixe que ele estrague um minuto sequer!”

Ficou observando o sol brilhando para além da longa linha do pântano e enxergou também as montanhas cobertas de neve, bem mais distantes. Encontrava-se num plano muito baixo para enxergar os sopés das montanhas, que assim pareciam brotar abruptamente da linha do horizonte. Ao dirigir o olhar para as montanhas, pôde sentir uma brisa nas faces e foi assim que percebeu de que direção viria o vento, agora, do lado do nascente, e teve a certeza de que alguns pássaros viriam voando lá dos lados do mar, quando o vento começasse a perturbá-los.

O barqueiro terminou de espalhar os chamarizes. Estavam agrupados em dois bandos, um logo à frente, para a esquerda, na direção do alvorecer, e o outro à direita do caçador. Em seguida atirou na água a pata, com a corda, e a âncora. A ave que serviria de isca submergiu a cabeça. Depois, ergueu-a e tornou a mergulhá-la, derramando água nas costas.

— Não acha que é melhor quebrar mais gelo aí em volta? — exclamou o caçador para o barqueiro. — É muito pouca água para atraí-los.

O barqueiro não disse nada, mas começou a bater com o remo sobre o gelo, abrindo mais o perímetro. Não havia necessidade de quebrar mais gelo e o barqueiro sabia disso muito bem. Mas o caçador, não, e pensava consigo: “Não entendo esse sujeito, mas não vou deixar que ele estrague minha caçada. Cada tiro agora pode ser o último, e não vai ser esse filho da puta que vai me arruinar o dia. Só preciso me controlar, manter a calma, só isso.”... Foi o que disse a si mesmo.



Contudo, ele não era um rapaz. Tinha cinquenta anos, era um coronel de infantaria do Exército dos Estados Unidos e, para se submeter a um exame médico obrigatório, na véspera de sua vinda a Veneza para essa caçada, tomara uma quantidade de hexanitrito de manitol suficiente para... Para o quê? Ele não sabia exatamente o motivo... Para ser aprovado no exame, era o que dizia para si mesmo.

O médico mostrara-se um tanto cético, mas tomou nota da sua pressão, depois de tirá-la duas vezes. Ele disse:

— Quer saber, Dick? Não é indicado. Para ser franco, é até categoricamente contraindicado em casos de pressão intraocular e intracraniana aumentada.

— Mas do que é que você está falando? — redarguiu o caçador, que então não era um caçador, a não ser em estado potencial, e sim um coronel de infantaria do Exército dos Estados Unidos, posto a que voltara depois de ter sido general

comissionado.

— Já faz bastante tempo que o conheço, coronel. Ou pelo menos me parece que já faz bastante tempo — disse-lhe o médico.

— Claro que faz! — concordou o coronel.

— Até parece que estamos compondo canções... — observou o médico. — Mas uma coisa lhe digo... Se você está conduzindo um veículo lotado de nitroglicerina, não deve bater em nada, nem deixar que uma centelha o atinja. É sempre preferível rodar com proteções extras, como fazem aqueles caminhões mais potentes.

— O meu eletro não estava normal? — perguntou o coronel.

— Estava ótimo, coronel. Poderia ser o eletrocardiograma de um homem de vinte e cinco anos. De um rapaz de dezenove.

— Então do que é que você está falando? — perguntou o coronel.

Tomar todo aquele hexanittrato de manitol deixava qualquer um nauseado, e era por isso que ele estava aflito para que a consulta terminasse. Também estava ansioso para se deitar e tomar um seconal. Ele pensou: “Eu devia escrever o manual da tática de rotina para o esquadrão da pressão alta. Pena que não posso lhe contar isso. Por que não me sujeito logo à misericórdia dos juízes? Ora, nunca fazemos isso. Rogamos sempre que nos

absolvam...”

— Quantas vezes foi ferido na cabeça? — perguntou o médico.

— Mas, não sabe? Sirvo no 201.

— Quantas vezes foi ferido na cabeça?

— Oh! Cristo! — Depois indagou: — Está perguntando como meu médico ou por algum motivo militar?

— Pergunto como seu médico. Ou você acha que deveria me limitar a ajustar você como se fosse um relógio?

— Não, não acho, ora... Afinal, você quer saber o quê?

— Se teve comoções cerebrais.

— Autênticas?

— Qualquer ocasião em que tenha ficado sem sentidos ou algo que, depois, não conseguia recordar.

— Umas dez vezes, acho. Contando com o *polo*. Mas podem ter sido umas três vezes mais... ou menos.

— Seu grande patife! — E rapidamente acrescentou: — Quer dizer, coronel... senhor!

— Posso ir?

— Pode, sim. Está em boa forma.

— Obrigado. Quer vir comigo caçar patos nos mangues da desembocadura do Tagliamento? Uma esplêndida caçada. Uns ótimos camaradas italianos

que encontrei em Cortina falaram tão bem de lá que...

— É onde caçam frangos-d'água?

— Não. Onde vou só se caçam patos. Ótimos rapazes. Ótima caçada. Caça de verdade. Patos selvagens, marrecos, adens. Alguns gansos. Tão bom como em nossa terra, quando éramos rapazolas.

— Entre 1929 e 1930, eu era um garoto.

— Essa é a primeira coisa maldosa que já escutei de você.

— Você não entendeu o que eu quis dizer. Disse que não podia me lembrar do tempo em que me divertia caçando patos. Aliás, fui garoto de cidade.

— Ora, aí está o seu ponto fraco. Nunca vi um garoto de cidade que desse para alguma coisa boa na vida.

— Está sendo sincero, coronel?

— Claro que não. Sabe muito bem que não!

— Está em boa forma, coronel — afirmou o médico. — Lamento não poder tomar parte nessa sua caçada, mas nem mesmo sei atirar.

— Grande coisa! — replicou o coronel. — E quem é que sabe atirar aqui nessa tropa? Eu gostaria é de ter a sua companhia.

— Vou receitar mais alguma coisa para reforçar o que está usando.

— Achou alguma coisa grave?

— Nada. A doença trabalha, mas ainda sem efeitos detectáveis.

— Pois que trabalhe.

— Acho essa sua atitude muito louvável, senhor.

— Dane-se, você! Então, não quer vir mesmo?

— Eu costumo pegar meus patos no Longchamps, na Madison Avenue — replicou o médico. — Tem ar-condicionado no verão e é aquecido no inverno. E também não preciso me levantar antes do amanhecer, nem me enrolar todo, que nem um esquimó.

— Está bem, menino da cidade. Não sabe o que está perdendo.

— Jamais quis saber. Está em boa forma, senhor coronel.

— Obrigado — agradeceu o coronel e retirou-se...

3



Isso se passara anteontem. Ontem, descera de carro de Trieste para Veneza, ao longo da antiga estrada que liga Monfalcone a Latisana e atravessa a planície. O motorista era bom, e assim o coronel pôde relaxar, contemplando aquela região que conhecera quando rapaz.

Ia pensando o quanto parecia diferente: “Acho que sinto assim porque todas as distâncias estão tão mudadas... Tudo parece menor quando ficamos mais velhos. Além disso, também, as estradas agora são melhores e não há tanta poeira. Nas únicas vezes em que rodei por esta estrada, foi de caminhão. Nas outras ocasiões, estava sempre a pé. Acho que, naquele tempo, tudo o que eu queria ver era a sombra das árvores, onde pudesse me recostar, e poços de água, nos pomares das fazendas. E valas, também. Sim, sem dúvida. Estava sempre procurando valas.”

O carro fez uma curva e atravessou o Tagliamento por cima de uma ponte provisória.

Havia relva ao longo das margens e homens pescavam junto a elas, a certa distância, onde o rio era mais profundo. A ponte destruída pelo vento estava sendo reparada com muito ruído de pregos sendo martelados. A uma distância de mais ou menos oitocentos metros, os prédios e anexos estraçalhados do que fora uma propriedade rural, construída por Longhena, indicavam onde os aviões de porte médio haviam atirado sua carga.

— Repare só — observou o motorista. — Nesta região, a gente encontra uma ponte ou uma estação de trem e, então, não chega a se afastar um quilômetro em qualquer direção e já encontra tudo assim, destruído.

— Acho — observou o coronel — que isso nos ensina a não construir nunca uma casa de campo nem uma igreja... e muito menos contratar Giotto para lhe pintar o interior... a menos de um quilômetro de distância de uma ponte.

— Sabia que haveria um ensinamento a se tirar daqui, senhor — admitiu o motorista.

Nesse momento, passavam pela *villa* em ruínas e a seguir rumaram para a estrada reta onde os salgueiros cresciam rente às valas ainda enegrecidas por causa do inverno e os campos repletos de amoreiras. Mais à frente, ia um homem pedalando a sua bicicleta e usando ambas as mãos para segurar o jornal que lia.

— Se não fossem aviões médios, se fossem dos pesados, o ensinamento seria... Nem mesmo a um quilômetro de distância — refletiu alto o motorista. — Não acha, senhor?

— Se tivessem mísseis teleguiados — acrescentou o coronel —, seria melhor dizer que nem mesmo quatrocentos quilômetros seriam proteção suficiente. Escute, é melhor buzinar, por causa desse ciclista.

O motorista buzinou e o homem se afastou para o lado, sem sequer erguer os olhos ou segurar no guidão. Quando passaram por ele, o coronel procurou enxergar que jornal o homenzinho estava lendo, mas a primeira folha estava dobrada para trás.

— Acho também que o melhor, numa época dessas, é ninguém mandar construir para si uma casa bonita ou uma igreja. E muito menos chamar alguém como esse que o senhor disse para pintar afrescos em seu interior.

— Giotto, foi o que eu disse. Mas podia ter dito Piero della Francesca ou Mantegna. Podia ter dito Michelângelo.

— Sabe um bocado sobre pintores, não é, senhor? — perguntou o motorista.

Percorriam agora um trecho reto de estrada e iam em tal velocidade que uma fazendola logo se fundia à seguinte, como uma imagem borrada, e

tudo o que se podia distinguir era o que estava bem à frente ou se movendo em sua direção. A paisagem lateral não passava duma condensação da região plana e baixa, imersa em pleno inverno.

“Não tenho certeza se gosto de velocidade”, pensou o coronel. “Brueghel teria que estar numa forma dos diabos de boa, se precisasse ver a paisagem com tanta pressa.”

— Pintores? — repetiu, respondendo à pergunta do motorista. — Sim, conheço alguns deles, Burnham.

— Eu me chamo Jackson, senhor. Burnham ficou lá no alto, em Cortina, descansando. Aquilo é que é um lugar bonito, senhor.

— Estou virando um idiota. Desculpe-me, Jackson — pediu o coronel. — Um lugar bonito, sim. Boia esplêndida. Boa administração. Ninguém incomoda ninguém.

— É verdade, senhor — concordou Jackson. — Agora, perguntei ao senhor sobre esses pintores porque... por causa dessas madonas. Achei que devia ver algumas pinturas e assim entrei naquele palácio grande em Florença.

— Qual deles? Uffizi? Pitti?

— O nome, não sei. O maior. E fiquei olhando para aquelas pinturas, até que as madonas começaram a me sair pelos ouvidos. Vou lhe dizer uma coisa, coronel, senhor... Um sujeito que não

aprecie muito essas pinturas acaba vendo só madonas e mais madonas. Mais nada! Quer que eu conte a minha teoria? Sabemos o quanto eles gostam de *bambini* por aqui; quanto menos têm para comer, mais filhos fazem. Assim, é *bambino* por todo canto! Ora, acho que esses pintores provavelmente adoravam *bambini*, como todos os italianos. Não sei nada sobre esses aí de quem o senhor falou, não sei se eram desse jeito também, e então não posso incluí-los na minha teoria. Se não for o caso, o coronel me corrija. Mas, como ia dizendo, me parece, como naquelas madonas que me enchi de ver, senhor, me parece que esses pintores que só sabiam pintar madonas estavam mostrando assim todo esse negócio de crianças. Não sei se entende o que quero dizer.

— E mais o fato de que se restringiam a temas religiosos.

— Exatamente, senhor. Então, acha que a minha teoria não é tão estúpida, afinal?

— Acho que não. Só me parece que o problema é um pouco mais complicado.

— Claro que é, senhor. É só uma teoria preliminar.

— E você ainda tem outras... sobre arte, Jackson?

— Não, coronel, senhor. Essa minha teoria dos *bambini* foi a única que consegui inventar até hoje.

O que eu queria mesmo é que eles pintassem umas boas telas das montanhas lá de cima, perto do centro de repouso, em Cortina.

— Ticiano veio de lá — divagou o coronel. — Pelo menos é o que eles afirmam. Desci ao vale e visitei a casa onde consta que ele nasceu.

— Lugar interessante, senhor?

— Não muito.

— Bem, se ele pintou alguns quadros daquela região lá de cima, com as montanhas batidas de sol poente, os pinheiros, neve e todas aquelas torres pontiagudas...

— *Campaniles...* — emendou o coronel. — Como aquela logo adiante, em Ceggia. Quer dizer, campanário. Torre com sino.

— Bem, se ele pintou alguns quadros bons mesmo daquela região, palavra de honra que eu faria negócio com ele. Ia comprar uma telazinha...

— Ele pintou algumas mulheres admiráveis — afirmou o coronel.

— Se eu fosse dono de um albergue de beira da estrada ou, quem sabe, de um pequeno hotel, bem que ia querer um quadro desses — declarou o motorista. — Mas, se levasse para casa o retrato de uma dessas mulheres, a minha ia me fazer correr de Rawlins até Buffalo. E eu ia ter sorte se conseguisse chegar vivo a Buffalo.

— Você poderia oferecer a tela a um museu da

sua cidade.

— Só o que eles têm no museu de lá são pontas de flechas, gorros de guerra, facões, raspadeiras, peixes petrificados, cachimbos da paz, fotografias de Johnston Comedor de Fígados, a pele de algum bandido que enforcaram e que o médico esfolou... Não, uma tela com uma dessas mulheres não daria certo no museu da minha terra.

— Está vendo aquele *campanile* lá embaixo, do outro lado da planície? Quando chegarmos lá, vou lhe mostrar um lugar onde lutamos quando eu era rapaz.

— Então o senhor também lutou por aqui, coronel?

— Lutei — respondeu ele.

— E quem tinha Trieste nessa guerra?

— Os *krauts*. Quero dizer, os austríacos.

— Vocês conseguiram tomar a cidade?

— Só no fim, quando tudo acabou.

— Florença e Roma estavam nas mãos de quem?

— Nas nossas.

— Dá para adivinhar que não era fácil arrancar você da sua posição, na época...

— *Senhor* — corrigiu o coronel, sem alterar a voz.

— Perdão, senhor — apressou-se a emendar-se o motorista. — Eu estava na Trigésima Sexta

Divisão, senhor.

— Vi o seu *patch* — retrucou o coronel.

— Eu estava pensando no Rápido, senhor. Não tive a intenção de ser insolente, nem de faltar ao respeito.

— Sim, eu entendi — ponderou o coronel. — Você se lembrou de um desastre militar. Lembrou-se de Rápido. Escute, Jackson, quem participa de campanhas durante muito tempo acaba tendo seus Rápidos. E até mais do que um.

— Eu não aguentaria mais do que um, senhor.

O carro atravessou a jovial cidade de San Dona di Piave. Fora recentemente reconstruída, estava bem nova, e não tão feia quanto uma cidade interiorana da América do Norte. Fora reconstruída recentemente, mas não era mais feia do que qualquer cidade do meio-oeste e tão próspera e movimentada quanto Fossalta, rio acima, era miserável e modorrenta, foi o pensamento que ocorreu ao coronel. “Por que será que Fossalta nunca mais se levantou depois da Primeira Guerra? Aliás, nunca a vi antes de ser praticamente destruída”, lembrou. “Foi bombardeada duramente, em 1918, antes da grande ofensiva de 15 de junho. Em seguida, nós a metralhamos com tudo o que tínhamos, antes de retomá-la.” Recordava como o ataque se desencadeara, a partir de Monastier, e prosseguira até além de Fornace. Neste dia de pleno

inverno, o que mais lembrava era como havia sido difícil aquele verão remoto.

Poucas semanas antes, tinha atravessado Fossalta, metendo-se pela estrada semidestruída, decidido a achar o local onde tinha sido ferido, perto da margem do rio. Fora fácil encontrá-lo, por causa da curva do rio. O sítio onde a metralhadora estivera instalada era agora uma espécie de cratera revestida de relva rala. Cabras ou carneiros haviam pastado por ali, de modo que se assemelhava a uma depressão dessas escavadas como obstáculos nos campos de golfe. O rio, vagaroso, com um tom azulado de lodo, tinha caniços nas beiradas. Então, aproveitando que não havia ninguém ali por perto, o coronel agachou-se e, olhando por sobre o leito do rio, postado na margem onde nunca se podia erguer a cabeça à luz do dia, satisfez suas necessidades, no ponto exato onde, segundo determinou mediante triangulação, havia sido ferido gravemente, trinta anos antes.

— Um tributo mínimo — admitiu ele, alto, para o rio e para a margem, que estava bem batida não só pela geada do outono como pelas chuvas que ainda a mantinham molhada. — Mas bastante pessoal.

Levantou-se e olhou em redor. Não havia ninguém ali por perto, e o carro ficara lá embaixo na estrada esburacada, defronte da última e da mais

triste das casas reconstruídas de Fossalta.

— Agora vou completar o monumento — disse para os mortos e para mais ninguém; e tirou do bolso um velho canivete Sollingen, da marca que os soldados da infantaria alemã costumavam usar. Puxou a mola, abrindo-a, e cavou um buraco de formato regular na terra úmida. Limpou a faca na bota de campanha e, em seguida, enfiou no buraco uma nota parda de dez mil liras, tapou-o outra vez e dispôs em cima a relva que havia arrancado.

— Isto vem a ser vinte anos, saindo cada um a 500 liras, para a *Medaglia d'Argento al Valore Militare*. A V.C. sai a dez guinéus, creio eu. A D.S.C. é barata. A *Estrela de Prata* é grátis. Fico, portanto, com o troco.

“Tudo certo agora”, refletiu. “Tem excremento, dinheiro e sangue. Essa grama vai crescer um bocado! E também tem ferro! Sim, o ferro está na terra, com a perna de Gino, com as duas pernas de Randolfo e com a cápsula do meu joelho direito. Ficou mesmo um formidável monumento. Tem de tudo. Fertilidade, dinheiro, sangue e ferro. Tudo de que precisa uma nação. Onde houver fertilidade, dinheiro, sangue e ferro, aí estará a terra natal. Mas precisamos também de carvão. Temos de arranjar um pouco de carvão.”

Em seguida, lançou o olhar por sobre o rio, em direção à casa branca reconstruída que outrora fora

de alvenaria, e cuspiu no rio. Foi uma boa cusparada, muito espontânea.

— Por toda aquela noite, e mais um bom tempo depois do que aconteceu, fiquei sem poder cuspir — falou. — Mas cuspo bastante bem, agora, para um homem que não masca fumo.

Encaminhou-se vagarosamente para o lugar onde deixara o carro. O motorista pegara no sono.

— Acorde, rapaz. Faça a volta com o carro e tome a estrada para Treviso. Não precisamos de mapa para andar por estas bandas. Eu ensino o caminho a você.



Agora, a caminho de Veneza, mantendo estritamente controlada e silenciosa a sua grande urgência em estar lá, o coronel viu o grande Buick deixar San Dona e vencer a ponte sobre o Piave.

Transposta a ponte, e já do lado italiano do rio, ele avistou outra vez a estrada tão esburacada de antigamente. Estava aplainada, agora, e quase tão encoberta quanto era antes, ao longo do rio, mas ele ainda foi capaz de localizar alguns pontos. E agora, percorrendo a pista plana e reta, havia canais de ambos os lados. O carro aumentou a velocidade, passando pelos salgueiros junto aos canais que tinham recolhido tantos mortos. Ocorrera um grande morticínio ao final da ofensiva e alguém, para desimpedir as margens do rio e a estrada, no calor do verão, ordenara que jogassem os corpos dentro dos canais. Infelizmente, as comportas dos canais estavam nas mãos dos austríacos lá embaixo e permaneceram fechadas.

Assim, havia pouco movimento de água, e os

mortos permaneceram ali por um longo tempo, flutuando e inchando, de bruços ou de frente, independentemente da nacionalidade, até atingirem proporções colossais. Finalmente, depois que se restabeleceu certa ordem, tropas de sapadores içaram-nos, certa noite, e enterraram-nos perto da estrada. Naquele instante, o coronel procurava distinguir protuberâncias na relva, junto à estrada, mas não viu nenhuma. No entanto, havia muitos patos e gansos nos canais. E em toda aquela extensão se viam homens pescando.

“Devem tê-los desenterrado, afinal”, concluiu o coronel, “e os sepultaram no grande ossário lá em cima perto de Nervesa.” Depois, disse ao motorista:

— Quando eu era rapaz, lutamos muito aqui, nesta região.

— Mas, que diabo... É um lugar um bocado plano para se travar uma batalha... — comentou o motorista. — Vocês tomaram aquele rio?

— Sim — respondeu o coronel. — Esteve conosco, depois o perdemos e em seguida o retomamos.

— Pode-se procurar à vontade que não se vê sequer uma elevação no terreno.

— Isso é o que atrapalhava — explicou o coronel. — Tínhamos que buscar acidentes quase invisíveis, de tão pequenos, ou então valas, casas, as margens de canais e sebes. Era que nem na

Normandia, só que mais plano ainda. Acho que uma batalha na Holanda ia ser a mesma coisa.

— Mas esse rio aí não se parece nem um pouco com o Rapido.

— Um rio antigo, um bom rio... — falou o coronel. — Lá para cima, estava sempre bem cheio. Isso, antes de todas essas usinas hidrelétricas. E tinha ainda canais fundos e inesperados por entre as penhas e calhaus, nos trechos mais rasos. Havia um lugar chamado a Tumba de Papadopoli, onde a corrente era muito traiçoeira.

O coronel sabia o quanto falar sobre guerra é entediante para quem ouve. Por isso se interrompeu. “Eles sempre acham que queremos contar nossa história pessoal”, pensou. De um modo geral, ninguém está interessado no assunto, a não ser soldados, e não há tantos soldados assim. Nós os treinamos e os melhores são mortos; são os que ficam procurando fazer coisas tão difíceis que não prestam atenção nem escutam nada. Estão o tempo todo pensando somente no que viram e, enquanto você fala, no que vão dizer que possa favorecê-los para que ganhem promoções e regalias.” Sim, não adiantava entediar aquele rapaz — o motorista — que, não obstante suas divisas de combatente da infantaria, seu *Purple Heart* e as demais insígnias que usava, não era um soldado, em absoluto, mas meramente um homem metido contra a vontade

dentro de um uniforme, mesmo tendo acabado por decidir, por conveniência, permanecer no Exército. Perguntou-lhe:

— O que você fazia na vida civil, Jackson?

— Era sócio de meu irmão numa garagem em Rawlins, Wyoming, senhor.

— Vai voltar para lá?

— Meu irmão foi morto no Pacífico, e o camarada que ficou tomando conta da garagem não era honesto — explicou o motorista. — Perdemos tudo o que pusemos no negócio.

— Isso é muito ruim... — ponderou o coronel.

— Você falou tudo... Foi mesmo uma sujeirada o que ele fez... — E acrescentou logo: — Senhor.

O coronel levantou os olhos para a estrada.

Sabia que, continuando naquele caminho, chegariam em breve a uma outra estrada, que começava à esquerda. Era o que estava aguardando, e com alguma impaciência.

— Preste muita atenção e dobre na primeira estrada à esquerda logo depois do barranco.

— Acha que este carro enorme vai passar bem por essas estradas tão baixas, senhor?

— Já vamos descobrir isso — disse o coronel. — Que inferno, homem! Pois se já faz três semanas que não chove!

— Não confio muito nas estradinhas transversais em região tão baixa como esta.

— Bem, se ficarmos atolados, tiro você da lama com uma junta de bois.

— Estou preocupado apenas com o carro, senhor.

— Bem, então se preocupe somente com o que eu lhe disse e dobre na primeira estrada à esquerda, se achar que ela é praticável.

— Acho que já a estou vendo, lá para os lados das cercas — anunciou o motorista.

— Atrás não vem ninguém. Passe para a esquerda, siga até adiante da entrada. Vou saltar para ver como ela está.

Ele saltou do carro, transpôs a estrada larga e de chão acidentado e examinou bem a estradinha estreita e suja, com um canal de correnteza rápida correndo ao lado e com a sebe espessa depois. Para lá da sebe avistou uma casa de granja vermelha, atarracada, com um enorme celeiro. A estradinha estava seca, não mostrando sequer sulcos de rodas de carros. Ele voltou para dentro do carro.

— Um verdadeiro *boulevard*. Pode seguir tranquilo.

— Está bem, coronel. O carro é seu, senhor.

— Eu sei. Ainda estou pagando por ele. Escute, Jackson. Você sempre sofre tanto assim toda vez que deixa a autoestrada e pega uma via secundária?

— Não, senhor. Mas há muita diferença entre um jipe e um carro de chassi baixo, como este. Pode

imaginar como é pequena a distância do diferencial e do chassi para o chão, neste carro?

— Pus uma pá na mala. E também temos correntes. Espere só para ver por onde vamos rodar, depois que deixarmos Veneza.

— Vai fazer todo o trajeto neste carro, senhor?

— Não sei ainda. Verei isso depois.

— Pense nos para-lamas, senhor.

— Vamos cortar fora os para-lamas, como fazem os índios em Oklahoma. Este carro tem saias enormes. Tudo nele é exagerado, menos o motor. Isso é que é motor, Jackson. Cento e cinquenta cavalos.

— Com certeza, senhor. É um grande prazer dirigir um motor poderoso como este, em estradas boas. É por isso que não quero que aconteça nada com esse carro.

— Muito louvável, Jackson! Mas pare de sofrer à toa.

— Não estou sofrendo, senhor.

— Ótimo — sentenciou o coronel.

Também ele deixou as apreensões de lado e apenas porque, logo a seguir, descobriu, para além da linha pardacenta do arvoredado, uma vela deslizando na linha d'água. Uma grande vela vermelha, tensamente curva, presa ao mastro, movendo-se lentamente por trás das árvores. E o coronel pensou: “Por que o coração da gente

sempre se entenece quando vê uma vela passando próximo ao litoral? E por que eu fico tão comovido quando vejo os grandes bois, vagarosos e amarelados? Deve ser por causa do modo de andar... pelo tamanho também, pela cor. Mas um burro de carga, ou um bando deles, em boas condições, também me comove. E acontece a mesma coisa quando vejo um coioote, ou mesmo um lobo, que tem um porte diferente de qualquer outro animal! Aquele tom cinzento, autoconfiante, a cabeça ameaçadora, os olhos sempre hostis...”

— Já viu algum lobo nas imediações de Rawlins, Jackson?

— Não, senhor. Os lobos sumiram muito antes de eu nascer. Acho que os envenenaram. Mas há um bocado de coiootes por lá.

— Gosta deles?

— Gosto de ouvi-los uivar à noite.

— Eu também gosto. Melhor do que isso só mesmo ver um barco velejando rente à costa.

— Lá vai um desses bem ali, senhor.

— Já vi. Está transpondo o canal Sile — respondeu o coronel. — É uma barça indo para Veneza. Esse vento vem lá das montanhas e o barco pode ir em boa velocidade. Se esse vento continuar, é provável que esfrie bastante à noite e isso deve trazer uma porção de patos. Vire agora à esquerda e toque ao longo do canal. A estrada é boa.

— Lá na minha terra quase não caçam patos. Mas fazem muitas caçadas em Nebraska, em todo o curso do Platte.

— Quer caçar comigo? Vou até Veneza para caçar patos.

— Desculpe não aceitar, senhor. Não sou muito chegado à caça e prefiro descansar o corpo. O senhor sabe, vai ser uma manhã de domingo...

— Sim, eu sei. Você pode dormir até o meio-dia, se quiser.

— Trouxe meu repelente contra mosquitos. Quero dormir sossegado.

— Não sei se você precisará usá-lo — considerou o coronel. — Trouxe um pouco de Ração K ou alguns Dez em Um? Sempre ajudam quando se vai comer comida italiana, sabe como é.

— Trouxe algumas latas, por precaução, e para distribuir também.

— Fez bem — admitiu o coronel.

Nesse momento, esforçava-se por ver à frente para localizar o ponto em que a estrada do canal tornava a sair na autoestrada. Ele sabia que, num dia claro como esse, seria capaz de avistá-lo. E, de fato, para além do manguezal, tão pardacento como os que existem nas bocas do Mississipi, perto de Pilot Town, ficam no inverno, e com o vento forte do norte inclinando os caniços, o coronel viu a torre quadrada da igreja de Torcello e, mais além, o alto

campanile de Burano. O mar era uma lâmina azul e ele pôde ver as velas de doze barcaças enfunadas, rumando para Veneza.

Ia pensando: “Tenho de esperar até atravessarmos o rio Dese, acima de Noghera, para então enxergar direito. É estranho lembrar a batalha que travamos ao longo do canal, naquele inverno, defendendo-a e sem nunca avistá-la. Então, certa vez, cheguei perto de Noghera. O céu estava limpo e fazia frio, como hoje. Foi quando a vi na outra margem. Mas nunca entrei lá. No entanto, é a minha cidade, porque lutei por ela quando era rapaz. Agora, com cinquenta anos de idade, sabem que lutei por ela, que ela me pertence, em parte, e por isso me tratam bem.

Mas será por isso que me tratam bem...? Talvez seja. Ou será que me tratam bem, apesar de ser um coronel sem maior importância, apenas porque sou do Exército vitorioso? Acho que não. Pelo menos, espero que não. Isto aqui não é a França. Lá, sim, se luta abrindo caminho para entrar em uma cidade que se ama, tomando-se todo cuidado para não quebrar nada. E, depois, quem tem juízo sabe que o melhor é nunca mais aparecer por lá, sob o risco de se dar de cara com uns tipos que embirram com o fato de você haver entrado na cidade deles. *Vive la France et les pommes de terre frites. Liberté, Venalité et Stupidité.* A grande *clarté* do

pensamento militar francês. Desde o tempo de Du Picq que eles não têm mais um pensador sobre questões militares. Ele também era um pobre coronel destrambelhado. *Mangin*, *Maginot* e *Gamelin*. Escolham à vontade, cavalheiros. Três escolas de pensamento. Uma: Esborracho-lhes as fuças. A segunda: Escondo-me atrás desta joça embora fique com o flanco esquerdo à mostra. A terceira: Escondo a cabeça na areia, como o avestruz, confiante sempre na França como potência militar, e depois caio fora.

E isso considerando que *cair fora* é deixar tudo muito limpo e agradável. Claro, sempre que tentamos generalizar, cometemos injustiças. Não podemos esquecer todos aqueles ótimos rapazes da Resistência. Temos de lembrar Foch, como soldado em batalha e como organizador. E lembrar que afinal são um bom povo, lembrar os amigos, os mortos. Não podemos esquecer uma porção de coisas, e de novo devemos lembrar seus grandes amigos, por lá, o ótimo povo, que você conhece tão bem. Não seja amargurado, nem tão estúpido. E o que tem isso a ver com a profissão de soldado? Pare com isso, já! Você está numa viagem de passeio, veio para cá para se divertir.

— Jackson, como vai a alma? — perguntou ao motorista.

— Vai bem, senhor.

— Ótimo. Daqui a pouco vamos chegar a uma vista que quero que você observe bem. Basta que você olhe. Vai ser uma operação fácil e indolor.

“Mas o que será que ele está querendo comigo, agora?”, pensou o motorista. “Só porque foi general comissionado, acha que sabe tudo. Se estava à altura do posto, por que não o conservaram nele? Apanhou tanto que ficou zonzinho...”

— É aqui, Jackson — avisou o coronel. — Pare o carro ao lado da estrada e vamos contemplar.

O coronel e o motorista saltaram, foram para o lado da estrada que dava para Veneza e se puseram a olhar por sobre a laguna, cuja superfície era açoitada pelo vento forte e frio das montanhas, sobre as quais se delineava tão bem o contorno dos edifícios que sua geometria se mostrava absolutamente nítida. Apontando, o coronel disse:

— Ali está Torcello, bem à nossa frente. Era onde habitava o povo que foi escoraçado do continente pelos visigodos. Eles construíram aquela igreja de torre quadrada, que você vê ali adiante. Havia trinta mil pessoas vivendo ali, em determinada época, e construíram aquela igreja em honra do Senhor e para venerá-lo. Depois que ela já estava pronta, a foz do rio Sile se encheu de lama ou então uma grande enchente tomou tudo, de maneira que a região por onde viemos até hoje está encharcada, virando um criadouro de mosquitos. A

malária começou a matar a população. Morriam aos montes, e então os anciãos se reuniram e decidiram se transferir para um lugar mais saudável, que pudessem defender com embarcações e onde os visigodos, os lombardos e outros bandidos não tivessem êxito ao atacá-los, até porque nenhum desses dispunha de qualquer poder marítimo. Os rapazes de Torcello eram todos ótimos barqueiros. Assim, embarcaram as pedras de todas as suas casas — em barcas iguais àquela que vimos ainda agora — e construíram Veneza.

Ele calou-se por instantes, depois perguntou:

— Estou amolando muito você, Jackson?

— Absolutamente, senhor. Eu não tinha a menor ideia de quem havia fundado Veneza.

— Foram os rapazes de Torcello. Rapazes vigorosos, aqueles, e muito tenazes. Além disso, tinham um ótimo gosto arquitetônico. Vieram de um lugarejo na costa chamado Caorle. Mas se infiltraram pelas cidades e lavouras, à medida que os visigodos os iam enxotando. Foi um comerciante de Torcello que negociava armas em Alexandria quem descobriu o corpo de São Marcos e o escondeu debaixo de um carregamento de carne de porco, de modo que os infiéis que trabalhavam na alfândega não deram pela coisa. Esse comerciante trouxe os despojos de São Marcos para Veneza. Construíram-lhe uma catedral e ele ficou sendo o

patrono da cidade. Nessa época, tinham rotas comerciais que iam até o Oriente, o que acabou influenciando também a arquitetura, que é bizantina demais para o meu gosto. Jamais construíram nada melhor do que no princípio, em Torcello, que estamos vendo bem diante de nós.

Lá se achava a cidade, de fato. Jackson perguntou:

— A praça de São Marcos é onde tem todos aqueles pombos e onde tem também aquela catedral enorme que parece um palácio de cinema, não é?

— Exatamente, Jackson. Boa comparação, essa sua. Agora, olhe naquela direção, para além de Torcello, e vai avistar o lindo *campanile* de Burano, quase tão inclinado quanto a Torre de Pisa. Burano é uma ilha superpovoada onde as mulheres fazem uma renda admirável e os homens fazem *bambini*, depois de trabalhar de dia em fábricas de vidro, na ilha seguinte, aquela mais próxima, que você pode ver também, com um outro *campanile*, e que se chama Murano. Durante o dia, executam maravilhosas encomendas de cristais e vidro para os ricos do mundo todo, depois vão para casa no *vaporetto* e fazem filhos. Isso não quer dizer que passem as noites inteiras com as esposas. Em certas noites, também vão caçar patos com enormes espingardas, junto aos mangues da laguna através

da qual estamos olhando agora. A noite inteira, quando há luar, a gente ouve os tiros.

Fez uma pequena pausa.

— Agora, se olhar para além de Murano, verá Veneza. É a minha cidade. Há ainda muita coisa que eu queria lhe mostrar, mas acho que devemos prosseguir. No entanto, dê uma boa olhadela. Daqui é que se pode compreender como tudo aconteceu. Mas raras são as pessoas que a contemplam daqui.

— É uma belíssima vista. Obrigado, senhor.

— Ora, muito bem — disse o coronel. — Vamos rodar.



No entanto, ele continuou a olhar e achou tudo tão magnífico e se comoveu tanto como quando a vira pela primeira vez, com dezoito anos, sem nenhum conhecimento além da percepção que tinha de sua beleza. O inverno chegara muito frio naquele ano e todas as montanhas estavam brancas com a neve, para além da planície. Os austríacos precisaram tentar penetrar na região exatamente no ângulo onde o rio Sile e o velho leito do Piave eram as únicas linhas de defesa.

Dispondo-se do antigo leito do Piave, então se tinha o Sile para onde se recuar, caso a primeira linha não pudesse ser mantida. Para além do Sile, não havia nada além de planícies descobertas, dando boa passagem, e uma boa rede de estradas até a região plana do Vêneto e às planícies da Lombardia. Os austríacos atacavam sem cessar, por todo o inverno, buscando alcançar aquela ótima via de acesso a Veneza por onde o coronel seguia de carro agora. Naquele inverno, o coronel — que

então era um tenente, num Exército estrangeiro, circunstância essa que sempre o tornou ligeiramente suspeito ao seu próprio Exército, prejudicando a sua carreira — andava com a garganta muito inflamada, por causa da necessidade de andar sempre metido n'água. Quando alguém jamais consegue se secar, o melhor é se molhar logo e permanecer molhado.

Os ataques austríacos eram malcoordenados, mas constantes e furiosos. Sofria-se primeiro o bombardeio de artilharia pesada, cuja intenção era desorganizar as forças de defesa. Quando o bombardeio parava, verificavam-se as posições e contava-se a tropa. Mas não se tinha tempo de cuidar dos feridos porque era sabido que outro ataque viria imediatamente. O que se tinha a fazer era matar os homens que tentavam atravessar os manguezais, segurando os rifles acima da água e com os passos retardados, com água pelo peito.

“Se eles não cessassem o bombardeio quando davam início à investida”, pensava muitas vezes o coronel, então um tenente, “ficaríamos sem saber o que fazer”. Mas eles sempre o suspendiam e transferiam as peças para a frente, antes do ataque. Seguiam o manual.

“Quando perdemos o velho Piave e nos instalamos à beira do Sile, eles deveriam remover a artilharia para a segunda e a terceira linha. Mas

essas linhas eram insustentáveis, e assim precisavam trazer bem para perto todas as peças, ensurdecendo-nos com os disparos, enquanto atacavam sem parar, até abrirem brechas entre nós. Mas, graças a Deus, algum supremo imbecil sempre está no comando”, pensou o coronel, “e eles faziam a coisa apenas aos poucos”.

Durante todo aquele inverno, com a garganta sempre inflamada, ele tinha matado homens que surgiam com bombas de cabo penduradas numa espécie de arnês passado no ombro junto com pesados fardos de couro de vitelo e os elmos metálicos. Eram os inimigos.

Mas nunca os odiou, apenas não mostrava nenhum sentimento especial em relação a eles. Comandava seus soldados com uma meia enrolada na garganta, bem embebida de terebintina. Os ataques eram rechaçados com tiros de rifles e com as metralhadoras que ainda sobravam ou que o bombardeio não inutilizara. Ensinara a sua gente a atirar com precisão, habilitação essa um tanto rara em tropas continentais, e a ficar atenta à chegada do inimigo. Como havia sempre uma trégua, exercitavam-se com as armas, e acabaram se tornando bons atiradores.

Mas era sempre obrigado a contar, e a contar depressa, logo depois do bombardeio, para saber de quantos atiradores podia dispor. Foi ferido três

vezes naquele inverno, mas foram ferimentos leves, todos. Projéteis atravessando a carne sem partir nenhum osso, de maneira que acabou confiando em sua imortalidade pessoal, achando que o bombardeio pesado que sempre precedia os ataques não lograria matá-lo. Finalmente, recebeu em cheio um bom balaço. Nenhum dos outros ferimentos o deixara no estado em que o deixou aquele, o primeiro realmente grave. “Acho que a minha imortalidade levou a breca”, concluiu. “Bem, de certa forma é a perda duma convicção.”

Aquela região significava muito para ele, bem mais do que quisera ou pudera dizer a qualquer pessoa. Sentado no carro, sentia-se feliz porque dentro de meia hora estaria em Veneza. Engoliu dois tablets de hexanitrito de manitol; pôde tomá-los sem água, já que, depois de 1918, ficando bom da garganta, tornou-se de novo capaz de reunir saliva na boca.

— Tudo bem com você, Jackson?

— Tudo ótimo, senhor.

— Ao chegar na bifurcação para Mestre, tome a primeira estrada à esquerda. Assim poderemos olhar um pouco os barcos ao longo do canal e nos livramos de todo aquele tráfego.

— Certo, senhor. Pode me dar um sinal quando estivermos chegando à bifurcação?

— Naturalmente.

Seguiam em velocidade para Mestre. “Até parece a primeira vez que cheguei a Nova York, no tempo em que ela cintilava, toda clara e bonita! Bem, já não é clara nem bonita... Ora, tirei isso de algum lugar. Mas num tempo em que não havia tanta fuligem no ar. Oh, meu Deus...”, pensou, “estamos quase entrando na minha cidade. Que cidade linda!”

Dobram a à esquerda e prosseguiram rente ao canal onde estavam amarrados os barcos dos pescadores. O coronel voltou o olhar para os barcos e seu coração ficou radiante ao ver as redes pardacentas, as armadilhas de vime para os peixes e as linhas puras e belas das embarcações. Não que fossem pitorescas. Ao diabo com o pitoresco. Eram, isso sim, formidavelmente belas.

Passaram bem perto da longa fila de barcos no canal vagaroso que traz água de Brenta. E ele então pensou naquele longo trecho de Brenta, onde se acham as grandes *villas* com jardins, gramados, ciprestes e plátanos. “Gostaria de ser enterrado lá. Conheço tudo ali tão bem... Mas deve ser difícil arranjar isso. Quem sabe? Conheço algumas pessoas que consentiriam que eu fosse enterrado lá, em suas propriedades. Vou perguntar ao Alberto. Com certeza, ele vai achar a ideia mórbida.”

Por diversas vezes, ele havia se pego pensando nos lugares maravilhosos onde gostaria de ser

enterrado e nos pedaços de terra dos quais gostaria de tornar-se parte. “Os elementos fétidos, putrefatos, não duram muito tempo, essa é que é a verdade; e de qualquer forma a gente acaba virando uma espécie de camada, como a das folhas secas, e até os ossos acabam servindo para alguma coisa, no final das contas. Gostaria de ser enterrado fora das cidades, na beira dos campos, mas à vista de antigas residências graciosas e de grandes árvores bem altas. Não creio que isso constituísse um estorvo para ninguém. Eu seria parte do chão onde as crianças brincariam à tarde. Quem sabe até, pela manhã, elas se exercitariam, saltando com seus cavalos, e os cascos deles martelariam a relva? Trutas cresceriam no lago em cuja superfície nascessem larvas...”

Alcançaram a estrada pavimentada que ia de Mestre a Veneza e cujas Usinas Breda, tão feias, faziam pensar em Hammond, em Indiana.

— O que fabricam aqui, senhor? — perguntou Jackson.

— Em Milão, a Companhia Breda faz locomotivas — explicou o coronel. — Mas aqui faz um pouco de tudo que tenha a ver com produção metalúrgica.

Era uma vista desagradável de Veneza, e ele sempre antipatizara com aquela estrada pavimentada, a não ser pelo fato de que se

economizava tempo seguindo por ela, e era possível ver canais e boias.

— Esta cidade tem vida própria — falou a Jackson. — Já foi a rainha dos mares. A população é muito rija, persistente. Custa muito mais a desistir de qualquer coisa, por mais idiota que seja, do que quase todas as demais populações que conhecemos por aí. É uma gente mais decidida do que em Cheyenne. Pelo menos, chega-se a essa conclusão, depois de conhecê-los bem. E todos são muito educados.

— Eu por mim não diria que Cheyenne é uma cidade de gente decidida, senhor.

— Bem, muito mais do que em Casper.

— Acha que essa é uma cidade de gente decidida, senhor?

— Cidade de petróleo. Formidável.

— Mas não acho o pessoal de lá tão especial assim. Nem hoje nem nunca.

— Está bem, Jackson. Tenho certeza de que nos movemos em círculos diferentes. Ou talvez tenhamos uma noção diferente para a palavra *decidida*. Mas esta cidade, Veneza, com toda sua gente afável e prestativa, é tão orgulhosa quanto Cooke City, em Montana, no dia em que há o clássico *Fish Fry*.

— A minha ideia de uma cidade orgulhosa é Memphis.

— Não como Chigaco, Jackson. Memphis só é formidável para quem é negro. Chicago é decidida ao norte e ao sul, lá não existem leste nem oeste. Mas ninguém tem boas maneiras por lá. Já por aqui, se você quiser conhecer uma cidade com gente realmente decidida e onde também se come formidavelmente, vá a Bolonha.

— Nunca estive lá.

— Bem. Essa aí é a garagem onde deixaremos o carro — comentou o coronel. — Você pode deixar a chave no escritório que ninguém vai roubá-lo. Eu vou até o bar enquanto você estaciona lá em cima. Eles têm gente para levar a bagagem.

— Acha que posso deixar suas armas de caça e a bolsa de munição na mala do carro, senhor?

— Pode, sim. Aqui ninguém rouba. Já lhe disse.

— Só pensei em tomar as devidas precauções, senhor. É um material caro.

— Você é tão atencioso que chega a enjoar — ironizou o coronel. — Tire a cera do ouvido e escute o que eu disser já na primeira vez.

— Já ouvi, senhor — respondeu Jackson.

O coronel observou-o detidamente, com a antiga superioridade.

Jackson pensou: “Como é que um filho da mãe desses pode às vezes ser tão desgraçadamente simpático?”

— Tire a minha bagagem e a sua e guarde-as lá em cima. Verifique o óleo, mande pôr água, faça encher os pneus — ordenou o coronel. A seguir, atravessou o cimento manchado de óleo e de sulcos da entrada do bar.



Entrando no bar, viu logo sentado na primeira mesa um ricaço de Milão, desses do pós-guerra, gordo e entroncado como só um milanês pode ser, tendo ao lado a amante que decerto lhe saía bem cara e que parecia bastante desejável. Ambos bebiam *negroni*, uma combinação de dois vermouths doces com água de Seltzer. O coronel imaginou logo quantos impostos e taxas aquele homem não teria sonegado para poder adquirir aquela rapariga esguia, vestindo aquele casaco comprido de marta, e o carro conversível que vira um motorista levar pela rampa sinuosa para guardá-lo em uma garagem trancada. O casal encarou-o com maus modos típicos de gente de seu tipo. O coronel os cumprimentou com suavidade e lhes disse em italiano: “Desculpem se estou de uniforme. Sim, é um uniforme e não uma fantasia.”

E logo lhes deu as costas sem esperar para ver o efeito da advertência, encaminhando-se para o balcão. Do bar, podia vigiar a sua bagagem, assim

como os dois *pescecani* vigiavam as deles.

“Provavelmente é um *Commendatore*”, pensou. “E ela é muito bonita, uma obra-prima. Bonita até demais! Mas e se eu tivesse dinheiro para comprar uma garota dessas e guardá-la dentro de um casaco de marta? Bem, melhor me contentar com o que tenho. Eles que se danem.”

O dono do bar apertou-lhe a mão. Apesar de ser um anarquista, não se importava em absoluto com o fato de o coronel ser um coronel. Estava encantado com isso, orgulhoso mesmo, radiante até, como se os anarquistas tivessem um coronel também e, de certa forma, durante os muitos meses em que foram se conhecendo mutuamente, ele passava a impressão de haver inventado ou de pelo menos haver erigido o coronel, da mesma forma que se sentiria feliz se houvesse participado da construção de um *campanile* ou mesmo da velha igreja de Torcello.

O *barman* tinha ouvido a réplica, ou melhor, a advertência singela do coronel ao olhar do casal, na outra mesa, e ficara muito satisfeito.

Já ordenara pelo postigo do balcão um *gim Gordon* com *Campari* e logo explicou:

— Já está sendo preparado. Nosso aparelho é movido à mão. Como vão as coisas em Trieste?

— Vão indo como você deve imaginar.

— Não faço a menor ideia.

— Então não se esforce — pilheriou o coronel — e assim nunca terá hemorroidas.

— Eu não me importaria com isso, se fosse coronel.

— Eu nunca me importei.

— Eu saberia controlá-las, com uma dose de saís...

— Não diga nada ao Honorável Pacciardi — recomendou o coronel.

Ele e o *barman* gracejavam assim sobre o Honorável Pacciardi, ministro da Defesa da República Italiana. Tinha a mesma idade do coronel, combatera valentemente na Primeira Guerra Mundial e lutara também na Espanha, como comandante de um batalhão, onde o coronel o conhecera, quando era um observador. A seriedade com que o Honorável Pacciardi aceitou o cargo de ministro da Defesa de um país indefensável tornara o *barman* ligado ao coronel. Ambos eram homens muito práticos e a visão do Honorável Pacciardi defendendo a República Italiana lhes estimulava os espíritos.

— A coisa por lá está engraçada — provocou o coronel —, mas não chega a me incomodar.

— Precisamos equipar o Honorável Pacciardi — acrescentou o *barman*. — E dar a ele uma bomba atômica.

— Eu trouxe três delas no porta-malas do

carro. Modelo novo, completo, com alças para se segurar. Não podemos deixá-lo desarmado. Devemos supri-lo com substâncias que produzam botulismo e antraz.

— Não podemos abandonar o Honorável Pacciardi — disse o *barman*. — Melhor viver um dia como leão do que um século como carneiro.

— É melhor morrer de pé do que viver ajoelhado — reforçou o coronel. — Embora seja aconselhável cair de barriga no chão o mais rápido possível, se quiser permanecer vivo em combate.

— Coronel, não diga frases subversivas.

— “Estrangulá-lo-emos com estas mãos!” — citou o coronel. — “Do dia para a noite poremos um milhão de homens em armas!”

— Com que armas? — perguntou o *barman*.

— Com todas que catarmos por aí. Cuidaremos disso — afirmou o coronel. — Trata-se apenas de um detalhe.

Exatamente nesse instante, o motorista apareceu na porta. O coronel se deu conta de que, enquanto estava pilheriando, deixara de vigiar a porta, e se algo sempre o aborrecia eram esses lapsos de vigilância ou de cautela.

— Onde diabos se meteu você, Jackson? Beba alguma coisa.

— Não, obrigado, senhor.

“Seu bestalhão!”, pensou o coronel, corrigindo-

se logo: “É melhor eu deixar de provocá-lo, coitado.” Disse então:

— Já iremos, num minuto. Este meu amigo aqui esteve tentando me ensinar italiano.

Voltou-se para olhar para os milaneses ricos, que, porém, já tinham saído.

“Ando sempre atrasado,” pensou. “De repente, um sujeito qualquer me agarra. Até mesmo o Honorável Pacciardi.” Perguntou, então, ao *barman*:

— Quanto devo?

O *barman* disse quanto fora a despesa e fitou-o com seus olhos italianos inteligentes, já agora sérios, embora as linhas de contentamento mais que jovial continuassem se irradiando dos cantos, enquanto pensava: “Espero que ele não esteja com nenhum problema sério. Confio em Deus, enfim... numa força qualquer, que não lhe aconteça nenhum mal.” E disse alto:

— Até à vista, meu coronel.

— *Ciao* — respondeu o coronel. — Jackson, vamos descer a rampa comprida, rumo ao cais onde as lanchas pequenas estão atracadas. As envernizadas. Aí vem o carregador com as duas malas. É necessário deixá-los sempre carregá-las, caso tenham licença para o serviço.

— Pois não, senhor — acatou Jackson.

Os dois deixaram a porta e ninguém se voltou para olhá-los.

No *imbarcadero*, o coronel deu gorjeta ao homem que carregara as duas malas e depois olhou em torno, procurando um barqueiro que conhecesse. Não reconheceu o homem da primeira lancha, que tinha a vez, mas o patrão dela lhe disse:

— Bom-dia, meu coronel. Eu sou o primeiro.

— Quanto cobra daqui ao Gritti?

— O senhor sabe tão bem quanto eu, meu coronel. Nós não discutimos preço. Temos tarifa fixa.

— Qual é a tarifa?

— Três mil e quinhentas liras.

— Mas por sessenta se vai pelo *vaporetto*.

— E nada o impede de pegá-lo — considerou o dono da lancha, um homem idoso com uma cara vermelha, mas afável. — O *vaporetto* não o deixa no Gritti, porque para no *imbarcadero* logo depois do Harry's, mas o senhor pode de lá telefonar para o Gritti pedindo que mandem alguém lhe buscar as malas.

“E o que eu posso comprar com essas miseráveis três mil e quinhentas liras?”, refletiu o coronel. “Além disso, este homem parece um bom velho!”

— Quer que eu chame aquele homem ali? — perguntou o homem da lancha apontando para um velho maltrapilho que prestava serviços diversos, trabalhando pelas docas, sempre pronto a cutucar

com o cotovelo todo e qualquer passageiro que subia ou descia, oferecendo seus préstimos desnecessários, sempre disposto a ajudar quando não se necessitava de ajuda alguma, com o velho chapéu de feltro soerguido, ao fazer uma mesura que sempre se seguia ao ato inútil. — Ele o conduzirá até o *vaporetto*. Dentro de vinte minutos sai um.

— O *vaporetto* que se dane. Leve-nos até o Gritti — ordenou o coronel.

— *Con piacere* — respondeu o dono da lancha.

O coronel e Jackson desceram para a lancha que parecia uma embarcação veloz, toda envernizada, fulgurantemente conservada e muito limpa. Era equipada com um motor Fiat pequeno, convertido em motor marítimo, que funcionara até se esfaltar no carro de um médico do interior, e depois acabar sendo vendido num desses cemitérios de automóveis e peças, esses cemitérios de elefantes mecânicos que constituem a única coisa certa que se pode achar neste nosso mundo perto de qualquer centro povoado. O motor fora recondicionado e reconvertido, a fim de iniciar nova vida pelos canais da cidade.

— Funciona bem esse motor? — perguntou o coronel ao ouvi-lo chocalhar como um tanque de guerra alquebrado. A verdade é que o ruído era uma *miniatura* do que deveria ser e isso por perda

de energia.

— Assim, assim... — respondeu o homem da lancha, movendo a mão livre, em posição de equilíbrio regular.

— Você precisava arranjar o modelo menor, lançado pela Universal. É o melhor e o mais leve motorzinho marítimo que conheço.

— De fato — concordou o dono da lancha. — Há uma porção de coisas que eu precisava arranjar.

— Quem sabe se você não vai ter um ano próspero?

— É sempre possível. Bandos e bandos de *pescecani* não param de descer de Milão para jogar no Lido. Mas ninguém pula para dentro desta lancha uma segunda vez, depois de conhecê-la. Como embarcação é bem bonita. Lá isso é. Está aqui um barco bem-construído e bastante confortável. Não digo que seja tão bonito como uma gôndola. Lá isso não. Mas, cá para nós, precisa de um motor. Se precisa!

— Pois vou lhe arranjar o motor dum jipe. Um que tenha sido condenado e que você possa consertar.

— Não me fale dessas coisas — lamentou-se o homem da lancha. — Coisas assim não acontecem. Não quero nem pensar. Perda de tempo.

— Pode pensar, sim — afirmou o coronel. — Estou falando sério.

— Vontade pode o senhor ter...

— Mas, claro! Não estou garantindo nada. Vou ver o que posso fazer. Quantos filhos você tem?

— Seis. Dois meninos e quatro meninas.

— Diabos! Então você não fez fé no Regime? Só seis?...

— *Não fiz fé nenhuma no Regime.*

— Não precisa tentar me enganar — falou o coronel. — Seria bastante natural se você tivesse acreditado no Regime. Acha que vou usar isso contra um homem só porque o vencemos?

Percorriam agora a parte monótona do canal, que vai do Piazzalle Roma ao Cá Foscari. “Não sei por que a acham monótona!”, pensou o coronel olhando para o trecho emuralhado. “Não se pode ter palácios e igrejas por toda parte. Não há de ser por isso que é monótono.” Olhava para o lado direito, a estibordo, e pensava: “Estou vogando pelas águas.” Avistou um edifício longo, atarracado. Logo a seguir havia uma *trattoria*.

“Eu devia morar aqui. Com o soldo, depois de aposentado, eu me arranjaría. Nada de Gritti, que é um palácio. Mas um quarto numa casa como aquela ali. Os barcos e as marés indo e vindo. Eu podia ler de manhã, passear pela cidade antes do almoço, ir ver todos os dias os Tintoretos na *Accademia* e na *Scuola San Rocco*, comer em cantinas baratas atrás do mercado; ou então a dona da casa podia me

fazer o jantar. Acho que seria melhor almoçar fora e fazer algum exercício passeando. É uma ótima cidade para se passear. Acho até que talvez seja a melhor cidade para isso. Nunca fiz um passeio por ela que não me distraísse formidavelmente. Terminaria conhecendo-a bem e depois me sentiria como em casa. É uma cidade estranha, cheia de meandros, e para ir de um lugar para outro há mais despistes do que nas charadas. Uma das poucas coisas de que temos de nos louvar é que nunca a bombardeamos. E temos de *lhes* dar crédito por isso também. *Eles* sempre a respeitaram. Cristo! Amo esta cidade e me sinto feliz por haver ajudado a defendê-la quando eu era um fedelho, quase sem conhecer direito a língua, mesmo sem nunca ter posto o pé aqui. Sim, eu a vi pela primeira vez naquele dia claro de inverno quando recuei para que me tratassem um ferimento leve; foi então que a vi surgir do mar. *Merde!* Fomos uns leões naqueles dias críticos de inverno! Puxa!... Bem quisera defendê-la de novo. Ainda mais sabendo o que sei agora e tendo o que nós temos atualmente. Mas os outros também teriam feito progressos, e a verdade é que o problema essencial é o mesmo: saber quem domina os ares.

Durante todo esse tempo, estive observando a proa da lancha cortar a água pardacenta, claudicante, mas bem envernizada e repleta de

guarnições metálicas, com as guardas bem brunidas, e reparando nos pequenos problemas de tráfego.

Passaram por baixo da ponte branca e da ponte de madeira ainda não terminada. Depois se afastaram da ponte vermelha, deixando-a à direita, e passaram por baixo da primeira ponte pênsil branca. Vinha agora a ponte preta de ferro cheia de labores, atravessando o canal que ia ao Rio Nuovo. E passaram as duas estacas acorrentadas juntas, mas que não se tocavam. “Como nós”, pensou o coronel. Viu a maré bater nelas e reparou que as correntes tinham gasto mais ainda a madeira, desde a última vez que passara por ali. “Aquilo somos nós. É o nosso monumento. E quantos monumentos em nossa homenagem não haverá pelos canais desta cidade?”

Depois, passaram ainda devagar pela grande lanterna que estava à direita da entrada do Grande Canal e aí o motor começou a sua agonia metálica, que produziu discreto aumento de velocidade.

A seguir, desceram e, abaixo da Academia, entre as estacas por onde passaram, quase ao alcance da mão, estava uma embarcação negra, com motor Diesel, abarrotada de madeira cortada em achas para servir como lenha para as lareiras das casas úmidas da Cidade-Mar.

— Isso é faia, não é? — perguntou o coronel ao

homem da lancha.

— Faia e uma outra madeira mais barata ainda de cujo nome não me lembro neste momento.

— A faia está para o fogo ao ar livre como o carvão de antracito está para o fogão fechado. De onde é que eles cortam essa faia?

— Não sou um homem das montanhas. Mas acho que vem lá de trás, do alto de Bassano, do outro lado do Grappa. Fui até o Grappa para ver onde meu irmão foi enterrado. Foi uma excursão que fizeram de Bassano, e fomos ao grande ossário. Mas voltamos por Feltre. Reparei que havia uma região de boa madeira do lado de lá, quando se desce das montanhas para o vale. Descemos pela tal estrada militar e estavam içando uma porção de toras.

— Em que ano seu irmão foi morto no Grappa?

— Em 1918. Era muito patriota, inflamou-se ouvindo D'Annunzio falar e se apresentou como voluntário antes da sua classe ser chamada. Nunca chegamos a conhecê-lo bem porque morreu muito novo.

— Vocês eram quantos na família?

— Éramos seis. Perdemos dois para lá do Isonzo, um em Bainsizza e um sobre o Carso. Depois perdemos este irmão, lá no Grappa. E eu fiquei.

— Vou lhe arranjar o tal jipe, completo — disse

o coronel. E acrescentou: — Agora vamos deixar de morbidez e contemplar todos estes lugares onde vivem os meus amigos.

Iam subindo agora o Grande Canal e o coronel identificava com facilidade onde moravam seus amigos. Tanto que disse, dali a pouco:

— Esta é a casa da *contessa* Dandolo.

E não disse, mas pensou: “Já está com cerca de oitenta anos, é alegre como quando moça e não tem receio de morrer. Pinta o cabelo de vermelho, e isso lhe cai muito bem. É uma ótima companhia e uma mulher admirável.”

O seu *palazzo* dava gosto de se olhar, assim bem recuado do Canal, com um jardim na frente e um desembarcadouro próprio onde vinham ter muitas gôndolas em várias ocasiões, trazendo gente alegre e radiosa, e gente triste e desiludida. Mas mesmo os tristes e desiludidos ficavam satisfeitos porque iam visitar a *contessa* Dandolo.

Agora, lutando canal acima de encontro ao vento frio que vinha das montanhas e com as casas tão nítidas e salientes como num dia de inverno, como era esse dia, aliás, enxergavam toda a magia da cidade e sua beleza. Mas isso apenas se tornava interessante para o coronel porque conhecia muitas das pessoas que habitavam aqueles palácios ou, se estivessem desabitados, porque sabia, então, para o que vinham sendo utilizados.

“Lá está a casa da mãe do Alvarito”, pensou, sem dizer uma palavra sequer. “Raramente está aí. Fica sempre na casa na zona rural, perto de Treviso, onde há bastantes árvores. Não se conforma que não existam árvores em Veneza. Perdeu um excelente marido e nada mais lhe interessa, realmente, agora, a não ser eficiência. Mas a família, no passado, emprestou a casa a George Gordon, *Lord Byron*, e desde então ninguém dorme na cama de Byron e nem numa outra cama, dois andares abaixo, onde ele costumava dormir com a mulher do gondoleiro. Não que sejam consideradas sagradas, como relíquias. Trata-se apenas de camas extras, que não foram utilizadas depois, por várias razões ou possivelmente para respeitar Byron, que foi muito amado nesta cidade, apesar de todos os erros que cometeu. Nesta cidade, para ser amado, é preciso ser um rapaz ousado. Eles nunca se importaram muito com Robert Browning, nem com Mrs. Robert Browning e com o cão que eles tinham. Não eram bons venezianos, por mais que ele escrevesse bem da cidade. Mas, afinal, o que vem a ser um rapaz ousado? Usa-se o termo tão comumente que creio que se devia saber defini-lo. Creio que quer dizer um homem que quer dar o seu espetáculo e depois termina por suspendê-lo. Ou então um homem que sabe reter seu desfecho. E não estou pensando em teatro, por mais

maravilhoso que o teatro possa ser.”

Mas não pôde deixar de pensar, contemplando a pequena *villa* tão rente à água, e tão feia como um edifício que se poderia avistar de um trem expresso de Havre ou de Cherburgo para o porto, atravessando os *banlieues* de Paris, antes de entrar na cidade propriamente dita. Estava lotada de árvores malcuidadas, e não seria um lugar que o coronel escolheria para viver, se tivesse opção. Já *ele* morara naquela propriedade.

“Gostavam dele por causa do talento que tinha, porque era cruel e também porque era destemido. Um judeu sem nada; mas agitou o país com seu talento e a sua retórica. Era o sujeito mais patife que conheci e o mais vil. Acontece que o homem em que eu penso, quando procuro alguém para comparar a ele, nunca correu grandes riscos, nem foi à guerra, ao passo que Gabriele d’Annunzio (sempre me pergunto qual seria seu verdadeiro nome, já que num país organizado ninguém se chama d’Annunzio... Talvez nem fosse judeu... mas que diferença isso faria?) mudou várias vezes tanto de armas, na carreira militar, quanto caía nos braços de diferentes mulheres e se desprendia delas.”

Todas as armas se orgulhavam de ter d’Annunzio servindo entre suas fileiras e ele desempenhava a missão rapidamente e com

facilidade. Menos na infantaria.

O coronel lembrou então que d'Annunzio perdeu um dos olhos num desastre, quando voava como observador sobre Trieste ou Pola. Depois disso, passou a usar um tapa-olho e as pessoas que não sabiam por quê, pois então pouca gente sabia, pensavam que ele tinha sido ferido em Veliki ou San Michele, ou em algum lugar pior, para além do Carso, onde todos acabavam mortos ou inválidos, ao que se saiba. Mas d'Annunzio, na verdade, estivera apenas fazendo gestos heroicos com outras coisas. “Quem serve na infantaria tem um ofício peculiar”, refletiu o coronel. “Talvez o mais estranho de todos. Mas ele, Gabriele, voava, embora não fosse aviador. Servia na infantaria, embora não fosse um soldado de infantaria. E sempre com o mesmo estilo.”

O coronel recordou uma ocasião em que estivera comandando um pelotão de tropas de assalto. Chovia, num desses intermináveis invernos em que não para de chover ou em que, pelo menos, sempre chove quanto acontecem paradas ou alguém está discursando para a tropa. E d'Annunzio, com o olho perdido coberto e seu rosto pálido, tão esbranquiçado como a barriga de um linguado recém-chegado ao mercado com o lado escuro para baixo, e parecendo morto havia mais de trinta horas, se pôs a berrar: *Morire non è basta!* E o

coronel, naquele tempo um tenente, pensara: “Mas que raio ainda querem que façamos?”

Mas continuara a escutar o discurso e, por fim, quando o tenente-coronel d’Annunzio, escritor e herói nacional, que exigia que houvesse heróis — e o coronel não acreditava em heróis —, pediu um minuto de silêncio em memória dos nossos gloriosos mortos, deixou-se ficar rijo, em continência. Mas o seu pelotão, que não ouvira direito o discurso, já que naquele tempo não havia alto-falantes e porque os soldados se achavam distantes demais para poder ouvir o orador, naquela pausa por um momento de silêncio pelos nossos gloriosos mortos, o pelotão respondeu como um só homem com um sólido e retumbante: *Evviva d’Annunzio!*

Tinham sido amestrados antes por d’Annunzio, depois de vitórias e antes de derrotas, e sabiam que era o que deviam gritar sempre que o orador fizesse uma pausa.

O coronel, sendo então um tenente e gostando do seu pelotão, se juntara a eles e exclamara em tom de comando: *Evviva d’Annunzio!*, absolvendo assim todos quantos não tinham escutado o discurso, oração ou arenga, tentando compartilhar da culpa de todos, do jeito pequeno com que um tenente pode tentar qualquer coisa, exceto sustentar uma posição indefensável ou inteligentemente

efetuar sua própria parte num ataque.

Mas agora o coronel estava passando diante da casa onde o pobre velho complicado morara quando moço, com a sua grande, triste e nunca bastante amada atriz. Pensou então nas mãos maravilhosas, no semblante mutável que não era belo, mas que outorgava amor, glória, prazer e melancolia, no antebraço cuja curva rompia corações. “Cristo! Ambos estão mortos e não sei sequer onde estão enterrados. Mas espero que tenham tido alegrias de verdade nessa casa.”

— Jackson — disse ele —, esta pequena *villa* à esquerda pertenceu a Gabriele d’Annunzio, que foi um grande escritor.

— Ah, sim! — falou Jackson. — Bom saber. Nunca ouvi falar dele.

— Eu lhe darei o título dos livros que ele escreveu, caso você deseje ler. Há traduções inglesas muito boas.

— Agradeço muito, senhor. Gostaria de ler tudo, quando tivesse tempo. Morou numa casa bonita e bem-situada. Qual é mesmo o nome que o senhor falou?

— D’Annunzio. Escritor.

E como não queria atrapalhar ainda mais Jackson, nem dificultar nada para ele, como já tinha feito tantas vezes nesse dia, acrescentou mentalmente: “Escritor, poeta, herói nacional,

divulgador, senão criador da dialética fascista, egotista macabro, aviador, comandante ou chefe de manobras do primeiro ataque das lanchas torpedeiras velozes, tenente-coronel de infantaria sem a menor noção de como se comanda direito uma companhia ou um pelotão, o grande e admirável autor de *Notturmo*, que tanto respeitamos e de quem tanto zombamos.”

Logo à frente, agora, havia o cruzamento de gôndolas, ali em Santa Maria del Giglio. Um pouco mais além estava o cais de madeira do Gritti.

— É naquele hotel que vamos ficar, Jackson.

O coronel mostrou o pequeno e agradável palácio cor-de-rosa, com três andares dando para o canal. Fora uma dependência do Grand Hotel, mas agora era uma empresa própria. Um ótimo hotel. Provavelmente até mesmo o melhor hotel para quem não queria ser adulado, para quantos evitassem protocolos e salamaleques numa cidade de grandes hotéis; e o coronel gostava do Gritti.

Jackson observou:

— Parece bom, senhor.

— É bom — confirmou o coronel.

A lancha a motor aproximou-se galhardamente das estacas do cais. E o coronel pensava: “Cada movimento que ela faz é um triunfo requintado desse motor já tão velho. Atualmente já não temos cavalos de batalha como o antigo Traveller ou

Marbot's Lysette que lutou, individualmente, em Eylau. Atualmente, só podemos contar com a galanteria das bielas já gastas que vão aguentando sem quebrar, das cabeças de cilindros que ainda funcionam sem estourar, embora já tivessem direito a isso e a muito mais.”

— Estamos no cais, senhor — alertou Jackson.

— Onde mais queria que estivéssemos, homem? Pule lá para cima enquanto acerto as coisas com este cavaleiro. — Voltou-se para o dono da lancha e lhe disse: — Três mil e quinhentas liras, não foi o que você falou?

— Foi sim, meu coronel.

— Fique descansado que não esquecerei o motor usado do jipe. Tome. Compre um pouco de aveia para o seu cavalo com isso.

O carregador, que estava recebendo as malas das mãos de Jackson, ouviu a piada e riu:

— Não existe veterinário que dê um jeito neste cavalo.

— Ele ainda corre — redarguiu o homem da lancha, ao que o carregador retrucou:

— Mas não ganha nenhuma corrida. — Depois o cumprimentou: — Como está o senhor, meu coronel?

— Melhor seria impossível — respondeu ele. — E como vão os membros todos da Ordem?

— Todos vão bem.

— Ótimo — disse o coronel. — Vou logo ao encontro do *Gran Maestro*.

— Ele está à sua espera, meu coronel.

— Não vamos fazê-lo esperar, Jackson. Encaminhe-se para o vestíbulo com este cavalheiro e peça lá dentro que me registrem. — Voltou-se para o carregador: — Trate de conseguir um quarto para o sargento. Vamos ficar aqui somente esta noite.

— O barão Alvarito esteve procurando o senhor.

— Vou me encontrar com ele no Harry's.

— Está bem, meu coronel.

— Onde está o *Gran Maestro*?

— Vou procurá-lo para o senhor.

— Diga-lhe que estou no bar.



O bar era no extremo oposto ao vestíbulo do Gritti. Embora, *vestíbulo* não seria, de acordo o que pensava o coronel, “o termo adequado para descrever uma entrada tão graciosa. Giotto não descreveu um círculo?”, foi o que lhe veio à mente. Não, isso estava na matemática. Do que ele lembrava, a anedota que mais apreciava sobre o pintor foi aquela em que Giotto dizia: “É tão fácil!”, enquanto desenhava um círculo perfeito. “Mas quem diabos me contou essa, e onde foi...?”

A seguir, cumprimentou o *barman*, que não era um membro remido da Ordem, mas a quem não queria ofender:

— Boa-tarde, Conselheiro Privado. Em que lhe posso ser útil?

— Bebendo, meu coronel.

O coronel olhou através das janelas e da porta do bar, a fim de contemplar as águas do Grande Canal. Viu o grande posto enegrecido de atracação das gôndolas, batido pelo calor hibernal do sol que

se refletia nas águas agitadas pelo vento. Do outro lado do canal, estava o velho palácio. Irrompia canal acima uma barcaça negra, de madeira, cuja proa resistente cortava as ondas, embora o vento lhe fosse contrário.

O coronel pediu ao *barman*:

— Um martíni bem seco. Duplo.

Nisso, o *Gran Maestro* entrou no recinto, envergando seu traje formal de *maître*. Era um homem de uma beleza máscula, de dentro para fora, ou o que quer que seja o centro do corpo, e que se expandia de modo franco e jovial, até a superfície, aflorando no rosto.

Tinha um semblante simpático, com o nariz longo e reto, típico da gente do Vêneto, os olhos bondosos, leais e alegres, o cabelo grisalho, tão distinto, de sua idade. Ele era dois anos mais velho do que o coronel.

Adiantou-se sorrindo, com ar afável e cúmplice, visto que compartilhavam muitos segredos. Ele estendeu a mão, que era grande, comprida, forte, com dedos em espátula e muito bem-tratados, conforme convinha e era necessário ao seu cargo. O coronel por sua vez estendeu a mão, que por duas vezes fora traspassada por tiros e que estava ligeiramente deformada. Estabeleceu-se assim novo contato entre dois habitantes do Vêneto, ambos homens, irmãos na Ordem da espécie

humana, o único clube com o qual contraíam obrigações, e irmãos também no amor que sentiam por essa terra tão afeita a batalhas, sempre triunfante até mesmo nas derrotas, a qual ambos tinham defendido na mocidade.

Foi um aperto de mão longo o bastante para transmitir, com firmeza, o contato e o prazer do encontro. E então o *maître* disse:

— Meu coronel!

Ao que o outro respondeu:

— *Gran Maestro!*

O coronel pediu-lhe que o acompanhasse numa bebida. Mas o *maître* respondeu que estava de serviço; portanto, isso não somente era impossível como proibido.

— Uma proibição revoltante! — protestou o coronel.

— De pleno acordo — assentiu o *Gran Maestro*. — Mas cada qual deve cumprir com o seu dever. As regras aqui são razoáveis e devemos cumpri-las. Eu, principalmente, por uma questão de preceito.

— Não é à toa que você é o *Gran Maestro* — considerou o coronel.

Dirigindo-se ao *barman*, que ainda não fazia parte da Ordem por qualquer motivo diminuto ainda não bem definido, pediu o *Gran Maestro*:

— Dê-me um pequeno *Carpano punto e mezzo*. Quero brindar a *Ordine*.

Assim, violando as regras e a questão de princípios e preceitos, bem como o exemplo que deve vir do alto, o coronel e o *Gran Maestro* viraram goela abaixo seus drinques. Isso sem pressa por parte de ambos e sem maiores preocupações por parte do *Gran Maestro*. Apenas sem hesitações.

— Agora ponhamos em discussão os assuntos da Ordem — determinou o coronel. — Estamos na câmara secreta?

— Estamos — afirmou o *Gran Maestro*. — Ou por outra, assim eu declaro este bar.

— Aberta a sessão! — anunciou o coronel.

A Ordem era uma organização puramente fictícia, fundada após muitas conversações entre o *Gran Maestro* e o coronel. Chamava-se *El Ordine Militar, Nobile y Espirituoso de los Caballeros de Brusadelli*. O coronel e o *maître*, ambos, falavam espanhol e, como esta é a melhor língua para fundar ordens, a tinham usado para batizar esta, que recebera seu nome em homenagem a um ricoço de Milão, um notório sonegador de impostos, que no decorrer de um processo em que se disputava uma propriedade acusara sua jovem esposa, pública e legalmente, de o haver privado de suas faculdades mentais à custa de extraordinárias exigências sexuais.

— *Gran Maestro* — disse o coronel —, tem tido notícias do nosso Chefe, *O Respeitabilíssimo*?

— Absolutamente nenhuma. Anda calado, estes dias.

— Deve estar envolto em reflexões.

— Provavelmente.

— Talvez esteja meditando sobre novos atos ainda mais distintos e escandalosos.

— É bem capaz. Não mandou me dizer nada.

— Mas podemos confiar nele.

— Até a morte — garantiu o *Gran Maestro*. — Daí por diante, pode arder no inferno e reverenciaremos sua memória.

— Giorgio — falou o coronel. — Dê outro *Carpano* ao *Gran Maestro*.

— Já que ordena — disse o *maître* — que posso fazer senão acatá-lo?

Bateram no copo um do outro.

— Jackson — chamou o coronel. — Esteja em casa. Sirva-se à vontade no restaurante do hotel. Não quero vê-lo a não ser amanhã, às 11 horas em ponto, no vestíbulo. A não ser que precise de mim por alguma razão. Tem dinheiro?

— Tenho, sim, senhor — respondeu Jackson, pensando: “Não é à toa que dizem que esse velho filho da puta é doido. Podia ter me chamado sem gritar.”

— Fora daqui. Não quero vê-lo mais.

Jackson havia entrado no recinto e ainda aguardava diante da porta, com ar respeitoso.

— Estou farto de ver você. Você só sabe se preocupar e não tem talento para se divertir. Por amor de Deus, agite-se, procure distrair-se, homem!

— Está bem, senhor!

— Compreendeu o que eu disse?

— Compreendi, senhor.

— Prove que compreendeu!

— Eu, Ronald Jackson, T 5, número 100678 da Série, apresentar-me-ei no saguão deste Hotel Gritti amanhã, às 11 horas da manhã. Não digo o dia porque não sei... e hoje me ausentarei da vista do coronel e farei tudo para me meter numa farra. Ou melhor, farei todas as tentativas razoáveis para conseguir esse objetivo.

— Sinto muito, Jackson — lamentou o coronel.

— Sou um canalha.

— Peço licença para discordar do coronel — redarguiu Jackson.

— Obrigado, Jackson. Talvez eu não seja um canalha. Deus queira que você esteja com a razão. Agora, fora! Já lhe reservaram um quarto aqui, não é verdade? Sabe que tem direito à boia, não sabe? Então, trate de se distrair.

— Pois não, senhor.

Depois que Jackson se retirou, o *Gran Maestro* disse ao coronel:

— Que rapaz é esse? Algum dos tais norte-americanos tristonhos?

— Nem mais nem menos — explicou o coronel.
— E, por Jesus Cristo! Temos uma porção deles. Tristonhos, compenetrados, superalimentados e subtreinados. Aliás, se são subtreinados, a culpa é minha. Mas também dispomos de alguns bastante bons.

— Acha que teriam enfrentado Grappa, Pasubio e Basso Piave como nós?

— Os bons teriam, sim. Talvez até melhor do que nós. Mas, quer saber? Em nosso Exército eles não atiram em si mesmos para arranjar ferimentos.

— Jesus!... — exclamou o *Gran Maestro*.

Ele e o coronel se lembravam dos soldados resolvidos a fugir à morte, esquecidos de que aquele que morre na terça-feira não precisa morrer na sexta-feira. Assim, um deles envolvia a perneira de um outro num saco de areia, a fim de evitar a queimadura de pólvora, e se afastava do amigo a distância exata do qual achava que podia acertar-lhe a panturrilha, sem atingir no osso, e disparava. Em seguida, atirava duas vezes sobre o parapeito da trincheira como álibi para seus tiros. O coronel e o *maître* conheciam coisas como essas e foi por tal razão e por causa de um ódio genuíno contra todos os que tiravam lucro da guerra que tinham fundado a Ordem.

Eles sabiam, ambos, que se amavam e respeitavam, que rapazes que também não

desejavam morrer repartiam entre si o conteúdo de uma caixa de fósforo cheia de pus de gonorreia para se infectarem, porque assim não se exporiam ao devastador ataque frontal que se seguiria.

Tinham conhecido rapazes que enfiavam grandes moedas de dez centavos nas axilas para ficarem ictéricos. E sabiam também que certos rapazes ricos da cidade se faziam injetar parafina debaixo das cápsulas dos joelhos para, desta forma, não terem que ir para a guerra.

Sabiam que o alho podia ser usado para produzir efeitos capazes de fazer um homem ausentar-se de um ataque e conheciam todos, ou quase todos, os demais truques, porque um tinha sido sargento e o outro, tenente de infantaria, e haviam combatido nos três pontos-chaves, Pasubio, Grappa e Piave, onde tudo isso fazia sentido.

Haviam combatido também nas outras carnificinas estúpidas do Isonzo e do Carso. Mas sentiam vergonha dos que as tinham ordenado e só as recordavam como uma coisa odiosa, estúpida, para ser esquecida. O coronel só recordava tais episódios sob o ponto de vista técnico, para tirar algumas lições. Assim, tinham fundado a Ordem de Brusadelli, nobre, militar e religiosa, que contava com apenas cinco membros.

— Quais são as novidades da Ordem? — perguntou o coronel ao *Gran Maestro*.

— Promovemos o cozinheiro do Magnificante ao grau de *Commendatore*. Comportou-se como homem por três vezes, por ocasião do seu quinquagésimo aniversário. Aliás, aceitei sua declaração sem provas materiais, visto ele não mentir nunca.

— De fato, ele nunca mentia. Mas aí está um caso no qual você deve pôr sob suspeita a sua credibilidade.

— Acreditei nele. Apareceu por aqui acabado.

— Lembro-me dele quando era um rapaz obstinado. Nós o apelidamos de Cereja Graúda.

— *Anch'io*.

— Mas você tem algum plano concreto para a Ordem para o inverno?

— Nenhum, Comandante Supremo.

— Não acha que devemos homenagear o *Onorabile* Pacciardi?

— Como queira.

— Protelemos isso — admitiu o coronel. Refletiu durante um instante e fez sinal pedindo outro martíni seco.

— Que tal organizar uma homenagem e uma manifestação em algum lugar histórico, como San Marco ou a velha igreja de Torcello, em favor do nosso grande patrono, Brusadelli, o Nunca Assaz Bastante Reverenciado?

— Duvido de que as autoridades religiosas

permitam isso nos dias de hoje.

— Ponhamos de lado então toda e qualquer ideia de manifestações públicas para este inverno e trabalhemos dentro dos nossos limites pelo bem da Ordem.

— Acho que isso é o mais acertado — opinou o *Gran Maestro*. — Urge reagruparmo-nos.

— E você, como vai?

— Péssimo. Pressão sanguínea muito baixa, úlcera e dívidas.

— Mas se sente feliz?

— Permanentemente — afiançou o *Gran Maestro*. — Gosto muitíssimo do meu trabalho, travo conhecimento com tipos extraordinários e interessantíssimos. Até mesmo muitos belgas. Este ano, deram de aparecer por aqui em lugar dos gafanhotos. Antes, tínhamos os alemães. Já César apregoava: “E os mais bravos dentre todos eles são os belgas.” Mas não são os que melhor se vestem. Concorda comigo?

— Em Bruxelas, eu os vi ostentando certa elegância... — lembrou o coronel. — Uma capital alegre, bem... nutrida. Vencem, perdem ou capitulam. Nunca os vi lutar, embora todos me digam que fazem isso muito bem.

— Devíamos ter lutado na Flandres, nos velhos tempos.

— Nesses velhos tempos, não éramos nascidos

— observou o coronel. — Assim, automaticamente, não podíamos ter combatido.

— Quisera haver combatido com os *Condottieri*, quando tudo quanto se tinha a fazer era a gente ser o cérebro e eles serem os braços. O coronel pensaria e eu executaria as ordens.

— Teríamos de tomar pelo menos umas poucas cidades para que respeitassem nosso cérebro.

— Nós as saquearíamos, caso as defendessem — opinou o *Gran Maestro*. — Que cidades tomaria o coronel? — E este respondeu:

— Esta, não. Eu tomaria Vicenza, Bérghamo e Verona. Não estritamente nesta ordem.

— Teria que tomar mais duas.

— Eu sei — concordou o coronel, sentindo-se um general outra vez. E estava contente. — Tenho a impressão de que passaria ao largo de Brescia. Ela cairia por seu próprio peso.

— E como passa o nosso Comandante Supremo, afinal? — perguntou o *Gran Maestro* que, com essa tomada de cidades, se via atirado longe da realidade de agora. Via-se em casa, na sua pequena residência de Treviso, rente ao rio caudaloso, passando baixo, junto às velhas paredes. Os caniços ondulavam na corrente, os peixes emergiam sob a proteção dos caniços e atacavam os insetos que, no crepúsculo, roçavam a superfície da água. Sentia-se em casa também em todas as operações que não

envolviam mais do que uma companhia, e as entendia tão bem quanto entendia de um serviço adequado numa pequena sala de jantar ou num salão de banquete.

Mas assim que o coronel se tornou novamente um general comissionado, como fora, certa vez, e se pôs a pensar em termos que estavam tão distantes dele quanto estariam distantes as operações de cálculo integral de um sujeito que só soubesse rudimentos de aritmética, então já não se sentiu em terreno familiar, o contato se tornou difícil e desejou veementemente que o coronel voltasse a falar de coisas que ambos compreendiam bem quando eram, respectivamente, um tenente e um sargento.

— Que faria você com relação a Mântua? — perguntou-lhe o coronel.

— Lá isso não sei, meu coronel. Desconheço quem o senhor esteja combatendo e as forças de que eles dispõem, e também não sei as forças com que o senhor pode contar.

— Pareceu-me que você disse que éramos *Condottieri* e que nossa base era nesta cidade ou em Pádua.

— Meu coronel — replicou o *Gran Maestro* sem vacilar —, não conheço nada, palavra de honra, a respeito dos *Condottieri*. Nem mesmo como eles combatiam naquele tempo. Apenas declarei que

haveria de ter gostado de lutar sob suas ordens em tempos idos há muito.

— Os velhos tempos não voltam jamais — lamentou o coronel. E assim o encantamento se desfez.

E o coronel pensou: “Com mil demônios. Encantamento? Talvez nunca tivesse havido encantamento nenhum. Para o inferno, você!”, disse para si próprio. “Com cinquenta anos de idade, o que preciso é afastar devaneios e me tornar um ser humano.” E falou, voltando-se ao *Gran Maestro*:

— Tome outro *Carpano*.

— Meu coronel, consinta em que eu não tome. Por causa da úlcera.

— Está bem. Está bem. Naturalmente. Garçom! Como é seu nome, mesmo? Giorgio? Outro martíni seco. Sim, *secco, molto secco e doppio*.

“Criar e desmanchar visões... Não é essa a minha profissão. A minha profissão é matar homens armados”, pensou ele. “Matar uma visão? Só se ela se apresentar armada... Mas matamos tantas coisas que não estavam armadas. Ora muito bem, seu desmancha-visões, encolha-se!” E disse para o *Gran Maestro*:

— Você volta a ser o *Gran Maestro*. Quanto aos *condottieri*, que se fodam.

— Foi o que fizeram com eles, faz já muito tempo, Comandante Supremo.

— Perfeitamente — corroborou o coronel.

Mas a visão se desvanecera. Fora-se o sortilégio. O coronel declarou:

— Vamos nos ver no jantar. O que tem no cardápio?

— Tudo o que desejar. Se não tivermos, mandarei buscar.

— Vocês têm espargos frescos?

— O senhor sabe que nestes meses isso é impossível aqui. Só em abril, os que nos mandam de Bassano.

— Quer dizer que não poderei mudar o odor usual da minha urina... — considerou o coronel. — Escolha alguma coisa para o meu jantar.

— Jantar para quantos? — indagou o *maître*.

— Seremos duas pessoas — informou o coronel. A que horas vocês fecham o bistrô?

— Não se preocupe com a hora, meu coronel. Serviremos o jantar quando quiser.

— Farei tudo para chegar numa boa hora — prometeu o coronel. — Até logo, *Gran Maestro* — disse, sorrindo, e estendeu ao amigo a mão deformada.

— Até a vista, Comandante Supremo — respondeu o *Gran Maestro*. E o encantamento se restabeleceu, quase por completo.

Mas não totalmente. O coronel percebeu isso e pensou: “Por que continuo sendo um patife? Por

que não posso largar a farda e me tornar um homem bom e prestativo, como sempre desejei ser? Procuro sempre ser justo, mas sou brusco, bruto! E não é que eu tenha me colocado em guarda, erguendo o nariz contra meus superiores e o mundo. Eu seria um homem melhor sem esse sangue quente. É o que preciso fazer, neste pouco tempo que me resta. Vou tentar começar esta noite. Com quem? Onde? Deus me ajude a não ser mau.”

Chamou o *barman*, que tinha um rosto pálido de leproso, mas sem pápulas e sem o brilho prateado.

Giorgio não simpatizava muito com o coronel; ou então, por ser do Piemonte, não se importava com ninguém, o que aliás é compreensível... Um povo de província limítrofe é frio, não confia em ninguém. O coronel sabia disso e não era homem que esperasse alguma coisa de quem não a pudesse dar.

— Giorgio — disse ao *barman* de rosto lívido —, faça o favor de pôr na minha conta esta despesa.

Saiu caminhando, como sempre, com uma autoconfiança ligeiramente exagerada mesmo quando desnecessária. E, em seu sempre renovado plano de ser prestativo, afável e generoso, cumprimentou o porteiro, que era seu amigo, o subgerente, que falava a língua dos Souahélis e fora prisioneiro de guerra em Kenya, indivíduo cordato,

ainda moço, bonito, vistoso, muito experiente, mas ainda não admitido na Ordem.

— E o *cavaliere ufficiale*, que dirige o lugar aqui? O meu amigo?

— Não está — explicou o subgerente. — Mas não há de tardar, com certeza.

— Apresente-lhe os meus cumprimentos e mande alguém me mostrar o meu quarto.

— É o quarto de sempre. Ou quer outro?

— Não. O mesmo. Atenderam bem ao sargento?

— Está otimamente instalado.

— Bom.

O coronel seguiu para o seu quarto acompanhado pelo rapazola que levava a mala.

— Por aqui, meu coronel — orientou o garoto, quando o elevador parou fora de nível com o assoalho.

— Você ainda não sabe controlar um elevador direito?

— Não é isso, meu coronel. A corrente é que é instável.



O coronel não respondeu, e seguiu à frente do empregado, ao longo do corredor. Era um corredor comprido, largo e de pé-direito muito alto. Havia um intervalo longo e regular entre as portas dos quartos que davam para o Grande Canal. Naturalmente, como tinha sido um palácio, todos os quartos dispunham de excelente vista, exceto os que haviam sido feitos para a criadagem.

O coronel achou o percurso comprido demais, embora fosse uma distância bem curta, na verdade. E, quando o criado de quarto apareceu, baixo, moreno, com um olho de vidro luzindo na órbita esquerda, impedindo-o de completar o riso prestimoso, enquanto enfiava a grande chave na fechadura, o coronel enervou-se com a demora.

— Escancare logo essa porta!

— Estou tentando, meu coronel — respondeu o criado. — Mas o senhor sabe, estas fechaduras..!

“Sim”, pensou o coronel, “eu as conheço, mas queria que ela abrisse de uma vez.”

— Sua família, como vai? — perguntou ao empregado, que havia aberto a porta totalmente para o coronel entrar. Era um quarto com um armário alto e escuro, mas com um bom espelho, duas camas confortáveis, um grande candelabro e janelas, embora ainda estivessem fechadas, com vista para as águas batidas pelo vento do Grande Canal.

O Canal estava cinzento como aço, naquele cair da tarde rápido do inverno. O coronel pediu:

— Arnaldo, abra as janelas.

— Está ventando muito, meu coronel, e o quarto é mal-aquecido por causa da falta de força elétrica.

— Resultante da falta de chuvas... Ora! Abra essas janelas. Todas!

— Como queira, meu coronel.

O criado escancarou as janelas e o vento norte invadiu o quarto.

— Faça o favor de ligar para a portaria. E diga que telefonem para este número.

O empregado fez a chamada, enquanto o coronel entrava no banheiro.

— A *Contessa* não está em casa, meu coronel. Acham que o senhor pode encontrá-la no Harry's.

— No Harry's se encontra tudo o que existe na Terra.

— De fato, meu coronel. Exceto, creio eu,

felicidade.

— Posso encontrar essa maldita felicidade lá também — garantiu o coronel. — Como você sabe, a felicidade é uma festa ambulante.

— Sei disso — respondeu o criado. — Trouxe *campari bitters* e uma garrafa de gim Gordon. Posso lhe fazer um *campari* com gim e soda?

— Você é um bom rapaz. De onde trouxe a bebida? Do bar?

— Não. Comprei enquanto o senhor esteve fora, para que não precisasse gastar dinheiro no bar, onde tudo é caro.

— Lá isso é verdade — concordou o coronel. — Mas para que foi gastar seu dinheiro numa coisa dessas?

— Corri o risco. Ambos já não fizemos tanto disso? O gim custou 3.200 libras e é legítimo. O *campari* saiu a 800.

— Você é um ótimo rapaz. Que tal estavam os patos?

— Minha mulher até hoje não fala noutra coisa. Jamais tínhamos comido pato selvagem. São tão caros, sempre estiveram fora do nosso alcance. Mas um dos nossos vizinhos ensinou a ela como devia prepará-los, e esses mesmos vizinhos nos ajudaram a comê-los. Eu nunca imaginei que uma coisa assim fosse tão deliciosa. Quando ferrei os dentes na fatia de carne, senti um prazer incrível.

— Concordo com você. Não existe nada mais saboroso do que esses patos gordos assados no espeto em fogo brando. Você sabe que a rota de voo deles passa pelos grandes campos de trigo do Danúbio. Os que vêm para cá são bandos desgarrados, mas sempre seguiram o mesmo trajeto, desde antes de haver espingardas.

— Não sei nada sobre caçadas. Nossa gente é muito pobre.

— Mas muita gente sem dinheiro caça no Vêneto.

— É verdade. Ouvem-se os tiros a noite toda. Mas nós somos mais pobres mesmo do que esses caçadores. O coronel não pode fazer ideia de nossa miséria.

— Talvez faça.

— Pode ser. Minha mulher guardou também todas as penas dos patos e recomendou-me que eu lhe agradecesse muito.

— Se tivermos sorte depois de amanhã, arranharemos uma porção de patos enormes, com cabeças verdes. Diga a sua mulher que, com sorte, haverá muitos patos em sua mesa... gordos que nem leitões, depois de terem se alimentado lá entre os russos. E com bonitas penas também.

— Que acha dos russos, coronel, se não é indiscrição minha perguntar?

— São o nosso inimigo em potencial. Como

soldado, estou preparado para combatê-los. Mas gosto muito deles e jamais conheci povo tão simpático e tão parecido conosco.

— Nunca tive a sorte de conhecê-los.

— Mas vai conhecê-los um dia, rapaz. Com certeza. A não ser que o Honorável Pacciardi os detenha na linha do Piave, que é um rio em que já não corre água, depois de o represarem para usinas hidrelétricas. Talvez o Honorável Pacciardi queira resistir naquelas paragens. Mas não acredito que consiga manter-se lá por muito tempo.

— Não conheço o Honorável Pacciardi.

— Mas eu o conheço — retrucou o coronel. — E agora peça lá para baixo que toquem para o Harry's para ver se a *Contessa* está lá. Se não estiver, que liguem para a casa dela outra vez.

O coronel tomou a bebida que Arnaldo, o camareiro de olho de vidro, lhe preparou. Tomou-a a contragosto, sabendo que lhe faria mal. Mas virou-a com a truculência inconsequente de sempre, como em tudo o mais na vida; e se dirigiu que nem um gato, embora agora já um bichano envelhecido, para junto da janela aberta. Ficou contemplando o Grande Canal, que àquela hora já ia se tornando cinzento, como se Degas o houvesse pintado num de seus dias mais sombrios.

— Muito obrigado pelo drinque! — agradeceu ele ao Arnaldo, que lá do telefone respondeu com

um gesto de cabeça e sorriu com seu olho de vidro.

“Quisera que ele não tivesse de usar um olho de vidro!”, pensou o coronel, que sentia como se só conseguisse gostar de pessoas que tivessem estado na guerra ou houvessem sido mutiladas.

“Nada de errado com as outras pessoas, e até que você gosta delas. São bons amigos. Mas você somente se sente enternecido de verdade e só consegue amar aqueles que tenham recebido o castigo que recebem todos quantos permanecem tempo suficiente na frente de batalha.”

“É isso. Tenho essa tara por aleijados”, pensou, continuando a beber sem vontade. “E se algum filho da puta tiver sido ferido gravemente, como qualquer homem terá sido, se ficar por lá, então caio de amores por ele.”

“Isso mesmo”, apartou seu lado bom. “Você os ama!”

“Prefiro não amar ninguém”, refletiu o coronel. “Prefiro me divertir por aí.”

“E por acaso você consegue se divertir quando não está amando?”, indagou seu lado bom. E o coronel respondeu em tom baixo, para si mesmo: “Certo. Amo mais do que o maior filho da puta vivo no mundo.” E perguntou alto:

— Como é, Arnaldo? E esse telefonema?

O empregado explicou:

— Cipriani ainda não está lá, mas disseram que

esperam que ele chegue a qualquer momento. Então, estou aqui na linha para ver se ele chega e atende.

— Um sistema um tanto caro... Pergunte então quem está lá. Assim não perdemos tempo. Quero saber exatamente quem está lá.

Arnaldo pôs-se a falar ao telefone, em tom baixo, com os lábios bem perto do bocal. Depois o cobriu com a mão e disse para o coronel:

— Estou falando com Ettore. Diz ele que o barão Alvarito não está lá, mas que o conde Andrea está... E bêbado, já, mas não tanto que impeça que os senhores se distraiam. Está lá também o grupo de moças que comparece todas as tardes. Entre elas uma princesa grega que o senhor conhece. Mas há outros fregueses também que o senhor não conhece. Uma turma do consulado norte-americano está lá desde o meio-dia.

— Diga ao Ettore que toque para cá quando esses chatos forem embora. Só então irei para lá.

Arnaldo transmitiu o recado, depois se voltou para o coronel, que da janela contemplava a cúpula da Dogana:

— Ettore mandou dizer que vai tentar botar para fora a tal turma do consulado. Mas está com medo de fazer isso porque talvez o Cipriani não goste.

— Diga-lhe que não precisa mandar o pessoal

embora. Não há expediente num dia como hoje no consulado e assim essa gente tem direito de beber à vontade, como todo mundo. Apenas não quero encontrar com eles.

— Ettore manda dizer que vai telefonar depois. Pediu-me para lhe comunicar que acha que a posição cairá sozinha...

— Ah! Agradeça a ele — ordenou o coronel, enquanto observava uma gôndola se esforçar por subir o canal contra o vento. “Mas não com americanos bêbados... Sei que devem estar entediados, mesmo numa cidade como esta. Sei que aqui faz frio, que eles ganham pouco e que o combustível é caro. Admiro suas esposas pelos esforços formidáveis que fazem para transportar *Keokuk* aqui para Veneza. Os filhos já falam italiano como se tivessem nascido aqui. Mas nada de tumultos e fotografias hoje, Jack. Hoje vamos dar uma folga nessa história de fotografias, confidências trocadas num recanto de bar, brindes indesejáveis e queixas cacetes sobre os serviços consulares...”

A seguir, declarou, virando-se para Arnaldo:

— Hoje, Arnaldo, nada de segundo, terceiro ou quarto vice-cônsul.

— No consulado há pessoas muito amáveis.

— Claro! — concordou o coronel. — Em 1918, tínhamos aqui um cônsul que era uma maravilha. Todos gostavam dele. Quero ver se me recordo do

nome.

— Em 1918? Puxa! O senhor está puxando a memória de bem longe, meu coronel.

— Quando eu volto no passado, volto tanto que perde a graça, droga!

— Mas se lembra bem desse tempo?

— Lembro tudo. O homem chamava-se Carroll.

— Ouvi falar nele.

— Você não era sequer nascido.

— O senhor acha que é preciso ter nascido no tempo em que aconteceram as coisas para saber o que aconteceu, nesta cidade, meu coronel?

— Você agora disse tudo. Então, todos sabem sempre tudo o que acontece nesta cidade?

— Todos, não. Mas quase todos — respondeu o empregado. — Afinal de contas, lençóis são lençóis, alguém tem que trocá-los e alguém tem que lavá-los. Naturalmente não estou me referindo aos lençóis deste hotel.

— Fiz muita farra na minha vida sem precisar de lençóis.

— Claro que sim. Mas os gondoleiros, por mais que sejam bons amigos, e, para mim, os melhores sujeitos desta cidade, estão sempre conversando um bocado entre eles.

— Lógico.

— Depois, o clero. Embora nunca violem o segredo de confissão, falam entre si.

— Compreende-se.

— As arrumadeiras das casas tagarelam umas com as outras.

— Estão no seu direito.

— Por fim, os garçons — disse Arnaldo. — As pessoas sempre falam alto na mesa, como se os garçons fossem surdos que nem pedras. O garçom, de acordo com seus preceitos, procura não prestar atenção nas conversas. Mas sempre acaba escutando, sem querer, alguma coisa. Claro que nós também trocamos nossas impressões. Aqui neste hotel, nunca, como o senhor sabe! Quanto a isso, ponho minha mão no fogo.

— Acho que estou apreendendo bem seu raciocínio.

— Sem falar nos *coiffeurs*... nos cabeleireiros.

— E que novidades correm pelas imediações de Rialto, agora?

— No Harry's, o senhor ficará sabendo de tudo. Exceto na parte que lhe diz respeito.

— Que me diz respeito? Então, estou entre as novidades?

— Todos sempre sabem de tudo.

— Bem, não deixa de ser uma história agradável.

— Algumas pessoas, porém, não compreendem suas referências a Torcello.

— Raios me partam se eu próprio as

compreendo, às vezes.

— Meu coronel, se não acha indiscreta a pergunta, que idade o senhor tem?

— Cinquenta mais um. Por que não perguntou ao porteiro? Eu preenchi uma ficha destinada à Questura.

— Queria ouvir da sua própria boca e congratulá-lo pessoalmente.

— Congratular-se comigo? Não sei por quê!

— De qualquer forma, deixe que eu me congratule.

— Não aceito isso!

— O senhor é muito querido nesta cidade, sabe?

— Agradeço. É um grande cumprimento.

Nisso, o telefone tocou.

— Deixe que eu atendo — disse o coronel, que daí a momentos ouviu a voz de Ettore perguntando: “Quem fala?”

— O Coronel Cantwell.

— A posição caiu, meu coronel.

— Que direção eles tomaram?

— Seguiram para a Piazza.

— Ótimo. Vou já para aí.

— Quer que lhe reserve uma mesa?

— No canto — pediu o coronel, e desligou. Em seguida explicou a Arnaldo:

— Vou para o Harry's.

— Boa caça...

— Depois de amanhã, antes que o sol nasça, estarei caçando patos num bote lá junto aos mangues.

— Deve fazer bastante frio.

— Calculo que sim — concordou o coronel, enfiando o casaco de trincheira e olhando o próprio rosto no espelho grande enquanto punha o boné.

— Que cara feia! — falou ele para o espelho.
— Já viu uma cara mais feia?

— Já, sim, senhor — respondeu Arnaldo. — A minha. Vejo-a todas as manhãs quando me barbeio.

— Nós dois devíamos fazer a barba no escuro — disse-lhe o coronel, e saiu porta afora.



Deixando o terraço do Gritti Palace Hotel, o Coronel Cantwell ainda alcançou os últimos raios de sol daquele dia. No lado oposto da praça, o sol ainda batia, mas os gondoleiros preferiam se proteger do vento frio, enfileirando-se ao longo do cais do Gritti a colocarem-se no outro lado do ancoradouro que, apesar de aquecido pelo sol, estava exposto às rajadas.

O coronel reparou nisso e depois virou à direita, atravessou a praça e tomou a rua calçada que dobrava também à direita. Antes, parou um momento para contemplar a igreja de Santa Maria del Giglio.

“Uma construção bonita, compacta e ainda assim parece prestes a alçar voo...!”, pensou. “Nunca imaginei que uma pequena igreja pudesse se parecer tanto com um P47. Preciso verificar quando foi construída e quem a construiu. Que diabo! Como eu gostaria de passar o resto da vida passeando por esta cidade. Pelo resto da vida...!”

Ora, que piada! Uma piada para se fazer piada com ela! É querer gozar da própria desgraça! Vamos, rapaz. Nenhum cavalo com o nome de Desenganado jamais ganhou uma corrida.”

“Além disso”, pensou, enquanto olhava para as vitrinas das diversas lojas por que passava — charcutarias com queijos *Parmesan*, presuntos de San Daniele, salsichas *alla cacciatora*, garrafas de ótimo uísque escocês, com gim Gordon legítimo, cutelarias, casas de antiguidades com algumas boas peças, mapas interessantes e antigas telas, um restaurante de segunda ordem disfarçado com decoração de estabelecimento de primeira classe, e logo veio a primeira ponte, atravessando um canal adutor, com alguns degraus a subir... — “A verdade é que não me sinto assim tão mal. Apenas a zoeira. Lembro quando começou. Pensei até que fossem gafanhotos, uma praga de sete anos, nas árvores. A princípio não quis perguntar ao jovem Lowry, mas não resisti. Ele me respondeu: ‘Não, general. Não estou ouvindo grilos nem gafanhotos. A noite está perfeitamente silenciosa. Só um ou outro ruído natural.’”

Então, ao galgar os degraus, sentiu a pontada, mas logo se distraiu olhando para duas raparigas vistosas que vinham em sua direção. Eram bonitas, estavam sem chapéu, os vestidos eram modestos, mas graciosos, e conversavam depressa. O vento

lhes agitava os cabelos, enquanto venciam os degraus com suas pernas longas e suas passadas largas, bem ao estilo dos venezianos. Foi o quanto bastou para o coronel considerar: “É melhor eu parar de ficar à toa, olhando vitrinas, e chegar logo à segunda ponte. Dali, mais dois blocos, uma dobrada à direita e ir em frente até chegar ao Harry’s.”

Foi o que fez. Antes de chegar à segunda ponte, tornou a sentir a pontada, mas prosseguiu com o passo de sempre, dirigindo o olhar de relance às pessoas que passavam. “Tem um bocado de oxigênio nesse ar daqui”, refletiu, seguindo de encontro ao vento, aspirando sempre profundamente.

Logo estava empurrando a porta do Harry’s. Entrou, soltou-a e sentiu-se em casa.

Junto ao balcão, um homem alto, gigantesco, com um rosto devastado de aristocrata, olhos azuis radiosos, um corpo comprido e relaxado de animal selvagem, exclamou:

— Olá, meu velho e depravado coronel!

— Meu Andrea patifório!

Abraçaram-se, e o coronel sentiu a textura áspera do elegante casaco de *tweed* de Andrea. Um casaco que já devia ter vinte anos de uso.

— Você me parece ótimo, Andrea — disse-lhe o coronel.

Mentira. Ambos sabiam que era mentira.

— Estou, sim — concordou Andrea, reforçando a mentira. — Preciso confessar que nunca me senti melhor. E você está com uma esplêndida aparência também.

— Obrigado, Andrea. Nós, vigorosos e sadios bastardos, herdaremos a terra.

— Ideia admirabilíssima. E dizer-se que eu já não contava herdar mais nada nestes tempos que correm!

— Não terá do que se queixar. Herdará bem um metro e oitenta e quatro de chão.

— Um metro e oitenta e seis — corrigiu Andrea. — Seu velhaco caquético! Com que então continua literalmente escravizado a *la vie militaire*?

— Não é uma escravidão assim tão árdua — brincou o coronel. — Tanto que vou caçar lá para as bandas de San Relajo.

— Eu sei. Mas não é por isso que vai começar a fazer trocadilhos em espanhol a uma hora dessas. Alvarito esteve à sua procura. Deixou recado, não vai demorar.

— Ótimo. E a sua mulher, como vai? E como vão as crianças?

— Esplendidamente. Encarregaram-me até de, caso eu o visse, lhe dar lembranças. Estão em Roma. Aí vem a sua garota. Uma delas.

Ele era tão alto que podia enxergar a rua já

quase escura, mas aquela era uma garota que se poderia reconhecer mesmo que estivesse ainda mais escuro.

— Convide-a para beber aqui conosco antes de carregá-la para a mesa do canto. É uma moça lindíssima, não é?

— É, sim.

Nisso, ela entrou na sala, irradiando mocidade, alvoroçante beleza e absoluta indiferença pelo estado em que o vento lhe pusera os cabelos. Tinha um rosto pálido, dum tom quase de oliva, um perfil que arrasava o seu coração ou o de qualquer pessoa. Seus cabelos pretos, lembrando um tecido vivo, lhe desciam até os ombros.

— Olá, minha suprema beleza! — exclamou o coronel.

— Oh! Oh! Olá. Como vai? — respondeu ela. — Pensei que já não o encontrava. Desculpe o atraso.

Falava em tom baixo e delicado, exprimindo-se em inglês não muito fluente. A seguir, cumprimentou Andrea:

— *Ciao*, Andrea. Como vai Emilia? As crianças estão bem?

— Provavelmente continuam como estavam quando ao meio-dia lhe respondi a essa mesma pergunta.

— Oh! Então, desculpe, sim? — pediu ela,

enrubescendo. — Ando tão nervosa que vivo repetindo o que digo. Que devo lhe perguntar então? Passou uma boa tarde aqui no bar?

— Como sempre, na companhia do meu velho amigo e severíssimo crítico.

— Que amigo? Que crítico?

— Uísque escocês com água.

— Ah, deve ser um crítico dos mais implacáveis — replicou para o coronel. — Mas você não vai começar a me criticar, não é verdade? Você nunca vai brigar comigo, não é?

— Menina! Leve esse sujeito aqui para aquela mesa no canto e vão conversar. Já me enchi dos dois.

— Já você não me cansa — interveio o coronel. — Acho, porém, que a sua ideia é boa. Vamos beber qualquer coisa, Renata?

— Gostaria ... mas Andrea está tão zangado...

— Não me zango nunca.

— Toma um drinque conosco, Andrea?

— Não. Tratem de ocupar aquela mesa. Vê-la vazia me deixa doente.

— Adeus, caro. Obrigado pela bebida que não tomamos.

— *Ciao*, Ricardo — disse Andrea. E foi tudo.

Ele voltou-lhes as costas amplas e gigantescas e olhou para o espelho do mesmo tipo que se coloca sempre, na parede atrás de todos os bares, para que

o freguês repare que está bebendo demais e decida se gosta ou não do que vê refletido ali. Andrea chamou o *barman* e lhe disse:

— Ettore. Faça o favor de pôr a despesa na minha conta.

A seguir, dirigiu-se para a saída, esperou tranquilamente que lhe trouxessem seu sobretudo, dentro do qual oscilou um pouco, deu a gorjeta apropriada ao homem que o trouxe, mais vinte por cento.

Lá na mesa do canto, Renata considerou:

— Acha que o magoamos?

— Não. Ele gosta de você e simpatiza comigo.

— Andrea é tão bom! E você é tão bom também!

O coronel chamou o garçom e perguntou a Renata:

— Você também quer um martíni seco?

— Sim, adoraria tomar um.

— Dois martínis bem secos — pediu o coronel.

— Montgomery. Quinze por um.

O garçom, que estivera no deserto, sorriu e se retirou. Então o coronel se voltou para Renata e disse:

— Você está linda. Está elegantíssima e adorável. E eu a amo.

— Sempre diz isso. Não sei o que significa, mas gosto de ouvir.

— Com que idade está agora?

— Vou fazer dezenove. Por quê?

— E com dezenove anos não sabe o que isso quer dizer?

— Não sei nada. Como havia de saber? Os norte-americanos sempre dizem isso quando estão indo embora. Acho que é uma necessidade deles dizer isso. Mas eu também o amo muito, mesmo sem saber o que isso significa.

— Certo, vamos apenas nos divertir — comemorou o coronel. — Não precisamos pensar em absolutamente nada.

— Bem que eu gostaria. A esta hora do dia, não consigo pensar direito seja no que for.

— Pronto. Chegaram as bebidas. Lembre-se de não dizer *tim-tim*...

— Estou sempre alerta. Nunca digo *tim-tim*! nem: *à sua saúde!* E também não viro o copo de borco.

— Limitamo-nos sempre a erguer o copo um para o outro. Mas agora, se quiser, podemos tocar nas bordas.

— Quero sim.

Os martinis estavam geladíssimos, eram autênticos Montgomery. Depois que brindaram, sentiram a bebida se expandir pelo peito abaixo.

— Então? O que andou fazendo esse tempo todo? — perguntou o coronel.

— Nada. Estou ainda à espera de ir para a escola.

— Para onde, desta vez?

— Sei lá! Para onde possa aprender inglês.

— Vire o rosto e erga o queixo para mim.

— Não está caçoando?

— Não. Estou falando sério.

Renata virou a cabeça e ergueu o queixo, sem vaidade nem coquetismo. O coronel sentiu o coração revirar-se dentro do peito, como se um animal em hibernação tivesse remexido em sua toca, assustando, deliciosamente, o outro animal adormecido ao seu lado.

— Oh, Renata! — exclamou ele. — Consente que eu a declare Rainha dos Céus?

— Seria um sacrilégio.

— Acha? Bem, nesse caso está retirado.

— Richard... — principiou ela. — Não... Não posso dizer.

— Diga.

— Não.

“Ordeno que diga!”, pensou o coronel. Mas Renata imediatamente retrucou, ante aquela expressão dele:

— Por favor, jamais me olhe assim.

— Peço desculpas. Inconscientemente me portei como se estivesse na caserna.

— E se estivéssemos, por exemplo, casados,

você se portaria em casa como num quartel?

— Não. Juro que não. Nunca faria isso. Asseguro-lhe de coração.

— Com ninguém?

— Com ninguém do seu sexo.

— “Seu sexo...” Não gosto dessa expressão. Ouvi-la da sua boca me dá a impressão de que você está exercendo sua profissão.

— Jogo a droga da minha profissão por esta excomungada janela abaixo, lá no Grande Canal.

— Assim. Viu? Você logo recai nos tais hábitos de caserna.

— Está bem. Amo você, e a minha carreira pode ter a gentileza de não me atrapalhar.

— Deixe-me sentir sua mão — pediu ela. — Não se preocupe. Ponha-a em cima da mesa.

— Você manda — respondeu o coronel.

— Não! Não diga isso. Quis apenas tocá-la, senti-la... Sabe por quê? Imagine que na semana passada estive sonhando com ela todas as noites... Sim, acho que quase todas as noites. Era um sonho confuso. Eu sonhava que era a mão de Nosso Senhor.

— Isso é mau! Como é que foi sonhar uma coisa dessas?

— Sei que é mau. Mas foi isso o que eu sonhei.

— Escute, não anda tomando drogas, não é?

— Não entendo o que quer dizer e por favor

não deboche quando eu estiver lhe falando a sério alguma coisa. Contei a você exatamente o que sonhei.

— O que era que a minha mão fazia?

— Nada. Ou talvez eu não esteja explicando direito. A mão aparecia de repente e mais nada.

— Esta mão, aqui? Esta mesmo? — insistiu o coronel olhando com ar carrancudo para a sua mão deformada e se lembrando do que acontecera por duas vezes para ela ficar daquele jeito.

— Sim, essa, tenho certeza. Posso tocá-la cuidadosamente com os meus dedos, sem machucar? Dói?

— Não dói. Só sinto dor na cabeça, nas pernas e nos pés. Não creio que esta mão tenha ficado com qualquer sensibilidade.

— Não diga isso, Richard. Ela está bastante viva.

— Não gosto muito de olhar para ela. Não será melhor mudarmos de assunto? Que lhe parece?

— Naturalmente. Mas você não tem de sonhar com isso. Nem pensar.

— Ora! Tenho outros sonhos.

— Claro. Imagino que sim. Apenas quis lhe dizer que ultimamente dei para sonhar com esta sua mão. Mas, agora que a toquei com o maior cuidado, podemos conversar sobre coisas alegres, se preferir. Que assunto engraçado poderíamos descobrir para

tema de nossa conversa?

— Olhar para as pessoas e fazer comentários.

— Formidável — concordou ela. — Mas sem malícia. Apenas com muita vivacidade. A sua e a minha.

— Ótimo — comemorou o coronel. — Garçon, *ancora due Martini*.

Não gostou de ter de pedir dois Montgomery em tom alto porque na mesa próxima se achavam dois típicos britânicos.

“O homem”, pensou ele, “quem sabe se já não foi ferido? Pelo jeito, não parece. Mas Deus me ajude a não ferir suscetibilidades e a olhar só para os olhos de Renata. São sem dúvida o que ela possui de mais bonito, com essas pestanas longas, como nunca vi. Uns olhos que ela só usa para olhar em cheio e com sinceridade. Ah! Mas que garota extraordinária! E que é que estou fazendo aqui, afinal de contas? Ora, seu depravado! Esta criatura é o seu último verdadeiro e único amor, e isso não é um mal. Será quando muito uma ironia do destino... Não! Meu sentimento é muito afortunado, que diabo, e eu também sou afortunadíssimo!”

Achavam-se sentados a uma pequena mesa no canto da sala, e à direita deles, numa mesa maior, estavam quatro mulheres. Uma delas estava de luto. Um luto tão teatral que fez o coronel se lembrar de *lady* Diana Manners fazendo o papel de monja na

peça *O Milagre*, de Max Reinhardt. A mulher tinha um rosto atraente, lúcido, jovial por natureza, e aquele luto era incongruente.

Uma outra mulher sentada na mesma mesa tinha os cabelos três vezes mais brancos do que eles podem ficar ou, pelo menos, foi o que pensou o coronel. Ela também tinha um semblante agradável. As duas outras mulheres tinham fisionomias inexpressivas.

— Serão lésbicas? — perguntou ele a Renata.

— Não sei. Todas elas têm aparência de gente direita.

— Eu diria que são lésbicas. Mas talvez apenas sejam muito amigas. Não serão ambas as coisas? Tanto faz. Aliás, não estou criticando.

— Você fica ótimo quando é gentil.

— Acha que a palavra *gentleman* significa um homem que é gentil?

— Não sei — respondeu a moça; e passou os dedos, muito de leve, pela cicatriz da mão deformada. — Mas gosto muito de você quando é gentil.

— Vou me esforçar para ser sempre gentil — admitiu o coronel. — Quem será aquele filho da puta que está na mesa à esquerda das mulheres?

— Você não consegue ser gentil por muito tempo, Richard! Está bem. Vamos perguntar ao Ettore.

Olharam para o homem da terceira mesa. Tinha um rosto esquisito, como o de uma doninha gigante ou um furão atrapalhado. Suas faces tinham marcas de varíola e eram rugosas como as montanhas da lua vistas através de um telescópio ordinário. Um rosto que deveria parecer com o de Goebbels, caso *herr* Goebbels se achasse num avião em chamas sem tempo de pular fora antes de o fogo atingi-lo.

Na cabeça, por cima desse rosto que parecia estar incessantemente espiando a sua volta, como se a resposta fosse dada mediante aquelas olhadelas inquisitivas, havia um cabelo preto que parecia não ter conexão alguma com a raça humana. Era como se o homenzinho tivesse sido escalpelado e depois lhe houvessem replantado o cabelo. “Um sujeito interessante”, pensou o coronel. “Seria algum patricio? Devia ser.”

Um perdigoto espirrou do canto da boca do homenzinho ao falar — sem nunca deixar de espionar ao seu redor — com a mulher idosa e atarracada que o acompanhava. “Ela parece a mãe de alguém, como nas legendas das fotografias do *The Ladies Home Journal*.” Era uma das publicações que o Clube dos Oficiais de Trieste recebia regularmente, e o coronel sempre a folheava quando chegava. Achava-a uma revista formidável porque combinava sexologia com alimentos

vistosos, deixando-o faminto em ambos os sentidos.

Mas, quem seria aquele indivíduo? Lembrava a caricatura de um norte-americano que tivesse sido aberto até a metade com uma faca de açougueiro e depois aferventado ligeiramente em azeite. “Ah! Com estes pensamentos não estou sendo nada gentil”, pensou o coronel.

Ettore, com seu rosto descarnado, seu amor pelo sarcasmo e seu fundamental e permanente desrespeito, passou por perto e o coronel lhe perguntou baixo, chamando-o:

— Quem é aquele personagem tão característico?

Ettore encolheu os ombros e meneou a cabeça.

O homem era baixo e moreno, com um cabelo preto e lustroso que não combinava absolutamente com o seu rosto singular. Parecia que crescera e esquecera de trocar a peruca à medida que ia ficando mais velho. Tinha um semblante formidável, no entanto, e a pele lembrava as montanhas áridas perto de Verdun. Por acaso, não seria Goebbels? E ele imaginou aquele rosto nos últimos dias, quando estiveram todos representando o *Götterdämmerung. Komm'Suesser Tod!* Vem, ó, doce morte! A verdade é que todos tinham acabado arranjando para si um belo pedaço de Suesser Tod, no final das contas!

— Você aceita um bom sanduíche Suesser Tod,

Renata?

— Acho que não — respondeu a jovem —, embora goste de Bach e tenha certeza de que Cipriani me faria um bom sanduíche.

— Mas não estava falando contra Bach — explicou o coronel.

— Eu sei.

— Ora, diabos! Bach foi praticamente um cobeligerante. Como você também foi — acrescentou ele.

— E agora você se volta contra mim?!

— Filha! Quando vai aprender que devo brincar assim exatamente porque a amo?

— Aprendi agora. Mas deve saber que a graça é não tornar a brincadeira rude demais.

— Ótimo. Obrigado pela lição.

— Quantas vezes pensa em mim durante a semana?

— O tempo todo.

— Não. Fale verdade.

— O tempo todo. Verdade!

— Acha que toda gente passa por essa tortura?

— Não sei — confessou o coronel. — Ora, aí está uma coisa que não sei.

— Espero que nem todos passem por isso. Não supunha que fosse assim tão difícil.

— Agora sabe, não é?

— Sei — replicou a moça. — Agora eu sei. Sei

e continuarei sabendo de agora para todo o sempre. É essa a maneira certa de dizer isso?

— Saber agora já basta — explicou o coronel.
— Ettore! Aquele sujeito ali, com uma cara esdrúxula, e a simpática matrona que está com ele não estão no Gritti, estão?

— Não, coronel — informou Ettore. — Ele está hospedado aqui ao lado, mas às vezes vai comer no Gritti.

— Muito bom — comemorou o coronel. — Sempre que eu estiver desanimado, vai me fazer bem ver um rosto desses. Quem é a mulher com ele? É esposa, mãe ou filha dele?

— Agora o senhor me pegou! — admitiu Ettore. — Não temos nenhuma pista desse camarada aqui em Veneza. Não chegou a despertar curiosidade ou simpatia, implicância ou suspeita. Quer mesmo saber alguma coisa a respeito dele? Posso perguntar ao Cipriani.

— Vamos deixar ele pra lá — sugeriu Renata.
— Não é assim que vocês costumam dizer?

— É sim. Certo, vamos deixá-lo em paz.

— Nosso tempo é tão curto, Richard! Por que desperdiçarmos com coisas assim?

— Estive observando esse sujeito como quem analisa um desenho de Goya. Há rostos que parecem quadros.

— Então olhe para o meu rosto e eu olharei

para o seu. Deixe o homem de lado, por favor. Ele não está fazendo mal a ninguém.

— Então, ficarei olhando para o seu rosto. Mas não olhe para o meu.

— Por que não? Isso não está direito — objetou ela. — Preciso me lembrar bem dele, a semana inteira.

— E o que eu faço?

Ettore reapareceu. Como bom veneziano, tratou logo de conspirar juntando as necessárias informações sem perder tempo.

— O meu colega, que trabalha no hotel onde ele está, diz que o homenzinho toma três ou quatro *highballs*, depois se põe a escrever interminavelmente pela noite adentro.

— Ouso dizer que deve ser algo maravilhoso de se ler!

— Pode ser... — desdenhou Ettore. — Mas não era esse o método de Dante.

— Dante foi um outro *vieux con* — declarou o coronel. — Quero dizer, como homem. Não como escritor.

— Concordo plenamente — afirmou Ettore. — Acho que o senhor não encontrará uma só pessoa fora de Florença, que tenha estudado a vida dele, que não concorde também.

— Dane-se Florença — exclamou o coronel.

— Hum! Ora, aí está uma operação difícil —

aparteou Ettore. — Muitos tentaram, mas esses poucos conseguiram a danação para si mesmos. Por que não gosta de Florença, meu coronel?

— É complicado demais para explicar. Florença foi o *depósito* do meu antigo regimento, quando eu era rapaz.

— Compreendo. Também tenho minhas razões para não gostar de Florença. De que cidade o senhor gosta de verdade?

— Desta aqui — asseverou o coronel. — Duma parte de Milão. De Bolonha. De Pérgamo.

— Cipriani tem um grande sortimento de *vodka*, no caso de os russos aparecerem — confidenciou Ettore, querendo caçar.

— Eles trarão *vodka*, e do *dutty-free*.

— Mesmo assim, creio que Cipriani está preparado para recebê-los.

— Então, ele é o único homem que já se preparou — afirmou o coronel. — Avise-o para não receber nenhum cheque do Banco de Odessa que a jovem oficialidade queira lhe passar. Agradeça a ele também as informações sobre aquele meu compatriota. Não quero tomar mais o seu tempo, Ettore.

Ettore retirou-se. Renata virou-se para o coronel, fitou-lhe os olhos cor de aço, pôs as duas mãos sobre a sua mão deformada e disse:

— Você foi gentilíssimo.

— E você é lindíssima e eu a amo.

— Não deixa de ser um prazer escutar isso.

— E o nosso jantar? Como é que vamos fazer?

— Tenho que telefonar para casa para saber se posso sair.

— Por que essa expressão triste, de repente?

— Eu?

— Sim.

— Não estou triste, em absoluto. Sinto-me feliz como sempre. Verdade! Pode acreditar, Richard, por favor. Mas você gostaria de ser uma jovem de dezenove anos que amasse um homem de cinquenta que estivesse em perigo de vida?

— Você se expressou com toda franqueza, desta vez — redarguiu o coronel. — Mas fica lindíssima quando faz isso.

— Sou incapaz de chorar — lamentou Renata. — Não choro nunca. Faço questão de ser forte. Mas agora sinto vontade de chorar.

— Não faça isso — rogou o coronel. — Estou bom agora, e o resto que vá para o inferno.

— Diga outra vez que me ama.

— Amo você. Adoro você. Idolatro você.

— Fará tudo para não morrer, não é?

— Farei.

— O que foi que o médico disse?

— Que eu estava assim... assim.

— Não o achou pior.

— Não — mentiu ele.

— Então, vamos tomar outro martíni — disse Renata. — Você sabe que só tomo martínis quando nos encontramos.

— Eu sei. Mas os bebe tremendamente bem.

— Não será bom você tomar o seu remédio?

— É melhor, sim.

— Posso dá-lo a você?

— Pode, sim.

Permaneceram sentados na mesa do canto. Algumas pessoas saíam e outras entravam. O coronel sentiu-se um pouco tonto com o remédio, e ficou quieto. “Sempre fico assim um pouco tonto, depois”, pensou ele. “Dane-se!”

Vendo que Renata o observava, sorriu-lhe com aquele antigo sorriso que já tinha havia cinquenta anos, desde a primeira vez que surgira em seu rosto. Um sorriso sonoro, tão sonoro como a velha espingarda *Purdey* do avô. “Acho até que meu irmão ainda a tem”, pensou. “Aliás, meu mano sempre atirou melhor do que eu. Ele merecia ganhá-la.”

— Escute, filha. Não fique triste por minha causa.

— Não estou triste, de maneira nenhuma. Amo você, e é tudo.

— E isso não é uma tarefa das mais fáceis, não é?

Na verdade, disse *oficio* em lugar de tarefa, porque, juntos, também falavam espanhol, quando se cansavam do francês ou não queriam falar inglês diante de outras pessoas. “O espanhol é um idioma rude”, pensou o coronel. “Mais rude e mais áspero do que um sabugo, às vezes. Mas nele se acham as palavras adequadas para as coisas. O efeito é direto.” E repetiu, alto:

— Amar-me *es un oficio bastante malo*.

— Pode ser. Mas é o único que eu tenho.

— Não tem escrito mais poemas?

— Eram poemas de menina. Como a pintura juvenil. Em determinada idade, toda gente tem certo talento para tudo.

O coronel refletiu: “Em que idade se envelhecerá nestas bandas? Ninguém chega a parecer velho em Veneza, embora todo mundo cresça logo. Eu próprio cresci rapidamente no Vêneto e jamais me senti tão velho como quando tinha vinte e um anos.

— Como está sua mãe? — perguntou ele, carinhosamente.

— Vai muito bem. Não recebe nem faz visitas. Ainda está de luto!

— Acha que ela se afligiria se tivéssemos um filho?

— Não sei. Mamãe é muito inteligente, você sabe. Mas tenho que me casar com alguém, acho

eu. No entanto, não é o que eu quero...

— Mas podemos nos casar.

— Não — afirmou ela. — Tenho pensado muito nisso e concluí que não devemos fazer isso. Foi uma decisão que tomei, como não chorar mais na vida.

— Talvez, você ande tomando decisões erradas. Deus sabe que eu também resolvi mal certos problemas. Quantos homens não morreram por causa de erros meus?

— Acho que você está exagerando. Não acredito que tenha errado tanto assim.

— Não foram muitos erros... — atalhou o coronel. — Mas errei o suficiente. Três erros na minha profissão é muita coisa, e cometi esses três erros.

— Gostaria de saber quais foram.

— Você ficaria entediada. Recordá-los é difícil para mim, hoje em dia. Então, como vão interessar a uma pessoa de fora?

— Sou uma pessoa de fora?

— Não. Você é o meu amor verdadeiro. O meu único e verdadeiro amor.

— E os cometeu cedo ou tarde? Os erros...

— Errei no princípio, no meio e no fim.

— Não quer me contar? Eu gostaria de compartilhar suas más lembranças também.

— Que tudo isso vá para o diabo! Cometi tais

erros e paguei bem caro por eles. Você acha que também tem que pagar?

— Bem, poderia pelo menos me contar... dizer por que errou.

— Não! — declarou o coronel, encerrando a questão.

— Então vamos nos divertir.

— Isso, sim! Com a nossa vida, que é uma só.

— Talvez haja outras. Outras vidas.

— Não acredito nisso — ponderou o coronel.

— Vire a cabeça para o lado, beleza.

— Assim?

— Assim. Exatamente assim — falou o coronel, pensando a seguir: “Eis-nos chegados ao último *round*, mas ignoro até mesmo o número do *round*. Só amei três mulheres e perdi todas as três. A gente as perde da mesma forma que perde um batalhão. Por erros de discernimento, devido a ordens impossíveis de cumprir, por causa de condições insolúveis. E por causa da brutalidade também. Durante a minha vida perdi três batalhões e três mulheres. E agora tenho uma quarta, a mais admirável, e onde, raios, irá tudo isso acabar?

Diga para mim, general... e a propósito, já que estamos discutindo o caso, enquanto se debate francamente a situação, não se tratando em nenhum sentido de um Conselho de Guerra, como tantas vezes você me perguntou, general: ‘GENERAL,

ONDE ESTÁ A SUA CAVALARIA?’

Tenho pensado muito sobre isso... O oficial em comando não sabe onde está a sua cavalaria. Esta, por sua vez, não está bem a par da própria situação nem da própria missão. E os soldados irão, boa parte deles, mais do que um número suficiente, sujar o campo de batalha, como a cavalaria sempre fez em todas as guerras, desde que são eles, a cavalaria, que dispõem, é lógico, dos cavalos.

Voltou-se para Renata e disse-lhe.

— Beleza. *Ma très chère et bien aimée*. Sou um estúpido. Perdoe-me, sim?

— Você nunca foi estúpido comigo. Eu o amo e tudo o que desejo é que esta noite fiquemos alegres.

— Alegres? Ficaremos alegres. Por que não? — brincou o coronel. — Você tem em mente alguma ideia especial, algo que nos divirta de fato?

— Temos a nós. Temos a cidade. Quantas vezes isso não bastou para você ficar alegre!

— É verdade — confirmou o coronel.

— Por que não hoje?

— Claro. Lógico. Por que não?

— Está vendo aquele rapaz com uma onda no cabelo? O cabelo dele é naturalmente assim. Ele apenas o ajeitou melhor para ficar mais interessante.

— Sim, o que tem ele?

— É um pintor muito bom, mas tem dentes

postiços na frente porque era um *pédéraste* e outros *pédérastes* o atacaram no Lido numa noite de lua cheia.

— Que idade você tem mesmo?

— Dezenove anos.

— E como é que sabe essas coisas?

— Foi um gondoleiro que me contou. Atualmente, aquele moço é tido como um de nossos melhores pintores. Não temos muitos bons pintores, hoje em dia. Mas que coisa, não? Com vinte e cinco anos e já com dentes postiços.

— Eu amo você de todo o coração.

— Eu também o amo de coração, mas não sei o que significam essas palavras no seu idioma. Acontece que, contra toda a minha lucidez, e com toda a minha esperança, eu também o amo, no sentido que isso tem em italiano.

— Não devíamos pedir demais, que diabo... porque sempre corremos o risco de que nossos desejos sejam satisfeitos.

— Concordo — admitiu ela. — Mas gostaria de obter o que desejo agora.

Ficaram em silêncio por instantes, que Renata quebrou, por fim, dizendo:

— Aquele rapaz... bem, ele já é um homem, claro... Costuma sair com diversas mulheres para esconder o que é, realmente. Certa ocasião, pintou meu retrato. Se quiser, eu o dou a você.

— Obrigado. Gostaria, sim.

— Um retrato muito romântico. Meu cabelo está duas vezes mais comprido do que é e eu pareço estar saindo do mar sem ter molhado a cabeça. Você sabe que sempre que se sai do mar o cabelo fica muito liso e compacto nas pontas. Mas no retrato pareço mais um rato que acabou de ser morto. Papai pagou caro pelo retrato. Não sou eu, ali, mas estou nele de uma maneira que você gosta de me imaginar.

— É verdade, sempre penso em você saindo do mar.

— Claro. Bem feita. Mas, quem sabe, gostaria de ficar com esse retrato como um *souvenir*?

— Sua adorável mãe não se importaria?

— Não, mamãe não se importaria. Acho até que iria gostar de se ver livre dele. Temos telas melhores em casa.

— Gosto muitíssimo de você e de sua mãe também.

— Vou dizer isso a ela.

— Escute, acha que aquele panaca de cara bexiguenta é realmente um escritor?

— Se Ettore disse, deve ser. Ettore gosta de caçoar, mas não prega mentiras. Richard, o que é um panaca? E diga a verdade!

— É um pouco difícil explicar. Acho que significa um homem que nunca se realizou

realmente numa carreira (*ofício*), mas que é tão presunçoso que se torna intolerável.

— Quero aprender certo para empregar o termo bem.

— Não, é uma palavra que você não deve dizer — advertiu o coronel, acrescentando logo a seguir: — Quando é que você me manda o retrato?

— Esta noite mesmo, se quiser. Mandarei alguém embrulhá-lo e entregá-lo. Onde vai pendurá-lo?

— Na minha suíte no hotel.

— E quem entrar não fará observações maldosas, nem falará mal de mim?

— Não! Ninguém terá essa coragem. Além do mais, direi que é o retrato de minha filha.

— Você tem uma filha?

— Não, mas bem que quis uma.

— Posso ser tudo para você, inclusive sua filha.

— Mas... seria um incesto.

— E daí? Isso não seria nada tão terrível assim, numa cidade tão antiga como esta e que já viu o que Veneza viu.

— Ouça, filha...

— Muito bem. Gostei.

— Certo — admitiu o coronel. E sua voz se tornou um tanto grave. — Eu também gostei.

— Está percebendo agora por que eu o amo? Porque não pode haver nada melhor do que isso.

— Escute, filha. Onde vamos jantar?

— Onde você preferir.

— No Gritti. Está bem?

— Por que não?

— Então ligue para casa e peça licença.

— Não. Resolvi não pedir. Vou apenas mandar dizer onde estou jantando. Assim, não se aborrecerão.

— Mas prefere mesmo o Gritti?

— Prefiro. Tem um restaurante agradável lá, é onde você mora e onde quem quiser poderá nos olhar.

— Desde quando ficou assim?

— Sempre fui assim. Nunca me importei com o que os outros possam pensar. E nem nunca fiz qualquer coisa de que devesse me envergonhar. Exceto umas mentiras, quando era pequena. Também fui um pouco ríspida com algumas pessoas.

— Gostaria que pudéssemos casar e ter cinco filhos — disse o coronel.

— Eu também, e os mandaria para os cinco cantos do mundo.

— Mas o mundo tem cinco cantos?

— Não sei. Pareceu certo, quando eu disse. Viu só? Já estamos nos divertindo outra vez, não estamos?

— Estamos sim, filha — respondeu o coronel.

— Diga outra vez. Como disse agora.

— Estamos sim, filha.

— Oh! Como é que pode haver gente tão complicada!? Deixe eu pegar na sua mão, está bem? Por favor.

— Ela é tão feia! Não gosto nem de olhar para ela.

— Ah! Você não conhece a sua mão...

— Isso é um ponto de vista — afirmou ele. — Acho que você está errada, filha.

— Posso estar. Mas a verdade é que estamos alegres de novo e que o que nos aborrecia desapareceu.

— E desapareceu da mesma forma que a névoa se evola das fendas do chão quando o sol lhe dá em cheio — arrematou o coronel. — E você é o sol.

— Quero ser a lua, também.

— E é — assegurou-lhe o coronel. — E mais qualquer planeta que deseje ser, e eu lhe direi exatamente onde esse planeta deve estar... Ah! Deus do céu! Você, filha, pode até ser toda uma constelação. Qualquer uma que desejar ser. Só precisa de um avião para chegar lá.

— Serei a lua, o que também tem suas atribuições.

— Tem sim. Uma dor que lhe chega ciclicamente. Mas se torna lua cheia antes de ser minguante.

— Às vezes ela me olha de um modo tão melancólico, do outro lado do canal, que nem posso suportar.

— Ela já está lá por cima há muito tempo.

— Não poderíamos tomar mais um Montgomery? — perguntou Renata, e o coronel reparou que os ingleses já tinham saído.

Até ali não olhara senão para o lindo rosto de Renata, pensando: “De tanto olhá-la, isso vai acabar me matando. Por outro lado, é uma espécie de fascinação, suponho. Mas é tão imprudente...”. E, como se despertasse:

— Podemos, sim. Por que não?

— O Montgomery me faz muito bem.

— É a maneira como Cipriani o prepara. Também me produz uns efeitos estranhos.

— Cipriani é muito inteligente.

— Mais do que isso. É hábil.

— Qualquer dia acaba dono de Veneza inteira.

— Inteira, propriamente, não creio — discordou o coronel. — Nunca será dono, por exemplo, de você.

— De fato. Nunca serei de ninguém, a não ser que você me queira.

— Quero-a, sim, filha, mas não como dono.

— Eu sei — falou a moça. — E essa é uma das razões de eu o amar.

— Vamos chamar Ettore. Faça-o ligar para sua

casa. Você poderá falar a respeito do quadro.

— Isso mesmo. Ótimo. Se quer o retrato esta noite, direi ao mordomo que o embrulhe e o mande. Quero também falar com mamãe e lhe dizer onde vamos jantar. E, se é o que você quer, posso pedir licença a ela.

— Já, não — pediu o coronel. — Ettore! Dois Montgomery. Dois super Montgomery, com azeitonas recheadas, mas não das grandes. Faça também o favor de ligar para a residência desta moça e vir avisar assim que obtiver a comunicação. E tudo isso o mais depressa possível.

— Pois não, meu coronel.

— Agora, filha, vamos retornar a nossa alegria.

— Já estou alegre de novo... foi só você abrir a boca — confessou ela.



Iam caminhando agora pelo lado direito da rua que vai ter ao Gritti. O vento lhes batia nas costas, fazendo esvoaçar à frente os cabelos da jovem, dividindo-os em duas partes que batiam em seu rosto. Olhavam para as vitrinas das lojas, e Renata parou diante de uma delas. Era a vitrina iluminada duma joalheria.

Havia nessa vitrina muitas lindas peças de ourivesaria antiga. Ficaram parados ali, olhando-as e mostrando um ao outro as melhores; para isso, desenlaçaram as mãos.

— Quer alguma delas? Seja franca. Posso comprar logo amanhã cedo. Cipriani me emprestará o dinheiro necessário.

— Não — disse ela. — Não quero nada, mas estou reparando uma coisa... Você nunca me dá presentes.

— Você é mais rica do que eu. Só posso lhe trazer pequenas lembranças, pagar as bebidas e as refeições.

— E andar comigo de gôndola, acompanhar-me a lugares bonitos nos arredores da cidade...

— Nunca pensei que você quisesse joias de presente.

— Não quero. Basta o pensamento de dar e receber. Fica-se a olhar, pensa-se que as estamos usando, gastando...

— Sempre se aprende alguma coisa — ponderou o coronel. — Mas o que poderia lhe comprar com o meu soldo e que fosse comparável por exemplo às suas esmeraldas?

— Não entende? Eu as herdei. Vieram de minha avó, que as herdou de minha bisavó, que por sua vez as herdou de minha tetravó. Então, acha que usar pedras que pertenceram a gente que morreu dá o mesmo prazer?

— Nunca pensei nisso.

— Gosta de pedras preciosas? Pois posso dá-las a você.

— Para mim, não passam de uma coisa que posso usar como uso um vestido vindo de Paris. Você não gosta de usar seu uniforme, gosta?

— Não.

— Não gosta de carregar uma espada, gosta?

— Não. Claro que não.

— Você não é dessa espécie de militares e eu não sou dessa espécie de moças. Mas gostaria que você de vez em quando me desse qualquer coisa

durável, que eu pudesse usar. Ia me sentir muito feliz cada vez que a pusesse!

— Compreendo — admitiu o coronel. — Vou fazer isso.

— Como aprende depressa coisas em que antes sequer pensava! E é fascinante a rapidez com que toma decisões. Gostaria de lhe dar as minhas esmeraldas, para que você as conservasse no bolso como um amuleto de boa sorte, e as apalpassem sempre que se sentisse solitário.

— É raro pôr a mão no bolso, enquanto estou trabalhando. Geralmente, fico brincando com uma bengala, ou qualquer outra coisa, ou me distraio apontando para algum objeto ou lugar com um lápis.

— Mas isso não impede que vez ou outra, mesmo que raramente, enfie a mão no bolso para apalpar as esmeraldas.

— Nunca estou sozinho no trabalho. Tenho de me concentrar demais no que faço. Não tenho tempo de me sentir solitário.

— Mas não está trabalhando agora.

— Não, não estou. Mas é apenas um descanso para me preparar para me meter de novo na agitação.

— Ainda assim vou dá-las a você. Tenho certeza de que mamãe compreenderá. Além disso, não preciso contar a ela por enquanto. Quase não

mexe nas minhas coisas. E a minha criada de quarto não vai dizer nada.

— Acho que não posso aceitá-las.

— Pode sim. Aceite só para me dar prazer.

— Não sei se seria um ato muito honrado.

— Isso é como uma moça não ter certeza se continua virgem. Tudo o que se faz para dar prazer à pessoa que se ama é um ato mais do que honrado.

— Está bem — aquiesceu o coronel. — Terei que aceitá-las por bem ou por mal.

— Basta dizer *obrigado* — afirmou Renata e enfiou-lhe no bolso as esmeraldas com mais rapidez e agilidade do que o faria um ladrão de joias. — Trouxe-as comigo porque estive a semana toda pensando e acabei resolvendo fazer isso.

— Ah! Foi? Pensei que só tivesse pensamentos para a minha mão.

— Não seja impertinente, Richard. Um homem como você não pode ser grosseiro, nunca. Não é com a sua mão que você toca nas esmeraldas? Já pensou nisso?

— É verdade. Não tinha compreendido. Fui grosseiro, sim. Escute... Do que é que você gostaria desta vitrina?

— Gostaria que me desse aquele negrinho com rosto de ébano e turbante feito de lascas de diamantes, com um pequeno rubi na coroa do turbante. Eu o usaria como um alfinete. Todo

mundo os usava, antigamente, nesta cidade, e os rostos eram de seus criados particulares. Já faz tempo que ando querendo tê-lo, mas queria que fosse você quem me desse.

— Mando para você amanhã cedo.

— Não. Quero que me entregue pessoalmente, quando almoçarmos, antes de você partir.

— Combinado — concordou o coronel.

— Agora, vamos andando, ou vai acabar ficando tarde demais para o jantar.

Continuaram a andar, de braços dados e, como subissem a primeira ponte, o vento deu de fustigá-los. Quando o coronel sentiu a pontada, disse mentalmente: “Fora, dor excomungada.”

— Richard — pediu a moça. — Enfie a mão no bolso, para me ser agradável. Sinta as esmeraldas.

O coronel apalpou as esmeraldas e disse:

— É um prazer tocá-las.



Transpuseram a entrada principal do Gritti Palace Hotel, deixando o frio e o vento para trás, ao encontro da luz e do calor do saguão.

— Boa-noite, *Contessa* — saudou o porteiro. — Boa-noite, meu coronel. Lá fora deve estar frio.

— Está — admitiu o coronel, sem acrescentar nenhuma das frases rudes e obscenas a respeito da extensão do frio e do ímpeto do vento que habitualmente empregava quando falava sozinho com o porteiro, por simples divertimento e força de expressão.

Quando entraram no comprido vestíbulo, que conduzia à escada e ao elevador, deixando à direita a entrada do bar, o portal que dava para o Grande Canal e a entrada para a sala de jantar, o *Gran Maestro* ia saindo do bar.

Usava um jaquetão branco, protocolar, de corte amplo. Sorriu-lhes logo, dizendo:

— Boa-noite, minha Condessa. Boa-noite, meu Coronel.

O coronel respondeu:

— *Gran Maestro!*

O *maître* sorriu e, fazendo uma medida, explicou:

— Estamos servindo o jantar no bar aos fundos. No inverno, temos poucos hóspedes e a sala de jantar é descomunal. Reservei-lhes a mesa. Temos uma lagosta preciosíssima. Não gostariam de começar com ela?

— Lagosta fresca, de verdade?

— Basta dizer que a vi esta manhã quando chegou do mercado dentro de um cesto. Tinha uma cor verde-escura, estava viva e nada satisfeita.

— Gostaria de começar o jantar comendo lagosta, filha?

O coronel disse propositalmente a palavra *filha*, o *Gran Maestro* a escutou bem, o mesmo se dando com Renata. Mas para cada um causou um efeito diferente.

— Tratei de deixá-la à parte, reservada para os senhores, caso me aparecessem aqui alguns *pescecani*. Eles vêm muito aqui, por causa da jogatina no Lido. Mas não queria entregá-la a mais ninguém.

Renata respondeu:

— Sim, gostaria de um pouco de lagosta. Fria e com maionese. Mas a maionese um pouco espessa — acrescentou, em italiano. Depois perguntou ao

coronel, preocupada: — Não será cara demais?

— *Ay hija mía!* — protestou o coronel.

— Apalpe o bolso direito — sussurrou Renata.

— Darei um jeito para que não cobrem tão caro assim — garantiu o *Gran Maestro*. — Ou então a comprarei para mim. Farei que me descontem aos poucos, no salário da semana.

— *Vendas a crédito* — disse o coronel, referindo-se à designação em código que haviam dado à ocupação de Trieste. — Custa-me apenas um dia de salário.

— Ponha a mão no bolso direito e apalpe as esmeraldas. Não fica com a sensação de ser rico? — sussurrou-lhe a jovem.

O *Gran Maestro* escutou o que ela disse e, pensando que fosse uma brincadeira particular, tratou logo de se retirar, muito calado. Sentia-se contente com a presença da moça, que tanto respeitava e admirava, e do coronel, tão seu amigo.

— Sinto-me rico, sim. Mas se você me amolar muito com essas esmeraldas acabo devolvendo-as em público. Largo-as em cima da toalha.

Ele procurava aborrecê-la, atirando-se ao contra-ataque sem pensar no que fazia.

— Você não conseguiria fazer uma coisa dessas. Sabe por quê? Porque já as ama.

— Sou homem para pegar tudo quanto amo e jogar do alto do penhasco mais escarpado sem

parar sequer para ouvir o barulho da queda.

— Duvido! — insistiu a moça. — Você não me jogaria do alto de um penhasco, coisa nenhuma!

— Bem, disse não sou mesmo capaz. Perdoe-me por ter falado tão rudemente.

— Você não falou rudemente e nem eu acreditei em suas valentias — disse ela, rindo. — Agora, me mostre onde é o toalete das senhoras. Quero passar o pente nos cabelos, tornar-me apresentável. Ou seria melhor eu subir até o seu quarto?

— O que prefere?

— Subir até o seu quarto, naturalmente, ver onde está hospedado, saber como é tudo que o cerca.

— Olhe que estamos num hotel...

— Em Veneza não há segredos de espécie alguma. Sabem quem é a minha família e que eu sou uma moça direita. Também sabem que você e eu é que estamos subindo. Dispomos de crédito. Devemos utilizá-lo.

— Está bem — concordou o coronel. — Pela escada ou de elevador?

— De elevador — respondeu ela. Depois, mudando um pouco de voz: — Pode chamar um empregado ou nós mesmos o manobramos?

— Vamos manobrá-lo sozinhos! — E, depois, tranquilizou-a: — Tenho muita prática nisso, pode

acreditar.

Foi uma boa subida, com uma leve sacudidela e uma ligeira retificação final: “Prática, hein? Eu preciso é que regulem a mim”, avaliou o coronel.

O corredor não era apenas bonito, mas excitante. Enfiar a chave na fechadura não foi um mero gesto, foi um ritual.

— Aqui está — falou o coronel, mostrando o quarto assim que empurrou a porta. — Que tal?

— Encantador! — exclamou Renata. — Mas está medonhamente frio com essas janelas abertas.

— Posso fechá-las.

— Não, por favor. Se as prefere assim, por que iria fechá-las?

O coronel beijou-a e sentiu-lhe o corpo maravilhoso, esguio, jovem, flexível e perfeito de encontro ao seu corpo, que era rijo e ainda estava em bom estado, mas muito sofrido. E enquanto a beijava não pensou em nada.

Beijaram-se por um longo tempo, permanecendo em pé, hirtos, e com ardor, junto às janelas abertas que davam para o Grande Canal. Por duas vezes, ela gemeu, com pequeno intervalo:

— Oh!... Oh!...

— Não temos obrigação alguma — ponderou o coronel. — Nenhuma mesmo.

— Quer casar comigo? Ter cinco filhos comigo?

— Quero! Quero!

— E vai fazer isso?

— Naturalmente.

— Beije-me outra vez. Faça os botões do uniforme me machucarem, mas não muito.

Continuaram ali, beijando-se com força.

— Vou decepcionar você, Richard! Vou decepcioná-lo em tudo!

Ela proferiu as palavras diretamente, e o coronel as ouviu da mesma forma que lhe chegara a mensagem sobre um daqueles três batalhões, quando o comandante expôs a verdade irrefutável sobre a situação perdida.

— É mesmo o que acha?

— Sim.

— Minha pobre filha — disse ele.

Falou sem nenhuma tristeza na voz, e ela era a sua filha, realmente. Teve pena dela. Amava-a tanto!

— Não faz mal. Penteie-se, torne a pintar os lábios. Vamos ter um jantar agradável.

— Primeiro torne a dizer que me ama. Torne a me machucar com os botões.

— Minha amada — afirmou ele quase formalmente. Logo a seguir, porém, sussurrou junto ao ouvido dela, do modo que sabia como sussurrar quando o inimigo se achava a alguns metros de distância e ele era um jovem tenente fazendo uma

patrulha: — Não sabe que é somente você que eu amo, meu sublime, meu derradeiro, meu único e legítimo amor?

— Que bom — falou ela. E beijou-o com tanta força que ele sentiu o dulçor salgado do sangue nos lábios, enquanto pensava: “Eu também gosto disso!”

— Agora vou pentear os cabelos, ajustar a boca de novo e você pode ficar me olhando.

— Quer que eu feche as janelas?

— Não — disse ela. — Faremos tudo isso em pleno frio.

— Quem é que você ama?

— Você — respondeu ela. — Mas parece que somos desafortunados...

— Não diga isso. Continue a se pentear.

O coronel entrou no banheiro para arrumar-se para o jantar. O banheiro era a única peça medíocre dos seus aposentos, devido a exigências arquitetônicas, já que o Gritti fora construído como um palácio, e não tinham reservado espaço para banheiros, naquela época. Mais tarde, quando foram introduzidos, tiveram de ser feitos junto ao corredor. Quem quisesse tomar banho precisava avisar com antecedência, pois era necessário aquecer a água e trazer as toalhas.

Aquele banheiro tinha sido feito aproveitando-se arbitrariamente um canto do quarto, e se tratava, na opinião do coronel, mais de um banheiro de

defesa do que de ataque. Lavou o rosto e tratou de olhar bem para o espelho, a fim de checar se havia traços de batom na face.

“Este banheiro parece um tabique feito por um operário incompetente.”

Examinou as diferentes cicatrizes e lanhos do tempo em que não havia ainda cirurgia plástica, e as linhas imperceptíveis que só iniciados descobririam, nas operações plásticas a que fora submetido por ferimentos na cabeça. “Bem, aqui está o que tenho para oferecer como *gueule* ou como *façade*. Uma oferenda miseravelmente pobre. Ainda bem que é um rosto bronzeado, e isso desfaz um pouco a aridez do semblante. Mas, Cristo, como sou feio!”

Não reparou nos olhos idosos cor de aço antigo, nem nas pequenas rugas sarcásticas e algo longas nos cantos das pálpebras, nem no nariz quebrado como o de um gladiador nas velhíssimas estátuas. Muito menos se deteve a observar a boca essencialmente afável, que contudo sabia ser desapiedada.

— Raios te partam! — disse para o espelho. — Miserável estropiado. Vamos nos reunir às senhoras?!

Saiu do banheiro reaparecendo no quarto; e se sentia tão jovem quando por ocasião da sua primeira batalha. Todas as coisas sem valor tinham

sido deixadas no banheiro. “Como sempre, pois é o lugar para elas. *Où sont les neiges d’antan? Où sont les neiges d’autrefois? Dans le pissoir toute la chose comme ça.*”

E a jovem, cujo nome era Renata, lá estava com as portas do imenso armário escancaradas. Portas que tinham espelhos do lado de dentro, e ela penteava os cabelos.

Penteava-se não por vaidade nem para causar ao coronel o bom efeito que sabia que deveria e iria lhe dar. Penteava-se com dificuldade e com certa displicência, pois, como seu cabelo era muito espesso e tão vivo como o cabelo dos aldeões ou o das beldades da grande aristocracia, era resistente ao pente. Ela disse:

— O vento embaraçou-o todo. Você ainda me ama, assim mesmo?

— Ainda e sempre — respondeu o coronel. — Posso ajudá-la?

— Obrigada. Venho fazendo isso a vida toda.

— Você bem poderia ficar um pouco de lado...

— Não. Todos os contornos são para os nossos cinco filhos e para que a sua cabeça descanse em mim.

— Referia-me apenas ao rosto. Mas, muito obrigado por haver chamado a minha atenção. Mais uma vez ela, a minha atenção, andou falhando.

— Meu cabelo está todo emaranhado.

— Nem tanto. Você precisava ver na América. Aparece cada penteado! Até lembram aqueles rolos de arame com borracha e feltro que se usam no lugar de molas nos assentos dos tanques. Por fora não parece tanto, mas quem é esperto logo se dá conta.

— Não é o caso do meu cabelo — comentou ela. E com um movimento do pente atirou para diante o cabelo repartido, que chegou a lhe cobrir um pedaço da parte do rosto enquanto a parte de trás lhe roçava os ombros.

— Gosta de cabelo bem-penteado para cima?

— Muito para cima, não. O seu é lindo de qualquer jeito.

— Posso pô-lo para cima e arrumá-lo de um jeito requintado, se você desejar. Mas ia precisar de uma porção de grampos, o que é muito aborrecido e idiota.

Sua voz era adorável. Ouvindo-a, ele pensava num violoncelo tocado por Pablo Casals. A sensação era a mesma; de um ferimento que crescesse, crescesse, até não se suportar mais. A verdade, porém, é que se suporta tudo.

— Gosto muito de você, assim como está — declarou o coronel. — Você é a mulher mais bonita que já vi. Até mesmo as das telas célebres não se comparam.

— Estou estranhando o meu retrato ainda não

ter chegado.

— Será maravilhoso ter um retrato seu aqui — afirmou o coronel, que inadvertidamente se tornou general de novo. — Mas para que dar água a um condenado?

— Por favor, não seja rude — pediu a jovem. — Esta noite não suportaria que fosse rude comigo.

— Foi apenas uma recaída no jargão do meu *sale métier*.

— Passe os braços em redor de mim. Gentilmente. Mais. Não se trata de um *sale métier*. É uma profissão antiquíssima e honesta, muito embora a exerceça muita gente que não é digna dela.

Apertou-a o mais que pôde sem magoá-la. E ela prosseguiu:

— Não gostaria que você fosse um advogado... um clérigo... ou um comerciante. Nem pessoa de grande renome. Quero que seja o que é, assim, nesse *métier*. Sussurre no meu ouvido, sim? Não está querendo?

O coronel sussurrou, abraçando-a com força, sentindo o coração traspassado enquanto as palavras lhe saíam com sinceridade e emoção, mas em tom tão baixo que mais parecia o arfar quase silencioso de um cão junto à orelha do amo.

— Amo-a, pequeno demônio. Sim, demônio, e minha filha também. Por que nos afligirmos, se a lua é nossa mãe e nosso pai? E agora vamos descer

para o jantar.

Sussurrou o final tão baixo que só mesmo uma pessoa amada poderia escutar.

— Sim — concordou a jovem. — Antes, porém, me beije outra vez.



Instalaram-se na mesa no extremo do bar, onde o coronel ficou com ambos os flancos cobertos, apoiando-se solidamente no ângulo da sala. O *Gran Maestro* conhecia bem essas estratégias, pois fora um excelente sargento de uma ótima companhia de infantaria num regimento de primeira classe. Logo, não faria absolutamente o coronel se sentar no meio da sala, onde seria forçado a tomar uma estúpida posição defensiva.

— E eis a lagosta — anunciou o *Gran Maestro*.

Era uma lagosta imponente. Tinha o dobro do tamanho habitual e perdera com a febre toda e qualquer agressividade, de modo que já agora parecia um monumento a sua própria morte, com os olhos salientes e as delicadas e compridas antenas encarregadas de captar o que os olhos não lhe pudessem comunicar.

“Parece um pouco com Georgie Patton”, pensou o coronel. “Mas, provavelmente, nunca na vida caiu no choro quando teve de se mover.”

— Não estará um pouco dura? — perguntou à jovem em italiano.

— Não — assegurou o *Gran Maestro*, fazendo ainda a mesura com o prato de lagosta nas mãos. — Garanto que não está. É apenas um pouco grande. Esse tipo de lagosta é assim.

— Está bem — conciliou o coronel. — Pode servir.

— E o que vão beber?

— Quer tomar o quê, filha?

— O que você quiser.

— *Capri bianco* — pediu o coronel. — Seco e gelado.

— Já mandei pôr no gelo — adiantou-lhes o *Gran Maestro*.

— Já estamos nos divertindo — disse a moça. — Chega de sofrimento. Que lagosta impressionante, não acha?

— É sim — respondeu o coronel. — Tomara que esteja bem tenra.

— Tem de estar — considerou Renata. — O *Gran Maestro* não mente. Não é formidável poder se confiar em alguém?

— Sim, coisa maravilhosa e rara — afirmou o coronel. — Eu estava pensando agora mesmo num homem chamado Georgie Patton, que provavelmente nunca falou uma verdade em toda a sua vida.

— Você já mentiu alguma vez?

— Apenas quatro vezes. Mas sempre por causa de cansaço. O que, aliás, não é uma desculpa.

— Eu, em menina, mentia bastante. Mas quase sempre inventando histórias. Pelo menos, espero que só tenha sido nesses casos. Mas nunca menti para tirar proveito.

— Pois eu menti em meu benefício próprio. Quatro vezes — confessou o coronel.

— Será que chegaria a general se não mentisse?

— Se eu mentisse bem como os outros, teria sido um general de três estrelas.

— Ia se sentir mais feliz se fosse um general de três estrelas?

— Não, acho que não.

— Ponha a sua mão direita, aquela sua mão que eu amo, dentro do bolso, e me diga se está sentindo as esmeraldas.

O coronel obedeceu:

— Contato admirável — reconheceu. — Mas você sabe muito bem que devo devolvê-las a você.

— Não. Por favor, não.

— Não vamos falar nisso agora.

Logo a seguir a lagosta foi servida. Era tenra, a carne tinha a graça imaculada peculiar ao músculo tenso que lhe forma a cauda, e a das garras era excelente, nem muito fina nem delgada demais.

— Uma lagosta engorda conforme a lua — falou o coronel. — Quando é lua nova, elas não se alimentam.

— Eu não sabia.

— Acho que é porque com a lua cheia ela pode se alimentar a noite toda. Ou então é porque com a lua cheia há mais alimento no mar.

— Elas vêm da costa da Dalmácia, não é?

— Vêm de lá, sim. É o litoral de vocês mais rico em peixe. Talvez eu devesse dizer o *nosso* mais rico litoral.

— Pois diga — insistiu a jovem. — Não sabe o quanto é importante que as coisas sejam ditas.

— Tomam aspecto ainda mais importante quando postas em letra de forma.

— Não concordo — retrucou a jovem. — A letra de forma não significa nada, a não ser que a gente sinta e guarde as coisas ditas no coração.

— E se não se tiver coração ou se este não valer para nada?

— Mas você, por exemplo, tem coração, e ele vale muito.

“Juro pelo inferno que gostaria de trocar o meu por um novo”, pensou o coronel. “Não sei por quê, de todos os meus músculos, logo este, o coração, tinha de me pregar uma peça.” Mas não externou seu pensamento e enfiou a mão no bolso, dizendo então:

— Eu as estou apalpando. São admiráveis ao tato. E você é admirável ante os meus olhos.

— Obrigada — retorquiu ela. — Vou me lembrar disso a semana toda.

— Lembrar-se para quê? Basta que se olhe no espelho.

— O espelho me aborrece. Isso de viver passando batom nos lábios e fazer e refazer uma boca, aumentando-a ou diminuindo-a, e ter que estar penteando o cabelo demasiado espesso, não é vida para uma mulher ou mesmo para uma jovem sozinha que ama alguém. Quando se quer ser a lua e várias constelações, ter cinco filhos, isso de viver a olhar para o espelho e a executar artifícios de mulher não é coisa que interesse.

— Então vamos nos casar imediatamente.

— Não — respondeu ela. — Quanto a isso, tive de decidir de vez, como em tudo o mais. Preciso de uma semana inteira para tomar uma decisão.

— Eu também decido coisas — acrescentou o coronel. — Mas as minhas decisões são muito vulneráveis.

— Não vamos conversar sobre isso. Machuca, de um modo muito doce, mas acho que faremos melhor procurando saber o que o *Gran Maestro* nos pode oferecer depois da lagosta. Faça o favor de beber seu vinho. Ainda não o tocou.

— Vou prová-lo agora — disse o coronel.

Provou-o. Estava translúcido e frio como os vinhos da Grécia, mas não resinoso; e era tão encorpado e magnífico quanto Renata. — Parece muito com você.

— Eu sei. Foi por isso que quis que você o provasse.

— Estou provando. Ótimo. Agora vou beber um copo inteiro.

— Você é ótima pessoa.

— Obrigado. Vou me lembrar disso a semana inteira, além de esforçar-me por não desmenti-la. — A seguir, chamou o *maître*.

Quando o *Gran Maestro* atendeu, feliz, esquecido de que tinha úlcera, aproximando-se com ar de conspirador, o coronel indagou:

— O que mais você tem aí que mereça que comamos?

— Ora, não tenho muita certeza — confessou o *Gran Maestro*. — Mas vou verificar. O seu compatriota postou-se ali, onde pode escutá-los. Não quis saber da mesa que lhe reservei lá no fundo.

— Está bem — comentou o coronel. — Vamos lhe dar assunto para seus próximos escritos.

— O sujeito escreve a noite inteira... Sabia? Um dos meus colegas do hotel onde ele está hospedado me contou.

— Formidável — ponderou o coronel. — Isso

mostra que ele é esforçado, mesmo que superestime o próprio talento.

— Esforçados todos nós somos — declarou o *Gran Maestro*.

— ... De diferentes maneiras.

— Vou verificar se temos uma boa carne para lhe servir agora.

— Faça isso, com todo cuidado.

— Confie em mim. Sou esforçado.

— E, principalmente, muito sagaz.

O *Gran Maestro* sumiu e então a jovem o elogiou:

— Ele é muito prestativo e gosto de ver o quanto é dedicado a você.

— Somos bons amigos e espero que ele tenha uma boa bisteca para você.

Dali a pouco o *maître* reapareceu e anunciou:

— Temos uma excelente bisteca.

— Coma-a você, filha. Estou cheio de comer bistecas no quartel. Quer malpassada?

— Sim, quase crua, por favor.

— *Al sangue* — ordenou o coronel — como diz John, quando fala francês com o garçom. *Crudo, bleu*. Isto é, malpassada.

— Pois não — respondeu o *Gran Maestro*. — E para o senhor, meu coronel?

— *Scaloppine* ao Marsala e couve-flor aferventada e com manteiga. E mais uma alcachofra

au vinaigrette, se puder me arranjar. Que é que você quer acompanhando a bisteca, filha?

— Purê de batata e uma salada simples.

— Ora, você é uma garota em fase de crescimento.

— Mas isso não quer dizer que devo crescer na direção errada.

— Bem. Acho que é tudo — admitiu o coronel.

— E o que me diz de uma meia garrafa de Valpolicella?

— Não temos meias garrafas. Este é um hotel de luxo, não sabem? Só recebemos garrafas inteiras.

— Tinha esquecido — falou o coronel. — Lembra-se de quando o vinho custava trinta centavos o litro?

— E atirávamos as garrafas vazias, de dentro do trem de transporte de tropas, para os guardas das estações!

— E jogávamos fora também as granadas que tinham sobrado. Nós as lançávamos colina abaixo, no regresso de Grappa!

— E eles pensavam que estivessem sob ataque, quando ouviam as explosões. E nós, com a barba crescida, usando sempre as *fiamme nere* por cima dos dólmãs cinzentos desabotoados, mostrando os suéteres cinzas...

— Eu bebia *grappa* e não conseguia sequer sentir o gosto...

— Acho que éramos difíceis de engolir, naquele tempo... — disse o coronel.

— Com certeza — afirmou o *Gran Maestro*. — Éramos infernais e o senhor era o pior de todos.

— De fato — concordou o coronel. — Éramos péssimos rapazes. Você há de perdoar isto, sim, filha?

— Não tem fotografias desse tempo?

— Não, não tenho. Naquele tempo, só tiravam fotografias quando d'Annunzio estava presente. Além disso, a maioria das pessoas morreu por lá.

— Menos nós — sentenciou o *Gran Maestro*. — Bem, preciso ver a quantas anda a bisteca.

O coronel, que se sentia agora um subtenente, outra vez, dirigindo um caminhão, com o rosto tão empoeirado que só apareciam os olhos metálicos, e ainda assim vermelhos e injetados, perdia-se em evocações.

“Os três pontos-chaves”, pensava ele. “O maciço de Grappa, com Assalone. Pertica. E a colina cujo nome não me ocorre. Foi onde me tornei homem. Acordava todas as noites suando... Sonhava que não conseguia fazê-los saltar para fora do caminhão. Nem eles deviam saltar, é claro. Mas que trabalhadeira!”

— Quer saber? No nosso Exército, praticamente nenhum general jamais entrou em combate. Por mais estranho que pareça, a alta

hierarquia não tinha simpatia por quem havia entrado em combate.

— Mas os generais lutam, de verdade?

— Oh, sim. Enquanto são capitães e tenentes. Mais tarde, exceto em retirada, somente se forem estúpidos.

— E você? Lutou muito? Eu sei que lutou. Mas me conte.

— Lutei o suficiente para ser considerado como um louco pelos grandes teóricos.

— Conte-me.

— Quando eu era rapaz, lutei contra Erwin Rommel no caminho de Cortina para Grappa, onde resistíamos. Ele nesse tempo era capitão e eu era subtenente, atuando como capitão.

— E você o conheceu?

— Só depois da guerra. Então, até conversamos. Era afável, simpatizei com ele. Costumávamos esquiar juntos.

— Você se deu bem com muitos alemães?

— Com muitos. Ernst Udet foi de quem eu mais gostei.

— Mas eles estavam no lado errado.

— Lá isso é verdade. Mas quem já não errou?

— Nunca pude gostar deles, nem adotar uma atitude tolerante, como a sua, desde que eles mataram meu pai, queimaram a nossa *villa* e desde que vi um oficial alemão atirar nos pombos da

Piazza San Marco com uma carabina.

— Compreendo perfeitamente — concordou o coronel. — Mas procure entender a minha atitude, filha. Quando se matou tanto, nos permitimos tentar sermos bondosos.

— Você matou tanta gente assim?

— Cento e vinte e duas pessoas, no mínimo. Sem contar as que desconheço.

— Não sente remorsos?

— Nunca senti.

— Nem costuma ter pesadelos?

— Também não. Mas tenho sonhos esquisitos. Sonhava sempre com combates, por algumas noites depois das batalhas. E, depois, sonhos estranhos sobre certos lugares. No campo de batalha, vivemos abrigados em acidentes de terreno. E o terreno é o que fica na nossa mente. Daí, os sonhos.

— Nunca sonhou comigo?

— Tenho tentado, mas não consigo.

— Talvez o retrato ajude.

— Espero que sim — admitiu o coronel. — Por favor, não se esqueça de me lembrar de lhe restituir as esmeraldas.

— Não seja cruel. Por favor.

— Tenho meus pequeninos escrúpulos de honra e na mesma proporção em que nós temos o nosso grande e envolvente amor. Não se pode ter uma coisa sem a outra.

— Mas não tenho direito a alguns privilégios?

— E eu os concedo. A prova é que as pedras estão no meu bolso.

O *Gran Maestro* chegou nesse instante com a bisteca, o *scaloppine* e os legumes. Quem trouxe os pratos foi um rapaz de penteado liso e de ar absolutamente apático, mas que se esforçava para desempenhar bem as funções de segundo garçom. Já era membro da Ordem. O *Gran Maestro* serviu-os com presteza e imponência, reverenciando não só as iguarias como quem as iria comer.

— Agora, comam — disse ele. Depois se voltou para o rapaz e ordenou: — Abra esse Valpolicella. O garçom parecia inacreditavelmente com um cachorro da raça *spaniel*.

— O que sabe sobre aquele personagem? — perguntou o coronel ao *maître*, referindo-se ao seu compatriota bexiguento que mastigava tenazmente o jantar enquanto a mulher idosa que o acompanhava se ia desempenhando com elegância suburbana.

— Eu é que lhe devia perguntar e não o senhor a mim.

— Vi-o hoje pela primeira vez — declarou o coronel. — É difícil comer vendo um rosto como aquele.

— Tenho que suportá-lo. Fala italiano mal, mas não se atrapalha. Procura tudo no *Baedeker*. Tem

péssimo gosto tanto para escolher pratos como vinhos. A mulher é uma boa criatura. Creio que é tia dele. Mas não tenho informação segura.

— Creio que ficaríamos mais à vontade se o atirássemos fora daqui.

— De fato. Com um chute.

— Perguntou alguma coisa sobre nós?

— Perguntou-me quem o senhor era. Já conhecia de nome a condessa e visitou com o *Baedeker* vários palácios que outrora pertenceram à família. Ficou entusiasmado com o seu nome, senhorita, que eu citei para impressioná-lo.

— Espero que não nos ponha no tal livro.

— Nem tenha dúvida. Ele põe tudo no tal livro.

— Devíamos ficar celebrizados num livro — comentou o coronel. — Você se importaria, filha?

— Claro que não — respondeu ela. — Mas preferiria que Dante o escrevesse.

— Dante não está disponível — objetou o coronel.

— Você bem podia me contar alguma coisa sobre a guerra — falou a jovem. — Alguma coisa que não fosse proibida de me dizer.

— Claro. Tudo o que deseje saber.

— Que tal era o general Eisenhower?

— Estritamente um membro da Epworth League, uma organização metodista para a juventude. Devo estar sendo injusto. Era uma

personalidade complexa que recebeu muitas outras influências. Um excelente político. Um general político. Muito hábil nisso.

— E os outros chefes?

— Não precisamos dar seus nomes. Eles próprios já se citaram suficientemente nas respectivas memórias. A maioria, extremamente plausível, e divulgada numa tal associação chamada Rotary Club da qual você, com certeza, nunca ouviu falar. Nesse clube, mandaram esmaltar botões com os seus primeiros nomes e quem os chamasse pelos sobrenomes seria multado. Eles nunca entraram em combate. Jamais.

— Mas nenhum deles foi bom de verdade?

— Sim, muitos deles. Bradley, o professor, e muitos outros. Lightning Joe era um dos bons. Ótimo.

— Quem era ele?

— Foi meu comandante no 7º. Corpo. Rápido. Muito íntegro. Perfeito. Agora é um dos chefes do Estado-Maior.

— E que tal os grandes chefes de que ouvíamos falar tanto? O general Montgomery? Patton?

— Esqueça-os, filha. Monty era um indivíduo que só avançava quando contava com quinze contra um. E mesmo assim se deslocava quando era tarde demais.

— Sempre acreditei que ele fosse um grande

general.

— Mas não era! — afirmou o coronel. — E o pior é que ele sabia que não era. Eu o vi entrar num hotel e trocar o uniforme comum por um mais vistoso, para sair de noite e animar a população.

— Você não gosta dele, não é?

— Não. Acho que se trata meramente de um general inglês, coisa difícil de entender que exista. Mas não passe isso adiante.

— Mas ele bateu o general Rommel.

— Verdade. Mas você acha que mais ninguém conseguiria fazê-lo? Fica fácil quando se dispõe de quinze contra um. Quando lutamos aqui, éramos somente rapazes, o *Gran Maestro* e eu, e vencemos batalhas durante um ano inteiro, tendo de três a quatro contra cada um de nós. Sempre vencemos. E três paradas foram bastante duras. É por isso que podemos fazer piadas em vez de ostentar um ar solene. Tivemos cerca de cento e quarenta mil mortos só num ano. É por isso que falamos mais à vontade, sem fazer pose.

— Trata-se de uma ciência lúgubre, se é que é ciência — observou a moça. — Detesto os monumentos de guerra, por mais que os respeite.

— Também não gosto deles. Nem do fato que lhes dá origem. Faz uma ideia do epílogo desse drama?

— Não. Mas gostaria de conhecer.

— É preferível ficar ignorando — recomendou o coronel. — Coma a sua bisteca, antes que ela esfrie e me perdoe por eu ter falado sobre o meu ofício.

— Eu ao mesmo tempo odeio e amo o seu ofício.

— Acho que compartilhamos das mesmas emoções — reconheceu o coronel. — Mas em que estará pensando o meu bexiguento compatriota na terceira mesa daquele lado?

— No seu próximo livro ou no que diz o *Baedeker*.

— Vamos passear de gôndola ao vento, depois do jantar?

— Seria formidável.

— Devemos comunicar o nosso passeio ao sujeito ali? Acho que ele tem marcas de varíola no coração, na alma e talvez até na curiosidade inata.

— Não temos de lhe dizer nada. O *Gran Maestro* poderá lhe dizer qualquer coisa que quisermos — brincou a moça, que depois se pôs a mastigar com afinco a bisteca, acrescentando por fim: — Será verdade que os homens depois dos cinquenta anos criam seus próprios rostos?

— Espero que não, pois eu não me responsabilizaria pelo meu.

— Você? Ah! Você...

— A bisteca está boa?

— Excelente. E o seu *scaloppine*, está bom?

— Muito tenro, e o molho não está doce, absolutamente. Está gostando dos legumes?

— A couve-flor está um pouco quebradiça. Parece aipo.

— Seria ótimo termos um pouco de aipo. Mas decerto não há nenhum, do contrário o *Gran Maestro* teria trazido.

— Gosta de fazer refeições comigo? Imagine se pudéssemos comer juntos sempre.

— Já sugeri isso.

— Não vamos falar sobre esse assunto.

— Está bem — concordou o coronel. — Eu também já tomei uma decisão. Vou deixar o Exército e viver nesta cidade. E muito modestamente, com o meu soldo de reformado.

— Esplêndido. Como é que você fica vestido de civil?

— Então, já não me viu à paisana?

— Eu sei, querido. Perguntei por brincadeira. Você também às vezes brinca assim, não brinca?

— Fico muito bem. Isto é, ficarei, caso vocês tenham um alfaiate com bom corte, por aqui.

— Aqui, não. Mas há muitos em Roma e podemos ir até lá juntos para comprarmos alguns ternos.

— E ficaremos fora da cidade, em Viterbo, indo a Roma só para provar as roupas e jantar.

Voltaremos sempre tarde.

— Veremos artistas de cinema, conversaremos pavorosamente sobre eles... E por que não tomarmos um ou outro drinque com eles?

— Vamos ver milhares deles.

— Vamos assistir a eles se casando pela segunda e pela terceira vez, e então ter o Papa para abençoá-los?

— Claro, se isso a interessa.

— Quem está dizendo que me interessa? — retrucou a jovem. — Aí está uma razão de eu não poder me casar com você.

— Ahn... Está bem. Obrigado — disse o coronel.

— Mas eu o amarei, seja qual for o sentido desta expressão... Aliás, tanto eu como você sabemos muito bem o que ela significa. Vamos nos amar enquanto formos vivos e depois também.

— Não creio que depois da vida se possa amar muito — objetou o coronel.

Ele começou a comer a alcachofra, tirando uma folha de cada vez e mergulhando-a, com o lado mais pesado para baixo, na camada de *sauce vinaigrette*.

— Não sei se é possível ou não — observou a jovem. — Mas vou tentar. Não se sente melhor, sabendo-se tão amado?

— Claro — anuiu o coronel. — Sinto-me como

se estivesse em cima de uma colina nua, onde o terreno fosse pedregoso demais para ser escavado. Rochas bem sólidas, sem saliências nem vãos. De repente, em vez de estar nu, lá em cima, estivesse metido numa armadura. Sim, eu, metido numa armadura, mas sem os 88 por lá.

— Podia contar isso ao nosso amigo escritor, o que tem as crateras da lua nas faces. Assim, esta noite ele já escreveria alguma coisa interessante.

— Contaria a Dante, isso sim, caso topasse com ele — afirmou o coronel, tornando-se inesperadamente agitado como o oceano quando se levantam rajadas violentas. — Isso mesmo, eu lhe diria o que faria se fosse transportado ou içado lá para cima sob tais circunstâncias.

Nisto, o barão Alvarito entrou na sala de jantar. Estava à procura deles e, como era um caçador, os viu instantaneamente.

Aproximou-se da mesa, beijou a mão de Renata, dizendo: “*Ciao*, Renata.” Tinha uma certa estatura, um bonito porte, estava com um terno de passeio e era o homem mais tímido que o coronel já conhecera. Não se tratava de uma timidez devido à ignorância; nem por se sentir propriamente constrangido; nem por conta de qualquer defeito. Era uma timidez básica, como a de certos animais, como a de um antílope africano, o bongo, que a gente nunca enxerga na floresta e que precisa caçar

com cães.

— Meu coronel — cumprimentou Alvarito e sorriu como somente os verdadeiros tímidos conseguem rir.

Não era o sorriso fácil da pessoa dotada de autoconfiança, nem o sorriso cortante dos indivíduos persistentes e ruins. Seu sorriso não tinha a menor semelhança com o sorriso ponderado e deliberadamente presente na fisionomia do cortesão e do político. Era o sorriso estranho e raro que se levanta do fosso escuro, mais profundo do que uma cisterna, tão profundo quanto uma mina profunda, que existe dentro dos tímidos.

— Desculpem não me demorar. Vim dizer-lhe, coronel, que parece que tudo vaticina uma boa caçada. Os patos estão chegando em massa do norte. São enormes, como o senhor aprecia. — E tornou a sorrir.

— Sente-se, por favor, Alvarito.

— Impossível — desculpou-se ele. — Podemos nos encontrar na Garagem, às duas e trinta, se quiser. Trouxe o carro?

— Trouxe.

— Isso vai ajudar muito. Saindo a essa hora teremos tempo para observar os patos no entardecer.

— Esplêndido — comemorou o coronel.

— Então, *ciao*, Renata. Adeus, coronel. Até às

duas e trinta.

Pouco depois a jovem falou:

— Conhecemo-nos desde crianças. Mas ele tinha três anos mais do que eu. Esse já nasceu *velho*.

— Sim. Eu sei. É um dos tantos bons amigos que tenho aqui.

— Será que o seu compatriota procurou descobrir quem ele é, folheando o *Baedeker*?

— Não reparei — observou o coronel. — *Gran Maestro*, o meu ilustre compatriota procurou no *Baedeker* quem era o *barone*?

— Para ser franco, meu coronel, eu não o vi puxar o *Baedeker* durante a refeição.

— Dê-lhe copiosas informações. Agora, escute uma coisa. Creio que o Valpolicella é melhor quando mais novo. Não é um *grand vin* e deixá-lo envelhecer apenas aumenta o sedimento. Não concorda comigo?

— Concorde.

— Então, o que devemos fazer?

— Meu coronel, o senhor sabe que num grande hotel o vinho deve custar caro. Não se pode pedir Pinard no Ritz. Mas sugiro arranjarmos diversas garrafas de um bom vinho. Podemos dizer que o senhor os recebeu da condessa, como presente. E eu os decantarei para o senhor. Dessa forma, teremos um vinho melhor e faremos uma boa economia. Posso até explicar tudo ao gerente, caso prefira. É

um homem cordato.

— Explique a ele — pediu o coronel. — Ele também não é um homem que beba vinho fiando-se no rótulo.

— De acordo. Mas, por enquanto, pode-se ir bebendo este mesmo. É muito bom, sabe?

— É, sim — concordou o coronel. — Mas está longe de ser Chambertin.

— O que costumávamos beber no nosso tempo?

— Qualquer coisa — confessou o coronel. — Mas agora procuro a perfeição. Ou melhor, não a perfeição absoluta, mas o modo perfeito de gastar o meu dinheiro.

— Também venho procurando por isso, mas sempre em vão — declarou o *Gran Maestro*. — O que deseja para rematar o jantar?

— Queijo — pediu o coronel. — O que quer você, filha?

A jovem mantinha-se calada e um pouco retraída desde que vira Alvarito. Algo lhe ia na mente. Costumava raciocinar com agilidade sobretudo, mas, momentaneamente, parecia absorta, distante dali. Ela respondeu:

— Queijo. Por favor.

— Qual queijo?

— Traga todos e escolheremos — recomendou o coronel.

O *Gran Maestro* retirou-se para dentro e então o coronel perguntou a Renata:

— Do que se trata, filha?

— De nada. Nunca coisa alguma. Sempre nada.

— Ora! Deixe de tristezas. Não temos tempo para um luxo desses.

— De fato. Concordo. Vamos nos dedicar ao queijo.

— Será que vou precisar arrancar, como se fosse uma espiga do milho?

— Não é preciso — disse ela, não se dando por achada, mas compreendendo muito bem o que ele queria dizer, já que era ela que estivera calada. — Ponha a mão dentro do bolso.

— Está bem. Vou pôr.

Enfiou a mão no bolso e apalpou as pedras; primeiro com as pontas dos dedos, depois as segurando inteiramente nos dedos e por fim na palma da mão; da sua mão deformada.

— Não leve a mal — pediu ela. — Vamos terminar bem o jantar. Vamos nos dedicar ao queijo, com alegria e felicidade.

— Excelente — saudou o coronel. — Que queijos terá ele?

— Conte-me qualquer coisa a respeito da última guerra — pediu Renata. — Depois iremos andar de gôndola no vento frio.

— A última guerra? Não foi tão interessante

assim. Para nós, homens, essas coisas são sempre interessantes. Mas houve apenas três fases, ou talvez quatro, que realmente me interessaram.

— Por quê?

— Combatíamos um inimigo batido, cujas comunicações haviam sido destruídas. Liquidamos muitas divisões, mas no papel. Eram divisões fantasmas. Não existiam mais. Tinham sido destruídas pela nossa aviação tática antes mesmo de se porem em marcha. Difícil, realmente, foi só na Normandia, por causa da topografia. E também quando tivemos de abrir a brecha para os carros blindados de Georgie Patton passarem e a mantivemos aberta nos dois lados.

— Como é que se abre uma brecha para os carros blindados atravessarem?

— Primeiro se luta para tomar uma cidade que domine todas as estradas principais. Chamemos a essa cidade de St. Lo. Depois, é preciso abrir essas estradas, tomando outras cidades e aldeias. O inimigo possui uma linha principal de resistência, mas não pode trazer suas divisões para contra-atacar porque os aviões de bombardeio as caçam pelas estradas. Não está achando aborrecido? Para mim já é quase insuportável recordar essas coisas.

— A mim, interessa bastante. Nunca ouvi essas histórias contadas de um modo compreensível.

— Obrigado. Mas tem certeza de que ainda

quer saber mais coisas sobre essa ciência tão lúgubre?

— Por favor. Eu o amo, sabe disso, e gostaria de estar a par de tudo por que você passou.

— Não se compartilha com ninguém esta experiência — falou-lhe o coronel. — Estou apenas lhe expondo como a coisa funciona. Posso intercalar com alguns episódios curiosos para tornar tudo mais interessante ou mais plausível...

— Faça isso, então.

— A tomada de Paris não foi nada — afirmou o coronel. — Não passou duma experiência emocional. Não foi uma operação militar. Matamos muitos datilógrafos e liquidamos funcionários que os alemães deixaram, como sempre faziam, para cobrirem a retirada. Acho que calcularam que não necessitariam mais de tantos contadores e intendentes, e então os deixaram ali, como se fossem soldados de verdade.

— Então, não foi um grande feito?

— O pessoal do Leclerc, um outro cretino de terceira ou quarta água, cuja morte celebrei com um magnum de Perrier-Jouet Brut, 1942, disparou uma porção de tiros para fazer a coisa parecer importante e apenas porque lhes havíamos dado com que atirar. Mas não foi nada significativo, na verdade.

— Você tomou parte na entrada em Paris?

— Tomei — afirmou o coronel. — Posso dizer com convicção que tomei.

— Mas não foi uma grande emoção? Afinal de contas, era Paris, e libertá-la foi um privilégio.

— Os próprios franceses a tinham libertado quatro dias antes. Era o grande plano do que chamávamos SCFEA... guarde bem a significação da sigla... Supremo Comando das Forças Expedicionárias Aliadas... Isso incluía todos os políticos militares da retaguarda. Eles usavam um distintivo vergonhoso, que tinha a forma de uma coisa que nem sei o que era, uma coisa flamejante. Nós usávamos um trevo de quatro folhas, como designação e para atrair sorte. Bem, o SCFEA tinha um plano-chefe para a cidade. Portanto, não podíamos tomá-la, simplesmente. Tínhamos que esperar também a possível chegada do general ou marechal de campo Bernard Law Montgomery, que não conseguiu sequer fechar a brecha em Falaise, e que considerou a via de acesso um tanto enlameada demais, não conseguindo, por isso, chegar a tempo a Paris.

— Vocês devem ter sentido falta dele... — comentou a jovem.

— Oh! Se sentimos — exclamou o coronel. — E quanta!

— Mas o fato em si não apresentou nada de nobre, de empolgante?

— Evidentemente. Combatemos desde Bas Meudon e desde a porta de Saint Cloud, através de ruas que eu conhecia e amava. Não tivemos mortes e produzimos os menores danos possíveis. Na Étoile, fiz prisioneiro o mordomo de Elsa Maxwell. Foi uma operação bem complicada. Ele fora denunciado como um espião japonês. Foi uma sensação. Alegava-se que matara diversos parisienses. Então, fizemos subir três homens ao forro da casa onde ele se tinha escondido. Verificou-se que era natural da Indochina.

— Começo a entender um pouco. Mas é muita desilusão!

— É um inferno, concordo. Mas na vida militar a primeira coisa é afastar nossas ilusões mais românticas do coração.

— Mas acha que também era assim no tempo dos grandes capitães?

— Tenho plena certeza de que era pior.

— Mas sua mão... ficou assim num ato de honra.

— Realmente. No alto de uma colina nua e rochosa.

— Deixe-me palpá-la, por favor?

— Mas, no centro, pegue com muito cuidado. A fratura jamais se consolidou e pode se abrir de novo.

— Você devia escrever sobre essas coisas. Estou

falando com sinceridade. Assim os fatos seriam conhecidos.

— Não — discordou o coronel. — Não tenho talento para escrever. Além disso, eu sei coisas demais. Qualquer mentiroso escreve de modo mais convincente do que um homem que esteve metido na situação em si.

— Mas muitos outros soldados escreveram seus livros.

— De fato. Maurice de Saxe, Frederico, o Grande, T'sun Su.

— Refiro-me a soldados do nosso tempo.

— Como você diz com a maior facilidade *nosso tempo*. Adoro ouvir isso.

— Mas muitos soldados modernos não escreveram livros também?

— Muitos. Mas você leu algum deles?

— Não. Tenho lido quase que só clássicos. E leio jornais ilustrados, onde só saem escândalos. Releio também as suas cartas.

— As minhas cartas? Queime-as. Não valem nada.

— Por favor, não seja rude.

— Está bem. O que posso lhe contar que não seja monótono?

— Fale-me de quando foi general.

— Sobre isso? — Fez sinal ao *Gran Maestro*, pedindo champanhe. Trouxeram Roederer Brut, 42,

que ele adorava. — Um general mora num *trailer* e o seu chefe de operações, também. Ele bebe uísque americano, Bourbon, que mais ninguém tem disponível. Os nossos Gs vivem no C. P. Poderia explicar a você o que são Gs, mas seria um tédio. Senão, poderia lhe falar sobre G1, G2, G3, G4, G5, e ainda sobre o *Kraut-6*. Mas não quero abusar de sua paciência, ou seja, fica-se diante de um mapa coberto com plástico e sobre ele se acham representados três regimentos compostos de três batalhões cada um. Tudo isso marcado com lápis vermelho. Há linhas limítrofes, mas os batalhões precisam transpô-las sem entrar em combate entre si. Cada batalhão é composto de cinco companhias, todas elas deveriam ser boas. Mas algumas são, outras não. Temos também divisões de artilharia, um batalhão de tanques e muitos outros efetivos. Vivemos à mercê de coordenadas.

Fez uma pausa enquanto o *Gran Maestro* servia o Roederer Brut, 42.

— Mandam dizer-nos do Corpo — (traduziu ao acaso: *cuerpo d'Armata*) — o que devemos fazer. Então se decide como agir. Dita-se a ordem ou, na maioria das vezes, ela é dada por telefone. Anima-se a nossa gente boa e galharda para conseguir que tentem fazer o que sabemos que é literalmente impossível, embora tenha sido ordenado. Tem-se também que raciocinar muito, ficar acordado até

muito tarde, mesmo precisando levantar bem cedo.

— E não quer escrever sobre isso? Nem mesmo se eu pedir?

— Não — respondeu o coronel. — Garotos mais sensíveis que entraram em colapso, mas que conservam suas primeiras impressões do seu único dia de batalha ou dos primeiros dias, ou da primeira e única semana, são esses que escrevem livros. São livros bons, mas quem esteve lá pode achá-los insossos. Há outros que tratam logo de escrever, querendo tirar lucro rápido da guerra que não lutaram. São os que correram da linha de fogo para transmitir as notícias, que raramente são exatas. Mas eles as expedem afoitamente. Até escritores profissionais, cujos empregos os impediam de ir para a frente de combate, escreveram sobre combates que não podiam compreender. E o fizeram como se houvessem estado lá. Não sei bem em que categoria de embuste isso deve ser catalogado. Pois se até um maneiroso capitão da Marinha, um tipo esquemático, incapaz de comandar um bote a remo, escreveu sobre os pormenores do contexto da guerra. Mais cedo ou mais tarde, todo mundo escreve um livro sobre o assunto. Alguns podem até ser bons. Mas não vou escrever nada, filha.

O coronel virou-se para o *Gran Maestro*, fez-lhe sinal para que enchesse os copos e de repente lhe

perguntou:

— *Gran Maestro!* Gosta de combater?

— Não.

— Mas nós não combatemos?

— Sim. E demais.

— Tem boa saúde?

— Muitíssimo boa, excetuando as amolações que me dão a úlcera e uns probleminhas no coração.

— O coração também? Mas você só me havia falado da úlcera — queixou-se o coronel, cujo coração reagiu logo, como se tivesse escutado também.

— Bem, agora já sabe... — redarguiu o *Gran Maestro*. Mas não terminou a frase, que ficou nas reticências do seu sorriso bondoso e claro como o rijo sol que nasce.

— Problemas no coração? Quantas vezes?

O *Gran Maestro* ergueu a mão mostrando dois dedos, do jeito displicente que faz uma pessoa que, merecendo crédito, transmite pela mímica aquilo sobre que não é preciso falar muito.

— Então, estou ganhando de você — disse o coronel. — Mas não sejamos macabros. Ofereça a *donna* Renata um pouco mais deste excelente champanhe.

— Mas você não me contou que houvesse acontecido mais alguma coisa — protestou a garota.

— E tem de me contar tudo. Você me deve isso.

— Mas não tive mais nada desde a última vez em que estivemos juntos.

— Será que o problema desse coração não é saudade? Se for por isso, eu virei ficar com você e cuidar de você.

— É apenas um músculo. A diferença é que se trata de um músculo essencial. E trabalha com a perfeição de um cebolão Rolex Perpetual. O diabo é que a gente não pode mandá-lo a um representante do Rolex para consertá-lo quando não anda direito. Quando para, ficamos sem saber as horas, e é tudo! Morre-se.

— Quer fazer o favor de mudar de assunto?

— Ora... Você perguntou.

— E aquele homem caricatural das marcas de varíola? Será que também sofre de coisas como essas?

— Claro que não — retrucou o coronel. — Se é um escritor medíocre, viverá para sempre.

— Você não é um escritor. Então, como sabe disso?

— De fato não sou, graças a Deus. Mas li diversos livros. Quando se é solteiro, se tem muito tempo para ler. Não tanto, talvez, como na Marinha mercante. Mas bastante tempo. Sei reconhecer a diferença entre um escritor do outro e garanto que um escritor medíocre tem sempre uma vida longa.

Deviam pagar impostos por excesso de longevidade.

— Essa conversa está me pondo triste. Que tal me contar algum caso curioso?

— Posso contar-lhe centenas deles. E todos verdadeiros.

— Um só basta. Depois, vamos terminar esse champanhe e iremos andar de gôndola.

— Só se você se agasalhar bem.

— Quanto a isso, pode ficar tranquilo.

— Não sei o que devo lhe contar. Toda e qualquer história de guerra enfastia quem não tomou parte nos combates. A não ser as histórias dos mentirosos.

— Gostaria de saber alguma coisa mais da tomada de Paris.

— Por quê? Só porque lhe disse que você se parecia com Maria Antonieta na carreta?

— Não, nada disso. Até que gostei da comparação. Sei que pareço com ela de perfil. Mas nunca estive numa carreta. Gostaria mesmo é de ouvir alguma coisa sobre Paris. Quando se ama alguém e o consideramos nosso herói, gostamos que nos fale sobre lugares e acontecimentos onde esteve.

— Vire por favor a cabeça — pediu o coronel — e eu contarei alguma coisa. *Gran Maestro*, ainda tem alguma coisa nessa diaba dessa garrafa?

— Está vazia — informou o *Gran Maestro*.

— Então, traga outra.

— Já coloquei uma no gelo faz tempo.

— Bem. Sirva-nos. Agora ouça, filha. Separamo-nos da coluna do general Leclerc em Clamart. Ela seguiu para Montrouge e para a Porta d'Orléans, e nós tocamos diretamente para o Bas Meudon, a fim de garantir a ponte da Porta de Saint Cloud. Mas isso tudo é muito técnico. Não está achando chato?

— Não.

— Seria melhor com um mapa.

— Continue.

— Garantimos a ponte, estabelecemos uma cabeça-de-ponte do outro lado do rio e jogamos no rio Sena os alemães, vivos e mortos, que a tinham defendido. Foi, aliás, uma defesa que não se compreende. Eles deviam ter estourado a ponte. Bem, arremessamos todos os alemães no Sena. Creio que todos eram funcionários de escritório deixados para trás.

— Por favor, não pare.

— Na manhã seguinte, fomos informados de que os alemães tinham pontos fortificados em diversos lugares, que vários tanques estavam rodando pela cidade e que iam fazer funcionar a artilharia do Monte Valérien. Solicitaram-nos também que retardássemos a entrada, já que o general Leclerc deveria tomar a cidade. Concordei e

avancamos o mais devagar possível.

— Mas como fez isso?

— Retivemos o ataque por duas horas, fomos bebendo champanhe, que nos era oferecido pelos patriotas, colaboradores e entusiastas.

— Mas não houve nada de grandioso nem de formidável, como contam nos livros?

— Claro que sim. Havia a cidade em si. O povo estava radiante. Velhos generais reformados ou comissionados apareciam de todos os lados com seus uniformes cheirando a naftalina. E nós também estávamos muito contentes por não termos precisado lutar.

— Mas não houve luta? Nenhuma?

— Só três embates. Depois a coisa abrandou.

— E tiveram que combater tão pouco para tomar uma cidade como Paris?

— Filha, entramos em combate doze vezes, a começar de Rambouillet, para tomar a cidade. Mas só duas delas mereceram mesmo o nome de batalhas. As que se travaram em Toussus le Noble e em Le Buc. As restantes foram como a guarnição, o enfeite de um prato culinário. Não precisei lutar realmente a não ser nesses dois lugares.

— Conte-me algumas coisas verdadeiras sobre combates.

— Conte-me sobre o seu amor por mim.

— Amo-o. E pode publicar essa minha

declaração no *Gazzettino* quando quiser. Amo seu corpo rijo, bem-feito, seus estranhos olhos que me amedrontam quando se tornam maus. Amo sua mão. Amo seus ferimentos.

— Acho melhor tentar lhe dizer qualquer coisa realmente bonita... Para começar, eu a amo, ponto.

— Então por que não compra um bom cristal?
— perguntou ela, de repente. — Podemos ir juntos a Murano.

— Cristais? Ora, não entendo nada de cristais.

— Eu poderia ensinar. Ia ser divertido para mim.

— Levamos uma vida demasiado nômade para termos bons cristais.

— Servirão para depois, quando se aposentar e ficar morando aqui.

— Certo, compraremos alguns.

— Gostaria que fosse já.

— Eu também. Mas é que vou caçar patos amanhã e agora já é noite.

— Não posso ir caçar também?

— Só se Alvarito convidá-la.

— Posso fazer com que ele me convide.

— Duvido.

— Não é delicado duvidar do que sua filha diz.
Ela já tem idade para não mentir.

— Está bem, filha. Retiro a dúvida.

— Agradecida. Só não irei porque não quero

atrapalhar. Ficarei em Veneza, irei à missa com mamãe, com minha tia e com uma tia-avó. E visitarei os meus pobres. Sou filha única, de modo que tenho muitos deveres.

— Sempre me perguntei o que você fazia para se ocupar.

— Faço isso que acabei de falar. Pedirei também que a minha criada de quarto me lave a cabeça e me faça as unhas das mãos e dos pés.

— Mas não pode fazer isso no domingo. É o dia da caçada.

— Então farei tudo na segunda-feira. No domingo, lerei os jornais ilustrados, até mesmo os mais vulgares.

— Talvez tragam retratos de *miss* Bergman. Você ainda quer ser parecida com ela?

— Agora, já não quero mais — respondeu a jovem. — Quero ser como sou, só que melhor, bem melhor, e quero que você me ame. E também desejaria ser um pouco igual a você — acrescentou ela de repente, com vivacidade. — Consente nisso um pouco, esta noite?

— Claro que sim. Em que cidade nos achamos, afinal de contas?

— Em Veneza — afirmou ela. — A melhor cidade, creio eu.

— Concordo plenamente. E desde já lhe agradeço por não me pedir que lhe conte mais

episódios de guerra.

— Ah! Terá que me contá-los mais tarde.

— *Terei?* — retrucou o coronel; e seus olhos mostraram logo resolução e crueldade tão evidentes, como se a boca encapuzada do canhão dum tanque tivesse girado na direção dela. — Você disse que eu *terei*, filha?

— Disse. Mas não em tom de exigência. Se pareceu assim, peço desculpas. Quis dizer que você ainda iria me fazer o favor de contar mais alguns episódios de guerra, assim como me explicar coisas que eu não compreendesse.

— Ora! Besteira minha! Você pode exigir sim, filha. — Sorriu e seus olhos se tornaram afáveis como de costume, o que não significava que fossem tão afáveis assim, como ele bem o sabia. Mas não havia nada que pudesse fazer exceto tentar ser gentil para com seu derradeiro verdadeiro e único amor. — Pode acreditar, filha, não me zanguei. Sei tudo sobre o desejo de comandar e na sua idade sentia imenso prazer em fazer isso.

— Mas eu não quero comandar! — E a despeito de sua antiga resolução de não chorar ficou com os olhos úmidos. — O meu desejo é servi-lo.

— Eu sei. Mas você também quer comandar. Não há mal nenhum nisso. Todas as pessoas como nós têm isso.

— Obrigada pela expressão *como nós*.

— Foi espontânea, filha.

Bem nesse instante, o gerente entrou, aproximou-se da mesa deles e disse:

— Com licença, meu coronel. Está lá fora um homem, que creio é empregado aqui da senhorita. Traz um embrulho grande para o coronel. Devo guardá-lo na depósito ou quer que o mande para os seus aposentos?

— Para os meus aposentos — respondeu o coronel.

— Um momento, por favor. Não poderíamos olhá-lo um pouco, aqui mesmo? — pediu Renata. — Não nos importamos com ninguém, não é mesmo?

— Mande que o desembrulhem. Depois tragam aqui.

— Muito bem.

— Mais tarde mande-o levar com muito cuidado para os meus aposentos. Será preciso tornar a embrulhá-lo bem, para ser transportado amanhã ao meio-dia.

— Perfeitamente, meu coronel.

— Não está ansioso para vê-lo? — perguntou ela ao coronel.

— Muito! — respondeu o coronel. — *Gran Maestro*, um pouco mais desse Roederer, por favor. E tenha a bondade de colocar aqui uma cadeira numa posição que possamos apoiar nela um quadro. Somos amantes das artes plásticas.

— Não há mais Roederer gelado — avisou o *Gran Maestro*. — Mas se gostarem de Perrier-Jouet...

— Traga-o — aceitou o coronel, acrescentando: — Por favor. — E, voltando-se para a jovem, explicou: — Não gosto de falar como Georgie Patton. Não preciso fazer isso. E de mais a mais ele já está morto.

— Coitado.

— Sim, um coitado, por toda a sua vida. E, entretanto, foi muito rico e dispunha de inúmeros carros blindados.

— Parece que você implica com os carros blindados...

— Implico, sim. Dentro deles cabe muita gente. Isso transforma os homens em fanfarrões, o que é o primeiro passo para a covardia. A verdadeira covardia, quero dizer. Talvez, tornada um pouco mais nociva pela claustrofobia.

A seguir, olhou para ela e sorriu, lamentando havê-la carregado para uma profundidade maior do que a que ela poderia aguentar, como se pegasse numa nadadora novata e a arrastasse de uma praia rasa para o mar aberto. Sentiu-se na obrigação de desculpar-se. — Perdoe-me, filha. Mas o que eu disse é mais verdade do que aquilo que lerá nas memórias dos generais. Depois que um alto oficial recebe uma estrela ou duas, ou três, a verdade se

torna para ele tão difícil como era o Santo Graal para nossos ancestrais.

— Mas você foi general.

— Mas não por tanto tempo assim — redarguiu ele. — Já os capitães, estes conhecem a verdade e no mais das vezes costumam contá-la. Senão, podem ser rebaixados.

— Se eu mentisse, você me rebaixaria?

— Dependeria da espécie de mentira.

— Não vou pregar mentira nenhuma. Não quero ser rebaixada. Que palavra tão horrível!

— É, sim — opinou o coronel. — E você os despacha para que se cumpra o procedimento com onze cópias da exposição de motivos para o rebaixamento. E cada via com a nossa assinatura.

— Você rebaixou muitos subordinados?

— Uma porção.

O porteiro voltou à sala trazendo o retrato em sua grande moldura. Parecia um barco que pende para um lado, por causa do tamanho excessivo da vela. O coronel disse para o segundo garçom:

— Pegue duas cadeiras, ponha-as aqui. Veja que a tela não roce nas cadeiras e segure-a para que não escorregue. — Depois, disse para Renata: — Teremos de trocar a moldura.

— Eu sei — concordou ela. — Aliás, não fui eu que a escolhi. Sim, mande tirá-la. Na próxima semana escolheremos uma nova. Agora, olhe para a

tela sem reparar na moldura. Veja se está parecida comigo ou não.

Era um bonito retrato; nem frio, nem petulante; nem estilizado, nem moderno. Saíra conforme se haveria de querer que Tintoretto o pintasse, caso ainda vivesse, ou, na ausência deste, Velásquez. Não que lembrasse a técnica de qualquer dos dois. Era simplesmente um esplêndido retrato a óleo, conforme podem-se encontrar alguns, hoje em dia. E o coronel foi logo dizendo:

— Formidável. Esplêndido, realmente.

O porteiro e o segundo garçom seguravam a tela, espiando por cima dos cantos da moldura. O *Gran Maestro* enchia-se de admiração. Lá da sua mesa, não muito distante, o norte-americano olhava com atenção jornalística, imaginando quem o teria pintado. As costas da tela davam para as outras pessoas que estavam jantando.

— Maravilhoso — continuou o coronel a elogiar. — Não! Você não pode me dar essa tela.

— Já dei — respondeu vivamente Renata. — Garanto que meus cabelos nunca tiveram esse comprimento.

— Claro que tinham!

— Bem! Se você quiser, posso deixá-los crescer. Vou experimentar.

— Experimente — disse o coronel. — Emoldura sua beleza. Amo demais a vocês duas:

você e o seu retrato.

— Se está querendo comunicar aos garçons, pode fazê-lo. Garanto que não levarão grande choque.

O coronel apenas pediu ao porteiro:

— Leve-o lá para cima, para o meu quarto. Agradeço muito o trabalho de havê-lo trazido. Se o preço não for exorbitante, vou adquiri-lo.

— O preço é módico — confidenciou-lhe a jovem. — Não quer que o seguremos enquanto os criados retiram as cadeiras? Assim se poderia expô-lo convenientemente para o seu patrício. O *Gran Maestro* poderia até dar-lhe o endereço do pintor, e o homem do rosto marcado iria conhecer um típico estúdio.

O *Gran Maestro* atalhou:

— É um retrato lindíssimo, mas deve ser levado já para o quarto. Não deve ser discutido sob os efeitos do Roederer ou do Perrier-Jouet.

— Leve-o lá para cima, por favor.

— Você disse *por favor*, sem fazer a habitual pausa.

— Obrigado — respondeu o coronel. — Sinto-me tão profundamente emocionado pelo retrato que já não sou responsável pelo que digo.

— Nenhum de nós dois está em seu estado normal.

— Concordo — declarou o coronel. — O *Gran*

Maestro, porém, está. Sempre teve muita noção de responsabilidade.

— Não... — contestou a jovem — acho que não se trata apenas de responsabilidade, mas também de malícia. De um jeito ou de outro, todos nós temos alguma malícia, nesta cidade. O mais provável é que ele não queira que o homenzinho olhe para a felicidade, nem mesmo como jornalista.

— A felicidade ou lá o que seja.

— Aprendi essa expressão com você e agora você a aprende dos meus lábios e a usa.

— É sempre assim. O que se ganha em Boston se vai deixar em Chicago.

— Não compreendo a alusão.

— É difícil explicar. Ou por outra, não é. Esclarecer as coisas está no meu ofício. Que o diabo leve a dificuldade de explicar. É como no futebol. Os pontos que um time ganha em Milão acaba perdendo em Turim.

— Não me interessa por futebol.

— Nem eu — retrucou o coronel. — Muito menos quando se trata de uma partida entre o Exército e a Marinha e quando os figurões conversam em gíria de futebol norte-americana lá entre eles para que ninguém mais saiba do que estão falando.

— Acho que passaremos uma parte da noite bem agradável, sejam quais forem as circunstâncias.

— Não será bom levarmos uma garrafa para a gôndola?

— Grande ideia — comemorou a jovem. — Mas os copos devem ser fundos para não derramar o champanhe. Falarei com o *Gran Maestro*. Vamos pegar nossos casacos e sair.

— Está bem. Antes vou tomar este remédio, assinar a conta com o *G. M.* e depois sairemos.

— Que pena eu não poder tomar o remédio no seu lugar!

— Ai! Ai! Era só o que faltava. Devemos ir procurar uma boa gôndola para nós ou pedir que venha uma até aqui ao cais?

— Vamos jogar com a sorte. Ela que venha nos pegar aqui. O que temos a perder?

— Nada, acho eu. Provavelmente nada.



Saíram para o *imbarcadero* pela porta lateral do hotel, e o vento logo os pegou em cheio. A luz do hotel brilhava sobre o negro da gôndola e esverdeava a água. “Esta gôndola parece tão bonita quanto um cavalo de raça ou um carro de corridas”, pensou o coronel. “Por que nunca prestei atenção direito numa gôndola? Que mãos e que olhos teriam desenhado essa simetria cor de treva?”

Nisto, Renata perguntou:

— Para onde vamos?

Seus cabelos eram soprados para trás pelo vento, de modo que, em pé no cais perto da gôndola preta e sob o efeito da claridade que vinha da porta e da janela, Renata parecia a figura feminina de certos rostos de navio, da cabeça até os pés. Foi o que o coronel pensou antes de dizer:

— Vamos rodar de carro pelo parque. Ou através do Bois, com a capota descida. Ele que nos leve até Armenonville.

— Vamos a Paris, então?

— Isso mesmo — concordou o coronel. — Peça-lhe que nos conduza durante uma hora por onde for mais fácil. Não quero obrigá-lo a navegar contra o vento.

— Com o vento, a maré subiu muito — disse a moça. — Em certos lugares bem nossos ele hoje não poderá passar debaixo das pontes. Posso dizer a ele por onde quero que nos leve?

— Naturalmente, filha.

Então o coronel ordenou ao ajudante de garçom, que os acompanhara, que colocasse com cuidado dentro da gôndola o balde com o gelo.

E o ajudante de garçom avisou:

— O *Gran Maestro* me pediu que lhes dissesse que esta garrafa de vinho é presente dele.

— Agradeça em nosso nome e diga que ele não pode fazer uma coisa dessas!

— Será melhor a gôndola enfrentar o vento por algum tempo porque então vou saber que rumo deve tomar.

O segundo garçom lhes disse:

— O *Gran Maestro* manda também isto.

Era um antigo cobertor do Exército americano, muito bem dobrado. Renata falava com o gondoleiro. Seus cabelos esvoaçavam. O gondoleiro usava uma blusa azul encorpada de marinheiro e estava com a cabeça descoberta.

— Agradeça a ele por nós — pediu o coronel,

esgueirando uma cédula na mão do garçom. Ele a devolveu com a seguinte justificação:

— O senhor já incluiu tudo no pagamento da conta. Nem o senhor, nem eu e nem o *Gran Maestro* estamos passando fome.

— Compreendo. Mas... e a *moglie* e os *bambini*?

— Não tenho mais família. Os aviões dos senhores arrasaram nossa casa em Treviso.

— Oh!... Lamento tanto.

— Que culpa tem o senhor? Pertencia à infantaria como eu, não é verdade?

— Permita que eu lamente.

— Está bem — admitiu o ajudante de garçom.
— E que diferença faz isso? Seja feliz, meu coronel. Seja feliz, senhorita.

Os dois desceram para dentro da gôndola, e aconteceu, como sempre, a mesma magia, o casco leve balançando ante o menor movimento. Primeiro, um balanço naquela escuridão difusa. A seguir, outro, quando o gondoleiro principiou a remar adernando a gôndola um pouco, a fim de ter melhor domínio sobre ela.

— Bem — disse Renata —, agora estamos à vontade e eu o amo. Beije-me, por favor, e ponha no beijo o máximo de ternura.

O coronel apertou-a de encontro a si, com a cabeça inclinada para trás, e a beijou até não restar nada além de desespero naquele beijo.

— Amo-a, Renata.

— O que é o amor? — atalhou a jovem.

— Amo-a, e sei o que isso quer dizer. Embora o retrato a óleo seja lindo, não há palavras que digam o que você é.

— Acha-me selvagem? Ou... descuidada, ou desmazelada?

— Não.

— Essa última palavra aprendi com a minha governanta. Chamava-me assim por eu não pentear direito o meu cabelo. Achava-me negligente por eu não passar direito a escova, de noite. Exigia que eu a passasse cem vezes.

— Pois vou passar meus dedos nele, de modo a lhe dar um ar ainda mais negligente.

— Vai fazer isso com a sua mão machucada?

— Vou.

— Estamos sentados em lados trocados, então. Venha para o meu lugar.

— Está bem. Trata-se duma ordem agradável dita em linguagem simples e de fácil compreensão.

Foi engraçado o esforço para mudarem de lugar, procurando não desequilibrar a gôndola, movendo-se com toda a cautela:

— Assim. Agora, me segure com força com a outra mão.

— Sabe bem o que está pedindo?

— Claro que sei. Acha impróprio para uma

donzela? Aprendi essa expressão também com a minha governanta.

— Não, é adorável. Abra o cobertor e sinta o vento.

— Vem das montanhas altas.

— Sim, e de bem mais longe ainda.

O coronel ouvia o bater das ondas, sentia o vento agudo e a aspereza quase íntima do cobertor. Sentia o corpo ao mesmo tempo frio e cálido da moça junto dele, com os seios rijos que a sua mão esquerda contornava levemente. Depois passou a mão defeituosa duas, três vezes pelos cabelos de Renata e em seguida a beijou. A sensação foi pior do que o desespero.

— Por favor, deixe-me beijar você agora — pediu ela, quase debaixo do cobertor.

— Não — disse ele. — Quero beijá-la outra vez.

O vento estava muito frio e lhes fustigava as faces. Mas, debaixo do cobertor, não havia vento nem frio; apenas a sua mão defeituosa, como um naufrago procurando no grande rio a ilha de litoral escarpado.

— Aí está... — falou ela.

Ele beijava-a e procurava a ilha, achando-a e perdendo-a, depois tornando a encontrá-la de vez, “para o bem e para o mal, para sempre e para tudo”, pensou ele, dizendo alto:

— Minha querida! Meu amor. Deixe eu...

— Não. Aperte-me forte, só isso.

O coronel não disse nada, porque estava testemunhando ou fazendo presença no único mistério em que acreditava além da ocasional bravura do homem.

— Quietos! Por favor — pediu a jovem. E depois: — Assim. Mais rápido, agora.

Debaixo do cobertor, com o vento batendo, o coronel prosseguiu, porque sabia que a única coisa que perdura é o que o homem faz pela mulher. Além disso, só o que se faz pela pátria, pela terra natal, diga-se o que se disser.

— Por favor, querido — insistiu ela. — Não posso mais.

— Não pense em nada. Não pense em nada, em nada.

— Não estou pensando.

— Isso. Não pense.

— Por favor, não fale nada.

— Está bem, assim?

— Você sabe que sim.

— Tem certeza?

— Oh! Por favor, não fale. Por favor.

“Sim,” pensou ele. “Por favor. Deixe. Deixe.”

Ela não disse mais nada. Nem ele. E quando o grande pássaro fugiu deixando de roçar a janela fechada da gôndola e sumiu, distanciando-se,

nenhum dos dois disse qualquer coisa. Ele lhe segurava de leve a cabeça com o braço bom, ao passo que o braço machucado segurava agora a orla da gôndola.

— Por favor, ponha essa mão onde ela deve ficar — pediu ela.

— Mas... devemos?

— Não. Então, me abrace com força e me ame de verdade.

— Eu a amo de verdade — disse ele.

Nisto, a gôndola fez uma curva bastante fechada para a esquerda. O vento começou a bater em cheio no seu rosto. Ele percebeu a mudança e disse, pegando com o canto dos olhos o contorno do Palácio, onde fizeram a curva:

— Você agora já está ao abrigo do vento, filha.

— Mas ainda é cedo demais. Não sabe como fica se sentindo uma mulher?

— Não. Sei apenas o que você me diz.

— Obrigada por dizer *você*. Mas, realmente, não sabe?

— Não sei. Acho que nunca perguntei.

— Imagine, então. E, por favor, espere até passarmos por baixo da segunda ponte.

— Tome um copo, aqui — sugeriu o coronel procurando com todo cuidado alcançar o balde com gelo onde estava o champanhe e desarrolhando a garrafa cuja rolha o *Gran Maestro* substituíra por

uma outra, de vinho comum. — Vai lhe fazer bem, filha. É bom para todos os males que costumam nos abater. Para todas as tristezas e os momentos de indecisão.

— Coisas essas das quais não sofro — redarguiu ela, falando com o apuro gramatical que a sua governanta lhe ensinara. — Sou apenas uma mulher, ou uma garota, seja lá o que isso for, e fazendo algo que não deveria fazer! E vamos fazer de novo, por favor, agora que estou ao abrigo do vento.

— Onde está essa ilha, agora? E em que rio?

— Cabe a você descobrir. Sou apenas o território desconhecido.

— Nem tão desconhecido assim.

— Por favor, não seja rude. E, por favor, ataque com gentileza e com o mesmo destemor da vez anterior.

— Não se trata de um ataque. É outra coisa...

— Seja o que for... Seja o que for. Faça agora, enquanto estou ao abrigo do vento.

— Certamente — falou o coronel. — E agora, se é o que deseja. E se me aceitar...

— Venha, por favor.

“Ela fala que nem um gato cheio de mimos, embora os gatos, coitados, não possam falar”, pensou o coronel que logo parou de pensar ficando absorto por um longo tempo.

A gôndola seguia agora por um canal secundário e, ao entrar, deixando o Grande Canal, o vento a inclinara tanto para o lado que o gondoleiro teve de pender com todo o seu peso para endireitá-la. Os dois passageiros também foram deslocados, debaixo do cobertor que o vento logo agitou com fúria.

Continuaram silenciosos ainda por algum tempo, e o coronel notou que a gôndola passou por baixo da última ponte com apenas alguns poucos centímetros de folga.

— Então, filha? Como está?

— Estou ótima.

— Você me ama?

— Por favor, não me pergunte uma coisa tão estúpida.

— A maré está alta e mal conseguimos passar por baixo dessa última ponte.

— Creio que sei muito bem para onde estamos indo. Eu nasci aqui.

— Isso não quer dizer nada — retrucou o coronel. — Muitas vezes me perdi na minha própria cidade. Ter nascido num lugar não é tudo.

— Mas já é bastante. Você sabe disso. Tenha a bondade de me abraçar bem apertado para que durante algum tempo sejamos uma só pessoa.

— Sim, podemos tentar.

— Então, não posso ser você?

— Podemos tentar, é claro. Mas acho tremendamente complicado.

— Neste momento, eu sou você. E estou simplesmente tomando a cidade de Paris.

— Por Deus, filha! Você vai ter de lidar com uma porção de problemas terríveis. A primeira coisa é seguir com a vigésima oitava divisão, que vai realizar uma parada, percorrendo a cidade.

— Não me importo.

— Mas eu me importo.

— Mas essa divisão não era boa?

— Era, sem dúvida. Ótimos comandantes, também. Mas era a Guarda Nacional... muito azarada. Era o que chamávamos de uma divisão G.M... que vivia numa *Grande Merda*! Sempre prestes a receberem baixa... pela extrema-unção do capelão da unidade!

— Não estou entendendo nenhuma dessas coisas.

— E nem adianta explicá-las — afirmou o coronel.

— Quer me contar coisas que realmente aconteceram na tomada de Paris? Amo tanto essa cidade e quando penso que você a tomou tenho a impressão de estar andando de gôndola com o marechal Ney.

— Um mau negócio — considerou o coronel.
— Pelo menos, depois de ter entrado tantas vezes

em combate na retaguarda da volta daquela grande cidade russa. Ele precisou entrar em combate dez, doze... quinze vezes por dia. Até mesmo mais. Depois disso, tornou-se incapaz de reconhecer as pessoas. Por favor, não ande de gôndola com ele.

— Ney foi sempre um dos meus grandes heróis.

— Ora, meu também. Até Quatre Bras. Talvez não tenha sido Quatre Bras. Ando me esquecendo das coisas. Será melhor dar o nome genérico de Waterloo.

— Ele lutou muito em Waterloo?

— Terrivelmente — afirmou o coronel. — Melhor esquecer. Lutas de retaguarda demais, na volta de Moscou.

— Mas chamavam-no o mais bravo dos bravos.

— Uma pessoa não pode se fiar no que foi. Tem que continuar sendo. E então isso o torna o mais esperto entre os espertos. Mas para isso é preciso ter muita sorte também.

— Fale-me sobre Paris, por favor. Mesmo porque não podemos fazer mais amor, daqui para frente.

— Por que diz isso?

— Digo porque o amo.

— Muito bem. Então, se você diz que me ama, o resto que se dane.

— Acha que podemos fazer mais uma vez sem ferir o seu braço?

— Ferir a mim? — protestou o coronel. — E alguma vez na vida eu já fui ferido, que diabo?



— Por favor, tenha juízo — pediu ela, puxando o cobertor sobre ambos. — Vamos, beba um pouco deste champanhe comigo. Você sabe que já foi ferido.

— Certo — concordou o coronel. — Mas vamos esquecer isso.

— Está bem — aquiesceu ela. — Aprendi essa palavra, ou melhor, essas duas palavras, de você... Esquecer, não é? Bem, já esquecemos.

— Por que é que você gosta da minha mão? — perguntou o coronel, colocando-a onde deveria.

— Por favor, não se finja de tolo. Não precisamos pensar em nada mais. Em mais nada.

— Eu sou um tolo. Mas não pensarei em nada. Absolutamente em nada de nada e por nada de nada de coisa nenhuma... amanhã.

— Por favor, seja gentil comigo.

— Serei, sim. Tanto que vou lhe contar agora um segredo militar. Segredo máximo que equivale em inglês britânico a Segredo Absoluto. Eu a amo.

— Isso foi gentil! E você o disse de maneira gentil, também!

— Eu sou gentil — admitiu ele, observando a ponte que se aproximava e verificando que havia espaço suficiente para a passagem. — É a primeira coisa que todos notam em mim.

— Nunca emprego bem as palavras — falou ela. — Por favor, trate apenas de me amar. Assim. Desejava era eu poder amá-lo também.

— Mas então não me ama?

— Amo sim. De todo o coração.

O vento levava a gôndola agora e ambos estavam cansados.

— Você pensa que...

— Não penso em nada — respondeu ela.

— Bem... Então procure pensar.

— Pronto.

— Beba um pouco deste champanhe. Um copo inteiro.

— Por que não? É ótimo.

Beberam. Ainda havia gelo no balde e o champanhe estava frio e claro.

— Posso ficar com você no Gritti?

— Não.

— Por que não?

— Não seria direito. Para eles, não seria. Não por você. E quanto a mim nem se fala.

— Então, terei que ir para casa?

— Sim — reconheceu o coronel. — É uma suposição lógica.

— Que modo horrível de dizer uma coisa triste. Poderíamos... fazer uma encenação, fingir qualquer coisa e...

— Não. Vou levá-la até a sua casa, você vai dormir bem, sem sobressaltos, e amanhã nos encontraremos onde você quiser.

— Posso telefonar para o Gritti?

— Pode sim. Acordo muito cedo. Telefone assim que acordar.

— Está bem. Mas por que é que sempre acorda cedo?

— Hábito da profissão.

— Oh! Queria tanto que você não estivesse na carreira militar... e que não fosse morrer.

— Eu também — disse ele. — Vou entrar para a reserva.

— Faça isso, sim — pediu ela, com ar sonolento e afável. — Então, iremos a Roma comprar roupas.

— E viver felizes para sempre.

— Por favor, não fale assim. Por favor, sim? Você sabe que prometi não chorar.

— Mas já está chorando! Como diabos se deixou vencer?

— Leve-me para casa, por favor.

— É exatamente o que eu estava fazendo.

— Antes, seja gentil, ao menos uma vez.

— Estou sendo.

Depois que eles, ou melhor, que o coronel pagou o gondoleiro — homem discreto, embora atento a tudo, sujeito bom, respeitoso e merecedor de confiança —, saltou com Renata para a Piazzetta. A seguir, atravessaram a praça gélida, enorme e batida pelo vento, com seu piso rijo e antiquíssimo. Caminhavam abraçados e imersos em felicidade e mágoa.

— Foi daqui que o alemão atirou nos pombos — mostrou.

— Provavelmente nós o matamos — declarou o coronel. — Ou algum irmão dele. Ou talvez o tenhamos enforcado. Como hei de saber? Não sou da Scotland Yard.

— Você ainda me ama, sobre estas pedras desgastadas pela água, gélidas e velhas?

— Amo. E gostaria de estender um manto aqui, para nos deitarmos e eu poder provar o que estou afirmando.

— Isso seria um ato ainda mais bárbaro do que abater pombos a tiros.

— Eu sou um bárbaro — confessou o coronel.

— Nem sempre.

— Obrigado por isso.

— Temos que virar aqui.

— Eu sei. Quando é que vocês vão derrubar

este excomungado Cinema Palace e erguer uma legítima catedral? Pelo menos era o que T5 Jackson queria.

— Quando alguém trazer São Marcos de volta, debaixo dum carregamento de carne de porco, lá de Alexandria.

— Ah! Isso foi o rapaz de Torcello quem fez.

— E você é um rapaz de Torcello.

— Sou, sim. Sou um rapaz do Basso Piave. Um rapaz do Grappa. Da própria região de Pértica. E sou também um rapaz de Pasúbio. Sabe o que isso significa? Era pior morar lá do que combater em qualquer outro lugar. No pelotão, o pessoal repartia os gonococos que algum deles pegara em Schio e cada um carregava sua porção em uma caixa de fósforo. Faziam isso para receber baixa porque era uma vida intolerável.

— Mas você ficou.

— É lógico. Sou sempre o último homem a deixar a festa. O verdadeiro convidado impopular.

— Vamos ficar juntos?

— Pensei que a houvesse convencido?

— E tinha, de fato. Mas o que você disse sobre o convidado impopular me fez mudar de ideia.

— Torne a desistir.

— Minhas decisões são firmes.

— Eu sei. Você é voluntariosa. Mas, filha, às vezes é preciso ceder. Quem não faz isso é estúpido.

E às vezes temos de mudar rápido de posição.

— Se é o que você prefere...

— Não é isso. Sua decisão era adorável.

— Mas não vai demorar horivelmente até chegar amanhã?

— Tudo depende da sorte de cada um.

— Eu deveria ter uma boa noite de sono.

— Sim, deveria. Mesmo porque, na sua idade, se não conseguir dormir, será melhor deixar que a levem e enforcuem.

— Oh! Pelo amor de Deus!

— Perdão! Quero dizer, que a abatam à bala.

— Já estamos tão perto de casa. Por que você não procura ao menos ser amável?

— Sou tão amável que começo a me sentir fedendo. Vamos deixar os outros federem.

Achavam-se agora diante do palácio. Restava só puxar o cordel da campainha ou entrar, abrindo com a chave. “Eu que nunca na minha vida me perdi em lugar nenhum, já estive perdido nesse palácio”, pensou o coronel.

— Beije-me, por favor, bem gentilmente, e me dê boa-noite.

O coronel beijou-a e sentiu que o amor que sentia por ela era algo que não podia mais suportar.

Ela usou a chave que trazia na bolsa para abrir a porta. Depois entrou, e o coronel ficou sozinho, com o piso gasto, o vento, que ainda vinha do

norte, e às sombras onde ao longe se via uma luz. Dirigiu-se, então, para o hotel.

“Apenas turistas e amantes tomam gôndolas”, pensou ele. “A não ser esses, os demais só as tomam para atravessar o canal em trechos onde não há pontes. Para onde ir agora? Para o Harry’s, provavelmente, ou para outra droga de lugar qualquer. Mas acho mesmo que vou é para o hotel.”



Sentiu-se realmente em casa, se é que um hotel pode dar uma tal impressão. O pijama estava estendido sobre a cama. Havia uma garrafa de Valpolicella junto à luminária da cabeceira e, perto da cama, uma garrafa de água mineral dentro de um balde com gelo; ao lado, um copo numa bandeja de prata. O retrato, já sem a moldura, se achava colocado em cima de duas cadeiras, posicionado de um jeito que pudesse vê-lo da cama.

A edição parisiense do *New York Herald Tribune* jazia sobre o leito junto dos três travesseiros. Ele usava três travesseiros, como Arnaldo sabia, e o frasco sobressalente de remédio, não o que carregava no bolso, estava perto da luminária de cabeceira. As portas do armário, que tinham espelho por dentro, estavam abertas de tal maneira que ele podia ver o retrato de lado. Suas chinelas usadas apareciam perto da cama.

O coronel disse para si próprio, visto não haver ninguém ali a não ser o retrato:

— Vou comprá-lo!

Abriu a garrafa de Valpolicella que tinha sido desenvolhada e depois arrolhada de novo com cuidado e carinho, e encheu um copo, que era de cristal de melhor qualidade do que os dos copos de qualquer outro hotel, que assim evitavam prejuízos com a quebra de peças.

“À sua saúde, filha. À sua beleza adorável. Sabe que, entre outras coisas, você sempre tem cheiro delicioso? Mesmo quando exposta ao vento ou debaixo de um cobertor ou num beijo de boa-noite! Coisa tão rara! E é o seu cheiro natural porque você não usa perfume nenhum!”

Ela o olhou do quadro sem dizer nada.

“Ora, que diabo! Não vou ficar conversando com um retrato. O que você acha que possa ter andado errado esta noite? Eu, sem dúvida. Bem. Vou fazer tudo para ser um bom rapaz amanhã, o dia inteiro, a começar desde cedo, filha”... E estava falando com ela e não com o retrato... “Por favor, saiba que eu a amo e que desejo ser delicado e bondoso com você. E fique comigo sempre, agora.”

O retrato continuou inerte.

O coronel retirou do bolso as esmeraldas e ficou a olhá-las, sentindo-as deslizar, ao mesmo tempo frias e cálidas, porque ainda se aqueciam, em contato com sua mão perfeita, e porque todas as boas pedras têm calor próprio.

“Eu as devia ter posto num envelope e guardado no cofre. Mas que grandiosa segurança eles têm lá embaixo que eu não possa lhes dar. De qualquer modo, preciso devolvê-las logo para você, filha. Mas foi interessante, não há dúvida. Valem pelo menos um quarto de milhão, quantia que levarei quatrocentos anos para ajuntar. Vou checar esse valor.”

Pôs as pedras no bolso do pijama, cobriu-as com um lenço, depois abotoou o bolso. “Ora, a primeira coisa útil que se aprende é ter botões e abas em todos os bolsos. Acho que aprendi isso cedo demais.”

Era agradável sentir as pedras. Eram duras e quentes, em contato com seu peito rijo, velho e quente. Notou que estava ventando, voltou o olhar para o quadro, serviu-se de outro copo de Valpolicella e depois começou a ler a edição parisiense do *New York Herald Tribune*.

“Preciso tomar as pílulas”, pensou. “Ora, as pílulas que se danem.”

Ainda assim as tomou logo depois e continuou a ler o jornal — o artigo de Red Smith, que tanto apreciava.



O coronel acordou antes do amanhecer e olhou em volta como a verificar se teria dormido sozinho. O vento ainda soprava com vigor quando abriu as janelas para ver que tempo fazia. Ainda não havia claridade na banda oriental do Canal Grande, mas seus olhos conseguiram perceber que as águas estavam revoltas. Pensou: “Vamos ter uma daquelas marés, hoje. Com certeza vai chegar até a praça. É sempre divertido. Menos para os pombos.”

Foi para o banheiro levando o *Herald Tribune* e Red Smith. Levou também um copo de Valpolicella. “Que diabo, vou adorar quando o *Gran Maestro* arranjar os garrafões para filtrar esse vinho. Ele fica cheio de sedimentos, no final.”

Sentou-se com o jornal, pensando no que iria fazer naquele dia.

Ela haveria de lhe telefonar, mas poderia demorar muito, porque costumava dormir até tarde. “Os jovens dormem até tarde e as mulheres bonitas dormem quase tanto quanto eles. Com certeza, ela

não vai telefonar cedo. E as lojas não abrem senão às nove ou um pouco mais tarde. Que diabo, ainda estou com essas malditas esmeraldas. Como é que alguém faz uma coisa dessas?”...

“Ora, você sabe como...”, argumentou consigo mesmo, enquanto lia os anúncios nas últimas páginas do jornal. “Você a desafiou várias vezes. Não foi uma maluquice nem uma morbidez. Ela apenas quis contra-atacar. Ainda bem que eu era o alvo, não outro qualquer.”

Ora, essa é a única maldita vantagem de ser eu mesmo. Bem, eu sou eu, que inferno. Para o bem e para o mal. Que tal sentar nessa latrina, como faz quase toda manhã dessa desgraça de vida com essas esmeraldas em seu bolso?

Não se dirigia a ninguém, exceto, talvez, à posteridade.

“Quantas e quantas manhãs não me sentei deste mesmo modo, numa fileira, em companhia de tantos outros? Isso e fazer a barba. Ou então sair para procurar ficar sozinho e pensar ou não pensar em nada, e, quando se acha um abrigo, encontrar por lá já dois soldados que chegaram antes ou um garoto dormindo... Há menos isolamento no Exército do que num banheiro público. Nunca estive num banheiro público, mas faço ideia de como funciona. Aprenderia com facilidade a administrar um desses. Assim acabaria

transformando todos os melhores personagens em embaixadores, e os piores viriam a ser comandantes de batalhões ou comandantes de distritos militares em tempo de paz. Ora! Para que estou eu me enfezando? Ainda é muito cedo, nem amanheceu direito e não terminei meu serviço aqui.

O que eu faria com as mulheres deles? Dava-lhes chapéus novos ou as liquidava a tiros, o que é tudo parte do mesmo processo.”

Olhou-se ao espelho colocado na porta entreaberta, vendo-se ligeiramente, de viés. “Faltou pouco para me acertarem em cheio. Ainda bem que não miraram direito. Puxa, você é mesmo um bastardo velho e todo arrebetado. Agora você tem de se barbear e ficar olhando para essa sua cara, enquanto isso. Depois preciso ir cortar o cabelo. Isso é fácil nesta cidade. Sou um coronel de infantaria! Não posso andar por aí com cara de Joana d’Arc ou do general (comissionado) George Armstrong Custer, aquele esplêndido oficial de cavalaria. Não resta dúvida de que deve ser agradável ser como ele, ter uma bonita esposa e, em vez de miolos, serragem na cabeça. Talvez ele tenha percebido que escolheu a carreira errada, quando se viu, no final das contas, naquela colina acima do Little Big Horn, com pôneis correndo em círculo ao redor e toda aquela poeira, com os cascos dos animais do inimigo esmagando a relva, e nada lhe

restando na vida senão o cheiro conhecido e acre da pólvora, e a sua gente se matando, disparando uns nos outros descontrolados de tanto medo do que os índios iriam fazer com eles.

Neste jornal aqui saiu que o seu corpo ficou inacreditavelmente mutilado. E bem no alto da colina, para ficar notório de modo absoluto o erro que ele cometeu. Pobre oficial de cavalaria! Aquele foi o fim de todos os seus sonhos. Há sempre alguma vantagem em se pertencer à infantaria. Nunca se chega a ter sonhos, a não ser pesadelos. “Ora, muito bem. Aqui não há mais nada a fazer. O alvorecer não demora e então poderei contemplar o retrato. Raios me partam se o devolverei: Guardo-o.

Deus do céu, como estará ela agora, dormindo? Com que expressão? Ah! Eu sei como ela estará. Fascinante. E dormindo como se estivesse repousando apenas, de olhos fechados. Pois que repouse, que descanse bem. Deus do céu! Como eu amo essa criaturinha... Espero que jamais lhe faça nenhum mal.”



Quando começou a clarear, o coronel pôde observar melhor o retrato. Muito provavelmente, deteve-se nele com a rapidez com que um homem, que seja civilizado e tem de ler e assinar formulários nos quais não acredita, consegue observar um objeto tão logo se torne visível. “Sim, tenho olhos, e eles ainda possuem uma percepção acurada e rápida, e houve um tempo em que tiveram até mesmo alguma ambição. Cheguei a liderar os meus rapazes endemoninhado até o ponto onde as saraivadas de balas deram cabo deles. Dos duzentos e cinquenta, sobraram apenas três vivos e terão de vagar pelas beiradas das cidades, mendigando, pelo resto da vida.

Esta é de Shakespeare”, disse ele ao retrato. “De Shakespeare, o que nunca foi vencido, o campeão inquestionável. Não faltará quem queira derrubá-lo numa única investida. Eu, porém, sempre lhe renderei homenagens. Você já leu *O Rei Lear*, filha? Mister Gene Tunney leu, e era o

campeão do mundo. Mas eu também li. Pode parecer impossível, mas os soldados também se interessam por Shakespeare. Aliás, ele escreve como um soldado.”

E perguntou ao retrato:

“Não tem nada a dizer em defesa própria, senão inclinar a cabeça para trás, assim? Quer um pouco mais de Shakespeare?

Filha, você não precisa ficar se defendendo. Trate apenas de repousar, deixando tudo como está. Suas defesas e as minhas não adiantam de droga nenhuma. Quem lhe dirá para se enforcar, do jeito que fazemos? Ninguém, muito menos eu.”

Abaixou o braço bom e verificou que o criado de quarto deixara uma segunda garrafa de Valpolicella perto de onde estivera a outra.

“Quando se ama um país”, pensou o coronel, “você tem de admitir isso. Claro, garoto. Admita! Amei três e perdi todos os três. Bem, dê-se algum crédito. Retomamos dois deles. Isto é, nós os reconquistamos. E havemos de retomar o outro, Senhor General Franco Bunda Mole, em seu banquinho dobrável, seu médico a tiracolo, seus covardes uniformizados e a cortina de cavalaria moura, quando entra em batalha. Sim!”... disse mansamente para a jovem que o olhava, agora, limpidamente, naquela primeira claridade mais definida. ...“Nós retomaremos o país, e ele e sua

malta serão pendurados de cabeça para baixo do lado de fora dos postos de abastecimento. Estejam avisados!” E acrescentou:

— Retrato, por que raio você não vem para esta cama comigo em lugar de permanecer a cerca de oito quarteirões de pedra sólida de distância... ou talvez mais? Seja qual for a situação, já não sou violento, como fui.

— Retrato... — disse para a jovem e o retrato, depois para ambos; mas ali não estava jovem nenhuma e o retrato que era senão uma pintura. — Retrato, conserve o seu maldito queixo levantado. Assim, para partir mais facilmente o meu coração.

E, em pensamento: “É de fato um magnífico presente.” E perguntou ao retrato:

— Você sabe lutar? Com presteza e agilidade?

O retrato não deu resposta e foi o próprio coronel quem respondeu: “Você sabe perfeitamente que ela luta muito bem. Ela manobraria você, mesmo que você estivesse no melhor dia de sua vida. E aguentaria firme e lutaria, até mesmo em situações com que você não saberia lidar.”

A seguir, exclamou:

— Retrato! Rapaz, filha, meu único amor verdadeiro ou o que quer que você seja, você sabe o que é, retrato.

Como da vez anterior, o retrato não deu resposta alguma. Mas o coronel, que se sentia

general outra vez, como em todas as manhãs, principalmente depois de um copo do Valpolicella, sabia perfeitamente, tão perfeitamente como se acabasse de ler o resultado da sua terceira reação de Wassermann, que o retrato não lhe dava era confiança e ficou envergonhado de se haver dirigido a ele nesses termos.

“Hoje serei a melhor companhia para você, que maldição. Como nunca houve outro igual. Disso, você pode ter plena certeza.”

O retrato, conforme seu modo de ser, permaneceu silencioso.

Ela provavelmente falaria com um oficial de cavalaria, com um general; ela falaria, se ele agora tivesse duas estrelas reluzentes em cada ombro e o distintivo vermelho, já desbotado, na placa dianteira do seu jipe. Ele jamais usara carros de comando, nem mesmo os semiblandados, com sacos de areia como proteção.

— Vá para o diabo, retrato! — ordenou ele. — Ou receba o seu passaporte das mãos do universal despachante de todos nós, de todas as religiões, com o respectivo viático...

“Ora, vá você para o diabo!”, respondeu mudamente o retrato. “Seu soldado de segunda categoria.”

— Muito certo! — disse o coronel. Sim, pois agora era um coronel, de novo, e desistira da

patente superior. — Eu o amo, e muito, retrato. Mas não me maltrate. Eu o amo demais, porque você é tão bonito. Mas gosto mais da moça, um milhão de vezes mais, está ouvindo?

O retrato não deu sinal de haver escutado, de modo que ele se cansou.

— Ora! Você está em posição descoberta. Nem sequer tem moldura. E vou atacá-lo, está ouvindo, retrato?

O retrato continuou silencioso como sempre estivera desde o momento em que o porteiro o trouxera para o quarto; desde antes mesmo, quando, com a ajuda do segundo garçom, fora mostrado ao coronel e a Renata.

O coronel olhou bem para a tela, agora que havia luz suficiente ou quase. Viu também que se tratava do retrato do seu verdadeiro amor, e por isso disse:

— Perdoe todas essas coisas estúpidas que eu disse. Não tive a mínima intenção de ser grosseiro. Talvez possamos dormir um pouco mais e, com sorte, até que sua senhora toque o telefone. O que acha?

“Sim, talvez ela ligue mesmo”, pensou.



O porteiro encarregado do saguão enfiou por baixo da porta o *Gazzettino*, que o coronel pegou, sem o menor ruído, assim que o viu aparecer pela fresta.

A bem dizer, pegou-o da mão do empregado. Não gostava do servente da portaria desde que, certo dia ao retornar para o quarto de onde havia acabado de sair, o encontrou remexendo em sua mala. Voltara para pegar seu frasco de remédio, que tinha esquecido, e dera com o empregado a lhe vasculhar a mala.

— Creio que neste hotel não nos batam a carteira. Mas você está emporcalhando a honra da sua cidade.

O homem ficou em total silêncio, por longos instantes, com seu colete riscado e suas fuças de fascista, até que o coronel disse:

— Vá em frente, rapaz. Procure. Não costumo trazer junto com meus artigos de toalete nenhum segredo militar.

Desde então, houve entre ambos uma

prevenção mútua e o coronel se divertia em tirar o jornal da manhã da mão do servente encoletado. Fazia isso sorrateiramente, assim que escutava ou avistava a ponta do jornal roçar por baixo da porta.

— Certo, você ganhou hoje, nojento. Vá se enforcar! — disse, no melhor dialeto veneziano que pôde articular àquela hora da manhã.

“Mas eles não se enforcam”, pensou o coronel. “Continuam a enfiar os jornais por baixo das portas dos outros hóspedes que ainda não os odeiam. Deve ser difícil ser um ex-fascista. Talvez esse sujeito não seja um ex-fascista. Como vou saber? Não posso odiar fascistas nem nazistas, já que, infelizmente, sou um soldado...”

Voltou-se para a tela e disse:

— Escute uma coisa, retrato...Tenho que odiar os nazistas porque os extermino? Tenho que detestá-los como soldados e como seres humanos? Isso me parece uma solução demasiado fácil. Está bem, retrato, não responda. Esqueça o que perguntei. Você ainda não tem idade para dar opinião sobre isso. Você tem dois anos menos do que a jovem que lhe serviu de modelo, embora ela seja mais jovem e ao mesmo tempo mais velha do que o inferno, que é um lugar bastante antigo... Mas, ouça-me, retrato... — e, enquanto falava, adivinhava que, dali para a frente, e por toda a vida que ainda tivesse, teria com quem conversar àquela

hora, tão cedo, em que costumava acordar. — O que é que eu estava dizendo mesmo? Para o inferno, isso também. São coisas velhas demais para você. É uma coisa sobre o que você não pode dizer nada, não importa o quanto seja essencial. Há uma porção de coisas que nunca poderei lhe dizer e talvez isso me faça bem. Já era tempo de alguma coisa me fazer bem. O que é que você acha que me faria bem, retrato? Mas, que é que há? Está ficando com fome? Eu estou.

Assim, fez soar a campainha para que o criado lhe trouxesse o desjejum.

Teve certeza então (embora já estivesse tão claro que se via nitidamente a água do Grande Canal, com sua cor de chumbo e parecendo uma superfície sólida reagindo pesadamente ao vento, nessa hora em que a maré alta cobria os degraus de acesso do Palácio, bem defronte do seu quarto) de que o telefone não o chamaria, ainda, por algumas horas, e pensou: “Os jovens dormem bem. Eles merecem.”

Quando o criado que tinha um olho de vidro entrou para mostrar o cardápio, o coronel lhe perguntou:

— Por que será que se envelhece?

— Não sei, meu coronel. Creio que deve ser uma lei da natureza.

— Nossas opiniões coincidem. Traga-me ovos

fritos virados para cima, chá e torradas.

— Não deseja nada à norte-americana?

— De norte-americano já basta a mim mesmo.

O *Gran Maestro* já está em atividade a estas horas?

— Ele já colocou o Valpolicella em garrações de dois litros para o senhor. Estou até lhe trazendo esta porção já filtrada.

— Ah! Este, sim! — agradeceu o coronel. — Esse homem bem merece ganhar um regimento.

— Não creio que ele aceitasse. Palavra.

— De fato — concordou o coronel. — Eu próprio já estou farto disso.



O coronel comeu com o vagar de um combatente que enfrentou uma dura refrega, que escuta sem pressa e sabe dosar cada momento.

— Retrato, você também devia relaxar um pouco. É a única coisa que você tem dificuldade de fazer. É o que chamam em pintura de *o elemento estático*. Bem, retrato, você sabe que quase nenhum quadro, ou melhor, nenhuma pintura se move. Algumas conseguem. Pouquíssimas. Eu bem que gostaria que a sua dona estivesse aqui e que nós dois fizéssemos alguns movimentos juntos. Como é que moças como você e ela sabem tanto da vida, sendo tão diabolicamente jovens e bonitas? Na minha terra, se uma jovem é realmente bonita, só pode ser do Texas e, no máximo, com muita sorte, saberá dizer em que mês estamos. Aprendem também a contar direito. Sim. Aprendem a contar, a ficar sentadas com os joelhos juntos, a prender o cabelo para cima com grampos. Com frequência, retrato, a gente tem de pagar nossos pecados

dormindo com uma garota que encheu a cabeça de grampos e papé debates para ficar bonita no dia seguinte. Não naquela noite. Elas nunca estão bonitas à noite. Só no dia seguinte, que é quando entram na competição.

Ele respirou fundo e continuou:

— A moça que você é na verdade, Renata, está dormindo agora, e sem ter feito nada no cabelo. Está dormindo com ele solto, espalhado no travesseiro, e somente o que o cabelo representa para ela é algo glorioso, negrejante, sedoso e maçante, que ela não se lembra de pentear senão por insistência da governanta. Eu a vi na rua, aquele andar encantador de suas pernas compridas e o vento fazendo o que bem desejava do seu cabelo. Vi-lhe o molde dos seios sob o suéter. E então revejo as noites do Texas e grampos nos cabelos aprisionados a instrumentos metálicos.

Ele voltou-se para o retrato e disse:

— Não vá enfiar grampos nos cabelos, minha querida. Da minha parte, juro tentar desembaraçá-los com pesadas moedas de prata, redondas e sólidas... ou com alguma outra.

Mas logo raciocinou: “Não posso me permitir grosserias.”

Depois, dirigiu-se outra vez ao retrato, já que não conseguia removê-lo da mente:

— Você é tão bonita como o inferno. Chega a

enjoar, de tão bonita. Mas dormir com você seria corrupção de menores. Renata agora já tem mais dois anos de idade, ao passo que você continua com menos de dezessete. E por que não posso tê-la, por que não posso amá-la, acarinhar? Por que tenho de ser também grosseiro e cruel? Por que não posso ter os tais cinco filhos que se espalharão pelos cinco cantos do mundo, seja lá o que isso for? Não sei por quê. Acho que é porque as cartas com que jogamos são sempre as que recebemos. Parceiro, como é? Não se pode baralhar e cortar mais uma vez? Não. Você não gostaria de renegociar uma coisa e outra da vida, gostaria, parceiro? Não... Apenas uma mão, nas cartas, uma única. E é com ela que tem de jogar. Posso jogar com elas, sim, mas preciso receber pelo menos um maldito trunfo!

Ele continuava a falar, a despeito da indiferença do retrato:

— Retrato, é melhor você virar o rosto, por conta do seu recato. Acontece que vou agora tomar uma chuveirada e me barbear, coisa que você nunca precisará fazer. Depois, vestirei minha farda e irei dar uma volta pela cidade, aproveitando que ainda é tão cedo.

Assim, levantou-se da cama, acariciando a perna ruim, que lhe doía quase sempre. Com a mão deformada apagou a luz da cabeceira. Já havia claridade natural suficiente e estava desperdiçando

eletricidade havia quase uma hora.

Lamentou isso, como lamentava todos os seus erros. Passou pelo retrato, olhando-o de relance apenas, e foi se contemplar no espelho. Escancarou o pijama, observou-se com ar crítico e sincero.

— Pobre-diabo liquidado! — disse para a figura refletida no espelho. O retrato é algo do passado. O espelho é que é o presente, o hoje, a realidade do agora.

— Nenhuma barriga — falou consigo. — O peito está bem, a não ser pelo músculo defeituoso que abriga. A gente só morre uma vez, seja quando for. Ninharias... Você já está com cinquenta anos, seu patife. Vá, vá tomar o seu banho e se lave bem. Depois, vista sua farda. Hoje é um novo dia.



Ao chegar ao vestíbulo, o coronel parou junto ao balcão da recepção, mas o porteiro ainda não havia chegado. Era o encarregado do expediente noturno que se encontrava lá.

— Pode guardar uma coisa no cofre para mim?

— Não, meu coronel. O cofre só pode ser aberto depois que chegar o subgerente ou o gerente. Mas eu posso guardar comigo o que o senhor quiser.

— Obrigado. Não se incomode. Não vale a pena. — E abotoou o bolso esquerdo do lado de dentro da túnica onde guardara num envelope do Gritti, com o seu próprio nome, as esmeraldas.

— Na verdade, não acontecem assaltos na cidade, hoje em dia — afirmou o porteiro da noite. Fora uma noite longa, e sentia-se feliz por poder conversar com alguém. — Nunca houve, aliás, meu coronel. Apenas diferenças de opiniões políticas.

— E como vai a política por aqui? — perguntou o coronel, que também se sentia

solitário.

— Ora! Mais ou menos a de sempre.

— Entendo. E o seu partido, como vai?

— Bem, eu acho. Ou talvez não tão bem como no ano passado. Mas, ainda assim, bem. Fomos derrotados e temos que esperar um pouco, ainda.

— Você se dedica mesmo a essa coisa?

— Não muito. Trata-se mais de política de sentimento do que de política do cérebro. Acredito nela com o cérebro também, mas na verdade não entendo tanto assim de política.

— Quando entender, vai deixar de ter coração.

— Talvez não. Entre os senhores há muita política no Exército?

— Muita — admitiu o coronel. — Mas é diferente do que se chama por aí de política.

— Bem, melhor então não discutir isso. Aliás, eu não quis ser intrometido.

— Fui eu que comecei. Era apenas uma conversa, não um interrogatório.

— Não tomei assim, meu coronel. E o senhor não parece um inquisidor. Tenho conhecimento da Ordem, embora não seja membro.

— Vou me entender com o *Gran Maestro*. Você pode se candidatar.

— O *Gran Maestro* e eu somos da mesma cidade, mas de bairros diferentes.

— É uma boa cidade.

— Meu coronel, tenho tão pouca compreensão da política que acredito que todas as pessoas em cargos públicos são também honradas.

— Ah, mas você vai superar isso — animou-o o coronel. — Não se aflija, rapaz. O partido de vocês ainda é jovem. É natural que cometam muitos erros.

— Por favor, não fale assim.

— Ora, foi apenas uma piada mais afiada para começar o dia.

— Diga-me uma coisa, coronel. Qual é a sua opinião sincera sobre Tito?

— Penso diversas coisas dele. Mas, por assim dizer, ele é meu vizinho de porta. Sempre acho melhor não conversar sobre vizinhos.

— Eu queria aprender um pouco, mais nada.

— Bem, então não procure o caminho mais fácil. Não sabe que ninguém dá respostas a uma pergunta dessas?

— Esperava que dessem.

— Ninguém dá — respondeu o coronel. — Pelo menos quem se acha na minha situação. Só posso lhe dizer que o senhor Tito tem uma porção de problemas.

— Bem, isso eu sei — disse o porteiro da noite, que era realmente apenas um garoto.

— Ainda bem — redarguiu o coronel. — Verdade é que, como conhecimento, não acho que seja uma pérola de grande valor. Bem, muito bom-

dia. Vou dar um passeio em benefício do meu fígado ou de alguma outra víscera...

— Bom-dia, meu coronel. *Fa brutto tempo.*

— *Bruttissimo* — respondeu o coronel que, apertando mais o cinto do capote e ajeitando a gola e os ombros, saiu de encontro ao vento.



O coronel tomou a gôndola de dez centavos para atravessar o Canal, pagou com uma cédula suja, como de costume, e esperou em pé, junto com o bando de condenados a se levantarem cedo.

Olhou para o Gritti e viu as janelas do seu quarto; estavam abertas. Não havia promessa nem ameaça de chuva; apenas o mesmo vento forte, o mesmo vento frio vindo das montanhas. Todas as pessoas na gôndola davam a impressão de estarem enregeladas, e o coronel pensou: “Queria poder distribuir capotes destes, contra o frio, para todos a bordo. Deus meu, e qualquer oficial que já usou um sabe que não são impermeáveis. Quem será que encheu o bolso de dinheiro, fornecendo-os? Água não passa através dum Burberry. Mas suponho que algum canalha esperto, a esta altura, já mandou gente sua a Groton ou talvez a Cantuária, sedes de bons contratos, reclamar que nossos capotes vazavam. E se algum oficial meu camarada já estourou com o dele? Pergunto-me quem seriam as

forças de terra de Benny Meyers. Provavelmente não foi apenas um. Decerto foram muitos. Ora, você ainda deve estar dormindo para ficar pensando tanta besteira. Pelo menos, eles protegem do vento. Capotes impermeáveis. Porra nenhuma!”

A gôndola roçou pelas estacas da margem oposta do canal e o coronel assistiu a toda aquela gente vestida de preto saltar do veículo pintado de preto. “A gôndola é um veículo?”, perguntou-se. “Ou um veículo tem que ter rodas e ser puxado? Ah! Ninguém daria um centavo pelos seus pensamentos. Pelo menos, pelos pensamentos de hoje. Mas já os vi valerem bom dinheiro no momento em que as coisas se tornaram mais difíceis.”

Penetrava agora no lado extremo da cidade, no lado que finalmente se confrontava com o Adriático, a região de que ele mais gostava. Ele seguiu por uma rua muito estreita, procurando situar-se mais ou menos em relação às ruas transversais de norte a sul, sem contá-las nem às pontes, para depois se orientar de modo a desembocar no mercado sem se perder em becos.

Era como se estivesse se entregando a um jogo, como certas pessoas que jogam Canfield dobrado ou qualquer outro jogo de cartas solitário. Pelo menos, tinha a vantagem de ser um jogo onde as pessoas se locomoviam, contemplando casas, trechos da

paisagem urbana, lojas, *trattorias* e velhos palácios da cidade de Veneza. Ora, para quem amava Veneza não era, então, um ótimo jogo?

Tratava-se duma espécie de *solitaire ambulante* e o que se ganhava era a alegria da vista e do sentimento. Se a pessoa chegasse ao mercado, que existia naquele lado da cidade, sem se perder, ganhava o jogo. Mas não era permitido fazer um caminho fácil, nem contar ruas e pontes.

Já do outro lado da cidade, o jogo consistia em sair do Gritti e chegar a Rialto pelos *Fundamente Nuove* sem desvios. Daí, podia-se então transpor a ponte e, descendo, se chegava ao mercado. O coronel adorava mercados de rua. Em toda e qualquer cidade, era o primeiro que visitava.

Não tardou a escutar dois jovens, pouco atrás, falarem dele. Sabia que eram jovens por causa da voz; não se voltou para trás, mas foi diminuindo imperceptivelmente a distância para escutar melhor e esperou a primeira esquina para vê-los quando a virassem.

“Estão a caminho do trabalho”, foi o que concluiu. Talvez fossem antigos fascistas ou outra coisa qualquer, ou talvez apenas parecessem fascistas pelo que diziam.

“A coisa está se tornando cada vez mais pessoal. Já não se referem somente aos norte-americanos. Estão falando de mim, do meu cabelo

grisalho, do modo ligeiramente capenga como caminho, das minhas botas de combate (esse tipo de gente desaprova a praticabilidade das botas de combate. Na certa, preferiria botas que rangessem nos lajedos e que ficassem brilhantes depois de um polimento no couro preto).

Mas o que eles acham mais sem graça é o meu uniforme. Zombam por eu estar passeando a estas horas. E devem achar com toda a segurança que já não estou mais em condições de fazer amor.”

Subitamente, o coronel virou para a esquerda na esquina seguinte, ciente do problema com que teria de lidar e da distância. Quando os dois rapazes contornaram a abside da igreja dos Frari, já não avistaram coronel nenhum. Ele estava no vão atrás da abside da antiga igreja e, quando passaram, ele, sempre escutando a conversa deles, deu um passo à frente com as mãos nos bolsos baixos do capote e se voltou de súbito para eles.

Os dois jovens tiveram de parar, e ele os encarou diretamente, com um sorriso vincado de desdém categórico. Em seguida, olhou para os pés deles com o desprezo de quem olha para gente que calça sapatos apertados demais e que quando os tiram vemos seus dedos dos pés inchados. O coronel simplesmente deu uma cusparada no chão, mas sem dizer nada.

Então os dois, que eram realmente o que ele

havia suspeitado, o olharam com ódio incontido. Depois, foram embora com um andar de pássaros pernaltas, dando as passadas largas das garças, mas com o jeito desengonçado de galinhas. E tudo o que fizeram foi olhar para trás com ódio, esperando para dar a última palavra quando a distância os tivesse posto a salvo.

“É uma pena que eles não fossem dez contra um”, pensou o coronel. “Iam se ver obrigados a lutar. E eu não os censuraria se fossem vencidos. Mas seus modos foram atrevidos em relação a um homem da minha idade e da minha ocupação. Também foi pouco inteligente achar que nenhum coronel de cinquenta anos entende a língua deles. Foram burros, além disso, em pensar que veteranos de infantaria fugiriam de uma briga a estas horas da manhã só porque eram dois contra um. Eu detestaria brigar nesta cidade cuja população amo tanto. Normalmente, evitaria tal coisa. Mas esses tontos, esses rapazes mal-educados não poderiam verificar com que espécie de sujeito estavam tratando? Não desconfiam do que se andou fazendo pela vida para se caminhar deste jeito? Não teriam percebido em mim nenhum outro sinal que gente que batalhou não deixa nunca de exteriorizar, assim como as mãos do pescador dizem se ele é pescador de cais ou de mar alto? É verdade que apenas viram minhas costas, minhas orelhas... As pernas e as

botas. Mas então o modo de andar não lhes diz nada? Ou será que já pareço inválido? Verdade é que quando os olhei firme, como se dissesse *Vou mandar esfolá-los, bandidos!*, creio que compreenderam logo. Compreenderam muito bem. Ora, afinal, o que é que vale a vida de um homem? Dez mil dólares se o Exército paga seu seguro. Mas, no Exército... Mas que raio tem isso que ver com o que eu estava pensando? Ah! Sim. Antes que estes malandros aparecessem, eu estava pensando em quanto dinheiro eu tinha feito o governo economizar no meu tempo, quando gente como Benny Meyers estava pastando por aí.”

“Sim”, continuou ele. “E quanto se perdeu em Chateau naquela ocasião, com as dez seções? Bem, ninguém chegou realmente a entender, a não ser eu. Não vejo razões para ir lhes dizer agora. O comando geral de vez em quando arquiva certos acontecimentos como *Azares da Guerra*. Mas, no Exército, eles sabem que essas coisas sucedem com certa frequência. A gente cumpre a ordem recebida, dá-se um incrível morticínio e, pronto, vira-se herói. Deus do céu, sou contrário a carnificinas, é claro. Mas a gente recebe ordens e tem de cumpri-las. São os erros que não nos deixam dormir direito. Mas por que dormir com eles, afinal? Isso nunca traz nenhum benefício a ninguém, evidentemente... Eles podem rastejar para baixo do cobertor, vez por

outra. Podem rastejar e acabar dormindo com a gente...

Ânimo, rapaz!” disse ele. “Lembre-se de que está com uma coisa que vale muito dinheiro. Se perdesse a briga, eles iam revirar os seus bolsos. E você já não pode disparar murros como antes, com essas suas mãos, além de estar sem uma arma com você. Assim, nada de abatimento, garoto, ou homem, coronel, ou ex-general. Estamos chegando ao mercado e você acabou chegando aqui quase inadvertidamente.”

E acrescentou: “Fazer as coisas inadvertidamente é um mal.”



Adorava aquele mercado. Grande parte dele estava amontoado em diversas ruelas transversais e era tão concentrado que se tornava quase impossível não tropeçar nas pessoas, sem querer. Cada vez que se parava para olhar, comprar, admirar, tinha-se de formar uma ilhota de resistência contra o fluxo de ataque dos demais fregueses.

O coronel gostava de observar as pilhas muito altas e espalhadas de queijos e de grandes salsichas. Sorriu, pensando que na sua terra achavam que mortadela fosse uma espécie de salsicha. Então, dirigiu-se a uma mulher sob a barraca:

— Por favor, deixe-me provar um pouco dessa salsicha. Apenas uma lasca.

Ela cortou uma fatia fina como papel, ferozmente, admiravelmente; e, quando o coronel a provou, lá estava o sabor autêntico da carne dos porcos que se alimentam das bolotas das montanhas, uma carne semidefumada, condimentada com pimenta-da-índia.

— Duzentos e cinquenta gramas, por favor.

As provisões que o barão levava para os postos de tiro eram de uma frugalidade espartana, o que o coronel respeitava, pois compreendia muito bem que fazia mal comer demais durante a caçada. Achou, porém, que devia reforçar o almoço com aquela salsicha e dividi-la com o barqueiro e o cão encarregado de ir catar a caça abatida. Sim, daria uma fatia a Bobby, o cão que teria de molhar tantas vezes o pelo, sempre com entusiasmo, mas tiritando de frio.

— Esta é a melhor salsicha que você tem aí? — perguntou ele à mulher. — Não terá alguma outra melhor, escondida, reservada para seus fregueses habituais?

— Bem, o senhor sabe. Isso de salsichas, há muitas. Mas esta é a melhor.

— Ótimo. Então, quero mais uns cento e cinquenta gramas de uma salsicha que alimente bem, mas que não seja muito condimentada.

— Tenho o que o senhor quer. É um pouco nova, mas exatamente o que está pedindo.

Essa salsicha encomendada era para Bobby.

Mas não podia dizer que estava comprando salsicha para dar a um cão, na Itália, onde o pior crime é ser considerado um insensato em meio a tanta gente passando fome. Pode-se dar um pouco de salsicha cara a um cachorro diante de um

homem que trabalha para viver e que sabe levar em consideração o que um cachorro de caça faz atravessando a água em tempo frio. Mas não se pode comprá-la declarando para que se destina, a não ser que se seja um maluco ou um milionário que ganhou dinheiro com a guerra e, ainda, depois dela.

O coronel pagou a mercadoria, que lhe foi entregue embrulhada, e continuou a andar pelo mercado sentindo o cheiro do café torrado e contemplando na seção dos açougues as muitas postas de gordura nas carcaças, como se estivesse contemplando as telas dos pintores holandeses que as pintaram e cujos nomes todo mundo já esqueceu; tão bem-pintadas, com tal perfeição de minúcias, como peças recém-abatidas, prontas para consumo. E o coronel considerou que um mercado é o que existe de mais parecido com um bom museu, como o Prado, ou como é agora a Accademia.

Cortou caminho por uma ruela e logo se viu no mercado de peixe. Ali, espalhadas no chão escorregadiço de pedra, dentro de cestas ou em caixas com alças de corda, se achavam as pesadas lagostas, de um verde acinzentado, com seus tons fortes avermelhados que pressagiavam sua morte em água fervente. Todas haviam sido apanhadas em armadilhas e suas garras estavam cavilhadas. Lá se achavam os linguados e também algumas garoupas

e muitas pescadas. E os peixes chamados *bonitos* que, segundo o coronel, pareciam balas talhadas como proas de lanchas esguias. A morte parecia que os dignificava, com aqueles seus enormes olhos de peixes pelágicos.

Só mesmo a voracidade os levaria a serem capturados. O pobre linguado existe até mesmo em águas rasas, como se seu destino fosse alimentar o homem. Esses outros peixes, porém, com sua conformação de balas pontiagudas, nadando em cardumes enormes, vivem nas águas mais azuis e percorrem todos os oceanos e mares.

“No que está pensando agora? Vamos ver o que mais eles têm aqui.”

Havia muitas enguias vivas e já não mais confiantes em seus viveiros. Havia lindos lagostins que podiam dar um *scampi brochette* metido no espeto e assado num instrumento parecido com o espadim, que no Brooklyn podia ser utilizado como furador de gelo. Havia camarões de tamanho médio, cor cinza ou opala, esperando também a vez de a água ferver para eles e para a imortalidade, que seria terem suas carcaças ocas flutuando preguiçosamente na maré em baixa-mar pelo Canal Grande, como tanto se vê.

“O camarão veloz”, pensou o coronel, “com tentáculos maiores do que os bigodes daquele velho almirante japonês. Vem até aqui para morrer em

benefício de nossa gula. Ó camarão cristianíssimo, mestre e perito das retiradas, com teu maravilhoso serviço de inteligência nessas duas antenas tão leves! Por que não aprendeste ainda que existe a ameaça das redes e que as luzes são perigosas? Cumpre acabares com tais descuidos”.

Observava agora uma série interminável de pequenos crustáceos, com garras cortantes como navalhas, cuja carne só se pode comer crua quando se está com a vacina contra o tifo em dia, e muitas mais iguarias do mar. Passou por tudo isso só se detendo para perguntar a um vendedor de onde vinham suas ostras. Provinham de um lugar onde não havia derramamento de esgotos, e o coronel pediu que lhe abrisse seis. Bebeu o suco e desentalkhou a carne cortando-a, ele mesmo, bem rente à concha com a faca encurvada que o homem lhe deu. O homem lhe entregou o canivete porque já verificara, de outras vezes, que o coronel cortava a ostra mais rente à concha do que ele aprendera a fazer.

O coronel pagou-lhe um módico preço pelas ostras, que, entretanto, foi decerto bem maior do que o preço pago aos que as haviam colhido, e pensou: “Já é hora de ver os peixes de correnteza e dos canais, e de voltar para o hotel.”



O coronel pagou os gondoleiros e entrou para o vestíbulo do Hotel Gritti Palace, resguardando-se do frio.

Para fazer a gôndola subir desde o mercado até aquele ponto do Grande Canal, tinham sido necessários dois homens. E ambos despenderam grande esforço, tendo recebido por isso o que o trabalho valia e mais um pouco.

— Houve chamadas para mim? — perguntou o coronel ao gerente, que já estava de serviço.

O gerente era um homem de movimentos rápidos, esperto, feições inteligentes e vivazes, maneiras polidas, mas sem subserviência. Usava nas lapelas as chaves entrecruzadas do seu ofício, num uniforme azul sem ostentação. Ali, ele era o gerente, graduação esta bem próxima de capitão, no conceito do coronel. Um oficial e não um cavalheiro. Coisa equivalente ao sargento-mor dos tempos antigos, a não ser pelo fato de estar sempre polindo os bronzes.

— A senhorita telefonou duas vezes — disse ele em inglês.

“Em inglês ou seja lá qual o nome que se deva dar a esse idioma que falamos”, pensou o coronel. “Deixemos que seja inglês. Foi praticamente só o que nos deixaram. Por que não se conservar o nome de nosso idioma? Algum figurão britânico vai acabar racionando-o, de alguma maneira...”

— Ponha-me, por favor, em comunicação com ela, imediatamente — pediu ao porteiro, que discou o número.

— Pode falar daquela cabina, meu coronel. Já fiz a ligação.

— Puxa, você é bem rápido, hem?

— Aquela ali.

Dentro da cabina, o coronel ergueu o receptor e disse automaticamente:

— Aqui fala o Coronel Cantwell.

— Telefonei duas vezes, Richard, e disseram que você havia saído. Onde esteve? — indagou a moça.

— No mercado. Como está você, adorada?

— A estas horas ninguém escuta o nosso telefonema. Então, sou sua adorada... E o que quer dizer isso?

— Que o meu amor tão lindo é você. Então? Dormiu bem?

— Dormi como se estivesse esquiando na

escuridão. Esquiando talvez seja exagero, mas a escuridão, essa era absoluta.

— Ah, mas é como deve ser. Por que acordou tão cedo? Chegou a assustar o gerente do hotel.

— Se não acha minha pergunta inadequada a uma donzela, onde podemos nos encontrar o quanto antes?

— Onde você desejar e quando quiser.

— Continua com as pedras no bolso? Sua Excelência, o Retrato lhe fez boa companhia?

— Resposta positiva para as duas perguntas. As esmeraldas se acham guardadas no bolso superior do dólmã, bolso esse que por sua vez está abotoado. Sua Excelência, o Retrato, e eu conversamos muito ontem, até tarde, e hoje, desde bem cedo, o que tornou tudo mais fácil.

— Então, gosta mais do retrato do que de mim?

— Ainda me tenho na conta de um sujeito normal. Ou será imodéstia minha? O retrato é fascinante.

— Onde vamos nos encontrar?

— Podemos tomar o café da manhã no Florian, no lado direito da praça? Esta deve estar alagada e deve ser divertido de ver.

— Estarei lá em vinte minutos, se realmente quer me encontrar.

— Estou morrendo de vontade — afirmou o

coronel, e desligou.

Quando saía da cabina telefônica, de repente, sentiu-se mal. Teve a impressão de que o diabo o comprimia numa caixa de ferro, transformando-o num boneco, também de ferro. Muito lívido, conseguiu caminhar até o balcão do gerente e lhe disse em italiano:

— Domenico, Ico, pode me arranjar um copo com água?

O porteiro afastou-se e o coronel se apoiou no balcão, para tomar fôlego. Uma pausa, apenas, e sem ilusões. Quando o porteiro voltou com o copo d'água, o coronel tomou quatro tablets do remédio do qual só se tomam dois, normalmente, e continuou imóvel, em seu descanso suave como o de um falcão.

— Domenico — disse.

— Pronto, meu coronel.

— Tenho aqui, num envelope, uma coisa que desejo que você guarde no cofre. Pode ser reclamada por mim tanto pessoalmente como por escrito; ou então pela pessoa com quem acabei de falar ao telefone. Quer que eu declare isso por escrito?

— Não, senhor. Não é necessário.

— Mas... e se lhe acontecer alguma coisa? Você não é imortal, não é mesmo?

— Longe disso — redarguiu o gerente. — Mas

tomarei nota de suas recomendações. E na minha ausência há o supervisor. E também o subgerente.

— Ambos, ótimos indivíduos — concordou o coronel.

— Não prefere sentar-se um pouco, meu coronel?

— Não. Na agitação da vida dos hotéis, só homens e mulheres no climatério é que ficam sentados. Você, por exemplo, tem tempo para se sentar?

— Nunca.

— Posso perfeitamente descansar de pé ou apoiado numa maldita de uma árvore. Os meus patrícios sentam-se, deitam-se ou estatelam-se no chão. Só mesmo soltando uns busca-pés em cima deles para que parem de se queixar de cansaço.

Procurava falar bastante para recuperar logo a autoconfiança.

— Busca-pés?... Mas vocês usam isso, verdade?

— Claro. Eles têm qualquer coisa que impede a gente de ter ereções. É como a bomba atômica, só que jogada contra nós mesmos.

— Difícil de acreditar.

— Dispomos dos mais terríveis segredos militares. Daqueles que a esposa de um general jamais conta à outra. O busca-pé é o menos importante deles. Na próxima vez, espalharemos botulismo por Veneza inteira de 2.000 metros de

altitude. Contra isso não existe defesa — explicou o coronel. — Vai ser um tal de antraz para cá e de botulismo para lá...

— Que horror!

— Horror? Pior do que isso — afirmou o coronel. — É uma coisa que ainda nem está classificada. Aliás, tudo isso já foi publicado por aí. E, enquanto a coisa pega você, é possível ouvir Margaret. Basta apanhar a faixa do rádio certa, e ela estará cantando o Star Spangled Banner. Creio que essa é fácil de conseguir. Não garanto, porém, que a voz seja das melhores. Não como as que consideramos realmente boas, das que ouvimos nos nossos tempos. Mas hoje em dia tudo são truques. O rádio pode fazer a voz crescer. E o Star Spangled Banner resiste a tudo e a todos.

— Acha mesmo que eles vão atirar alguma coisa aqui?

— Não. Nunca o fizeram nem o farão.

E o coronel, que se sentia agora um general com quatro estrelas, tão tomado estava de furor, aflição e necessidade de disfarçar e de se refazer, mas pelo menos por enquanto apenas garantido pela absorção das tabletes, disse: “*Ciao, Domenico*”, e deixou o Gritti.

Imaginou que levaria doze minutos e meio para chegar ao lugar do encontro e que sua amada ainda chegaria depois dele. Caminhou com a maior

cautela, com o andar sem pressa, por força das circunstâncias. As pontes continuavam imutáveis.



Sua amada já se achava à mesa, na hora exata que marcara. E linda como sempre, na luz crua da manhã que vinha por sobre a praça alagada. Ela disse logo:

— Sente-se, Richard. Você está bem? Está?

— Claro que estou, minha maravilhosa formosura — respondeu o coronel.

— Esteve nos nossos pontos de parada preferidos no mercado?

— Apenas em alguns. Não estive na seção dos patos selvagens.

— Obrigada.

— Não há de quê — respondeu o coronel. — Nunca vou lá quando não estamos juntos.

— Você não acha que eu deva ir à caçada?

— Não. De modo algum. Se Alvarito quisesse que você fosse, a teria convidado.

— Quem sabe se não deixou de convidar por mero acanhamento?

— Pode ser — admitiu o coronel, que ficou

alguns segundos refletindo. — O que vai querer para o desjejum?

— O desjejum aqui não vale nada, e eu não gosto da praça quando fica alagada com a maré. É triste, os pombos ficam sem ter onde pousar. Só é interessante no fim, quando as crianças se põem a brincar. Vamos tomar nosso café da manhã no Gritti?

— Quer ir?

— Quero.

— Está bem. Vamos. Aliás, já comi alguma coisa.

— Ah, sim?

— Tomarei café e pedirei torradas só para ir me distraindo. Você está mesmo com muito apetite?

— Estou com uma fome medonha — falou ela com sinceridade.

— Pois vai comer de tudo — disse o coronel. — Depois, nunca mais vai querer ouvir falar em café da manhã.

Enquanto caminhavam batidos pelo vento, Renata, com os cabelos desfraldados como uma bandeira, lhe perguntou, toda apoiada nele:

— Você ainda me ama nesta manhã veneziana tão fria, ventosa e clara? Não acha que está frio demais?

— Amo-a, sim, mas não nego que o vento esteja um bocado frio.

— Senti saudades de você a noite toda, enquanto estava esquiando pela escuridão.

— Como era que fazia isso?

— Eu me precipitava pela pista abaixo, em curvas. Mas era noite, e a neve era escura em vez de luminosa. Para esquiarmos, dá na mesma, algo agradável, exigindo controle.

— Esquiou a noite inteira? Devem ter sido várias descidas.

— Não. Depois disso, dormi profundamente. E acordei feliz. Você estava comigo e dormia como um bebê.

— Não estava com você, absolutamente. E nem estava adormecido.

— Mas agora está comigo, não está? — indagou ela, segurando o braço com firmeza.

— E estamos quase chegando. Escute, já lhe disse de maneira adequada o quanto a amo?

— Já. Mas repita.

— Amo-a. Entenda isso de forma aguda e absoluta, sim?

— Aceito da forma que você quiser, contanto que seja verdade.

— Essa é que é a atitude correta. Você é uma garota generosa, tem coragem e é adorável. Agora, quando chegarmos ao meio da ponte, vire a cabeça de lado e deixe o seu cabelo esvoaçar.

— Quer mesmo? Acha bonito? Pois é muito

fácil. Ele ficou a olhar aquele perfil na maravilhosa luz da manhã colorida, com os seios salientes sob o suéter negro, com os olhos contra o vento. Ele respondeu:

— Gosto, sim. É tão lindo.

E Renata redarguiu:

— Estou muito feliz.



Ao Gritti, o *Gran Maestro* lhes arranhou lugar ao lado da janela que se abria para o Canal Grande. Não havia mais ninguém na sala de refeições.

O *Gran Maestro* estava com ânimo festivo e elevado por conta daquela manhã. Lidava com a úlcera conforme o dia. E a mesma coisa para com seu coração. Quando não o incomodavam, ele também não incomodava ninguém.

— O seu patrício das marcas de varíola toma o desjejum na cama, conforme informações que me deu o colega do hotel onde ele está. Vamos ter alguns belgas por aqui. — E lembrando César: — “E, destes, os mais bravos são os belgas.” Temos também um casal de *pescecani* chegados já se sabe de onde. Mas estão exaustos e creio que comerão no quarto como os porcos comem na pocilga.

— Você está fazendo um excelente relatório da situação — observou o coronel. — O nosso problema, *Gran Maestro*, é que eu já comi qualquer coisa no meu quarto, como faz o nosso escritor e

conforme fará o casal de novos-ricos. Mas esta dama...

— Esta jovem — atalhou o *Gran Maestro* com um largo sorriso. Sentia-se admiravelmente bem por ser aquele um dia completamente novo.

— Esta dama tão jovem deseja o café da manhã capaz de liquidar de vez com os cafés da manhã.

— Compreendo — falou o *Gran Maestro*; e, como olhasse para Renata, seu coração deu uma cambalhota como as que o porco-marinho executa em pleno oceano. Trata-se de um movimento muito bonito e apenas algumas poucas pessoas neste mundo conseguem senti-lo e executá-lo.

— Filha, o que deseja comer? — perguntou o coronel olhando para aquela beleza morena e sem retoques pompeando na luz matinal.

— Tudo.

— Então vá sugerindo.

— Chá em lugar de café e depois tudo quanto o *Gran Maestro* conseguir arrecadar.

— Não será uma arrecadação, filha — redarguiu o *Gran Maestro*.

— O único que aqui a pode chamar de filha sou eu.

— Empreguei a expressão com honestidade — retrucou o *Gran Maestro*. — Podemos fazer *rognons* grelhados com cogumelos, arrancados por gente que eu conheço. Ou cultivados em adegas bem

úmidas. Pode-se arranjar uma omelete com trufas arrancadas por focinhos de porcos muito distintos. Posso trazer também um *bacon* canadense com muita probabilidade de ser mesmo do Canadá.

— Seja lá onde isso fique? — comentou a jovem, alegre e sem ilusões.

— Sim, seja lá onde isso fique — aparteou o coronel. — O Canadá. Sei bem onde fica.

— Acho que podemos parar com as piadas e iniciar o desjejum.

— Se for apropriado para moças, eu também acho. O meu se reduz a uma garrafa de Valpolicella decantado do garrafão.

— E nada mais?

— Traga-me uma ração do *bacon* supostamente canadense — resolveu o coronel.

E, estando agora os dois sozinhos, olhou para a jovem e disse:

— Como está você, adorada?

— Com muita fome, ao que parece. Mas também grata por você ter se mantido gentil por todo este tempo.

— Foi fácil — respondeu-lhe o coronel, em italiano.



Sentados à mesa, contemplavam a luminosidade matinal sobre o Canal. O tom cinzento transformava-se agora, com o sol, em lâmina amarelada, e as ondas lutavam contra a maré vazante.

— Mamãe sempre diz que, seja qual for a época do ano, ela não consegue ficar por um tempo mais longo, porque não há árvores — falou a jovem. — É por isso que vai para o campo.

— É por isso que todo mundo vai para o campo — considerou o coronel. — Se descobríssemos um lugar com um jardim suficientemente grande, poderíamos plantar algumas árvores.

— Minhas preferidas são os choupos e plátanos da Lombardia, mas ainda estranho quando saio daqui.

— Choupos e plátanos... Gosto muito deles. E também de ciprestes e castanheiros. O legítimo castanheiro é da Índia. Mas enquanto você não for para a América, filha, não saberá nunca o que

sejam árvores. Espere até o dia em que puder ver um pinheiro-branco ou um pinheiro-insigne.

— Vamos vê-los todos, quando fizermos a grande viagem e pararmos nos postos de abastecimento ou nos alpendres de descanso... Como é mesmo que se chama isso?

— Albergues e acampamentos para turistas — respondeu o coronel. — Pontos onde a gente estaciona, mas não permanece durante a noite.

— Quero tanto percorrer estradas com você, entrar num... *comfort station*..., puxar o dinheiro e lhes dizer que encham bem o tanque e verifiquem o óleo, Mac, tal qual a gente vê nos livros norte-americanos e nos filmes.

— Ah! Você quer dizer posto de gasolina.

— Então o que é um *comfort station*?

— Um lugar isolado onde se vai para... você entende!

— Oh! — exclamou ela, enrubescendo. — Desculpe. Preciso aprender bem o idioma de vocês. Mesmo assim, com certeza vou viver dizendo barbaridades, do mesmo modo que você faz às vezes quando fala italiano.

— O *inglês* da América do Norte é uma língua fácil. Quanto mais se vai para o oeste, mais fácil e simples se torna.

O *Gran Maestro* trouxe o desjejum. O cheiro dos pratos não se espalhava pela sala, mas apenas

porque estavam cobertos com tampas de prata. O aroma de *bacon* e de rins grelhados chegou até eles, somado ao cheiro espesso dos escuros cogumelos fritos.

— A aparência promete — festejou a jovem. — Muito agradecida, *Gran Maestro*. — Depois se voltou para o coronel e perguntou: — Devo falar à moda norte-americana? — Estendeu a mão para o *Gran Maestro* com um movimento ágil e rápido que nem um florete e disse:

— *Put it there, Pal. This grub is tops.*

O *Gran Maestro* respondeu de pronto:

— *Thank you, my lady.*

E Renata perguntou ao coronel:

— Eu devia ter dito *chow* em lugar de *grub*?

— Qualquer dos termos vem a dar no mesmo, neste caso.

— Era assim que falavam lá no oeste, quando você era um garoto? No café da manhã, por exemplo, como é que se dizia?

— O café da manhã era servido ou anunciado pelo cozinheiro que aparecia e berrava: “Venham logo se empanturrar, seus filhos da puta, senão jogo tudo fora!”

— Preciso aprender isso para dizer lá no campo. Sempre que tivermos para jantar conosco o embaixador inglês e sua estúpida esposa ensinarei o mordomo a dizer, quando vier anunciar o jantar:

“Venham logo se empanturrar, seus filhos da puta, senão jogo tudo fora!”

— Ele não ia dar o devido valor à sua originalidade — considerou o coronel. — Em todo o caso seria uma experiência interessante.

— Ensine-me alguma coisa que eu possa dizer em gíria bem norte-americana ao sujeito com o rosto marcado, caso ele apareça. Eu a sussurraria no ouvido dele, como se estivesse combinando um encontro à maneira de antigamente.

— Isso depende da cara com que ele aparecesse. Se surgisse muito prostrado, você devia sussurrar: “Escute, Mac, você foi contratado para ser durão, não foi?”

— Formidável! — disse ela e repetiu com uma voz que aprendera com Ida Lupino. — Posso dizer isso ao *Gran Maestro*?

— Claro! Por que não? *Gran Maestro!*

O *maître* acudiu imediatamente e se inclinou para eles com a maior deferência.

— Escute, Mac. Você foi contratado para ser durão, não foi? — interpelou-o de chofre a moça.

— Lá isso fui, sim, senhora — respondeu o *Gran Maestro*. — Agradeço por me haver chamado a atenção de modo tão agudo.

— Se o tal sujeito entrar e você desejar lhe falar depois que ele já tiver comido, sussurre-lhe apenas isto ao ouvido: “Limpe a clara de ovo do

queixo, Jack! Arrume-se, deixe de ser babão!”

— Vou guardar bem na memória para repetir em casa.

— Que é que vamos fazer depois de comer?

— Não poderíamos subir? Veríamos o quadro, só para verificar se tem algum valor... Isto é, se é bom mesmo à luz do dia.

— Certo, então — concordou o coronel.



O quarto já estava arrumado, o que tranquilizou o coronel, que pensara que ia encontrá-lo ainda em desordem.

— Fique em pé ao lado da tela — ordenou a Renata, lembrando-se, já depois, de acrescentar: — Por favor.

Ela se colocou junto ao quadro, e ele ficou a observar a tela do ponto em que a examinara de noite, dizendo, por fim:

— Não há comparação, naturalmente. Não me refiro à semelhança. Essa é excelente.

— Mas você achou que seria possível uma comparação? — perguntou a jovem, sacudindo a cabeça para trás e permanecendo ali, com o mesmo suéter com que estava no retrato.

— Claro que não. Mas na noite passada e hoje, assim que amanheceu, fiquei conversando com o retrato como se fosse você.

— Muita bondade sua. Fico contente e isso mostra que a tela serviu para alguma coisa.

Não tardaram a se estirar na cama, e a jovem lhe perguntou:

— Nunca fecha as janelas?

— Não. Você fecha as suas?

— Só quando chove.

— Será que somos parecidos?

— Não sei. Ainda não tivemos a chance de testar isso. Não o bastante.

— É verdade. Mas acho que já conheço muito bem você. Mas quando tivermos mais chances de nos conhecer, o que diabo isso vai mudar? — perguntou o coronel.

— Não sei. Talvez alguma coisa nos faça sentir ainda melhor, eu acho.

— Isso mesmo. Precisamos tentar. Não acredito em objetivos limitados. Verdade é que às vezes somos obrigados a isso.

— Qual é a sua grande tristeza?

— Depender das ordens de outras pessoas. E a sua? — ele quis saber.

— Você.

— Não quero ser motivo de tristeza para ninguém. Já fui um filho da puta muitas vezes, mas nunca fui o motivo da tristeza de ninguém.

— Está bem. Mas você é a causa da minha tristeza, agora.

— Verdade? Bem, vamos levar isso em consideração.

— Muita bondade sua levar isso em consideração! Está tão bondoso, esta manhã! Fico tão chateada com o jeito como são as coisas. Por favor, me abrace, forte, assim. E não vamos falar nem pensar em como as coisas poderiam ser diferentes.

— Filha, aí está uma das poucas coisas que eu sei bem como fazer.

— Você sabe muitas, inúmeras coisas. Por que fala assim?

— Está certo — concordou o coronel. — Eu sei como avançar e como recuar quando se combate... E o que mais?

— Tem conhecimentos sobre quadros, livros... a vida.

— Ora, isso é fácil. Basta que se olhe uma tela sem nenhuma prevenção; que se leia um livro com a mente aberta, como você faz, e que se viva com intensidade a vida.

— Por favor, não retire a túnica.

— Está bem.

— Sempre que eu peço por favor você me atende.

— Tenho feito muita coisa sem que pedisse por favor.

— Raramente.

— De fato — concordou o coronel. — Por favor é uma linda expressão.

— Por favor... por favor... por favor.

— *Per piacere*. Quer dizer... para dar prazer. Gostaria que falássemos sempre em italiano.

— Podemos falar em italiano, no escuro. Mas existem coisas que soam melhor em inglês.

— *Amo você, meu derradeiro verdadeiro e único amor!*, citou ela, em inglês. Ou... *Quando os lilases florescem devagar no pátio, junto à porta*. Ou ainda: *Ouçó o berço balançando sem parar*. Ou: *Venham logo se empanturrar, seus filhos da puta, senão jogo tudo fora*. Nada disso soaria bem em outros idiomas, não é mesmo, Richard?

— Não...

— Beije-me de novo, por favor.

— Não precisa dizer por favor.

— Provavelmente, eu também terminaria como um desnecessário *por favor*. Sabe qual é a única vantagem de você estar para morrer? Porque assim não vai querer me deixar.

— Isso é um pouco rude — atalhou o coronel.
— Que tal segurar um pouco a sua língua?

— Torno-me rude quando você é rude comigo — declarou ela. — Você não haveria de querer que eu fosse completamente o contrário do que sou.

— Quero apenas que seja como é, e a amo verdadeiramente, inteiramente e para sempre.

— Há ocasiões em que você diz as coisas mais doces com absoluta limpidez. Que foi que

aconteceu com você e sua mulher, se posso perguntar?

— Era uma mulher muito ambiciosa e eu me ausentava de casa demasiadamente.

— Quer dizer que ela só vivia pela ambição, enquanto você, para cumprir suas obrigações?

— Isso mesmo — concordou o coronel, tentando conter a amargura. — Era mais ambiciosa do que Napoleão. E, quanto a talento, dispunha de uma dose mediana, comum na High School Valedictorian.

— Que coisa complicada... — admitiu a jovem. — Mas não vamos mais falar sobre ela. Desculpe haver perguntado. Deve lamentar não estar mais com você.

— Não. É muito orgulhosa para lamentar qualquer coisa. Só se casou comigo para ter acesso às rodas do Exército e dispor de melhores relações que conviessem ao que ela considerava sua profissão ou sua arte. Era jornalista.

— Mas os jornalistas são terríveis — afirmou a moça.

— De pleno acordo.

— Não devia se casar com uma jornalista e permitir que ela continuasse na profissão.

— Já não lhe disse que cometi erros?

— Vamos deixar de lado os assuntos desagradáveis.

— Será melhor, sim.

— Mas que coisa terrível! Como foi que pôde fazer isso?

— Sei lá. Só lhe contando certos pormenores. Mas não íamos abandonar esse assunto?

— Por favor, sim. Mas eu não imaginava que tivesse sido coisa tão triste assim. Agora, por exemplo, você não cometeria um erro desses, não é verdade?

— Não. Nunca. Prometo, minha doçura.

— Costuma escrever-lhe? Não!?!...

— Claro que não.

— E jamais lhealaria a nosso respeito, para que ela não escrevesse sobre nós nos jornais, não é verdade?

— Por Deus, não! Eu lhe contei certo caso meu, uma vez, e ela tratou logo de escrever sobre ele. Mas isso foi em outro país, e além disso a desgraçada está morta.

— Morreu, verdade?

— Mais morta do que Febus, o fenício. Só que ela própria ainda não descobriu isso.

— Que faria você se estivéssemos na Piazza e você a visse?

— Eu olharia através dela para lhe mostrar que ela está morta.

— MUITÍSSIMO obrigada — agradeceu a jovem.
— Deve saber que é terrível quando uma jovem sem

experiência tem de lidar com outra mulher ou andar com ela sempre no pensamento.

— Não há nenhuma outra mulher — disse-lhe o coronel, cujos olhos ficaram turvos ante vislumbres de recordação. — Nem mesmo para azedar o pensamento.

— Muito obrigada — falou a jovem. — Basta olhar para você para acreditar. Mas, por favor, nunca pense que eu possa me tornar algo assim.

— Quer que eu abata essa mulher a tiros e a enforque numa árvore bem alta? — perguntou o coronel, para rematar a questão.

— Não. É só esquecê-la.

— Está esquecida — garantiu o coronel.

E, que coisa estranha, estava mesmo. Coisa estranha, sim, porque, por um momento, ela estivera presente naqueles aposentos, e quase lhe causou pânico. Coisa, no entender do coronel, das mais estranhas. Verdade é que pânico era um fenômeno que ele conhecia bem.

No entanto, ela desaparecera radicalmente e para sempre; cauterizada, exorcizada, e com as doze vias de papel de rebaixamento, incluído o ato formal, reconhecido e registrado do divórcio; e isso em triplicata.

— Está esquecida — repetiu o coronel. E realmente estava.

— Estou tão contente... — disse a moça. —

Como foi que deixaram uma mulher dessas entrar neste hotel?

— Somos muito parecidos, de fato. Será melhor não levarmos este assunto longe demais.

— Deveríamos enforcá-la, caso você aceitasse, porque ela é o motivo que impede de nos casarmos.

— Está esquecida — tornou a declarar o coronel. — Quem sabe se um dia, de tanto se olhar ao espelho, ela não irá resolver se enforcar!

— Bem, agora que não está mais aqui, neste quarto, não devemos lhe desejar má sorte. Mas eu, como boa veneziana, só queria que ela estivesse morta.

— Eu também — reforçou o coronel. — Agora, já que insiste em viver, vamos enterrá-la simbolicamente pelo menos.

— Para todo o sempre — concordou a moça. — Não é a expressão certa? Em espanhol se diz *para siempre*.

— Para sempre e com juro — rematou o coronel.



Estavam estirados agora bem juntos e não falavam.

O coronel sentia o coração dela bater. É fácil sentir um coração bater sob um suéter tecido por alguém da família. Os cabelos de Renata, negros e longos, caíam sobre o braço bom do coronel que, entretanto, não os achava pesados e sim mais leves do que tudo deste mundo. Ela permanecia quieta e terna; tudo quanto possuíam estava em completa comunicação.

Beijou-a na boca com doçura e com veemência. Depois ambos se sentiram numa espécie de êxtase súbito, como quando as comunicações são perfeitas.

— Richard — disse ela —, há certas coisas que me deixam tristes...

— Nada de tristezas. Nunca — recomendou o coronel. — Desastres não devem nunca ser mencionados, filha.

— Diga outra vez.

— Filha.

— Por favor, diga-me coisas felizes para eu ter

no que pensar durante a semana. Quer me contar mais alguma coisa da guerra para que eu aprenda como foi tudo na verdade?

— Vamos deixar de lado também essas histórias de guerra.

— Não. Preciso saber, para aprender.

— Eu também preciso — concordou o coronel.
— Mas nada sobre manobras. Quer saber duma coisa? No nosso Exército, certa vez, um general obteve, por meio de um truque qualquer, um plano de manobras. Com isso, conseguia se antecipar a todos os movimentos da força inimiga e foi tão brilhante nas batalhas que acabou promovido, passando adiante de muitos oficiais ótimos, muito melhores do que ele. E foi por isso que fomos batidos, numa certa ocasião. Por causa disso e da prevalência dos *weekends*.

— E acaso não estamos agora usufruindo de um *weekend*?

— Eu sei, filha. Ainda posso contar até sete...

— Ora! Mas tudo o irrita tanto assim?

— Não é isso. Trata-se apenas do seguinte... estou já com cinquenta anos e já vi muita coisa.

— Conte-me alguma coisa mais sobre Paris, porque vou sentir prazer em pensar em você e em Paris, durante a semana.

— Filha, por que não deixa Paris em paz?

— Porque estive em Paris e quero voltar lá, e

porque quero saber. É a cidade mais bela do mundo, depois da nossa, e quero conhecer coisas que aconteceram de verdade por lá, para levar comigo.

— Iremos juntos e eu lhe contarei lá.

— Muito obrigada. Mas conte um pouquinho agora, só para esta semana.

— Leclerc, conforme acho que já mencionei a você, era um idiota nascido em berço de ouro. Muito valente, muito arrogante e extremamente ambicioso. Morreu, como já lhe disse.

— Eu sei. Você já me contou.

— Diz-se que dos mortos não se deve falar mal. Acho, porém, que é o melhor tempo para se falar deles com acerto. Nunca falei nada de um morto que não pudesse lhe dizer na cara, quando vivo.

— Mas vamos deixá-lo de lado. Eu já o rebaixei, mentalmente.

— Que é que você quer ouvir, então? Coisas pitorescas?

— Sim, por favor. De tanto ler jornais ilustrados peguei esse mau gosto. Mas vou ler Dante a semana inteira, quando você estiver ausente. Irei também à missa todos os domingos. Será suficiente.

— E vá também ao Harry's antes do almoço.

— Irei — asseverou ela. — Por favor, conte-me alguma coisa pitoresca.

— Não lhe parece que faríamos melhor se

tentássemos dormir?

— Como é que se pode pensar em dormir quando se dispõe de tão pouco tempo? — Depois colocou a cabeça por baixo do queixo dele até lhe forçar a cabeça bem para trás e disse: — Cheire os meus cabelos.

— Está bem. Vou contar.

— Primeiro me dê sua mão. Quero segurá-la. Assim a terei comigo quando estiver lendo Dante ou fazendo outras coisas.

— Dante foi um tipo execrável. Ainda mais orgulhoso do que Leclerc.

— Eu sei. Mas não escreveu execravelmente.

— Leclerc também sabia lutar admiravelmente.

— Agora... conte!

O coronel sentia a cabeça de Renata em seu peito. E foi por isso que perguntou:

— Por que não quis que eu tirasse a túnica?

— Gosto de sentir os botões. É errado?

— Se achasse que isso era errado, eu seria um filho da puta — retrucou o coronel. — Quantas pessoas lutaram na sua família?

— Todas. Sempre. Sou de uma família de mercadores também, e diversos membros dela foram doges desta cidade, como você sabe.

— Mas todos eles combateram?

— Todos. Pelo menos é o que me consta.

— Então, está bem. Vou lhe contar tudo o que

quiser saber, menina.

— Não peço muito. Basta que sejam fatos pitorescos. Tão ruins ou piores do que o que sai nos jornais ilustrados.

— *Domenica Del Corriere* ou *Tribuna Illustrata*?

— Jornais piores do que esses, se é que é possível.

— Beije-me, primeiro.

Ela beijou-o de modo suave, rude, desesperado. E o coronel ficou sem poder pensar em batalhas nem em episódios pitorescos ou incidentes esquisitos. Pensava apenas nela, em o quanto a sentia junto a si e também o quanto a vida se aproxima da morte quando sobrevém o êxtase. E que diabo era o êxtase, qual a classe e o número de série do êxtase? Ah! Como era agradável sentir aquele suéter preto. De onde teria vindo toda sua meiguice e delícia? E aquele orgulho estranho, aquela capacidade de sacrifício misturada à sabedoria de uma criança? Sim, o êxtase é aquilo que se desejaria ter tido quando, pelo contrário, só se obtém marasmo.

“A morte”, pensou ele, “é uma merda. Chega até você em pequenos fragmentos que mal mostram por onde entraram. Ou então, às vezes, surge de maneira atroz. Pode vir por causa da água não fervida, a pata infectada de um mosquito, ou então pode chegar junto com o estrondo disforme,

flamejante, com o qual sempre convivemos. Vem com pequenos ruídos rasos que precedem o barulho da arma automática. Pode vir com o fulgor e a fumaça da granada descrevendo uma parábola ou com a queda abrupta de um morteiro. Eu a vi chegar soltando-se das entranhas de uma bomba e caindo em uma curva estranha. Ela vem com o impacto estardalhaçante de um veículo ou com a simples falta de freio, numa estrada enlameada. Muita gente a recebe na cama, eu sei, como a pessoa simetricamente oposta ao amor. Tenho vivido perto dela quase a minha vida toda. E que tem sido a minha profissão senão causá-la maciçamente? Mas que posso eu contar a esta jovem agora, nesta fria manhã de vento no Gritti Palace Hotel?”

— Que é que você gostaria de ficar sabendo, filha?

— Tudo.

— Está bem. Então, ouça.



Os dois continuavam estirados na cama confortável e sólida, refeita havia pouco pela criadagem. Estavam bem juntos, com as pernas quase entrelaçadas, e Renata repousava a cabeça no peito do coronel, deixando que os cabelos se espalhassem pelo pescoço forte.

E ele contava:

— Desembarcamos sem muita oposição, pois a verdadeira oposição nos aguardava na outra praia. Tivemos depois que fazer contato com pessoas que haviam descido de paraquedas clandestinamente. A seguir, tomamos e reforçamos diversas cidadezinhas, até que por último tomamos Cherburgo. A missão era difícil e tinha que ser executada sem perda de tempo. Recebíamos ordens de um general chamado Lightning Joe, de quem você nunca ouviu falar. Um bom general.

— Continue, por favor. Você já falou sobre Lightning Joe.

— Quando entramos em Cherburgo, ficamos

com tudo. Eu me contentei com uma bússola de almirante porque naquela época eu tinha um pequeno barco em Chesapeake Bay. Requisitamos todo o conhaque Martell selado pela Wehrmacht e havia pessoas com uma fortuna próxima a seis milhões de francos franceses, impressos na Alemanha. Circulavam até o ano passado, e naquele tempo se trocavam cinquenta por um dólar. Muita gente que tem agora um trator em lugar de simplesmente uma mula sabia como remetê-los para casa por gente do Exército ou da Marinha. Só peguei essa bússola, mais nada, porque achava que dava azar roubar sem necessidade, em tempo de guerra. Mas bebia o conhaque e costumava experimentar a bússola fazendo as diferentes correções. A bússola era o único amigo que eu tinha, e o telefone era a minha vida. Conosco havia mais rolos de arame do que vaginas no Texas.

— Favor não se desviar do assunto e ser o menos grosseiro que puder. Não entendo o que pode significar essa comparação.

— O Texas é um estado enorme — explicou o coronel. — Foi por isso que o mencionei, e à sua população feminina, como um símbolo. Não se pode dizer que há tantas vaginas no Wyoming porque lá existem menos de trinta mil, ora, que diabo, digamos umas cinquenta mil mulheres, e o arame que existia entre nós era uma enorme

quantidade e não fazíamos outra coisa senão esticar e enrolar arame a vida toda.

— Adiante.

— Vou abreviar tratando logo do ataque que realizamos — informou o coronel. — Mas, se eu a estiver aborrecendo, fale.

— Não está.

— Assim, realizamos o ataque, rompendo as linhas inimigas. — E agora, com a cabeça voltada para a dela, em lugar de apenas discorrer sobre o tema, parecia estar se confessando. — No primeiro dia, muitos aviões vieram e lançaram suas bolas de árvore de Natal... quer dizer... bombas que confundiram o radar do inimigo, e a coisa se restringiu a isso. Estávamos prontos para avançar, mas a coisa ficou nisso. E bem acertadamente, creio eu. E você sabe que gosto tanto das altas patentes quanto de alguns porcos que você conhece.

— Deixe de ser mau. Continue.

— As condições não eram propícias. Já no segundo dia, estávamos preparados, assim como os nossos primos, os ingleses, que não eram capazes de abrir seu caminho em terreno alagadiço. E eis que surgiu a aviação galharda no azul distante. Alguns estavam ainda erguendo voo desse aeródromo de verdes relvas que então era a Inglaterra, quando já víamos os que vinham na frente, os primeiros da esquadrilha. Cintilantes, claros, bonitos, porque a

camuflagem já desbotara; ou talvez não. Minha memória não é muito fiel quanto a esse ponto. Em todo caso, filha, podia-se enxergar a linha deles dirigindo-se para leste quase a se perder de vista. Parecia um enorme trem. Passavam muito alto no céu e cada vez mais bonitos. Eu disse ao meu S-2 que deveríamos chamá-lo de Valhalla Express. Você está cansada?

— Não. Estou imaginando esse Valhalla Express. Nunca vimos esquadrilhas assim tão numerosas, mas até que já vimos algumas bem grandes por aqui.

— Havíamos recuado quase dois quilômetros do ponto de onde deveríamos desfechar a investida. Você faz uma ideia do que seja isso, filha, dois quilômetros, numa guerra, quando se está atacando?

— Eu, não. Como poderia saber?

— Então o primeiro bloco de aviões do Valhalla Express soltou uma fumaça colorida e voltou para casa. Essa fumaça foi solta com o maior apuro, para mostrar o alvo, exatamente onde estavam as posições dos nazistas. Tratava-se de boas posições e *seria* impossível expulsá-los dali sem um recurso violento e estranho como o que estávamos experimentando. Logo a seguir, filha, as demais esquadrilhas do Valhalla Express jogaram tudo quanto tinham de munição em cima dos

nazistas e onde eles se achavam dispostos a nos barrar a passagem. Não tardou a parecer que a terra toda vomitasse para cima feito vulcões em irrupção, e os prisioneiros que fomos fazendo tremiam que nem homens com acesso de malária. Eram rapazes valentes da Sexta Divisão de Paraquedistas, mas tremiam e tremiam, por mais que quisessem se dominar. Pode ver que foi um bombardeio em regra. A coisa exata que sempre precisamos, nessas horas... fazê-los tremer com medo da justiça e da força. Bem, não quero me alongar, filha, para não entediá-la. Mas, então, havia vento vindo de leste, de maneira que a fumaça começou a se deslocar na nossa direção. Os aviões pesados estavam bombardeando por cima da linha de fumaça, e agora essa linha estava exatamente sobre nós. De maneira que passaram a nos bombardear, da mesma forma que haviam bombardeado os nazistas. Primeiro, foram os aviões pesados que estavam se lixando a respeito de quem se acharia cá embaixo. Depois, de modo a tornar a investida menos difícil e, como que para deixar menos gente possível de ambos os lados, vieram os aviões médios e bombardearam o que ainda sobrava. Então, avançamos pela brecha aberta, logo que o Valhalla Express voltou para a sua ilha, ampliando-se em beleza e em majestade desde aquele trecho da França até a Inglaterra.

E o coronel se calou um pouco, pensando: “Se um homem tem consciência, terá muito que refletir ainda sobre o poder aéreo.”

— Dê-me um copo de Valpolicella. — E lembrou-se de acrescentar: — Por favor. Desculpe-me, sim. Não fique nervosa, meu filhotinho. Lembre-se de que foi você quem me pediu que lhe contasse alguma coisa.

— Não sou seu filhotinho. Essa deve ser alguma outra criatura.

— Tem razão. Você é o meu derradeiro único e verdadeiro amor. Está certo? Bem, você me pediu para lhe contar, não pediu?

— Pedi, sim. Conte mais. Escute, eu gostaria de ser seu filhotinho, se soubesse como agir. Mas é que sou apenas uma jovem que o ama, uma garota daqui desta cidade.

— Havemos de tratar disso. Bem sabe quanto a amo. Com certeza aprendi essa expressão lá nas Filipinas.

— Provavelmente. Mas eu sempre vou preferir ser sua garota e mais nada.

— E é. Completa. Como um açucareiro com asas e uma flamulazinha na tampa.

— Por favor, não brinque. Basta que me ame de verdade e que me conte essas coisas com a sinceridade possível, sem se magoar.

— É o que pretendo. Contarei tudo, com a

possível sinceridade, doa a quem doer. Será melhor você ouvir isso dito por mim, já que tem interesse e curiosidade em saber, do que procurar em um desses livros de capa dura.

— Mas, por favor, nada de grosserias. Conte-me tudo, em detalhes, e continue a me abraçar bem forte. Fale... vá falando até purgar tudo de dentro de si, se é que isso é possível.

— Não preciso purgar nada — afirmou ele. — Perdoo tudo, menos os aviões pesados terem sido empregados taticamente. Não me queixaria, mesmo que nos matassem, se tivessem sido utilizados corretamente. Mas, como suporte das forças de terra, que me deem um homem como Pepe Quesada. Ora, aí está um homem para abrir caminho a bico de bota.

— Por favor...

— Se algum dia você quiser abandonar um tipo liquidado como eu, esse é um sujeito que poderia lhe servir de suporte em terra.

— Você não está liquidado e nem isso é expressão que lhe caiba. Não sabe quanto o amo?

— Dê-me por favor dois tabletes daquele frasco e ponha no copo um pouco de Valpolicella, que já lhe pedi e você esqueceu. Quero lhe contar como terminou essa história.

— Não tem que contar mais nada. Não quero. Já vi que isso não lhe faz bem. Principalmente o

caso do Valhalla Express, naquele dia. Não sou uma inquisidora... Ou seja qual for o feminino dessa palavra. Vamos ficar calados, no peitoril da janela, observando o que passa no Canal Grande.

— Talvez seja melhor. Aliás, quem é que agora se importa com casos de guerra?

— Você e eu, talvez — falou ela, acariciando-lhe a cabeça. — Aqui estão os dois comprimidos do tal frasco. E aqui está um copo com o vinho que foi decantado. Vou lhe mandar um lote muito melhor, da nossa herdade. Vamos ver se dormimos um pouco? Seja gentil, sim? Vamos ficar deitados, querendo muito bem um ao outro. Dê cá sua mão.

— A boa ou a deformada?

— A que foi ferida — explicou a jovem. — A que eu amo e em que vivo pensando a semana inteira. É pena não poder ficar com ela, não poder guardá-la comigo como você guarda as esmeraldas...

— As esmeraldas? Já estão bem-guardadas no cofre, com o seu nome no envelope.

— Vamos ver se dormimos e se não falamos sobre coisas materiais nem sobre acontecimentos tristes.

— Raios partam a tristeza — protestou o coronel, com os olhos fechados e com a cabeça pousada de leve sobre o suéter preto que era seu ninho natal e que o fez pensar: “Cada um de nós

precisa ter seu ninho natal. E este aqui é o meu.”

— Por que é que você não é presidente? — perguntou ela, sem nenhum propósito aparente. — Você daria um excelente presidente.

— Presidente? Eu? Servi na Guarda Nacional de Montana, quando tinha dezesseis anos. Mas nunca na minha vida usei uma faixa atravessada, e não sou nem nunca fui um frouxo fracassado. Não tenho nenhuma das qualificações necessárias para a Presidência. Não serviria sequer para dirigir a oposição, mesmo não precisando me sentar em cima de catálogos de telefone para ser fotografado. Também não sou um general não combatente. Inferno! Nunca cheguei a fazer parte do Supremo Comando das Forças Expedicionárias Aliadas, o tal SCFEA. Não poderia sequer ser um estadista provecto, já que me falta idade para isso. Atualmente somos governados, em certo sentido, por... como direi?... Resíduos. Somos governados pelo que se vê no fundo de copos de cerveja, onde prostitutas apagam suas pontas de cigarros. Ainda não fizeram a faxina no salão e resta um pianista amador tirando acordes.

— Não estou compreendendo bem o que você diz... meu vocabulário americano é tão incompleto. Mas, pelo que entendi, está dizendo coisas medonhas. Não se irrite com isso. Deixe que eu me preocupe por você.

— Sabe o que vem a ser um frouxo fracassado?

— Não.

— Não é coisa assim tão desprestigiada. Há muitos deles no nosso país. Existe pelo menos um em cada cidade. Ah, filha! Sou apenas um soldado combatente e isso é a coisa mais reles que existe na terra. Acabarei em Arlington, caso devolvam o corpo... A família pode requerer a transferência.

— Arlington é bonito?

— Não sei. Nunca fui enterrado lá.

— Onde gostaria de ser enterrado?

— Ali, nas colinas — respondeu ele prontamente, com uma decisão espontânea. — Em qualquer ponto das terras altas onde os derrotamos.

— Está parecendo que você gostaria de ser enterrado no Grappa.

— Sim, num recanto plácido que tenha sido bombardeada, mas onde, agora, no tempo do verão, o gado pastasse.

— Há gado nessas bandas?

— Claro que há. Nunca deixa de haver gado, durante o verão, nos lugares onde exista bom pasto, e as garotas das casas situadas mais ali no alto, as mais bem-construídas, as casas e as garotas, as que resistem à neve do inverno, apanham raposas em armadilhas, no outono, depois que desce o gado que passa a se alimentar de feno.

— Então, não gostaria de repousar para sempre

em Arlington, no Père Lachaise ou no nosso cemitério daqui?

— Nesse ossário medonho que vocês têm?

— Reconheço que é a coisa mais ordinária que há na cidade... cidade... Já nem sei como deva dizer. Você ora diz *city*, ora diz *town*. Seja como for, prometo providenciar — disse ela rindo — para que você fique onde preferir. E, se consentir e quiser, irei ficar com você.

— Não gostaria nada disso. Isso é coisa para se fazer sozinho. É como ir ao banheiro.

— Por favor, não seja rude.

— Eu me explico... gostaria bastante que você estivesse comigo, mas seria uma exigência muito egoísta e de mau gosto.

Depois, ele parou, pensou atentamente, e disse, de súbito, a seguir:

— Não. Você vai se casar, terá cinco filhos e dará a todos o nome de Richard.

— Ricardo... Coração de Leão — repetiu ela, aceitando o que ele dissera sem nem sequer lhe lançar um olhar, como quem numa partida de cartas recebe a última, que se encaixa na mão preciosamente para abaixar o jogo.

— ... Coração em Garra — emendou o coronel.
— O crítico injusto e amargo que fala mal de toda gente.

— Por favor, acalme-se — pediu a garota. —

Lembre-se de que as piores críticas que você faz são a seu próprio respeito. Mas, por favor, segure-me o mais junto de si que puder e vamos parar de pensar, simplesmente.

Ele a apertou o mais que pôde e procurou não pensar em mais nada.



O coronel e a jovem permaneciam estirados na cama, e ele procurava não pensar em coisa alguma, assim como já ficara pensando em nada tantas outras vezes e em tantos outros lugares. Mas não havia jeito, agora. Simplesmente não conseguia, porque era tarde demais.

Não eram Otelo nem Desdêmona, graças a Deus, embora a cidade fosse a mesma, a jovem muitíssimo mais bela do que a personagem de Shakespeare e o coronel tivesse combatido tanto ou mais do que o mouro tagarela.

“São excelentes soldados esses malditos mouros”, pensou o coronel. “Mas quantos deles matamos no meu tempo? Acho que matamos mais do que uma geração, se eu incluir a última campanha em Marrocos, contra Adbel Krim. E tivemos de matar um por um, separadamente. Ninguém jamais conseguiu matá-los em massa, como matamos os nazistas antes que descobrissem a vantagem da *Einheit*.”

— Filha — falou ele. — Quer realmente que eu lhe conte essas coisas? Quer ficar sabendo como aconteceram? Prometo contar sem me irritar.

— É o que eu mais quero. Assim, ia poder dividir com você toda a sua vida.

— Como se pode dividir uma coisa tão exígua como a vida? — considerou o coronel. — Melhor dá-la toda a você, filha. Mas vou contar apenas os fatos principais. Você não poderia compreender os detalhes das campanhas. Pouquíssimas pessoas conseguiriam. Rommel conseguiria. Mas sempre o conservaram a sete chaves na França e, além disso, ele teve suas comunicações destruídas. As duas forças aéreas táticas, a nossa e a RAF, as destruíram. E bem que eu gostaria de trocar ideias sobre alguns assuntos com ele. Gostaria de ter conversado com ele e com Ernst Udet.

— Então, me conte apenas o que desejar e tome este copo de Valpolicella. E pare, se começar a se sentir mal. Ou então não conte nada. Deixe...

— No início, eu era coronel de tropas de reserva — explicou o coronel, meticulosamente. — São coronéis que ficam à disposição para ocupar o comando de uma divisão cujo comandante titular ou fosse morto em batalha ou recebesse baixa. Era raro algum morrer, mas muitos recebiam baixa. Os bons eram promovidos. E rapidamente, quando as coisas começaram a se propagar como um incêndio

numa floresta.

— Continue, por favor. Então? Não vai tomar o remédio?

— O remédio e o SCFEA que vão para o inferno!

— Já sei o que significa essa sigla.

— Ah, você, com esse cérebro sensato e com essa esplêndida memória daria um soldado dos infernos!

— Gostaria de ser soldado, mas só se combatesse sob suas ordens.

— Não queira nunca lutar sob as minhas ordens — advertiu o coronel. — Sou esperto, mas não tenho sorte. Napoleão só queria oficiais afortunados e tinha razão.

— Mas nós tivemos sorte.

— Tivemos — admitiu o coronel. — Boa e ruim.

— Mas sempre foi sorte.

— Claro. Mas não se pode entrar num combate confiando na sorte. Sorte é apenas uma coisa de que você precisa. Os soldados que se fiam apenas na sorte acabam gloriosamente mortos, como aconteceu com a cavalaria de Napoleão.

— Por que odeia tanto a cavalaria? Quase todos os melhores jovens que conheço foram dos três bons regimentos de cavalaria ou então da Marinha.

— Não odeio coisa nenhuma, filha — afirmou o coronel. E bebeu um pouco do vinho seco, leve e vermelho, tão hospitaleiro quanto a casa fraterna, quando se tem irmãos que são bons amigos. — Só mantenho um determinado ponto de vista a que cheguei depois de refletir muito e de avaliar do que eles são capazes.

— Então a cavalaria não serve para nada?

— São uma completa inutilidade — declarou o coronel, acrescentando, para não ser rude —, pelo menos atualmente.

— Cada dia é uma nova decepção.

— Não é bem isso. Cada dia que passa traz uma nova e bonita ilusão. Mas podemos cortar fora tudo o que é falso, em cada ilusão, como se a podássemos com uma navalha das mais afiadas.

— Por favor, não queira nunca me podar.

— Não se poderia fazer isso com você.

— Venha, me abrace forte. E me beije também, por favor, enquanto nos debruçamos na janela e ficamos observando o Grande Canal. A luz sobre a água está maravilhosa, a esta hora. E eu quero escutar mais do que você tem para me contar.

Enquanto contemplavam o Canal onde a claridade estava realmente fascinante, o coronel falava.

— Deram-me um regimento porque o general comandante dispensou um sujeito que eu conhecia

desde os seus dezoito anos. Já não era mais um rapaz, é claro. Mas era um regimento forte demais para ele, ao passo que era o regimento que eu sonhava comandar em minha vida. Isso até que o perdi... obedecendo ordens, é claro.

— Como é que se perde um regimento?

— Bem, a gente pode estar pretendendo tomar uma cidade, situada numa elevação, e acha que basta mandar uma patrulha com uma bandeira, pedindo para discutir a situação. E que eles então entrariam em negociações, acabariam se convencendo e evacuariam a cidade, isso se você estiver certo. Mas profissionais são muito inteligentes e os tais nazistas eram todos muito profissionais e nada fanáticos. O telefone toca e alguém fala do Corpo de Operações que recebeu ordens do Exército ou de um setor do Exército, digamos mesmo do SCFEA. E porque leram o nome da cidade num jornal, possivelmente enviado de Spa, por um correspondente, dão a ordem de tomá-la de assalto; isso é importante porque sairá na imprensa mundial. E a gente tem de tomá-la. E então, filha, é assim que se deixa toda uma companhia morta junto a uma vala. É assim que se perde uma companhia completa e se fica com outras três quase destruídas. Os tanques, em ótimas condições de marcha para qualquer das direções, subitamente ficam escangalhados, aniquilados antes

mesmo de poderem rodar. Eles atingem um, dois, três, quatro, cinco tanques. Acontece então que três homens conseguem fugir de dentro do quinto e saem correndo às tontas como se fossem rompedores de linha que foram abalroados, num jogo em que são de Minnesota e os outros de Beloit, Wisconsin. Estou entediando você?

— Não. Não entendo as referências locais, mas, se achar que deve explicá-las, faça-o quando achar que deve. Por favor, vá em frente.

— Bem, entramos finalmente na cidade e nisto um soberbo imbecil ordena um reforço aéreo à investida. Pode até ser que a ordem tenha sido dada, e simplesmente deixou de ser cancelada, vamos dar a todos o benefício da dúvida. Estou falando de um modo geral, não quero entrar em detalhes mesmo porque um civil não compreenderia. Nem mesmo você. A tal cobertura aérea não adianta muito, filha. Não temos um número suficiente de soldados, na linha de frente, e não podemos por isso permanecer na cidade. Portanto, pode acontecer que a gente pensando que vai tirar a tropa de um buraco acabe afundando-a ainda mais. Há duas maneiras clássicas de lidar com essa situação nas escolas de estratégia militar. Mas o que ordenam é que a gente execute o tal assalto. Repetem a ordem. Insistem. E algum político de uniforme, que nunca matou inimigo nenhum a não

ser com a boca, isto é, pelo telefone, ou no papel, e que também nunca foi ferido, faz questão absoluta de que a ordem seja cumprida. Façamos de conta que seja o nosso próximo presidente, por exemplo. Você pode imaginá-lo como quiser, mas sabendo que ele e todo o seu pessoal, as instalações de Estado-Maior etc. estão tão distantes, na retaguarda, que o melhor meio de a gente se comunicar com eles é usando pombos-correios. Isso mesmo, e com o perigo de eles, considerando toda a segurança que mantêm em alerta a seu redor, abaterem os pombos com baterias antiaéreas. Isto é, se conseguirem acertá-los. É assim que lá vamos nós outra vez tentar tomar a cidade e vou lhe dizer o que então acontece.

O coronel olhou para o jogo de luzes no teto do quarto, que era reflexo, em parte, das águas do Canal. Os reflexos faziam movimentos estranhos, mas definidos, e mudando sempre, como o fluxo de uma correnteza repleta de trutas, embora fosse mudando na verdade à medida que o sol ia se deslocando.

Então, o coronel deixou seu olhar sobre a grande beleza de sua amada, com aquele semblante exótico, sombrio, de uma criança crescida que tocava fundo em seu coração, mas da qual ele precisaria se afastar (com toda certeza), antes das treze horas e trinta e cinco minutos. E por isso lhe

disse:

— Filha, não vamos mais falar sobre a guerra.

— Oh, por favor! — suplicou ela. — Assim, terei do que me lembrar pela semana inteira.

— Você faz parecer que vai passar essa semana numa prisão, em isolamento.

— E você diz isso porque não sabe quanto é comprida uma semana para uma pessoa de dezenove anos.

— Muitas e muitas vezes, vi que uma hora pode parecer interminável — ponderou o coronel. — E poderia até lhe contar o quanto podem parecer longos nada mais do que dois minutos e meio.

— Então, conte, por favor.

— Bem. Estive de licença em Paris por dois dias entre a tal batalha Schnee-Eifel e essa outra a que estou me referindo. E, graças à minha amizade com uma ou duas pessoas por lá, tive o privilégio de estar presente a uma reunião a que só podiam assistir pessoas de confiança. Então, o general Valter Bedell Smith explicou a todos o quanto seria fácil a operação que depois tomou o nome de Hurtgen Forest. Não se tratava propriamente da Floresta Hurtgen, que era apenas um pequeno setor. Tratava-se, sim, de Stadtswald, que era exatamente onde o Alto Comando Alemão imaginara nos dar combate depois que Aachen fora tomada e que o caminho para a Alemanha ficou escancarado.

Espero, filha, que não a esteja entediando.

— Você nunca me aborrece. Sobre as guerras, só me desagradam as mentiras.

— Você é uma moça peculiar!

— Sou sim. Sei disso faz tempo.

— Gostaria realmente de tomar parte em combates?

— Não sei se poderia fazê-lo. Mas, se você me ensinasse, eu com certeza iria experimentar.

— Jamais ensinarei isso a você. Basta que lhe conte essas histórias.

— Histórias tristes de mortes de reis.

— De reis, não. De GIs, foi assim que batizaram os soldados. Meu Deus, como detesto essa palavra e como tem sido usada! Leitores de histórias em quadrinhos. Todos tinham sua cidade natal. Muitos deles, não todos, metidos nisso contra a vontade. Mas todos liam um jornal chamado *Estrelas e Listas*, e precisávamos levar a unidade a aderir àquilo; do contrário, se ficava antipatizado como comandante. Eu não era muito popular, não. Procurava agradar os correspondentes e havia alguns ótimos na tal reunião. Não vou citar nomes porque seria injusto. Acabaria omitindo alguns outros, também ótimos, por mero esquecimento. E havia também embusteiros típicos, maricas que se queixavam de que tinham sido feridos quando um estilhaço à toa mal lhes raspava a pele. Gente que ganha a *Purple*

Heart só por causa de acidentes em jipes. Sujeitos que se metiam entre nós, covardes, mentirosos, que se emboscavam, trapaceavam, e à menor notícia corriam para o telefone. Uns poucos mortos faltaram a essa reunião. Eles também tinham seus mortos, um percentual alto, pode-se dizer. Mas nenhum desses que morreram estava lá. Mas havia mulheres metidas em formidáveis uniformes.

— E como foi que você teve coragem de se casar com uma delas?

— Foi um equívoco. Já expliquei isso a você.

— Continue....

— Na sala havia tantos mapas que nem o Eterno teria tempo para examiná-los — continuou o coronel. — Exposição completa, com o Quadro Completo, o Semicompleto e o Supercompleto. Toda aquela gentalha fingia conhecê-los bem, assim como os técnicos, rapazes com varas pontudas, uma espécie de taco de bilhar castrado, que usavam para as explicações.

— Não empregue palavras feias... Mas o que quer dizer castrado?

— Cortado pela metade. Coisa que já não serve para nada. Um instrumento inútil, um indivíduo inválido. É uma expressão antiga que deve existir até mesmo em sânscrito.

— Por favor, conte o resto.

— Para quê? Para que devo perpetuar a

ignomínia, mesmo que apenas abrindo a boca?

— Posso anotar tudo, se você quiser. Iria anotar com cuidado tudo o que escutasse ou pensasse. Claro que cometeria erros.

— Se você é uma jovem que consegue escrever direito o que ouve e o que pensa, então meus parabéns. Mas jamais escreva uma única palavra do que estou lhe contando, está ouvindo?

E daí continuou:

— A sala estava cheia de correspondentes vestidos de acordo com o jeito de cada um. Alguns calmos e cínicos, outros extremamente arrogantes. Para vigiá-los e para manejar os tacos, havia um grupo de *pistol-slappers*. Damos o nome de *pistol-slapper* a um indivíduo não combatente, mas fantasiado de soldado, trajando um uniforme que, no caso, se pode chamar de fantasia. Um sujeito que chega a ter uma ereção toda vez que a arma esfrega-se em suas bolas. A propósito, filha, a tal arma, não a antiga pistola, mas a moderna, a verdadeira pistola, tem errado mais inimigos, em combate, do que provavelmente qualquer outra arma da história. Não aceite nenhuma de presente, a não ser que seja para bater com ela na cabeça de alguém no Harry's Bar.

— Nunca desejei bater na cabeça de ninguém, a não ser, talvez, na de Andrea.

— Pois, se quiser bater em Andrea, segure no

cano e não na coronha. A coronha é tremendamente traiçoeira, dá coice, cai no chão e quando a gente vai ver está com a mão sangrando. Também lhe peço que não bata em Andrea, porque ele é meu amigo. Aliás, não creio que seja fácil feri-lo.

— Também acho. Mas, por favor, o que mais aconteceu na tal reunião? Acho que daqui para a frente já sei reconhecer um *pistol-slapper*. Mas prefiro ter informações mais precisas.

— Pois bem, os *pistol-slappers*, muito orgulhosos de seus adornos, aguardavam a chegada do grande general que viria explicar a operação. Os correspondentes sussurravam, ou zuniam, e os mais inteligentes estavam carrancudos ou alegres, sem muito entusiasmo. Todos estavam sentados em cadeiras dobráveis, como nas conferências de Chautauqua. Desculpe se emprego tantos termos locais. É que nós somos um povo muito bairrista. Eis que entrou o general. Não era um *pistol-slapper* e sim um fantástico negociante e um excelente político, o típico executivo. O Exército é o maior dos negócios do mundo, no momento. O general agarrou um dos tacos castrados e nos mostrou com a mais completa convicção, sem quaisquer preâmbulos, e com pronta exatidão, como devia ser o ataque, por que o íamos fazer e com que facilidade tudo sairia às mil maravilhas. Nada de problemas.

— Continue — pediu a jovem. — Deixe-me encher o seu copo e enquanto isso repare nos efeitos da luz no teto.

— Pois encha. Estarei olhando para o teto, enquanto continuo a história. O tal general com a postura agressiva considerada ideal para um homem de vendas... e digo isto sem desrespeito, muito pelo contrário, admirando seus talentos ou seu intelecto... também nos falou do que precisaríamos utilizar, garantindo que não nos faltaria coisa alguma. O SCFEA tinha sua base, então, em Versalhes, fora de Paris. E nós tínhamos que atacar a leste de Aachen, a uma distância de cerca de 380 quilômetros de onde ficava a base. Um Exército pode ser enorme, mas seus departamentos não precisam ficar tão afastados. Finalmente, eles se deslocaram um pouco mais para diante, instalando-se em Rheims, distante 240 quilômetros da frente de batalha. Mas isso foi muitos meses mais tarde. Compreendo a necessidade de o Alto Comando estar distante da tropa empenhada em combate. Compreendo o tamanho de uma força militar e todos os problemas envolvidos. Chego até mesmo a compreender um pouco de logística, o que aliás não é tão difícil assim. Mas nunca na história ninguém comandou um ataque a tamanha distância.

— Fale-me sobre a cidade.

— Já vou falar, mas, veja bem, não quero magoar você.

— Você nunca me magoa. Somos uma cidade antiga e sempre tivemos combatentes. Nós os respeitamos mais do que em qualquer outro lugar e espero que os compreendamos um pouco. Sabemos que têm personalidade complicada. Geralmente, como pessoas, são muito entediantes para as mulheres.

— Eu entedio você?

— O que é que você acha?

— Chego a entediar a mim mesmo, filha.

— Não creio, Richard. Você não teria feito a mesma coisa a vida toda, se ela o entediasse. Por favor, não minta para mim, meu querido. Temos tão pouco tempo!

— Fique sossegada, não farei isso.

— Não entende? Você precisa me contar tudo para purgar-se da amargura.

— Conto para você para atender ao seu desejo.

— Mas não entende que quero que você tenha a bênção de uma morte feliz? Ah, meu Deus, estou confundindo tudo! Não deixe que eu me perca, querido.

— Não deixarei, filha.

— Por favor, conte mais alguma coisa verdadeira e agora você pode ser tão amargo quanto quiser.



— Escute, filha — advertiu o coronel. — Vamos cortar daqui para a frente toda e qualquer referência ao *glamour* e às altas patentes, mesmo às do Kansas, onde as patentes crescem mais alto do que as laranjas de Osage, ao longo da estrada. Ela dá uma fruta que ninguém pode comer e que é típica do Kansas. Ninguém, a não ser gente de lá, a conhece, a não ser, talvez, nós que entramos em combate. Tivemos de comê-las dia após dia. Laranjas de Osage. E nós as chamávamos de *rações K*, de Kansas. Não eram tão ruins. As *rações C* eram horríveis. Dez em cada bom punhado delas eram boas. Bem, e então entrávamos em combate. É apenas um detalhe sem brilho, mas vale como informação. Era assim que acontecia, caso haja quem se interesse em aprender sobre isso, o que eu duvido. Eis como foi. À 1 hora informa o S-3 dos Vermelhos: *Os Brancos acabam de avançar*. Os Vermelhos dizem que estão esperando para se articular com a retaguarda dos Brancos. À 1 hora e

cinco (quero dizer, *da tarde*, não se esqueça, filha) o S-3 dos Azuis (espero que você saiba o que seja um S-3) diz: *Informe quando for se movimentar*. Os Vermelhos dizem que estão esperando para se articular com a retaguarda dos Brancos. Você está vendo como a coisa era fácil. E todos tinham de fazer isso antes do café da manhã — alertou o coronel.

— Nem todos podem ser soldados da infantaria — observou mansamente a jovem. — Eu os respeito mais do que tudo. Depois, é claro, dos bons e corajosos aviadores. Por favor, não pare. Estou tomando conta de você.

— Os bons aviadores são esplêndidos e devem ser respeitados — sentenciou o coronel.

Ergueu os olhos para a luz do teto e ficou completamente desesperado com a lembrança da perda de seus batalhões e por cada um de seus soldados. Jamais esperou comandar um tal regimento. Aliás, não fora um regimento montado e adestrado por ele. Herdara-o. Mas, por certo tempo, fora todo o seu orgulho. Agora todos os suboficiais estavam mortos e quase todos os outros haviam sido feridos. Feridos na barriga, na cabeça, nos pés ou nas mãos, nas costas, os mais sortudos apenas nas nádegas, os mais desafortunados no peito e em outros lugares. Lascas de árvores feriram homens em sítios onde jamais teriam sido feridos se

estivessem em campo aberto. E todos os que foram feridos permaneceriam feridos para o resto da vida.

— Era um ótimo regimento — afirmou ele. — Podia-se mesmo dizer que era um belo regimento. E eu o destruí obedecendo ordens.

— Mas você era obrigado a obedecer, mesmo discordando?

— No Exército é preciso obedecer como um cão — explicou o coronel. — E o que se pode fazer é rezar para ter um amo que saiba o que faz.

— Mas que espécie de comandantes você teve?

— Bons, de verdade, tive apenas dois. Depois que cheguei a certo nível de comando, tratei com gente muito interessante, mas chefes de valor mesmo só tive dois.

— É por isso que você não é um general, agora? Eu gostaria que você fosse general.

— Eu também gostaria — concordou ele. — Mas talvez não tanto quanto antigamente.

— Que tal tentar dormir um pouco, só para me ser agradável?

— Vou tentar.

— Sabe? Achei que se você dormisse poderia se ver livre de tudo isso, apenas por estar dormindo.

— Tem razão. Muito obrigado — reconheceu ele, e pensou: “Não resta a menor dúvida, cavalheiros. Tudo quanto um homem tem de fazer sempre é obedecer.”



Você dormiu muito bem, por algum tempo — informou-lhe a jovem, de um modo afável e encantador. — Há alguma coisa que possa fazer por você? Diga!

— Não. Muito obrigado. — Depois, a maldade o tomou outra vez, e ele disse: — Filha, eu conseguiria dormir direto, e profundamente, até mesmo numa cadeira elétrica com as calças rasgadas e os cabelos raspados. Durmo quando preciso dormir, em qualquer posição e em qualquer lugar.

— Eu nunca sou assim. Só durmo quando tenho sono — respondeu ela, bocejando.

— Você é encantadora — retrucou o coronel. — E dorme muito mais lindamente do que qualquer outra pessoa deste mundo.

— Não vejo nisso motivo de orgulho — redarguiu ela, tornando a bocejar. — Em mim, é só uma coisa natural.

— Então, durma, por favor.

— Não. Vá falando bem devagar, mansamente. E ponha a mão machucada na minha.

— A minha mão machucada que se dane — retrucou o coronel. — Por que você se preocupa tanto com ela?

— Porque devo me importar. Ela não está bem. Está pior do que você pensa. Quer ter bondade de continuar a história, tirando as partes mais brutais, pode ser?

— Ora, uma tarefa fácil — ponderou o coronel. — Vou deixar de lado as horas. O tempo estava nublado e o lugar era o 9863342. Qual a situação? Estávamos descarregando artilharia e morteiros em cima do inimigo. S-3 avisa que S-6 quer os Vermelhos avançando às 5 horas. S-6 quer que eu me concentre e use toda a artilharia. Os Brancos comunicam que estão em excelentes condições. S-6 informa que a Companhia A deve flanquear até se juntar com a Companhia B. Essa Companhia B foi a primeira a parar ante a ação do inimigo e ficou onde estava, por decisão própria. S-6 está se excedendo. Isso não é uma informação oficial... S-6 quer mais artilharia, mas a verdade é que não há mais nenhuma artilharia.

O coronel parou um pouco, depois perguntou:

— Para que você iria querer combater? Não entendo por quê. Quem deseja de fato entrar em combate? Mas aí está, filha, sumariamente contado,

tudo o que aconteceu pelo telefone. Mais tarde porei os sons, os cheiros, alguns episódios como quem foi morto e onde, se é o que você deseja.

— Vou me contentar com o que você quiser me contar — afirmou Renata.

— Vou lhe contar como tudo se passou, mesmo o que o general Walter Bedell Smith ainda não sabe. A não ser que eu esteja enganado, como já aconteceu tantas vezes.

— Ainda bem que não temos que nos dar com ele nem com o tal homem esquemático — lembrou a jovem.

— Não temos mesmo, pelo menos não deste lado do inferno — assegurou o coronel. Farei um pequeno destacamento montar guarda às portas do inferno para que esses personagens não entrem.

— Você fala como Dante — falou ela com voz sonolenta.

— Eu sou Dante, temporariamente.

E por algum tempo o foi, de fato, e traçou todos os círculos. Eram tão injustos quanto os de Dante; mas os traçou.



— Vou dispensar os detalhes, já que você está, como é mais do que natural, com sono — esclareceu o coronel.

Mais uma vez, voltou-se para os estranhos efeitos de luz no teto, depois olhou para a jovem. Jamais vira criatura tão bonita.

Tivera muitas mulheres, todas passageiras, em sua vida. E agora pensava: “Quando elas se vão, o fazem mais depressa até do que se tivessem asas. E vão mais depressa da beleza mais pura à bestialidade do que qualquer animal. Mesmo assim, creio que esta aqui diminuirá bastante a marcha e fará o percurso bem devagar. As morenas ficam mais tempo, e olhe só a ossatura de seu rosto. Além disso, tem linhagem e pode durar para sempre. Quase todas as nossas beldades provêm de lanchonetes e ignoram o último nome do avô, a não ser, talvez, quando fosse Schultz ou Schlitz. Ora, mas que péssima maneira de encarar tudo isso”, recriminou a si mesmo, uma vez que não desejava,

na verdade, externar tais sentimentos para a jovem, que não os apreciaria, de modo algum, e que dormia agora tão profundamente como um gato quando dorme todo enrolado.

“Durma bastante, criatura querida, e eu irei contando minha história sem acordar você.”

A jovem dormia segurando-lhe ainda a mão machucada que ele desprezava. O coronel lhe sentia a respiração, que era como a de todo jovem, quando está adormecido. E ele lhe contou tudo, só em pensamentos, sem articular palavras.

“Assim, depois que tive o privilégio de ouvir o general Walter Bedell Smith explicar como seria fácil a investida final, fomos executá-la. Lá estava a Big Red One, que acreditava na própria fama. Lá estava o Nono, que era uma Divisão melhor do que a nossa. E lá estávamos nós, que sempre havíamos cumprido tudo o que nos haviam solicitado. Não tínhamos tempo para ler histórias em quadrinhos, nem praticamente para fazer coisa alguma, porque tínhamos sempre que partir antes da primeira luz do dia. Isso é difícil, é preciso jogar fora o *Quadro Completo* e virar uma Divisão de verdade.

Usávamos como distintivo um trevo de quatro folhas, que só tinha valor especial para nós, porque todos gostávamos dele. Cada vez que revejo um, sinto a mesma sensação por dentro. Muita gente pensava que era uma folha de hera. Mas não,

tratava-se de um trevo de quatro folhas, disfarçado feito hera.

As ordens eram que atacássemos com a Big Red One, a Primeira Divisão de Infantaria do Exército dos Estados Unidos, e eles e seu Chefe de Relações Públicas que costumava cantar calipso jamais nos deixavam esquecer disso. Era um bom sujeito. E, afinal, aquele era o trabalho dele.

Mas a gente acaba se saturando de bosta de cavalo, a não ser que aprecie o aroma e o sabor da coisa. E isso embora eu adorasse pisar em bosta de vaca, quando era garoto, assim como senti-la entrando por entre meus dedos dos pés. Mas merda de cavalo acaba enchendo a paciência de qualquer um. A mim, incomoda um bocado e, depressa, posso sentir o cheiro dela a quilômetros.

Assim, atacamos, com as três divisões em linha, e exatamente onde os alemães rezavam para que nós atacássemos. Daqui para a frente omitirei o general Walter Bedell Smith. Não que ele fosse o vilão da história. Apenas fez as promessas e explicou como a coisa devia ser. Na democracia, segundo presumo, não há vilões. Ele apenas cometeu um erro incrível, filha.

As insígnias tinham sido todas removidas, até no esquadrão da retaguarda, para que os nazistas não suspeitassem que eram as três Divisões (que eles conheciam tão bem) que iam atacá-los. E íamos

atacá-los em linha, sem nenhuma reserva. Não vou procurar explicar agora o que isso significa, filha; mas boa coisa não é. E a área onde iríamos entrar em combate, na qual dei uma boa olhada, era Passchendaele, um bosque de árvores destruídas. Falo demais sobre isso, mas é que penso demais nisso, também.

Pobre da Divisão 28, que estava à nossa direita. Eles se atolaram num lodaçal e ali ficaram por algum tempo, de modo que não nos faltou informação precisa sobre as condições em que lutaríamos naquele bosque. De modo conservador, creio que poderíamos no mínimo descrevê-las como desfavoráveis.

Depois recebemos ordem de enviar até lá um regimento antes que o ataque geral começasse. Isso significava que o inimigo ia ter a oportunidade de fazer no mínimo um prisioneiro, o que tornaria sem efeito a medida idiota de remover as insígnias das divisões. Ficariam à nossa espera. E de fato estavam à espera dos veteranos do trevo das quatro folhas que seguiriam direto para o inferno, como bandos de mulas, por todos os séculos dos séculos. Números naturalmente não significam nada para civis. Nem para os cretinos do SCFEA, que jamais vimos naqueles bosques. A propósito, e é claro que tais ocorrências são sempre incidentes para as esferas do SCFEA, o tal regimento foi destruído.

Não foi culpa de ninguém; menos ainda culpa do homem que o comandava. Era um homem com quem eu de bom grado passaria metade da minha sentença no inferno, o que, aliás, ainda pode acontecer. Certamente seria engraçado se em lugar de irmos para o inferno, como sempre pensamos que iríamos, fôssemos para um desses paraísos de que tanto falam os *boches*, como o Valhalla, e não nos déssemos bem com o pessoal de lá. Mas talvez arranjássemos a um canto uma mesa com Rommel e Udet. Transformaríamos aquilo, então, numa espécie de hotel de esportes de inverno. Provavelmente seria uma vida infernal, mesmo eu não acreditando no inferno.

Mas, vamos em frente. O tal regimento foi reconstituído, como os regimentos norte-americanos sempre são, pelo sistema do preenchimento. Não preciso explicar isso, porque é coisa que se pode ler num livro escrito por qualquer um que tenha sido usado para ocupar lugares vagos. Tudo se resume ao fato de que você fica no regimento até ser gravemente ferido, ou morto, ou até perder a sanidade e então receber baixa. Mas tinha a sua lógica, e os regimentos reconstituídos eram tão bons quanto qualquer outro, dadas as dificuldades do terreno.

Acontece que restaram uns sujeitos que se salvaram, que viram a realidade da coisa e que não

gostaram nada do aspecto daqueles bosques. Pode-se resumir a impressão deles nesta frase: ‘Não faça merda comigo, Jack.’ E já que eu fui um dos caras que escapou da morte por cerca de vinte e oito anos, estava em condições de compreender a atitude deles. Mas eram soldados, e assim a maioria deles foi morta naqueles bosques e nas três cidades que tentamos tomar antes, por causa do seu aspecto inocente, e que eram fortalezas disfarçadas. Foram construídas justamente para nos atrair e nós caímos na armadilha. Se quisermos usar esse jargão idiota das forças armadas, diria que *foi uma falha do pessoal da inteligência.*”

Nisto, a jovem acordou e disse, ainda semiadormecida:

— Eu lamento tanto o que aconteceu a esse regimento...

— Eu sei — falou o coronel. — Eu também. Bebamos em homenagem a ele, imediatamente. Depois você adormecerá outra vez, filha, está bem? A guerra está acabada e esquecida.

E, sem pronunciar as palavras de novo, disse ainda: “Por favor, filha, não pense que eu seja crítico demais.”

Seu amor verdadeiro estava dormindo outra vez. E ela dormia de modo totalmente diferente do que costumava dormir a garota que tanto pensava na carreira. Ele não gostou de lembrar como a moça

que só pensava na própria carreira dormia. Gostaria de esquecer isso. “Ela não dormia de um jeito bonito”, lembrou ainda. “Já esta aqui dorme como se estivesse acordada e viva. Por favor, durma bem!”

Depois, considerou: “Quem é você para criticar garotas que pensam em suas carreiras? E a carreira miserável que você tentou e na qual fracassou? Eu queria ser, e fui, um general de Exército dos Estados Unidos. Mas fracassei e agora fico falando mal de quem teve êxito.”

Mas esse ato de contrição não durou muito tempo, e ele disse consigo: “Tirando disso, é claro, os sabidões de sempre, os cinco, dez ou vinte por cento, e os patifes que em todas as frentes jamais combateram e mesmo assim receberam postos de comando. Mataram diversos homens da Academia em Gettysburg. Foi o dia de maior matança de todas, já que havia maior resistência de ambos os lados. Mas não se amargure. Mataram por engano o general McNair no dia em que o Valhalla Express surgiu nos céus. Chega de se amargar. A rapaziada da Academia foi morta e há estatísticas para provar isso.

Mas...”, pensou, agora, “como vou me lembrar dessas coisas direito, a não ser estando irritado e bastante amargo? Então, irrite-se à vontade, enfureça-se o quanto quiser e conte tudo a Renata,

sem articular as palavras, para que ela não se magoe, nunca, nem sofra desilusões, principalmente agora, que dorme de modo tão adorável.” E ele murmurou a palavra *adorável* para si mesmo, já que seu pensamento, com frequência, era algo amorfo.



“Assim. Durma tranquila, meu verdadeiro amor. Quando acordar, eu já terei acabado essas minhas reflexões e então desistiremos de vez: eu, de pensar nelas; você, de querer conhecer pormenores do triste ofício da guerra. E então iremos comprar o negrinho, o mouro esculpido em ébano, de rosto mimoso e de turbante enfeitado com joias. Você o prenderá no busto, iremos beber no Harry’s e ver que amigos já estarão de pé a essas horas. Ou almoçaremos no Harry’s ou viremos almoçar aqui, pois preciso arrumar a mala. Vamos então nos despedir, tomarei o *motoscafo* dirigido pelo Jackson, darei sonoras e rijas palmadas nas costas do *Gran Maestro*, acenarei com a mão dizendo adeus aos demais membros da Ordem e então, aposto, com razoável certeza a deduzir pelo que sinto, não nos tornaremos a ver nunca mais.

Diabos!”, disse ele, sem se dirigir a ninguém e sem abrir a boca. “Já me senti assim antes de muitas batalhas, e quase sempre, em algum

momento do outono, e mais ainda quando deixei Paris. Por certo, isso não significa nada de grave. Mas quem, diabos, se importa, aliás, a não ser eu mesmo, o *Gran Maestro* e esta garota... Quero dizer, no Comando!

Ainda me importo demais com as coisas. A esta altura da vida já devia estar acostumado a me lixar para tudo, como dizem que fazem as prostitutas. Bem. Vamos pôr tudo de lado, definitivamente, rapaz, tenente, capitão, major, coronel, general, senhor! Vamos ficar deitados aqui mais um pouco e que tudo vá para o inferno, inclusive aquela cara medonha pintada pelo velho Hieronimus Bosch. Pode embainhar teu alfanje, velha irmã Morte, se é que tens uma bainha para ele. Ou então”, acrescentou, lembrando agora Hurtgen, “pode pegar teu alfanje e enfiá-lo no rabo!”

— Passchendaele... O bosque de árvores destruídas... — disse ele, novamente sem se dirigir a ninguém, como se estivesse falando apenas para a luz fantasmagórica do teto.

Depois olhou para a jovem, a fim de reparar se ela estava dormindo profundamente, de modo que nem os seus pensamentos a molestassem.

Em seguida, voltou-se para o retrato e pensou: “Aqui está ela, em duas poses: deitada um pouco de lado, aqui, e ali olhando-me de frente. Sou um filho da puta de sortudo... Tenho motivos para a mínima

tristeza!?”



No primeiro dia naquele bosque maldito, perdemos os três comandantes de batalhão. Um foi morto vinte minutos depois de começada a refrega; os outros ficaram feridos quase a seguir. Pode parecer mera estatística para um jornalista. Mas é que bons comandantes de batalhão nunca deram em árvores; nem mesmo em árvores do Natal, em pinheiros, que eram as árvores, quase que únicas, daqueles bosques. Não sei quantas vezes perdemos comandantes de companhia, quantas vezes ficamos desfalcados deles. Poderia até verificar. Mas é que eles não são fabricados, nem cultivados, não crescem nem dão ligeiro como uma plantação de batatas. Conseguimos um certo número de substitutos, mas continuo a pensar que teria sido mais simples e mais eficiente abatê-los à bala na área onde saltavam dos caminhões, na chegada, do que tentar depois trazê-los dos pontos onde haviam morrido e então enterrá-los. Sim, pois trazê-los de volta e enterrá-los requeria muita coisa... gasolina,

homens etc. E mesmo esses homens podiam ser atacados e mortos. Havia sempre qualquer coisa, neve, chuva, nevoeiro... o tempo todo. E as estradas estavam minadas, havendo em certos trechos até mesmo umas quatorze minas enterradas bem fundo. Assim, quando os veículos se atolavam, iam cavando cada vez mais fundo, até explodirem. Perdíamos os veículos e, naturalmente, as pessoas que iam dentro deles.

Além de uma chuva infernal de morteiros e de todas as vias de acesso terem sido varridas pelo fogo de metralhadoras e armas automáticas, eles haviam preparado tudo de tal forma que, quando menos se esperava, caímos numa armadilha. Sem contar que nos despejavam artilharia pesada e havia pelo menos um canhão de trem blindado.

Era um lugar onde um homem teria extrema dificuldade de permanecer vivo, mesmo ficando parado. Ora, nós estávamos atacando o tempo todo, durante o dia inteiro. Mas não vamos mais pensar nisso. Que vá para o inferno. Ou talvez seja melhor pensar em mais duas outras coisas, e depois me ver livre de tudo isso para sempre... Uma era a maldita colina que se tinha de transpor para entrar em Grosshau. Pouco antes de atingirmos essa passagem que estava sob fogo dos 88, havia um pequeno trecho de terreno morto, onde só podiam nos atingir com um obuseiro, por meio de fogo cruzado

ou então pela direita, com morteiros. Quando o limpamos, foi que verificamos que eles também tinham boa mira do local para os seus morteiros. Parecia um ponto relativamente protegido, apresentando certa segurança. Não estou mentindo. Nem eu, nem mais ninguém. Não se podia enganar quem estava em Hurtgen e, mesmo que se tentasse, eles logo descobririam, mal se abrisse a boca, coronel ou não coronel.

Encontramo-nos nesse lugar com um caminhão. O motorista diminuiu a marcha e, com seu habitual rosto acinzentado, informou: ‘Senhor, tem um GI morto lá em cima, bem no meio da estrada. Cada vez que vem algum veículo tem que passar por cima dele. Acho que isso está perturbando a tropa.’

— Vamos tirá-lo fora da estrada! — ordenou alguém.

Assim, tratamos de tirá-lo de lá. Lembro ainda de como ele ficou. Quando o tiramos, seu corpo estava achatado. Que coisa mais estranha aquele corpo assim, feito uma lâmina...

A outra coisa que não me sai da cabeça é o seguinte... Havíamos jogado na cidade uma quantidade pavorosa de fósforo branco, antes de tomá-la de vez, ou seja lá como se quiser chamar isso. Bem, foi a primeira vez que vi um cão alemão comer um nazista assado. Mais tarde, vi um gato fazendo a mesma coisa, naquele cadáver. O gato

estava faminto, e por sinal ainda parecia bem vistoso. Filha, você seria capaz de pensar na possibilidade de um bom gato alemão comer um bom soldado alemão? Ou num autêntico cão alemão comer as nádegas de um legítimo soldado alemão assado pelo anidrido fosfórico? Quanta gente poderia lhe contar cenas assim? Uma porção de gente... e qual a consequência disso? Mesmo que se contasse a milhares de pessoas, não se conseguia evitar a guerra. Iam nos dizer: *Não estamos dizimando os alemães e sim os nazistas...* Além disso, se o gato não me comeu, nem ao meu irmão Gordon, foi porque ele estava longe, no Pacífico. Mas talvez os caranguejos do litoral tenham comido Gordon. Ou, quem sabe, Gordon se decompôs nas profundezas do mar?

Em Hurtgen, eles ficavam duros, congelados. O frio era tanto que se congelavam e ficavam com as faces vermelhas. Que coisa mais estranha! No verão, os mortos tinham fisionomias acinzentadas e lívidas, pareciam de cera. Mas, no inverno, ficavam com aquelas feições macabras, escarlates.

“Os soldados de verdade...”, explicou ao retrato... jamais contam a ninguém o aspecto com que ficam os seus mortos. E eu já estou abusando desse assunto... E que você me diz, soldado veterano, daquela companhia inteira morta de uma única tacada? O que me diz deles, soldado

profissional? Eles estão mortos, enquanto eu posso vadiar, respirar... E, agora, quem quer beber comigo um copo de Valpolicella? Afinal, a que horas você acha que será conveniente acordar esta minha companheira de leito? Temos que passar na joalheria e estou ansioso por contar piadas e falar de coisas mais amenas.

Você tem algo ameno a dizer, retrato? Sabe do que estou falando. Você é muito mais esperta do que eu, mesmo tendo vivido tão menos.

Ora, muito bem, garota do retrato”, murmurou o coronel, “vamos enterrar de vez todo este assunto e em exatamente onze minutos acordarei o seu original vivo, que está dormindo aqui ao meu lado. Vamos nos levantar, iremos à cidade, conversando alegremente, e deixaremos você aqui para ser embrulhada.

Não quis ser grosseiro. Estava apenas brincando mais ousadamente. Não quero mais ser rude, nunca mais, porque estarei vivendo em sua companhia, de agora em diante. É o que espero...”, acrescentou ele, e sorveu um gole de vinho.



Estava um dia frio, claro e cortante, e os dois, parados diante da vitrina da joalheria, estudavam bem a cabeça e o torso dos dois negrinhos esculpidos em ébano e adornados com gemas. O coronel achava a escolha difícil, já que ambos eram peças igualmente boas. Mas perguntou:

— De qual está gostando mais, filha?

— Acho que é do da direita. Não acha que o rosto dele é mais bonito?

— Ambos têm rosto bonito. Mas gostaria que fosse o mais solícito dos dois, para servi-la bem, como acontecia antigamente.

— Está bem. Ficarei com esse, então. Vamos entrar para vê-los de perto. Preciso também perguntar o preço.

— Deixe que eu entre e pergunte por isso.

— Não. Eu faço isso. A mim, pedirão menos do que a você, porque vão achar que se trata de um norte-americano rico...

— *Et toi, Rimbaud?*

— Você daria um Verlaine extraordinariamente engraçado — observou-lhe a jovem. — Será melhor desempenharmos o papel de outros personagens famosos.

— Entre, pois, majestade, e assim compraremos essa maldita joiazinha.

— Você também dificilmente daria um excelente Luís XVI.

— Eu subiria para a carreta com você e daria cusparadas lá de cima.

— Deixe para lá as carretas, os suplícios nossos e os alheios. Vamos comprar esse pequeno objeto, depois vamos para o Cipriani e então, sim, faremos o papel de personagens célebres.

Dentro da loja examinaram bem as duas cabeças. Ela perguntou pelo preço; então, depois de alguma conversa, houve um considerável abatimento, mas ainda assim mais do que o coronel trazia.

— Vou procurar o Cipriani e lhe pedir dinheiro.

— Não é preciso — interveio a jovem, que logo se voltou para o empregado da loja e declarou: “Ponha numa caixa, remeta ao Cipriani, explicando que o coronel mandou dizer que pague e que o guarde para ele.”

— Pois não — respondeu o empregado. — Como quiser.

Os dois saíram para a rua banhada de sol e tangida por vento contínuo.

— Ah! É mesmo... — considerou o coronel. — Suas esmeraldas estão no cofre da gerência do Gritti, em seu nome.

— As *suas* esmeraldas... — corrigiu ela.

— Não — retrucou ele sem rudeza, mas procurando se fazer bem explícito. — Há determinadas coisas que uma pessoa não pode fazer. Você sabe muito bem. Por exemplo, você não pode se casar comigo e eu compreendo bem, embora não aprove isso.

— Muito bem — assentiu a jovem. — Compreendo. Mas não ficaria pelo menos com uma delas, como um amuleto?

— Não. Eu não poderia. São pedras muito valiosas.

— Mas o retrato também é...

— Isso já é diferente.

— Sim. De acordo. Suponho que sim. Acho que começo a compreender.

— Eu aceitaria um cavalo de você, se eu fosse jovem, pobre, e soubesse montar bem. Já um automóvel, por exemplo, eu não poderia aceitar.

— Cada vez vou compreendendo melhor. E, neste exato instante, aonde podemos ir para que você possa me beijar?

— Vamos para este lado da calçada, se é que

por aqui não mora ninguém que a conheça.

— Não me importa quem possa morar aqui. Quero sentir um abraço seu bem apertado. E um bom beijo.

Entraram na ruela transversal e se encaminharam para o fundo sem saída.

— Oh, Richard! — exclamou ela. — Oh, meu querido!

— Amo-a, Renata.

— Sim, por favor, me ame.

— Eu amo.

O vento agitava-lhe os cabelos que se enroscavam no pescoço do coronel que a beijou mais uma vez, com a maciez sedosa daqueles cabelos roçando em seu rosto.

Depois ela se afastou repentinamente, vigorosamente, olhou-o e disse.

— Não será melhor irmos para o Harry's?

— É, sim. E vamos fazer o papel de personagens históricos.

— Vamos... — disse ela. — Representaremos dois grandes papéis... você é você mesmo, e eu sou eu própria.

— Vamos tratar disso, então — concordou o coronel.



O Harry's estava quase vazio, à exceção de um ou outro bebedor matinal que o coronel não conhecia. Havia ainda dois indivíduos que tratavam de negócios, nos fundos do bar.

Em determinadas horas, o Harry's se via invadido de gente conhecida e que aparecia com a mesma regularidade impetuosa com que a maré avança sobre o monte Saint Michel. Só que, naquelas paragens, considerou o coronel, as horas da maré mudam todos os dias, conforme a lua, ao passo que as horas no Harry's são como o meridiano de Greenwich, o sistema métrico em Paris ou o bom conceito que os militares franceses têm de si próprios.

— Conhece algum destes fregueses tão matinais? — perguntou ele à jovem.

— Não. Não começo a beber assim tão cedo, de maneira que nunca me encontrei com esta gente aqui.

— A maré vai subir e varrê-los daqui para fora.

— Não, nada disso! Eles irão embora do mesmo jeito que vieram para cá, por conta própria.

— Você não estranha estarmos aqui numa hora tão sem movimento?

— Você acha que sou uma esnobe, só porque pertenço a uma antiga família? Se há gente que deteste esnobismo, é a minha. Esnobes são os tais que você denomina de cretinos e os novos-ricos. Já reparou como há fortunas inexplicáveis?

— Já — concordou o coronel. — Eu me enchi de ver isso em Kansas City, quando chegava de Forte Riley para ir jogar polo no Country Club.

— Era tão desagradável como aqui?

— Não. Eu até gostava. Mesmo porque aquela parte de Kansas City era bastante bonita.

— De verdade? Que pena não estarmos lá. Existem por lá as tais casas de campo, também? As tais onde vamos nos instalar?

— Claro! Mas vamos ficar no Muehlebach Hotel, que tem as maiores camas do mundo. Vamos fingir que somos milionários, donos de poços de petróleo.

— Onde deixaremos o Cadillac?

— É um Cadillac, agora?

— É, sim. A não ser que você prefira o grande Buick Roadmaster, com direção Dynaflo. Viajei nele pela Europa inteira. Vi-o no último número da Vogue que você me mandou.

— Bem. Acho que será preferível usarmos um de cada vez — observou o coronel. — E, seja qual for o que usarmos, o guardaremos na garagem ao lado do Muehlebach.

— O Muehlebach é assim tão esplêndido?

— Maravilhoso. Você vai gostar. Quando deixarmos a cidade, vamos para o norte, rumo a St. Joe, e beberemos qualquer coisa, um ou dois tragos, no bar do Roubidoux. Depois, atravessaremos o rio e iremos para oeste. Poderemos nos revezar na direção.

— Revezar, o que é isso?

— Cada um dirige um pouco.

— Agora quem vai dirigindo sou eu.

— Vamos omitir a parte sem interesse. Iremos direto para Chimney Rock e depois para Scott's Bluff e Torrington, e então você vai ver coisas de fato interessantes.

— Tenho os mapas das estradas, os guias de viagem e indicações onde se pode comer! E o guia AAA para as casas de campo e os hotéis.

— Você se ocupa um bocado com isso, não é?

— Passo a noite inteira a estudar, debruçada sobre as coisas que você me manda. Qual será a nossa placa?

— De Missouri. Compraremos o carro em Kansas City. Iremos para lá de avião. Não se lembra? Ou então poderemos ir num daqueles

ótimos trens.

— Pensei que íamos de avião para Albuquerque.

— Isso já foi outra conversa.

— Pararemos antes que anoiteça nos melhores pontos indicados pelo Guia AAA e eu lhe farei os drinques que você desejar. Enquanto isso, irá lendo jornais, *Life*, *Time*, *Newsweek*, e eu lerei o número mais novo da *Vogue* e do *Harper's Bazaar*. Está bem assim?

— Perfeitamente. Mas voltaremos para aqui, também.

— Lógico. Com o nosso carro. Num transatlântico italiano. Num navio da melhor companhia de navegação que houver. De Gênova, viremos diretamente para cá.

— Mas não vai querer parar em parte alguma, à noite?

— Para quê? Teremos pressa de chegar à nossa casa.

— Onde será a nossa casa?

— Decidiremos isso quando quisermos. Há sempre uma porção de residências nesta cidade. Mas não gostaria também de morar no campo?

— Gostaria, sim. Por que não?

— Assim, quando acordássemos, veríamos as árvores. Que espécie de árvores veríamos nessa viagem?

— Principalmente pinheiros, algodoeiros ao longo das enseadas e faias. Ah! Você precisa ver quando as faias se enchem de tons amarelos, no outono!

— Estou ansiosa. E, no Wyoming, onde nos deteremos?

— Iremos primeiro para Sheridan e depois resolveremos.

— Sheridan é bonito?

— É maravilhoso. Iremos de automóvel até onde se acha o Wagon-Box Fight e lhe explicarei o que é. Subiremos até Billings, lá onde mataram o treloucado George Armstrong Custer. Você verá os locais onde todos esses personagens morreram e eu explicarei a você como foi a batalha.

— Vai ser formidável. Com que Sheridan se parece mais? Com Mântua, Verona ou Vicenza?

— Não se parece com nenhuma dessas cidades. Fica situada bem ao alto, assim quase como Schio.

— Então é como Cortina.

— Nem por sombra. Cortina está situada num vale alto, entre as montanhas. Ao passo que Sheridan está à direita, oposta às montanhas. Não existem colinas dando para os Big Horns, que se levantam de chofre, nascem do planalto mesmo. Você poderá ver o chamado Pico das Nuvens.

— Será que os nossos carros chegarão direito até lá? — perguntou Renata.

— Esteja tranquila, eles chegarão. Mas eu vou preferir não estar guiando um veículo com transmissão hidramática.

— Posso passar muito bem sem ela — explicou a jovem. Depois se conteve o mais que pôde para não chorar. — Como posso passar sem o resto...

— Afinal, o que é que você vai beber? — perguntou o coronel. — Ainda não pedimos nada.

— Acho que não quero beber nada.

— Dois martínis bem secos — pediu o coronel ao *barman*. — E um copo com água.

Enfiou a mão no bolso, desenvolveu o frasco de remédio, deixou cair dois comprimidos grandes na mão esquerda e, com eles assim, tornou a arrolhar o frasco. Era o jeito para um homem cuja mão direita é defeituosa.

— Eu disse que não quero beber nada.

— Eu sei, filha. Pensei que lhe fizesse bem um drinque. Não precisa beber. Ou eu vou bebê-lo depois do meu. Por favor, não tive intenção de forçá-la.

— Não perguntamos pelo negrinho, que vai cuidar de mim...

— De fato, não perguntamos. Mas é que não quis perguntar enquanto Cipriani não chegasse e eu pudesse pagar.

— Ah! Que rigidez!

— Eu sou assim... Desculpe, sim, filha?

— Chame-me de filha três vezes seguidas.

— *Hija, figlia, filha.*

— Não sei... mas acho que devíamos sair daqui. Gosto bastante que nos vejam juntos, mas agora não quero ver ninguém.

— Olhe lá a caixa com o negrinho em cima da máquina registradora.

— Eu sei. Já a tinha visto.

O *barman* apareceu com as duas bebidas, os copos muito embaciados, de tão geladas elas estavam. E trouxe também o copo com água.

— Dê-me aquele embrulhinho que chegou para mim e que está em cima da caixa registradora — pediu-lhe o coronel. — Diga a Cipriani que lhe mandarei um cheque depois.

Ele mudara de ideia.

— Então, não aceita a sua bebida, filha?

— Aceito, sim, se você não se importar por eu também haver mudado de ideia.

Beberam, depois de haver brindado batendo os copos muito de leve, tão de leve que o contato foi quase imperceptível.

— Você tinha razão — reconheceu ela, sentindo a temperatura do líquido e o momentâneo efeito destruidor de tristezas.

— Você também estava com a razão — confessou ele, ajeitando na palma da mão os dois comprimidos.

Pensara tomá-los com água, mas, quando a jovem voltou o rosto a fim de olhar um freguês que saía, ele engoliu os comprimidos com o martíni.

— Podemos ir, filha?

— Sim. Por favor.

— *Barman* — chamou o coronel. — Quanto é isto? E não se esqueça de dizer ao Cipriani que lhe mandarei um cheque relativo ao embrulhinho.



Almoçaram no Gritti e a jovem desembrulhou o pequeno busto de ébano do tal negrinho e o prendeu bem alto no ombro esquerdo. Tinha quase oito centímetros de comprimento e dava prazer contemplá-lo, para quem gosta de objetos desse tipo. “E, se não gosta, é um idiota”, rematou em pensamento o coronel. Para si próprio disse: “Mas não seja grosseiro”, como que se advertiu. “Seja gentil, de todas as maneiras, até lhe dizer adeus. Adeus... Que palavra! Soa como algo que se escreve em cartões de Dia dos Namorados. *Good-bye, bonne chance, hasta la vista*. Gente do meu feitio diz apenas *Merde!* e não vai além disso. Passar bem. Ora, aí está uma boa expressão. Soa bem, é cantante. Passar bem. Por onde for, não se esqueça de mim. Assim, com todas as carnificinas...”

— Filha — falou ele —, quanto tempo faz que eu não digo que a amo?

— Desde que nos sentamos aqui.

— Vou dizer outra vez, agora.

Assim que chegaram ao hotel, ela se dirigira ao toalete e penteara pacientemente os cabelos. Implicava com esses banheiros públicos. Com o batom, modelara os lábios do modo que mais atiçava os desejos dele e disse para si mesma: “Não pensar, absolutamente. Mais do que tudo, não pensar. Acima de tudo, não ficar triste porque ele vai partir agora.”

E ali na mesa o coronel lhe disse:

— Que linda você está!

— Muito obrigada. Gostaria de ficar bem bonita para você, se pudesse! Queria tanto ser bonita!

— O italiano é um idioma formoso.

— Dante também pensava assim.

— *Gran Maestro* — disse o coronel, chamando o *maître*. — O que há para se comer neste Wirtschaft?

O *Gran Maestro* estivera até então a observá-los sem se manifestar, cheio de afeição e sem nenhuma inveja.

— Desejam comer carne ou peixe?

— Hoje é sábado — refletiu o coronel. — O peixe não é obrigatório. Logo, prefiro peixe.

— Temos linguado — informou o *Gran Maestro*. — Que deseja, *my lady*?

— O que achar melhor. Conhece comida melhor do que eu. Gosto de tudo.

— Escolha, filha.

— Não. Prefiro deixar isso a cargo de quem conhece mais do que eu. Meu apetite hoje é de menina de refeitório de pensionato.

— O apetite virá sem avisos — observou o *Gran Maestro* com aquele seu rosto comprido e simpático no qual as sobranceiras grisalhas se arqueavam sobre os olhos profundos e com aquela fisionomia sempre feliz do antigo soldado que ainda está vivo e aprecia isso. O coronel perguntou-lhe:

— Alguma novidade sobre a Ordem?

— Apenas que o nosso chefe, em pessoa, anda atrapalhado. Parece que lhe confiscaram tudo quanto possuía ou, pelo menos, ele sofreu uma fiscalização.

— Espero que não seja nada de grave.

— Podemos ter confiança em nosso chefe. Ele já se safou de tempestades piores do que esta.

O coronel ergueu o copo que acabara de ser cheio com um Valpolicella novo e legítimo, recém-decantado, e saudou:

— Ao nosso chefe. Beba também em homenagem a ele, filha.

— Não posso saudar esse suíno — objetou a jovem. — Além disso, não pertenço à Ordem.

— Pode tornar-se membro agora mesmo — acudiu o *Gran Maestro*. — *Per merito di guerra*.

— Então, beberei — declarou ela. — Sou

mesmo um membro da Ordem?

— É, sim — confirmou o *Gran Maestro*. — Ainda não recebeu o seu pergaminho, mas a indico como Secretária Super-Honorária. Aqui o meu coronel lhe revelará os segredos da Ordem. Não é verdade, meu coronel?

— Revelarei — prometeu o coronel. — O sujeito do rosto marcado não apareceu por aqui?

— Não. Saiu com sua Dama. Miss Baedeker.

— Então, está bem. Revelarei tudo. De fato, há apenas o segredo máximo que cumpre que você saiba. Corrija-me, *Gran Maestro*, caso eu caia em erro.

— Proceda à revelação! — ordenou o *Gran Maestro*.

— Vou proceder à revelação — começou o coronel. — Escute cuidadosamente, filha. Eis o Supremo Segredo... “Amor é amor, e brincadeira é brincadeira. Mas quando o peixe de ouro morre, sobrevém o marasmo”.

— Foi feita a revelação — anunciou o *Gran Maestro*.

— Sinto-me muito orgulhosa e feliz de ser membro da Ordem — declarou a jovem —, mas nem por isso deixo de reconhecer que se trata duma ordem um tanto grosseira.

— E o é, com efeito — afirmou o coronel. — E agora, *Gran Maestro*, que temos realmente para

comer? Sem mistérios.

— Uma *enchillada* de caranguejo, à moda de Veneza. Prato frio, porém. Servido na casca. Depois, para o meu coronel, linguado. E, para *my lady*, um assado misto. E quais os legumes que prefere?

— O que tiver — disse o coronel.

O *Gran Maestro* foi-se e o coronel olhou para a jovem, depois se voltou para a janela e contemplou o Grande Canal, observando também as manchas mágicas e as alterações da luz sobre o bar, transformado agora, por mãos hábeis, em sala de jantar provisória.

Ele perguntou:

— Já lhe disse, filha, que a amo?

— Faz já bastante tempo que não dizia. Mas eu o amo.

— Que acontece às pessoas que se amam mutuamente?

— Suponho que conseguem tudo quanto desejam e que são mais afortunadas do que as demais pessoas. Depois uma delas passa a sentir um vazio eterno por dentro.

— Longe de mim querer ser grosseiro — explicou o coronel — dando uma resposta um tanto brusca e rude. Mas, por favor, afaste para longe o vazio.

— Vou tentar — concordou a jovem. — Venho tentando desde que acordei. Tentei sempre, desde

que nos conhecemos.

— Esforce-se sempre — insistiu o coronel. Depois disse para o *Gran Maestro* que tornou a aparecer após dar as ordens na cozinha: — Uma garrafa daquele *vino secco*, do Vesúvio, para os pequenos linguados. Deixemos o Valpolicella para os outros pratos.

— Não posso beber o vinho do Vesúvio com o meu grelhado misto? — indagou a jovem.

— Renata, minha filha — observou o coronel —, naturalmente que pode. Você tem direito a tudo.

— Quero tomar o mesmo que você.

— Na sua idade, um bom vinho branco vai bem com um grelhado misto, minha filha — informou o coronel.

— Gostaria que não houvesse tais diferenças nas idades.

— Eu gosto muito que haja... Só que... — Mas não continuou a frase e rematou com outra: — Sejam *fraîche et rose comme au jour de bataille*.

— Quem disse isso?

— Não tenho a menor ideia. Eu a decorei quando fazia um curso no *Collège des Maréchaux*. Um nome pretensioso, aliás. Mas passei, não fui reprovado. Entretanto, o que sei de melhor aprendi com os *boches*, estudando-os e fazendo-lhes frente. São os melhores soldados do mundo. Mas sempre se excedem.

— Então sejamos como manda a frase que você citou. E, por favor, diga que me ama.

— Eu a amo. Eis no que você se pode basear. Falo a verdade.

— Hoje é sábado — afirmou ela. — Quando será o próximo sábado?

— O próximo sábado é uma data que se move, filha. Veja se consegue encontrar um homem que assegure quando será o próximo sábado.

— Você me diria, se quisesse.

— Vou perguntar ao *Gran Maestro*. Talvez ele saiba. *Gran Maestro*, quando é o próximo dia santo?

— À Pâques ou à la Trinité — informou o *Gran Maestro*.

— Por que não temos cheiros vindos da cozinha para nos alegrarem?

— Porque o vento está em direção contrária.

“De fato”, pensou o coronel. “O vento está em direção contrária; e como eu teria sido feliz se tivesse tido esta moça em lugar da mulher com quem me casei e que não pôde sequer me dar um filho. E foi contratada para isso... Mas quem pode criticar esses tubos? Apenas tenho direito de criticar os que são vendidos em lojas.”

“Areje a mente”, pensou. “E ame sua garota.”

E ela estava ali, ao seu lado, desejando ser amada. Acaso ele tinha algum amor a dar? Voltou a si, quando a encarou bem, e disse:

— Como está você, com esse cabelo negro como a asa do corvo e esse rosto de quebrar corações?

— Muito bem.

— *Gran Maestro* — falou o coronel. — Traga para nós algum cheiro apetitoso lá de sua cozinha invisível, mesmo que o vento esteja soprando em sentido contrário.



Por ordem do gerente, o porteiro telefonara, e agora estava à espera a mesma lancha que os conduzira antes.

T5 Jackson estava na lancha com a bagagem e o retrato, que fora embrulhado cuidadosamente, com exagero até. Ainda ventava bastante.

O coronel pagou a conta, distribuiu gorjetas, a criadagem pôs a bagagem e o quadro dentro da lancha e tratou de instalar Jackson adequadamente. Depois se retirou.

— Ora bem, filha — disse o coronel.

— Não posso ir com você até a garagem?

— Ia ser tão difícil lá quanto aqui.

— Por favor, deixe-me ir até a garagem.

— Está bem — concordou o coronel. — Seja feita a sua vontade. Por que não? Entre.

Não disseram mais nada. O vento vinha do lado da popa, de maneira que, com aquela velocidade que o motor calhambeque ia desenvolvendo, parecia quase não haver vento de

todo.

No desembarcadouro, assim que Jackson estendeu a bagagem para um carregador procurando tomar conta, ele mesmo, do embrulho do retrato, o coronel perguntou a Renata:

— Quer se despedir aqui?

— Tem que ser aqui, obrigatoriamente?

— Não.

— Posso subir até o bar da garagem e ficar com você enquanto tiram o carro?

— Mas não será pior?

— Não me importo.

Então o coronel ordenou a Jackson:

— Leve essa historiada lá para a garagem e faça alguém ficar tomando conta enquanto você desce o carro. Verifique bem as espingardas e arrume as malas e o embrulho de maneira a ficar o máximo de espaço no banco de trás.

— Pois não, senhor — respondeu Jackson.

— Então, eu vou? — perguntou a jovem.

— Não — respondeu-lhe o coronel.

— Por que não posso ir?

— Você sabe muito bem. Não foi convidada.

— Não seja cruel, por favor.

— Mas, por Deus, filha! Se você soubesse quanto estou me esforçando para não ser! É tão fácil ser cruel... Deixe-me pagar este bom homem. Assim poderemos ir até ali adiante e sentar no

banco debaixo daquela árvore.

Pagou ao dono da lancha, disse-lhe que não se tinha esquecido da promessa de arranjar um motor de jipe. Avisou-o também que não contasse com isso com certeza, mas que havia muita probabilidade de conseguir.

— Será um motor usado. Mas bem melhor do que essa cafeteira que você tem aí.

Subiram os velhos degraus de pedra gasta, atravessaram o cascalho moído e se sentaram no banco debaixo das árvores. Eram árvores escuras, sem folhas, e que se agitavam ao vento. As folhas haviam caído cedo naquele ano e desde muito já haviam sido varridas.

Aproximou-se um homem oferecendo postais e o coronel lhe disse:

— Vá-se embora, filho. Não precisamos de você, agora.

É que a jovem já estava chorando, por mais que tivesse tomado a decisão de jamais chorar.

— Escute... olhe, filha — falou o coronel. — Não há nada a dizer. Eles não instalaram amortecedores de choque neste veículo em que estamos agora.

— Já não estou chorando mais — informou ela.
— Não sou uma histérica.

— Nem eu estou dizendo isso. O que digo e direi é que você é a jovem mais bela e adorável que

já existiu. Em qualquer tempo. Em qualquer lugar.
No Universo.

— Se isso fosse verdade, que diferença faria?

— Aqui estou e posso lhe garantir que é verdade — afirmou o coronel.

— E agora, o que mais?

— Agora, portanto, vamos nos levantar, nos dar um beijo e dizer adeus.

— E que sentido tem isso?

— Não sei — confessou o coronel. — Parece que é uma das coisas que cada qual tem que imaginar por si.

— Vou tentar.

— Ânimo, filha.

— Sim — admitiu ela. — No veículo sem amortecedor de choques...

— Desde o começo tem andado aos solavancos.

— Não pode me ajudar um pouco?

— Acho que não. Tentei tanto!

— Continue tentando, sim? É toda a esperança que ainda nos resta.

— Continuarei tentando.

Abraçaram-se demoradamente, beijaram-se com ímpeto e sinceridade e por fim o coronel conduziu a moça pelo trecho de cascalho moído e a ajudou a descer os degraus de pedra.

— Devia tomar uma lancha confortável e não esta de motor velho e ruim.

— Se não se aborrece, deixe-me ir nesta.

— Aborrecer-me? Eu? Não. Apenas dou ordens obedecendo a ordens de outras pessoas. Nada mais. Adeus, minha querida, minha adorada, minha linda.

— Adeus — disse ela.



Ele estava dentro de um tonel de carvalho do tipo que no Vêneto é empregado como esconderijo, durante a caçada. Um esconderijo é um artifício para tornar o atirador invisível para o que se quer abater, no caso, os patos selvagens.

Encontrara-se com seus companheiros de caçada na garagem e dali fizera uma boa viagem. Tiveram ainda uma boa noite, com excelente comida feita no fogão antigo de uma cozinha aconchegante. Três caçadores seguiram no banco traseiro. Os que não mentiam permitiram-se pelo menos certa dose de exagero, ao passo que os que mentiam se viram como nunca em pleno vicejo.

“O mentiroso em pleno vicejo”, pensou o coronel, “é tão interessante como as cerejeiras ou as macieiras quando estão em plena florescência. Quem teria coragem de desencorajar um mentiroso, a não ser que ele nos estivesse ensinando um caminho errado?”

O coronel colecionara mentirosos durante a

vida toda, assim como há homens que colecionam selos. Mas não os classificava, a não ser no momento, e nem os guardava à chave; apenas se comprazia em ouvi-los a qualquer instante, a menos que, naturalmente, isso interferisse com suas obrigações. Na noite anterior, foram contadas muitas histórias mentirosas de caçadas, depois que a bebida percorreria o círculo, alegrando a todos, incluindo o coronel.

O braseiro aberto soltara bastante fumaça no ambiente. Seja como for, um contador de casos mente melhor quando há um pouco de fumaça ou quando o sol já se pôs. Por duas vezes, o próprio coronel estivera a ponto de mentir; mas se contivera, tendo apenas exagerado um pouco o seu relato. “Pelo menos, espero não ter passado disso”, pensou.

Agora, aqui estava a laguna congelada para arruinar tudo. Mas não conseguiu arruinar coisa alguma.

Um casal de patos frisados irrompeu repentinamente não se sabe donde, obliquando numa descida rápida que nem um avião faria melhor. O coronel ouviu-lhes a trajetória farfalhante. Voltou-se e matou o macho. A ave estirou-se sobre o gelo, onde caiu tão pesadamente quanto é possível a um pato, e antes mesmo de atingir a superfície congelada, já o coronel matara a

companheira, que se pusera a subir, ligeira, com o pescoço inteiramente esticado. A fêmea veio cair ao comprido junto do companheiro.

“Mero assassinato...”, pensou o coronel. “E o que, hoje em dia, não o é? Mas, meu rapaz, pobre-diabo estuporado, você ainda sabe atirar muito bem. Olhe só, lá vêm eles!”

Agora eram adens. Aproximavam-se voando como um fiapo de névoa que depois se condensou, afinando porém em forma de filete. Em seguida, o bando se concentrou de novo e o pato-isca que estava no gelo começou a chamá-los.

“Vamos deixá-los dar mais uma volta”, pensou o coronel. “É só você se manter abaixado e não mover nem mesmo os olhos. Eles virão até você.” Da superfície gelada, o pato-isca continuava chamando-os, e de fato o bando retornou.

Subitamente, os patos assestaram as asas para baixar, como se fossem *flaps*; mas logo a seguir viram que o que havia embaixo era gelo e começaram a subir outra vez.

O caçador, que já agora não era um coronel nem coisa nenhuma a não ser um homem com uma arma, ergueu-se de dentro do tonel e acertou em dois deles. As aves bateram no gelo quase tão solidamente como ainda há pouco os outros dois enormes patos.

“Dois, duma família, eis um número

suficiente"... pensou o coronel. "Ou era uma tribo?"

Nisto, o coronel ouviu, atrás de si, um tiro. Ora, ali perto não havia nenhum outro esconderijo; voltou, portanto, a cabeça para inspecionar a laguna congelada, abrangendo-a até o litoral orlado de juncos. "Essa agora foi demais", pensou o coronel, irritado.

Um bando de patos-reais que pouco antes vinha em voo baixo subia agora alvoroçadamente para o céu profundo, como se fossem uma rajada de setas disparadas.

O coronel viu um deles cair e em seguida escutou outro tiro.

Era o barqueiro, disparando contra os patos que viriam na direção do coronel. "Como ele pode fazer uma coisa dessas?", pensou o coronel.

O barqueiro tinha uma espingarda, sim, mas apenas para atingir um ou outro pato ferido que se pusesse fora do alcance do cão. Para o coronel, usar essa arma contra os patos que voavam na direção do esconderijo equivalia a atirar em alguém à traição.

Naquele momento, o barqueiro estava distante demais para poder escutar um grito. Assim, o coronel deu dois tiros na direção do barco.

"É longe demais para que as balas cheguem lá", pensou; "mas pelo menos ele vai perceber que sei o que está fazendo. Que diabo! E ainda por cima

quando a caçada ia tão bem! Esta foi a melhor caçada e a mais bem-organizada de que já participei. Nunca me diverti tanto numa caçada, e esse filho da puta agora fica se intrometendo. Que desaforo!”

Sabia o quanto a irritação lhe fazia mal. Por isso, tomou dois comprimidos, que desceram ajudados por um bom gole de gim Gordon, já que não havia água.

Sabia também que o gim lhe fazia mal. “Aliás, tudo me faz mal. Estou reduzido a descansos obrigatórios e a exercícios muito moderados. Claro, descanso e exercício leve. Isto aqui, por exemplo, não seria exercício leve?”...

“Ah, minha bela, gostaria que você estivesse aqui, nesta hora, e que tivéssemos para nós um esconderijo duplo e que pudéssemos sentir apenas o dorso de nossos ombros se tocando. Eu me voltaria, veria você, e atiraria nos patos, lá no alto, certamente, de modo a fazer um deles cair dentro do nosso esconderijo, sem ferir você ao tombar. Um como esse que vem aí!”, pensou ainda, já ouvindo um bater de asas no ar. Ergueu-se, voltou-se, viu um pato isolado, com o pescoço alongado e tão belo, as asas movendo-se com rapidez, impulsionando-o rumo ao mar. Estava bastante nítido, recortado no céu límpido, tendo ao fundo as montanhas. Ele fixou-o, mirou-o bem e

puxou o gatilho, voltando-se para trás tanto quanto pôde virar a arma.

O macho tombou no gelo a pouca distância do perímetro do esconderijo e ao cair fez o gelo se estilhaçar. Isso bem no lugar onde o gelo já tinha sido quebrado para a colocação dos chamarizes; só que a superfície tornara a se congelar de leve. A fêmea postada ali também como isca olhou-o, estendido, e se debateu um pouco.

— Você jamais o viu em toda a sua vida! — disse-lhe o coronel à pata. — Acho mesmo que nem sequer o viu chegar, mas pode ser que tenha visto, sim, e nem por isso o avisou do perigo.

O macho caíra de cabeça para baixo, e esta se enterrara no gelo. Assim, o coronel via apenas a linda penugem de inverno que lhe tufava o peito e as asas.

“Gostaria de dar a Renata um traje feito só de plumas, igual ao que os antigos mexicanos usavam para ornamento dos seus deuses”, pensou ele. “Mas acho que estes patos acabarão indo para o mercado e ninguém saberá como depená-los, preservando as penas. Mas poderia ficar um belo traje, plumagem de patos reais nas costas e penas menores na frente, com duas tiras longitudinais de penugem de marreco, cada qual descendo dos seios dela. Que diabo, seria uma vestimenta fascinante.

Agora, espero que voem logo. Alguns patos

mais idiotas podem estar vindo por aí e preciso estar preparado, se aparecerem.”

Mas agora já não apareciam bandos, o que deixou o coronel pensativo. Dos outros postos não saíam tiros; somente do lado do mar ouvia-se um ou outro disparo ocasional.

Com a claridade do dia, as aves já enxergavam com nitidez o gelo e não se aproximavam mais daquela área. Pelo contrário, tomavam o rumo do alto-mar para ficar boiando nas vagas. Assim, o coronel não tinha mais no que atirar, e começou a pensar, mesmo sem querer, no que poderia ter dado errado, afinal. Sabia que não merecia isso, aceitava, afizera-se mesmo, mas sempre buscando uma razão para o que lhe acontecia.

Certa noite, havia dois marinheiros na rua, quando ele passou com Renata. Eles assoviaram para a garota e o coronel achou melhor não dar atenção, considerando o fato sem maior importância. Mas a coisa foi piorando. Sua intuição funcionou antes do raciocínio. Então resolveu mostrar a eles... Parou bem debaixo de um poste de iluminação para que pudessem ver aquilo que usava nos ombros e atravessassem para o outro lado da rua.

O que usava em cada ombro era uma pequena águia de asas espalmadas. Ambas bordadas com fio de prata no casaco. Não se ressaltavam tanto assim,

e já estavam ali havia muito tempo, mas eram bastante visíveis. Os dois marinheiros assoviaram outra vez. Então o coronel dissera à garota:

— Fique quieta aqui rente à parede, se quer assistir ao espetáculo. Ou então olhe para o outro lado.

— Cuidado, eles são fortes e jovens.

— Sim. São. Por enquanto — respondeu-lhe o coronel, e se dirigiu aos assoviadores, perguntando-lhes:

— De que barco vocês são?

— Sei lá! — respondeu o mais troncudo. — Agora estou ocupado demais apreciando aquela dama.

— Gente como vocês tem nomes ou números de matrícula?

— Sei lá... — disse o outro; e o primeiro ainda acrescentou:

— E eu se soubesse não prestaria contas a um coronel medroso.

“Um veterano velho de guerra”, pensou o coronel, antes de golpeá-lo. “Marinheiro acostumado a encrencas. Conhece seus direitos.”

Ele o atingiu com um violento soco de esquerda e esmurrou-o mais três vezes, forçando-o para trás. O outro, o que assoviara primeiro, aproximou-se rápido e com agilidade demais para um indivíduo que andara bebendo, mas o coronel

lhe enfiou o cotovelo no queixo e em seguida, sob a luz de rua, atingiu-o com um bom soco de direita. Depois, voltou-se para o segundo assoviador e viu que ele ainda estava inteiro. Soltou um gancho de esquerda nele, depois uma direita de baixo para cima, no ventre, outro gancho de direita e se voltou para Renata porque não quis ouvir a cabeça bater no pavimento.

A seguir, checkou como estava aquele que havia atacado primeiro. O coronel quis ter a certeza de que o sujeito não tinha a cor da morte nas faces. Mas o marinheiro apenas desmaiara, pacificamente, de queixo para baixo, com um filete de sangue a lhe escorrer da boca.

— Bem, isso encerra minha carreira — afirmou ele à jovem —, seja o que for que ela ainda valha.

— E você como está?

— Ótimo. Não assistiu?

— Assisti, sim.

— De manhã, minhas mãos vão doer um pouco — falou, de modo displicente. — Mas já podemos ir embora, a coisa não foi de todo ruim. Vamos, e caminhando bem devagar.

— Sim. Vamos aproveitar o passeio.

— Não! Não é nesse sentido que falo. Quero dizer que não podemos nos afastar como se estivéssemos fugindo.

— Bem. Então, vamos andar como duas

peessoas que estão passeando.

E assim fizeram.

— Que tal uma experiência? — propôs ele.

— Claro.

— Vamos caminhar de um modo típico dessa gente perigosa, que se reconhece até pelas costas.

— Vou tentar, mas acho que não vou conseguir.

— Está bem. Então caminhemos, apenas.

— E... eles não o feriram?

— O segundo rapaz, quando investiu, me aplicou um direto atrás da orelha.

— Foi como nas batalhas?

— Como naquelas em que se tem muita sorte.

— E quando não se tem sorte?

— Os joelhos se dobram, tanto para a frente quanto para trás.

— Ainda se importa comigo, depois de tudo isso?

— Eu? Muito mais ainda do que antes, se é possível aumentar meu amor.

— Não acha possível? Seria tão bom vê-lo crescer... crescer... Pois eu, depois de assistir àquela luta, o amo ainda mais. Estou caminhando devagar o bastante?

— Você? Como uma corça na floresta. Lá uma vez ou outra parece uma loba... Ou então um coioete grande e velho, quando vaga sem pressa.

— Acho que não gosto dessa comparação com um coioote grande e velho.

— É porque ainda não viu nenhum. Quando vir, vai gostar. Menina, você anda com a majestade dos grandes predadores da floresta quando caminham indolentemente. Ainda bem que não é um deles.

— Isso, posso garantir.

— Então caminhe um pouco na minha frente para eu me certificar.

Ela obedeceu e o coronel disse:

— Você caminha como um campeão antes da vitória. Se você fosse um cavalo de corrida, eu a compraria nem que tivesse que obter dinheiro pagando juros de vinte por cento ao mês.

— Você não precisa me comprar.

— Eu sei. Não é isso que estamos discutindo. Estamos discutindo o seu modo de andar.

— Diga-me uma coisa... E aqueles dois homens, o que vai ser deles? Isso é uma das coisas que desconheço sobre brigas. Não devíamos ter ficado lá para tratar deles?

— Nunca! — declarou o coronel. — Lembre-se disto: nunca! Tomara que estejam todos com a cabeça quebrada. Que se danem! Foram eles que provocaram toda a confusão, não foi? Aqui não se trata da responsabilidade civil de ninguém, isso eu garanto, se é que entendo alguma coisa de brigas,

há apenas um conselho a se dar...

— Qual é? Diga, por favor!

— Quando se entra numa briga, deve-se tratar de vencer. É só o que conta, como dizia o meu velho amigo, dr. Rommel.

— Você apreciava Rommel tanto assim?

— Muitíssimo.

— Mas não era seu inimigo?

— Adoro meus inimigos e às vezes mais do que aos meus amigos. E a Marinha ganha sempre suas batalhas, como você sabe. Aí está uma coisa que aprendi num lugar chamado Pentágono, quando ainda me deixavam entrar nele pela porta da frente. Se você duvida, podemos voltar e perguntar aos dois marinheiros quem venceu a briga.

— Vou ser sincera, Richard. Chega de brigas por hoje para mim.

— Para ser franco, também já tive a minha dose — concordou o coronel. Mas falou em italiano, principiando com *Anche io...* — Vamos ao Harry's beber qualquer coisa e depois eu a acompanharei até sua casa.

— E a sua mão machucada? Não ficou pior?

— Não — explicou ele. — Para socar a cabeça deles, só a utilizei uma vez. Nas outras, a usei para lhes esmurrar a boca do estômago.

— Deixe eu ver como ela está.

— Apalpe devagar.

— Oh! Está medonhamente inchada, Richard!

— Mas não tem fratura nenhuma, e essa espécie de inchaço desaparece logo.

— Você me ama?

— Sim. Eu a amo com duas mãos moderadamente inchadas e com o coração inflamadíssimo de amor.



“Assim aconteceu, e talvez tenha sido aquele dia ou talvez um outro que determinou o milagre. Nunca se sabe ao certo”, refletiu o coronel. A verdade é que aconteceu o grande milagre e ele, conscientemente, não teve a iniciativa de implementá-lo. “Nem muito menos, seu idiota, me opus a ele...”, considerou.

Estava mais frio do que nunca e o gelo quebrado já se fechara de novo. A pata chamariz nem sequer olhava mais para cima. Talvez tivesse abandonado o ofício traiçoeiro, cuidando já agora tão só de sua segurança.

“Vadia!”, pensou o coronel, mesmo se achando injusto. “Mas por que será que a fêmea chama melhor do que o macho? Eu devia saber por quê... E não é verdade mesmo? O que no mundo é verdade? Os patos quando atraem melhor... Bem, não pense mais nela. Não pense em nada. Nem em Renata. Isso só ia fazer mal a você. Você já lhe disse adeus. E que despedida! Completa, como diante da

carreta que vai para a guilhotina. E ela bem que desejou subir com você para a maldita carreta. Sim, afinal a imagem de carreta está bem adequada. Ah! Que situação! Amar e ter de partir. É isso que machuca?!

Quem deu a você o direito de conhecer uma moça como ela? Não sei. Palavra de honra que não sei.

Ninguém”, respondeu... “Foi Andrea que me apresentou a ela. E como foi a moça amar um filho da puta melancólico como você?... Eu não sei, com toda honestidade, não sei como pôde acontecer.”

Não sabia, entre outras coisas, que a jovem o amava porque ele ao acordar jamais se mostrara triste, uma só manhã que fosse, em toda a sua vida. Atacar ou não atacar, experimentar angústia, sofrimento, isso sim, muitas vezes. Mas, mostrar-se triste de manhã, nunca.

Trata-se de coisa muita rara num ser humano e, mesmo sendo tão jovem, a garota soube reconhecer o que havia descoberto.

E agora, ali no posto de caçada aos patos, o coronel refletia:

“A estas horas, ela está em casa, dormindo. Sim, acha-se onde devia estar e não num maldito abrigo de caça com chamarizes de madeira se congelando ao redor da gente. Mas, que diabo, bem que gostaria que este fosse um abrigo duplo e que

ela estivesse aqui. Estaria olhando para o oeste, na hipótese de surgir um bando de lá... Seria ótimo se ela estivesse bem agasalhada. Talvez eu consiga comprar de alguém um desses casacos compridos, desses que quem possui nunca quer vender, tão bons que são. Daquela marca que certa vez distribuíram na Força Aérea, por engano. Examinaria bem o forro acolchoado e mandaria fazer um idêntico, e com as penas desses patos daqui. Arranjaria um bom alfaiate para cortá-lo e ele o faria com pala dupla, sem bolso do lado direito. No ombro, poria uma aplicação de camurça, para que a coronha da espingarda não o estragasse. Vou tratar disso. Sim, vou arranjar um casaco desses. Peço um emprestado a alguém e mando tirar o molde para ela. Gostaria de lhe conseguir uma boa Purdey 12 que não fosse leve demais ou um par de Boss fáceis de manejar. Renata merece boas armas. Acho que um par de Purdeys seria melhor.”

Nisso, escutou um discreto bater de asas, mas em movimentos rápidos, e olhou para cima. Mas as aves estavam muito no alto. Tanto que o coronel apenas as olhou, sem se mexer. Estavam tão no alto que podiam enxergar o tonel e o caçador dentro dele, assim como os patos de madeira, congelados na superfície dura. A fêmea-chamariz, mal os viu, começou a grasnar forte cumprindo seu ofício

traíçoeiro. Eram patos-reais, e continuaram seu voo em direção ao mar.

“Nunca dei nada a Renata, como ela muito bem notou. Acabei dando o bustozinho de ébano... Mas o que isso vale? Nada. Ela escolheu e eu comprei. Não foi um presente de verdade.

O que eu mais gostaria de dar a Renata é segurança, mas isso não existe mais. Todo o meu amor é inútil. Tudo o que eu possuo, também, e é quase nada, a não ser duas boas espingardas de caça, minhas fardas, medalhas, diplomas com citações e alguns livros. E também a pensão de um coronel aposentado.

Os meus bens materiais, doo-te todos”, proferiu ele, solenemente, em pensamento, para a seguir continuar suas reflexões:

“E ela me deu o seu amor, algumas esmeraldas, que devolvi, e o quadro. Bem, a qualquer hora posso restituir-lhe o quadro também. Podia dar-lhe o meu anel de V. M. I., mas onde mesmo o perdi? Que inferno! Ela não haveria de querer uma DSC, a Cruz por Serviços Excepcionais, com o broche, nem as estrelas de prata, nem o resto do lixo. Muito menos as medalhas dadas pelo seu próprio país. Nem as da França. Nem as da Bélgica. Nem as que são meras bugigangas. Aceitá-las, seria mórbido. O melhor, ainda, será lhe deixar apenas o meu amor. Mas, diabos, como se remete isso para alguém? E

como conservá-lo fresco? Não o acondicionam em gelo seco. Ou talvez o façam. Devo me informar... E como é que vou arranjar aquele motor de jipe usado para o tal velhote?”...

“Pense... Arranje uma solução! Resolver coisas tem sido a minha profissão. Resolver, resolver, mesmo quando atiram contra a gente.

Eu queria que aquele filho da puta que me estragou a caçada aos patos tivesse um rifle, uma arma de maior alcance e eu outra. Veríamos logo com que rapidez se resolvem as coisas. Mesmo aqui neste tonel, mergulhado num charco, onde a gente não pode nem se mexer, ele teria de se haver comigo.

Ora, pare com isso”, disse ele para si mesmo, “e pense apenas na sua garota. E você nunca mais vai matar ninguém. Nunca mais.

Ora, mas a quem você está tentando enganar. Vai virar um cristão? Claro, podia tentar honestamente. Uma tentativa, pelo menos. Ela ficaria gostando mais de você, assim. Ou não? Não sei, palavra de honra que não sei. Na certa, no final da vida viras cristão. Por Cristo, honestamente, não sei. Posso virar cristão, no final da vida. Sim, talvez faça isso. Quem quer apostar comigo, se farei ou não?”

Voltou-se para a pata-chamariz e lhe perguntou: “Você aposta comigo?” Mas a pata

estava olhando para o céu em volta e recomeçara seu grasnar fanhoso.

“Estão passando muito no alto e já não fazem círculos. Mal olham cá para baixo e prosseguem para o mar. Naturalmente embicam para lá e é provável que haja algum atirador num barco procurando ver se os atinge. Vão estar bem mais próximos quando entrarem em rota contra o vento e com certeza alguém deve estar de tocaia esperando por eles. Bem, quando ele disparar, pode ser que algum dos patos volte nesta direção. Mas com isto tudo aqui tão congelado, acho que devia é ir embora. Ficar é uma idiotice. Já matei patos que cheguem e dei tiros os melhores de que fui capaz. Posso mesmo ter me superado, hoje! Ninguém aqui atira melhor do que eu, excetuando Alvarito, que é jovem e atira mais rápido. Mas você matou menos patos do que atiradores menos habilidosos do que você.

Bem, já sei sobre isso. Estou bem informado. Já não nos guiamos mais por números e já jogamos fora também o livro, não é verdade?” Lembrou-se como, por um milagre de sorte durante a guerra, estivera por algum tempo com o seu melhor amigo em ação nas Ardenas, perseguindo o inimigo.

Era no princípio do outono, achavam-se num planalto com estradas e caminhos arenosos. Aqui e ali pinheiros e carvalhos. O rastro dos tanques e

veículos do inimigo mostrava-se claramente na areia úmida. Chovera na véspera, mas agora estava clareando, a visibilidade era boa e se podia ver toda a região, alta e ondulante. Ele e o amigo a examinavam com binóculos tão cuidadosamente como se estivessem à procura de caça.

O coronel, que então era general e assistente do comandante da divisão, conhecia o rastro de cada veículo que estavam perseguindo. Percebia também quando nos veículos inimigos iam minguando as minas. E, aproximadamente, o número de riscos em que incorreriam. Calculara também onde teriam de travar batalha antes de atingir a linha Siegfried. Tinha certeza de que eles não combateriam em nenhum desses lugares e que rumavam a toda velocidade para um ponto determinado.

— Não acha que para pessoas da nossa patente estamos muito à frente dos nossos homens, George? — perguntou ele ao seu melhor amigo.

— Muito além do que devíamos, general.

— Não importa — respondeu o coronel. — Vamos jogar fora o livro das regras e continuar a perseguição.

— Eu não poderia concordar mais plenamente, general, até porque fui eu que escrevi o livro — disse o seu melhor amigo. — Mas suponhamos que eles tenham deixado qualquer coisa logo ali? — E

apontou para o ponto em que o inimigo logicamente deveria apresentar resistência.

— Não deixaram nada — afirmou o coronel. — Não deixaram munição sequer que dê para uma escaramuça de décima ordem.

— Toda gente tem razão até o momento em que se engana — retorquiu o seu melhor amigo, acrescentando —, meu general.

— Estou mais do que certo — insistiu o coronel.

Sim, estava mais do que certo, muito embora para obter esse conhecimento tão exato ele não houvesse cumprido o espírito completo da convenção de Genebra, que supostamente governava as operações de guerra.

— Vamos atrás deles — sugeriu-lhe seu melhor amigo.

— Não há nada que nos detenha e eu garanto que eles não pararão em nenhum dos dois lugares. Não arranquei essa informação de nenhum *boche*. É aqui da minha cabeça.

Inspecionou mais uma vez a região, ouvindo o vento nas árvores, sentindo o cheiro das urzes sob as botas e examinando mais uma vez os vestígios e marcas na areia molhada. E este é o fim da história...

“Será que ela gostaria de escutar isso? Não. É um episódio que me apresentaria diante dela como

herói. Gostaria que outra pessoa o contasse a ela para consolidar a imagem que tem de mim. George não poderia lhe contar. Ele era o único que poderia lhe contar tudo direito, mas não contará. Já agora é impossível! Coitado do George!

Acertei sempre, numa proporção de noventa e cinco por cento das vezes, e não resta dúvida de que é uma porcentagem formidável, mesmo numa coisa tão simples como a guerra. Mas os restantes cinco por cento, quando se erra, podem nos destruir.

Entretanto, há uma coisa que nunca lhe direi, filha. Trata-se apenas de um apupo menor, partindo aqui do coração. Deste meu coração acovardado. Este amaldiçoado coração que está entregando os pontos. Mas quem sabe resolva lutar, ainda...”, e engoliu dois comprimidos, junto com outro trago de gim. A seguir, deu uma olhadela por cima do gelo acinzentado: “Agora tenho que chamar esse sujeito estúpido, pegar os cacarecos e tocar para a casa de campo... Ou não será melhor dizer... para o acampamento? Terminou a caçada.”



O coronel fez sinal ao barqueiro, dando dois disparos para o céu vazio, e levantou-se de dentro do tonel mergulhado, chamando-o, em seguida, para o esconderijo com um gesto.

O barco aproximou-se vagarosamente, rompendo o gelo em todo o trajeto, enquanto o homenzinho ia apanhando as peças de madeira, a pata, que enfiou no saco. Com o cão a deslizar por cima do gelo, recolheu todos os patos abatidos. A raiva do barqueiro parecia haver passado, já agora substituída por uma evidente satisfação. Ele disse ao coronel:

— O senhor caçou pouco...

— Graças a você.

Foi quanto disseram um ao outro; nada mais. O barqueiro arrumou os patos cuidadosamente, com o peito para cima, na proa, e o coronel passou as espingardas e o banco que também servia de caixa de munição para dentro da embarcação. Depois entrou, enquanto o barqueiro examinava o abrigo e

desenganchava o aparelho parecido com um avental cheio de bolsos que pendia do lado de dentro e cuja finalidade era guardar as balas. Depois subiu, também ele, para o barco. E assim reiniciaram a marcha vagarosa e paciente através do gelo, em direção ao leito do canal pardacento. O coronel fazia força com o remo, da mesma forma que fizera na vinda. Mas agora em plena claridade solar, vendo ao norte as geleiras e a linha de caniços, marginando o canal, que se ia abrindo. Os dois procuravam coordenar os movimentos.

Não tardou que o barco chegasse em pleno canal, soltando-se com ruído do resto da zona gelada. Depois, de repente, uma espécie de fulgor... E o coronel estendeu o remo ao barqueiro e se sentou. Estava suando.

O cão, que estivera tiritando aos pés do coronel, abriu caminho por entre a amurada, saltou e se pôs a nadar para a margem do canal. Daí a pouco, já estava entre os caniços e o mato, sacudindo a água do pelo branco, agora totalmente enlameado. O coronel o acompanhava com o olhar, em seu caminho para casa, enxergando apenas o ondular dos caniços. O cão não chegara a receber sua salsicha.

Depois disso, vendo-se todo suado, embora soubesse que estava bem protegido do vento com aquele casaco de campo, o coronel tirou dois

comprimidos de dentro do frasco e os engoliu, sempre ajudado por um gole sorvido de seu frasco de gim.

Esse frasco era um cantil chato, de prata, com uma bainha de couro. Por baixo do couro já puído e manchado, estava gravado na prata, num dos lados: *Para Richard, com o amor de Renata*. Ninguém conhecia tal inscrição, exceto a rapariga, o coronel e o homem que fizera a gravação que, por sinal, não tinha sido feita na loja onde o cantil fora comprado.

“Isso”, pensou o coronel, “foi uma precaução tomada naqueles primeiros dias. Agora, já não nos importamos que saibam.”

Na tampa do cantil estava gravado: De R. para R. C.

O coronel estendeu o cantil ao barqueiro; este olhou para o coronel, depois para o cantil e indagou:

— O que é?

— *Grappa* inglesa.

— Vou provar.

De fato, tomou um bom trago, com o jeito com que gente do povo emborca uma garrafa.

— Obrigado.

— Acertou seus tiros?

— Matei quatro patos. E o cão descobriu outros três alcançados por outros caçadores.

— Por que foi que você atirou?

— Peço desculpas. Foi num acesso de raiva.

E o coronel refletiu: “Quantas vezes eu também não fiz isso?” E não lhe perguntou o motivo da raiva.

— Lamento havê-los espantado.

— Isso acontece, que merda! — resmungou o coronel. E se pôs a observar o progresso do cão por entre os caniços e o mato alto. De súbito, viu o animal estacar, ficar imóvel e por fim dar o bote. Foi um salto bem para cima, arrojando-se depois para a frente e para baixo.

— Agarrou algum pato ferido — explicou ao barqueiro, e começou a chamar:

— Bobby! Traga para aqui... Traga para aqui.

Os caniços moveram-se e o cão surgiu com um adem macho nas mandíbulas. O pescoço branco acinzentado e a cabeça verde oscilavam para cima e para baixo, lembrando o movimento ondulante de uma serpente. Mas ele se debatia sem esperanças.

O barqueiro aproou a embarcação para a margem e o coronel lhe disse:

— Eu o pego... Venha, Bobby!

Tirou o pato da boca cintilante do cão. Sentiu-o intacto, vivo, bonito, com o coração batendo e os olhos demonstrando desespero e espanto. Examinou-o cuidadosamente, afagando-o como quem afaga um cavalo.

— Está apenas machucado na asa — explicou.
— Podemos guardá-lo para chamariz em outras caçadas ou então soltá-lo na primavera. Tome, pegue aqui. Ponha-o no saco junto com a pata.

O barqueiro segurou-o com muito cuidado e o enfiou dentro do saco de aniagem que estava junto à proa. O coronel escutou a pata conversar com o pato. Conversar ou protestar? Como entender conversas de patos e ainda por cima dentro dum saco de aniagem?

— Tome mais outro trago disto aqui. Hoje está um frio de rachar — falou ele ao barqueiro.

O homem agarrou o cantil e tornou a beber, num sorvo demorado. Depois, falou:

— Obrigado. Sua *grappa* é boa. Ótima.



Em terra, diante da comprida casa de pedra junto à margem do canal, havia patos estendidos em fileiras no chão.

Estavam dispostos em grupos de tamanhos bem diferentes. O coronel os comparou não a companhias, mas a pelotões, sendo que o seu, esse mal constituía um destacamento.

O coiteiro-mor estava em pé no cais, de botas altas, jaqueta curta e um chapéu velho de feltro repuxado para trás, e observou com olhar crítico o número de patos na proa quando a embarcação acostou. O coronel foi logo dizendo:

— No nosso posto, estava tudo congelado.

— Eu já suspeitava — admitiu o coiteiro. — É pena. Achávamos que fosse o melhor posto.

— Quem foi o campeão?

— O barão matou quarenta e dois. No posto dele havia uma pequena correnteza d'água que se manteve aberta por bastante tempo. Com certeza, o senhor não ouviu os tiros porque o vento estava em

sentido contrário.

— Onde está o pessoal?

— Todos já partiram, exceto o barão, que está à sua espera. O seu motorista está dormindo ali dentro da casa.

— Já calculava isso.

O coiteiro disse ao homem do barco que por sua vez também era um coiteiro:

— Espalhe-os direito. Quero tomar nota no livro de caça.

— Dentro do saco tem um pato de cabeça verde que apenas ficou machucado na asa.

— Está bem. Tomarei conta dele.

— Vou entrar. Quero conversar com o barão. Vejo vocês mais tarde.

— Isso. Vá se aquecer — disse o coiteiro. — Foi um dia muito frio, meu coronel.

— Até mais — disse o coronel ao barqueiro.

— Sim, meu coronel — respondeu o homem, e o coronel encaminhou-se para a casa.

O barão Alvarito achava-se perto do fogo, no meio da sala. Sorriu com seu feitio acanhado e disse com voz de timbre baixo:

— Lamento que o senhor não tenha tido uma caçada melhor.

— Estivemos sempre rodeados de gelo. Mas eu me diverti bastante.

— Está sentindo muito frio?

— Não muito.

— E apetite? É fácil arranjar alguma coisa para comer.

— Muito obrigado. Não estou com fome. Já comeu?

— Já, sim. Os outros foram embora. Emprestei-lhes o meu carro. Pode me levar no seu até Latisana ou perto de lá? Lá, arranjo transporte.

— Com todo o prazer.

— É uma pena a laguna ter ficado congelada. As perspectivas eram ótimas.

— Deve haver um mundaréu de patos aí fora.

— Há, sim. Mas agora não ficarão por muito tempo, com os campos cobertos de gelo. Não vão ter o que comer por aqui. Esta noite mesmo irão para o sul.

— Todos?

— Todos. Menos os patos daqui, criados pelas imediações. Esses permanecerão enquanto houver um pouco de água aberta.

— Foi uma pena, a caçada...

— Lamento muito que o senhor tenha vindo de longe para caçar tão poucos patos.

— Eu adoro caçar. E adoro Veneza.

O barão Alvarito passeou o olhar pela sala, estendeu as mãos para o fogo e disse:

— De fato. Todos nós adoramos Veneza. Mas,

talvez, o senhor mais do que todos nós.

O coronel não tentou diminuir o comentário do barão e afirmou:

— Gosto muitíssimo de Veneza. Você bem sabe.

— Sei, sim — redarguiu o barão, desviando o olhar. Depois disse:

— Precisamos acordar seu motorista.

— Ele já comeu?

— Comeu e dormiu. Dormiu e comeu. Leu também um pouco. Umas revistinhas em quadrinhos que trouxe consigo.

— Ah! Revistas em quadrinhos — exclamou o coronel.

— Gostaria de aprender a lê-las — disse o barão, com o seu sorriso acanhado e misterioso. — Poderia mandar-me algumas de Trieste?

— Quantas queira — respondeu-lhe o coronel. — Do super-homem até personagens ainda mais absurdos. Leia algumas por mim. Escute uma coisa, Alvarito, que é que há com o coiteiro que dirigiu o barco aonde fui? Pareceu-me no começo que ele estava com ódio de mim. Depois, passou.

— Foi por causa do seu casaco antigo, da farda... Os uniformes dos Aliados o botam nesse estado. É que ele foi... como direi... *libertado em excesso*.

— Como assim?

— Quando os marroquinos passaram por aqui, estupraram a mulher e a filha dele.

— Meu Deus! Acho que vou querer uma bebida.

— Lá em cima da mesa tem à vontade.



Largaram o barão junto aos enormes portões de uma *villa* de rampa bem-cuidada e que, por distar quase dez quilômetros de quaisquer áreas militares, teve a sorte de não ser bombardeada. O coronel despediu-se e Alvarito lhe disse que voltasse, ou no próximo ou em todos os finais de semana, para caçar.

— Tem certeza de que não quer entrar?

— Tenho. Preciso retornar a Trieste. Pode mandar meu amor a Renata?

— Pois não. É o retrato dela que vai embrulhado ali atrás, no carro?

— É sim.

— Direi a ela que você atirou muito bem e que o retrato está em ótimas condições.

— Recomende-me também, muito, de todo o coração.

— Sim, de todo o coração.

— *Ciao*, Alvarito, e muitíssimo agradecido.

— *Ciao*, se é que se pode dizer *ciao* a um

coronel.

— Não me considere um coronel.

— Isso é muito difícil. Adeus, meu coronel.

— Se acontecer algum imprevisto, quer fazer o favor de pedir a Renata que pegue a tela no Gritti?

— Pois não, meu coronel.

— Bem. É só, acho eu.

— Adeus, meu coronel.



Seguiam agora pela estrada, envoltos num crepúsculo prematuro.

— Dobre à esquerda — ordenou o coronel.

— Essa não é a estrada para Trieste, senhor — observou Jackson.

— Dane-se com a estrada de Trieste. Estou lhe ordenando que vire à esquerda. Pensa então que só existe um caminho no mundo que vai a Trieste?

— Não é isso, senhor. Estava apenas esclarecendo ao coronel...

— Não preciso de droga de esclarecimento nenhum e até nova ordem não me dirija uma só palavra a não ser que eu lhe pergunte qualquer coisa.

— Pois não, senhor.

— Desculpe, Jackson. O que quero dizer é que sei por onde estou indo e que desejo pensar.

— Está muito bem, senhor.

Achavam-se na antiga estrada que ele conhecia tão bem, e o coronel ia pensando:

“Dos patos que cacei, mandei quatro ao pessoal que prometi, no Gritti. A caça foi reduzida, de maneira que não deve haver muitas penas para a mulher do servente. Mas os patos são grandes, gordos e darão ótimos pratos. Esqueci-me de dar a salsicha ao Bobby. Não houve tempo para mandar um bilhete a Renata. Mas o que podia dizer num bilhete? Já nos dissemos tudo.”

Enfiou a mão no bolso à procura dum lápis e dum bloco. Apoiou o bloco junto à luz do mostrador e, com a mão machucada, traçou uma curta mensagem com letras o mais desenhadas possível.

— Jackson, guarde isso no bolso e utilize, caso venha a ser necessário. Se as circunstâncias descritas ocorrerem, isso se torna uma ordem.

— Perfeitamente, senhor — acatou Jackson, e pegou com uma das mãos a folha de papel dobrada, colocando-a no bolso superior esquerdo da túnica.

“Agora, muita serenidade”, disse o coronel a si próprio. “Trate de pensar apenas em você mesmo, por mais que isso constitua um luxo. Daqui para a frente, você já não teria nenhuma utilidade prática para o Exército dos Estados Unidos. Isso foi deixado perfeitamente claro. Já se despediu de sua garota e ela já lhe disse adeus. E isso também é algo extremamente simples. Você atira bem, e Alvarito sabe disso. É o quanto basta. Assim sendo, rapaz,

que raio pode preocupar você agora? Espero que você não seja o tipo de idiota que se aborrece com o que lhe possa acontecer quando nada há a remediar. Esperemos que não seja um desses...”

Precisamente nesse instante, sentiu a crispação, como já previra que estava para chegar no momento em que se tinham posto a recolher as marcas de chamariz.

“Três pontadas são o máximo”, pensou ele. “E já me deram quatro. Sempre fui um filho da puta sortudo.”

A pontada acometeu-o de novo, com intensidade.

— Jackson — chamou ele. — Sabe o que foi que o general Thomas J. Jackson disse por ocasião de sua infortunada morte? Vou ver se me recordo bem. Não posso garantir que tenha sido assim, é claro. Mas foi relatada nestes termos: “Ordene-se a A. P. Hill para preparar a ação.” Em seguida, mais alguns lances de delírio, até que por fim declarou: “Não, não! Atravessemos o rio e descansemos à sombra das árvores.”

— Interessantíssimo, senhor — comentou Jackson. — Deve ter sido Stonewall Jackson, senhor.

O coronel ia começando a responder, porém interrompeu-se, sentindo uma terceira e fortíssima pontada, crispando-o de tal maneira que percebeu

logo que não sobreviveria.

— Jackson, pare na beira da estrada e acenda os faróis. Sabe direito o caminho daqui para Trieste?

— Sei, senhor. Tenho um mapa.

— Ótimo. Vou agora passar para o assento de trás deste maldito e extravagante automóvel de luxo.

Estas foram as últimas palavras que o coronel pronunciou. Mas conseguiu se transferir sem tropeços para o assento traseiro e fechou a porta com todo o cuidado.

Daí a pouco, Jackson dirigia o carro com os faróis acesos, prestando atenção na estrada marginada de valas e salgueiros, procurando um retorno. Encontrou-o, fez a volta cuidadosamente e, assim que se viu na mão direita da estrada que ia para o sul e se encontrava com a autoestrada para Trieste e que ele tão bem conhecia acendeu a luz do mostrador, tirou do bolso o recado escrito e leu:

“CASO EU VENHA A MORRER, A TELA EMBRULHADA E AS DUAS ARMAS DE CAÇA QUE SE ACHAM NESTE CARRO DEVEM SER ENTREGUES AO HOTEL GRITTI, EM VENEZA, ONDE SERÃO RECLAMADAS POR SEU LEGÍTIMO DONO. RICHARD CANTWELL,

CORONEL DA INFANTARIA DOS EUA.”

E Jackson considerou: “A restituição se fará em

ordem pelos canais competentes.” E engrenou o carro.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora
Record de Serviços de Imprensa S.A.

Do outro lado do rio, entre as arvores

Skoob

<http://www.skoob.com.br/livro/23867-do-outro-lado-do-rio-entre-as-rvores>

Wikipedia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernest_Hemingway

Biografia do autor

<http://www.biography.com/people/ernest-hemingway-9334498>

Site do autor

<http://www.hemingwayhome.com/>

Capa

Do mesmo autor

Rosto

Créditos

Dedicatória

Nota

Apresentação

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41

42

43

44

45

Colofão

Saiba mais